

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA

Maria das Graças de Souza Teixeira

INFÂNCIA, SUJEITO BRINCANTE E PRÁTICAS LÚDICAS NO BRASIL OITOCENTISTA



SALVADOR – BA
2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA

Maria das Graças de Souza Teixeira

INFÂNCIA, SUJEITO BRINCANTE E PRÁTICAS LÚDICAS NO BRASIL OITOCENTISTA

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, para obtenção do grau de doutor em História.

ORIENTADOR(a): Profa. Dra. LINA MARIA BRANDÃO DE ARAS

SALVADOR – BA
2007

T266 Teixeira, Maria das Graças de Souza
Infância, o sujeito brincante as praticas lúdicas no Brasil oitocentista/ Maria das Graças de Souza Teixeira. – Salvador, 2007.
270 f.

Orientadora: Profa. Dra. Lina Maria Brandão de Aras.
Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.

1. Infância. 2. Criança – história – Brasil – Séc. XIX. 3. Brinquedos – História – Séc.XIX. 4. Brincadeiras – Séc. XIX. 5. Jogo. I. Aras, Lina Maria Brandão de. II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

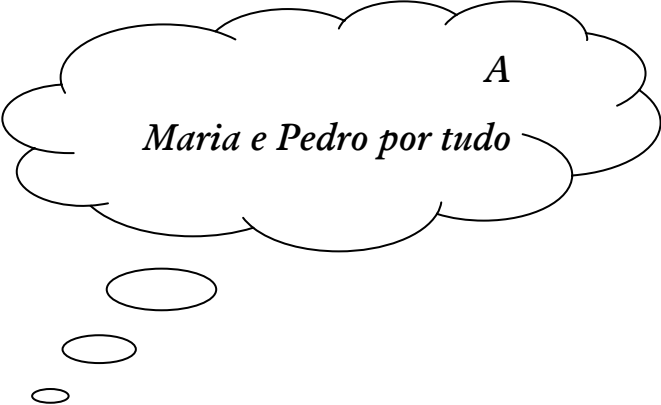
CDD – 306.482

*... àqueles sujeitos brincantes que tiveram suas vozes e
gestos silenciados pelas mãos tiranas do adulto mas
não perderam sua capacidade de brincar, se
libertando pela prática lúdica*

In memoriam

*A minha mãe, Carmelita Dias dos Santos
Ao meu avô João Caxingó; e,
Ao meu irmão Leo.*

*A Elenaldo Celso Teixeira, grande
pescador de gente e aquele que primeiro me
viu de verdade.*



A

Maria e Pedro por tudo

AGRADECIMENTOS

Realizar um trabalho como este envolve, direta e indiretamente, outras pessoas que não poderia deixar de citar. São aquelas com as quais nos apegamos nos momentos de exaustão, de impaciência e desespero. Pessoas que, em algum momento, ofereceram palavras e gestos carinhosos, dando-me combustível para realizar mais esta etapa na minha vida, transformando-a numa tarefa menos árdua. Por isso, no momento em que me preparo para apresentá-lo, quero registrar meus agradecimentos a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento desta tese.

Profª Drª. Lina Maria Brandão de Aras, minha orientadora, que aliou competência, amizade e acolhimento, estando presente na construção deste trabalho.

Profª Drª. Maria Hilda Baqueiro Paraíso, amiga e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História da FFCH/UFBA.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em História da FFCH/UFBA.

Aos Professores Doutores Antonio Fernando Guerreiro M. de Freitas e Antonio Marcos Chaves, pelas contribuições resultantes da Banca de Qualificação.

Ao Departamento de Museologia pela liberação e solidariedade dos colegas.

A Professora Inaiá Carvalho pelo acolhimento e disponibilidade para com o meu ingresso no doutorado.

Aos colegas da Turma com os quais convivi e compartilhei momentos prazerosos e de muitos conteúdos. Como não lembrar dos meninos do mestrado Serginho Guerra, Bel, Neidinha, Adriana e dos doutorandos, principalmente os amigos Dilton, Jaime Sodré, Lizie, Marina.

Ao Prof. Dr. Rogério Fernandes, orientador na Universidade de Lisboa durante o estágio em Portugal.

Ao Prof. Dr. João Amado que norteou minha travessia do Atlântico rumo a Portugal e a minha caminhada em solo português, colocando-me em contato com muitos outros pesquisadores. Além de acolher a mim e a minha família em sua casa em Coimbra, com sua esposa Anunciação, possibilitando-nos um convívio afetuosos.

A amiga Dra. Madalena Cunhal, diretora do Museu do Brinquedo em Seia, que além de disponibilizar o acervo do Museu para a minha pesquisa, abriu também a sua casa para me receber no seio de sua família com muitos mimos e afagos.

A CAPES, pelo financiamento na bolsa-sanduíche.

A equipe da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, especialmente a Profa. Maria de Fátima Dias Costa, Maísa, Letícia e Beth.

A Áurea e Cássia da Secretaria Geral de Cursos.

Aos Funcionários da FFCH, especialmente, Soraia Ariane, José Carlos, Márcia, Soraia Vasconcelos, Sharlene, Darci, Sr. Oliveira e a Creuzinha.

Aos pesquisadores, diretores, museólogos e funcionários das instituições brasileiras e portuguesas listadas nesta tese:

Arquivo Público do Estado da Bahia – Marli Geralda

Biblioteca Pública do Estado da Bahia

Fundação Clemente Mariani (CEDIC) – Graça Catalino

Instituto Feminino, Museu Henriqueta Catarino - Ana Lucia Uchoa, Marijara e Ana Karina

Museu de Arqueologia e Etnologia-UFBA – Prof. Dr. Carlos Caroso

Museu Tempostal - Edgar Oliva e equipe

Às bibliotecárias Hozana, Marina e Andréa a quem ousou chamar “as meninas” da Biblioteca Isaías Alves, presentes mesmo nos momentos em que meu crédito já não acompanhava as dívidas.

Aos alunos, principalmente os meus estagiários Julio Chaves e Railda, Gleice Pereira e Renilton que conviveram comigo, e dividiram com afeto os momentos de cansaço.

Aos auxiliares de pesquisa Marival do APEB, Roberta Mazey, Leandro dos Reis Muniz, Andréa de Britto e, principalmente, Livia Baeta, pela dedicação e seriedade na busca incessante dos dados, chegando a atravessar o nordeste brasileiro, indo até São Luiz do Maranhão; e Dinorah Arão que praticamente me adotou.

Aos meus irmãos, Du, Iza e Rosane que, com suas famílias souberam, cada um a sua maneira, demonstrar afeto nos momentos difíceis desta caminhada, em especial a minha irmã Rosane, que, pelas circunstâncias, esteve efetivamente presente, disponibilizando sua linda casa em Portugal, e na minha mudança de vida aqui em Salvador. Agradeço de coração por tudo.

Ao meu irmão português Pedro Raposo que junto a Niclas, seu companheiro, cuidou para que eu tivesse lindos momentos em terra lusitana.

A Giovanni Lima pela presença constante ao meu lado e de meus filhos.

A minha rede de amigos que, junto aos meus irmãos e filhos, me acolheram numa atmosfera afetuosa de respeito e compreensão, dando-me forças para seguir em frente. É impossível nomear a todos, mas é necessário identificar alguns como Maria do Carmo, mãe índia com os seus meninos Tiago e Aninha, sempre de portas abertas para me receber; Marcelo Cunha, por seu carinho e companheirismo nos momentos de alegria e dor em Portugal e aqui, momentos por demais significativos para segurar as 'ondas do tsunami'. Aos amigos, Eugênio Lins, Ivone Paz e Lula, pelos momentos divertidos em Portugal.

A Rita Doria, Patrícia Verônica Íris Del Mar e Marlene Lage amigas de longa caminhada.

Aos casais que restaram na imensidão de uma vida desfeita Ma. Herminia e Fran, Claudia e Luciano, Dora e Walter, Cristina e Luciano Melo, Dadá e Junior, Rosangela e Mário, Maria José Bacelar e Francisco Portugal e a Rosana e Francisco do Valle.

Aos meus compadres, Liliane e Betinho, pela amizade verdadeira que ultrapassa os limites geográficos.

Ao casal Sr. Abílio Davi e Sra. Gabriela pelo acolhimento em sua casa em Lisboa.

Em especial a minha revisora e amiga, a doce Zezé, que soube tornar esse momento menos árduo com competência e afeto.

A Suely Ceravolo, professora doutora que se disponibilizou muitas vezes para ler os textos e discutir os conteúdos enriquecendo o trabalho.

A Luciana Messeder pela amizade e competência ao tratar as imagens deste trabalho. D. Mariana Brandão, Livinha Aras e Nice a doce nega, pelo carinho de sempre.

A Rosana Gimenes, Sandro Chagas e Pedro Campos, pelas fotos.

A Maria Teixeira, pelo carinho na execução amorosa dos desenhos.

Paulinha Zarife, norinha querida, pela força.

A minha orientadora espiritual Gilcélia, pela proteção. A Bitinha pela paciência e cuidado comigo.

A Claudia Smith que sabe se fazer presente nos momentos mais significativos de nossa vida.

A Ana Lúcia Sampaio Farias pelo meu reencontro.

A todos aqueles que participaram dessa minha trajetória como Marinho Gonçalves, Rogério, Geraldo Teixeira e Luiz Alcântara pelas presenças afetuosas e alegres nos momentos de descontração.

As amigas paulistanas, Ma. Aparecida Lomonaco, Ma. Efigênia e sua linda família, Heloisa Barbuy que souberam transmitir o calor da amizade em meio ao frio paulistano.

Ao meu amigo muito querido Marcos Bomfim que me fez continuar acreditando no homem; ao me acolher com seu imenso afeto, me fazendo revolver a terra dura e seca em que se encontrava plantado o meu coração, renovando-o para uma nova era.

RESUMO

A tese de doutorado intitulada *Infância, sujeito brincante e práticas lúdicas no Brasil oitocentista* aborda questões relativas à criança no seu universo lúdico, buscando discutir esse universo como o espaço privilegiado de relações sociais e o lugar em que a criança, como sujeito brincante, produz cultura e nesse processo participa da cultura geral. Por este caminho, busco discutir e desmistificar a idéia da criança como um indivíduo a ser modelado, reflexo do mundo do adulto, pois é no dia-a-dia que a criança se insere no mundo e constrói o seu próprio. Para tanto, trabalhamos com uma bibliografia especializada sobre infância, ludicidade e memória, além do arcabouço teórico-metodológico da história. As fontes foram identificadas, coletadas e trabalhadas em arquivos, museus e bibliotecas no Brasil e na Europa, além do uso da iconografia e da literatura dos viajantes que estiveram no Brasil no período estudado. Foi possível mapear o circuito de produção, distribuição e venda do brinquedo em diversos espaços na sociedade, além de evidenciar que a criança brinca e no seu brincar ela subverte a ordem estabelecida, cria novos objetos e dá vida a outros. Por fim, a criança é parte da história e se constitui em ator e sujeito de sua própria existência no Brasil oitocentista.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Criança. Lúdico. Brinquedos e brincadeiras séc. 19. Comércio de brinquedos.

ABSTRACT

The doctorate thesis entitled “*Childhood, a player subject and ludic practices in Brazil during the 19th century*” approaches questions related to the child in his/her ludic universe. This document is in search of discussing this universe as a privileged space of social relationships and the place where the child, as a player subject, produces culture and as a consequence of this process he/she actively participates in the general culture. In doing so, I am looking forward to discussing and to demystifying the idea of a child as an individual to be modeled, as a reflex of the adult's world, because it is in the day by day that the child interferes in the world and builds his/her own one. To achieve this, we have worked with a specialized bibliography about childhood, ludicity and memory, besides the theoretical-methodological outline of the history. The sources were identified, collected and worked at files, museums and libraries in Brazil and in Europe, besides the use of the iconography and of the travelers' literature that were in Brazil during the studied period. It was possible to map the production circuit, distribution and sale of the toys in several spaces in the society, besides evidencing that the child plays and in doing so he/she subverts the established order, creates new objects and gives life to other ones. Finally, the child is part of the history and is the actor and the object of his/her own existence in the Brazil of the 19th century.

WORD-KEY: Childhood. Child. Ludic. Toys and games 19th century. Trade of toys.

RÉSUMÉ

La thèse de doctorat intitulée *Enfance, sujet joueur et pratiques ludiques au Brésil du 19^{ème} siècle* aborde les questionnements rapportés à l'enfant dans son univers ludique, avec l'intention de discuter cet univers comme espace privilégié de relations sociales et place dans laquelle l'enfant, como sujet joueur, produit culture et dans ce processus participe de la culture générale. Pour ce chemin, je cherche à discuter et démystifier l'idée de l'enfant comme individu que doit être modelé, réflexe du monde des adultes, car c'est au jour le jour que l'enfant s'insère dans le monde et bâtit son propre. Ainsi, on travaille avec une bibliographie spécialisée sur l'enfance, ludicité et mémoire au delà-de la charpente théorique-méthodologique de l'histoire. Les sources ont été identifiées, collectées et travaillées en archives, musées et bibliothèques au Brésil et en Europe, au delà-de l'usage iconographique et de la littérature de voyageurs qui ont passé par le Brésil pendant la période en question. Le circuit de production, distribution et vente de joujou a été tracé en espaces divers de la société, et il a pu démontrer que l'enfant joue, et que pendant ce processus il subvertit l'ordre établi, crée nouveaux objets et donne via à autres. Pour conclure, l'enfant est partie de l'histoire et se constitue en acteur et objet de son propre existence au Brésil du 19^{ème} siècle.

MOTS-CLES: Enfance. Enfant Joueur. Joujou au 19^{ème} siècle. Commerce de joujou.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

1 – SEGE DO COMENDADOR LUIS ANTONIO DE SOUZA BARROS	86
2 – BEBE LE BAMBIN	119
3 – BONECO COM MECANISMOS DE MOVIMENTO E SONORIZAÇÃO (1890)	121
4 – AUTÔMATO EM TÉCNICAS COMBINADAS COM MATERIAIS DIVERSOS	122
5 – AUTÔMATO DE FABRICO FRANCÊS, ENVOLVENDO VÁRIAS TÉCNICAS	123
6 – GRUPO DE ORIGEM ALEMÃ PRODUZIDO EM MADEIRA EM MEADOS DO SÉC. XIX	124
7 – CÔMODA RÚSTICA	127
8 – CARROÇA COM CAVALO	127
9 – BANDA PORTUGUESA – 1900	128
10 – BONECOS DE RECORTAR – 1900	128
11 – ÁGUA-FORTE DO REI D. FERNANDO	129
12 – VENDEDORA AMBULANTE	132
13 – VENDEDORA AMBULANTE	132
14 – ANÚNCIO DE VIAGEM MARÍTIMA	137
15 – PARTE DE CATÁLOGO ALEMÃO DE AMOSTRAS	142
16 – ANÚNCIO DE LOJA EM SALVADOR, BAHIA	149
17 – ANÚNCIO DE LOJA EM SALVADOR, BAHIA	150
18 – ANÚNCIO DE LOJA EM SALVADOR, BAHIA	150
19 – MENINA COM BONECA	151
20 – ANÚNCIO DE LOJA EM SALVADOR, BAHIA	152
21 – BONECA DE ORIGEM ALEMÃ (COSTAS)	158
22 – BONECA DE ORIGEM ALEMÃ (FRENTE)	158
23 – PEÇAS DE ARTICULAÇÃO DOS MEMBROS	158
24 – BONECA ALEMÃ VESTIDA	158
25 – CENÁRIO PARTE DA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO DO MUSEU	159
26 – BEBÊ DE TECIDO E ALGODÃO COM CABEÇA DE BISCUIT	159
27 – BONECAS KARAJÁ	173
28 – PANELA ZOOMORFA	173
29 – PANELA ZOOMORFA	173
30 – MERCADO DE ESCRAVOS DA RUA VALONGO	174
31 – UM JANTAR BRASILEIRO, 1827 (MEA 199)	176
32 – DEBRET - UMA DAMA NO INTERIOR DE SUA CASA EM ATIVIDADES ROTINEIRAS, 1823 – MEA0202	177
33 – FRANKS AND PLAYS (JOGOS E BRINCADEIRAS)	184
34 – MODAS	192
35 – SERVIÇO DE CHÁ	195
36 – UTENSÍLIOS E ACESSÓRIOS DO UNIVERSO DAS BONECAS	196
37 – CALDEIRA INDUSTRIAL DE BRINQUEDO	196
38 – BONECA	197
39 – OMBRO E CABEÇA	198
40 – BRAÇOS E MÃOS	198
41 – PERNAS	198
42 – BONECA DE BISCUIT	199

43 – PERNAS DA BONECA DE BISCUIT	199
44 – BONECA COM CABEÇA DE BISCUIT E MEMBROS ARTICULADOS	200
45 – MODELO BEBÊ BRU N. 11	200
46 – MODELO BEBÊ BRU	201
47 – BEBÊ BRU (MEMBROS ARTICULADOS)	201
48 – BEBÊ BRU	201
49 – BONECA STEINER	202
50 – BONECA STEINER	202
51 – NUCA COM MARCA DO FABRICANTE	202
52 – ROSTO DE BONECA DE PANO	203
53 – BONECA DE PANO	203
54 – BONECA DE PANO (COSTAS)	203
55 – UTENSÍLIOS DE COZINHA DE BRINQUEDO	205
56 – FAQUEIRO DE BRINQUEDO	205
57 – BARCO DE MARFIM	206
58 – XADREZ	206

FOTOS

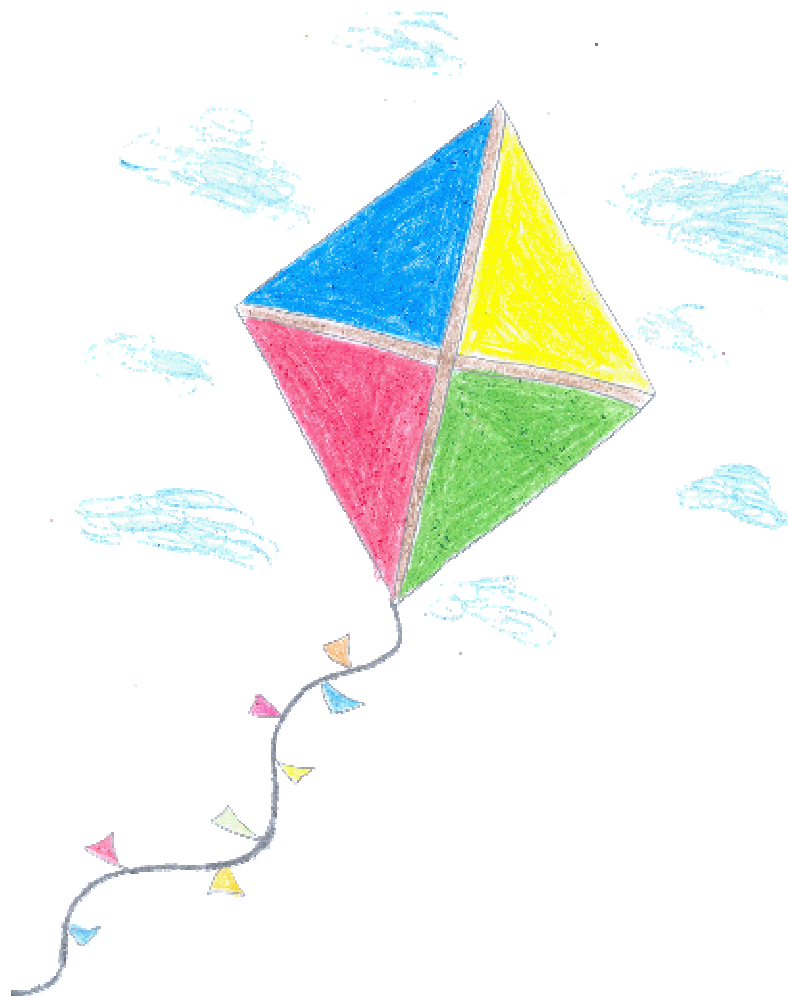
1 – SALA ONDE SE REUNIAM AS CRIANÇAS PARA SEUS FOLGUEDOS E REFEIÇÕES. RESIDÊNCIA DE MARIA PAZ DE BARROS, c.1890	84
2 – POMAR DA FAZENDA FELICÍSSIMA SÃO CARLOS, c.1900	89

QUADROS

1 – DEMONSTRATIVO DA ATIVIDADE ALFANDEGÁRIA RELATIVO A BRINQUEDOS (1837-1857)	141
2 – DEMONSTRATIVO DO INVENTÁRIO DA CASA COMERCIAL DE JOÃO BISPO FERREIRA	144
3 – ESTABELECIMENTOS QUE VENDIAM BRINQUEDOS	156
4 – BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS REALIZADOS POR MENINOS	208
5 – BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS REALIZADOS POR MENINAS	208

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
DESCORTINANDO O UNIVERSO DA CRIANÇA: A INFÂNCIA E O LÚDICO	36
1. HISTORIOGRAFIA DA INFÂNCIA E DA CRIANÇA NO BRASIL	38
2. SUPORTES LÚDICOS	43
3. HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA	54
MEMÓRIAS DO SUJEITO BRINCANTE NO BRASIL OITOCENTISTA	64
1. D. ANNA E A INFÂNCIA NA BAHIA OITOCENTISTA	71
2. INFÂNCIA NO CENÁRIO PAULISTANO	79
3. NOS SERTÕES DAS GERAIS	91
4. NAS ALAGOAS DE GRACILIANO	99
5. NO COTIDIANO LÚDICO DAS MEMÓRIAS	111
MERCADO DOS SONHOS E FANTASIAS	114
1. PRODUTOS DO SONHO	116
1.1. Fábricas de bonecas	120
1.2. Pequenos soldados	123
2. FABRICAÇÃO DO BRINQUEDO EM PORTUGAL	125
3. BRINQUEDOS POR MAR	134
4. BRINQUEDO NOS ACERVOS MUSEOLÓGICOS EM PORTUGAL	157
LUGAR DA CRIANÇA NO SÉCULO XIX: UMA REVELAÇÃO PELO BRINQUEDO E BRINCADEIRA	161
1. INFÂNCIA E LUDICIDADE NO SÉCULO XIX	165
2. CRIANÇAS DOS VÁRIOS BRASIS DO OITOCENTOS	185
CONCLUSÃO	210
LISTA DE FONTES E INSTITUIÇÕES PESQUISADAS	213
REFERÊNCIAS	236
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	244
APÊNDICE A - APEB – Seção Alfandegária – Manifestos série 010	250
APÊNDICE B - APEB - Secção Alfandegária - Notas de Despacho – Série 030	259
APÊNDICE C - FÁBRICAS E FABRICANTES	265
APÊNDICE D - PRINCIPAIS PRODUTORES DE BRINQUEDOS EM METAL E AUTOMOTOS	267
APÊNDICE E - MARCAS DE FABRICANTES	268



INTRODUÇÃO

A infância tem sido o tema para o qual converge minha atenção desde as primeiras pesquisas, realizadas durante a graduação¹. Quando decidi prestar seleção para o mestrado também não tive dúvidas; trabalhei um tema relacionado à infância, com o projeto que teve como objetivo analisar as interferências nas mudanças e permanências dos brinquedos e brincadeiras no bairro da Ribeira, em Salvador (BA), no período compreendido entre as décadas de vinte e de noventa do século XX, além de estabelecer uma relação entre a linguagem lúdica e a linguagem artística².

Buscando maior aprofundamento no estudo deste tema, realizei a pesquisa que ora apresento, cujo enfoque está voltado para a infância e o sujeito brincante, através das práticas lúdicas no Brasil do século XIX. Este estudo vem explicitar algumas das minhas inquietações acerca do universo infantil, pois entendo a criança como um ser identitário, que não só produz uma cultura própria, mas também interfere na cultura geral e participa da construção histórica de seu *corpus* social.

É por esse prisma que busquei delinear o perfil das várias crianças no Brasil do período referido, além de dar-lhes voz e inseri-las na sociedade. Para tanto, procurei desvelar as nuances de seu universo lúdico, espaço em que se realiza a prática lúdica, ação pela qual a criança se coloca no mundo adulto, acreditando ser na prática lúdica que ela se relaciona com seus pares e com os adultos.

Neste caminho, procuro *desmistificar* a criança como um ser incapaz, pronto apenas para ser modelado pelas mãos do adulto, mostrando-a como um indivíduo que tem uma temporalidade diferenciada do adulto e, fisicamente, dele necessita para realizar atividades que lhe possibilitem a sobrevivência.

Para o embasamento teórico desta argumentação, realizei leituras de textos voltados para a história da infância, que traçam um quadro, no qual a criança é quase sempre vista como um ser universal. A maior parte dos estudiosos que se ocupam dessa faixa etária da vida humana, entretanto, consideram-na na mesma perspectiva que outros classificam indivíduos pertencentes a grupos de “minorias”, ou seja, de forma homogeneizada, como se cada população infantil fosse, a cada tempo e lugar, a mesma massa a espera da modelação dos adultos.

¹ *Brinquedos uma Visão Sociológica* – texto monográfico apresentado na disciplina Metodologia Científica, em 1991; *Aprender Brincando uma Proposta Expositiva para Educação Patrimonial: Exposição Itinerante* – projeto apresentado ao estágio supervisionado, em 1993.

² *Bola, Boneca, Pipa, Pião... do Chão da Ribeira ao Mundo Virtual* – dissertação apresentada e defendida junto ao Mestrado da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, em outubro de 1999.

Este quadro levou-me a realizar um estudo mais detalhado acerca dos elementos que compõem o universo lúdico da infância. A própria criança, sua infância, o jogo, o brinquedo e a brincadeira, objetivando revelar o lugar da realização das práticas lúdicas como o *espaço-lugar das relações sociais da criança*.

Nesse ponto, instaura-se o objeto desta investigação, voltado para a pesquisa das especificidades desse universo lúdico, para revelar facetas ainda pouco estudadas da história da infância e da criança no século XIX: os meios utilizados pela criança como “suportes lúdicos” e brinquedos, os jogos e as brincadeiras com os quais ela produz a “cultura lúdica” e se relaciona com o mundo adulto.

O caminho de identificação dos objetos materiais, as modalidades do brincar e do jogar, permeados de aspectos simbólicos — que lhes dão força e vitalidade — explicitam a trama das relações que formam o tecido social no qual a criança está inserida. Para tanto, faz-se necessária a formulação de definições e conceitos de infância, criança, sujeito brincante, além dos elementos que envolvem seu universo lúdico, quais sejam: cultura lúdica, culturas da infância, jogo, brincadeira, brinquedo e suporte lúdico.

Seguindo caminhos já trilhados, esta tese não se embasará em dados quantitativos, pois tanto a criança como as mulheres estão em espaços ainda nebulosos na sociedade, não recebendo a atenção necessária à compreensão de sua inserção social. Para o século XIX, os dados dos recenseamentos distanciam-se da realidade da infância, sendo observados apenas dados que não conseguem defini-la mais precisamente; por isso essas informações não foram trabalhadas nesta tese.

A criança é definida de acordo com o que postulou o Código Filipino, que vigorou até os fins do século XIX, isto é, as meninas até 12 anos e os meninos até 14 anos de idade. Também a Igreja Católica, acompanhando o pensamento pedagógico do século XVIII, normatizou o fim da infância aos sete anos de idade.

Antes da apresentação das fontes, são necessárias algumas explicações. A partir do momento em que observei que a temática ainda não se constituía em um estudo sistemático, que pudesse identificar uma quantidade de fontes que abarcassem toda a complexidade do objeto, busquei, por meio da leitura indireta, a seleção das fontes. Estas se constituem, em sua grande parte, de documentos em que a temática encontra-se diluída, seja nos registros de viajantes, seja na literatura da época, seja nas obras de intelectuais. Por isso desenvolvi um trabalho de garimpagem em torno delas, com o objetivo de encontrar o meu objeto. Países como o Canadá, Espanha, Alemanha e Portugal já dispõem de pesquisas e arquivos sobre a temática em estudo. Em Portugal, para enriquecimento da investigação, realizei pesquisa em museus — do brinquedo

e em outras instituições; em Paris, visitei e pesquisei no Museu da Boneca; no Brasil, realizei pesquisas nas instituições expostas a seguir.

A investigação realizada nos arquivos do Museu Imperial de Petrópolis (RJ), que tratam da Família Real, serviu para identificar os suportes lúdicos utilizados por aquele grupo social, numa tentativa de localizar similares usados por outros grupos. No Museu Histórico Nacional, procurei, no acervo, peças do mundo da criança do período estudado e encontrei o barquinho de marfim que pertenceu ao Príncipe Pedro (futuro Pedro II). Este e outros poucos objetos evidenciaram não somente a tipologia dos brinquedos encaminhados aos infantes como também uma infância moldada por cânones protocolares a serem seguidos.

Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pesquisei a seção iconográfica, fotografias e cartões postais. Nesta a criança está presente devidamente vestida, pronta para posar como pequeno adulto e apresentar-se ao mundo como modelo, ao lado de suportes lúdicos, numa ambiência árida produzida pelo fotógrafo. Nessas instituições realizei levantamento bibliográfico de textos que versam sobre a criança e a infância daquele período. Esta pesquisa foi realizada antes mesmo de ter participado da seleção para o doutorado, e serviu de base para a construção do meu objeto de estudo.

Recorri a um volume de bibliografia, relativa, à temática para daí destacar o material necessário ao embasamento teórico das discussões relativas ao lúdico e a uma das questões que mais me inquietavam, que é saber como o brinquedo chegava às mãos da criança brasileira, num território vasto e com uma população formada com tantas influências, com tantas diferenças sociais e, portanto, uma infância múltipla.

O percurso dos brinquedos que aqui chegaram seria viável, se eu buscasse mapear seu trânsito comercial; assim parti para uma viagem, visando garimpar, em terras e mares pouco navegados, pepitas ainda muito pouco lapidadas. Fui à sessão Alfândega, no APEB, onde encontrei um mundo a ser desvendado, pois essa sessão não era muito visitada; daí muitas dificuldades surgiram, decorrentes da especificidade do tema. Primeiro busquei brinquedos em documentos como manifestos e notas de despachos, documentos utilizados para registrar mercadorias consideradas sérias como medicamentos, mobílias, obras de arte, gêneros alimentícios etc.

Parti para essa viagem munida da certeza de que lá encontraria o metal precioso, os brinquedos. Foi uma busca incessante, pois transitar naquele espaço, com aqueles documentos imensos, que eu só conseguia ler se ficasse ajoelhada numa cadeira e me debruçasse sobre eles para encontrar diluídas as caixas de brinquedos sem discriminação, bonecas de rosto de cera e pernas de pau, e tantos fardos e pacotes para crianças. Isto nos manifestos; e o documento que os completam

são as notas de despachos, as notas fiscais, em que os produtos são mais discriminados, porque se trata de notas tiradas para grupos de objetos destinados a cada comerciante.

Nesse arquivo passei muitas tardes sem encontrar sequer um pequeno fardo ou caixa com quinquilharias, miudezas, qualquer indicação que pudesse ser aquilo que eu procurava: brinquedos; quando encontrava uma só indicação, era a alegria de encontrar o brinquedo perdido ou receber o brinquedo tão desejado. Para completar essa procura, fui aos almanaques e jornais para verificar se esses produtos estavam nos anúncios de propaganda das casas comerciais, o que indicaria também o roteiro dos pontos de venda, pois já se verificava sua presença no comércio de importação nas rotas atlânticas.

Nas falas dos meninos presentes nas biografias consultadas, tinha mesmo que completar seu trajeto até as mãos da criança, o que nos levaria, em seguida, a conhecer mais de perto essa criança. Essa busca levou-me a vários caminhos e a muitas descobertas, mas também me deixou com muitas questões acerca da presença do brinquedo manufaturado no universo lúdico da criança brasileira. No entanto, elas são importantes no momento em que concluo este trabalho, não dando um ponto final, mas um ponto de seguimento, não só para o desenvolvimento de novas pesquisas, mas, sobretudo, para outros estudiosos que poderão seguir algumas trilhas nesse mapa de tesouros ainda não revelados desse rico universo, o das múltiplas infâncias, das muitas crianças desses vários brasis.

Há ainda muitos outros elementos que instigam a nós pesquisadores da infância, como, por exemplo, os brinquedos populares, tradicionais, que pelas mãos de experientes artesãos ou de pais e avós, ou ainda pelas próprias crianças são encontrados nos quatro cantos do Brasil e ainda merecem nossa atenção.

Para o trabalho ora apresentado, interessa, como já explicitiei, não só os caminhos percorridos pelo brinquedo produzido em terras do outro lado do Atlântico — a exemplo da louça tosca e sofisticada, das bonecas alemãs, dos soldadinhos portugueses, alemães ou franceses (de chumbo, de folha-de-flandres de papel litografado) — em navios que singraram mares, saveiros que cortaram águas brasileiras, mulas ao lado de tropeiros e caixeiros que subiam e desciam serras para chegar à criança brasileira naquele período, escondida, que não podia mostrar-se por inteiro, como os sacis.

Nessa perspectiva, não privilegiei os brinquedos feitos por mãos habilidosas que acarinhavam os materiais para dar-lhe forma, que a imaginação da criança daria ânima, personificação, movimento para fazer de um carrinho de lata um imenso carro de boi, uma bonequinha de pano, uma rainha de um reino longínquo.

No caminho da busca pelas fontes, a bolsa-sanduíche permitiu-me realizar pesquisa em Portugal, vinculando-me à Universidade de Lisboa, sob a co-orientação do Prof. Dr. Prof. Rogério Fernandes. A partir das discussões e identificação das instituições possuidoras de arquivos e acervos museológicos do brinquedo, iniciei minha pesquisa bibliográfica na Biblioteca Nacional. Na cidade do Porto, centralizei minhas pesquisas no levantamento bibliográfico e documental no Arquivo Histórico Municipal do Porto.

Acompanhando as linhas de pesquisas já estabelecidas anteriormente, objetivando o cercamento do meu objeto de estudo, pesquisei na Sociedade de Geografia — instituição que mantém, em seu acervo, periódicos, almanaques portugueses e brasileiros, dicionários, revistas e outros documentos relativos ao comércio interno de Portugal — e na Hemeroteca da Biblioteca Municipal de Lisboa. Nesta instituição, centralizei o trabalho nos periódicos, tais como jornais, Almanques e outras publicações que noticiavam os brinquedos.

Do material coletado, foram identificados anúncios que faziam referência à venda de brinquedos em Lisboa e em outros conselhos, registrando um comércio significativo. Recorri, ainda em Lisboa, ao levantamento da historiografia da infância em Portugal. Seguindo o roteiro das instituições a serem visitadas, dei continuidade à pesquisa no Arquivo Histórico Municipal, onde realizei um levantamento sistematizado nas fontes documentais, localizando um número significativo de dados.

Na etapa seguinte da pesquisa, passei ao trabalho com os acervos dos museus. Na cidade de Braga, visitei o Museu das Biscainhas, onde consta um acervo bibliográfico importante e uma coleção de brinquedos, o Centro de Estudos da Criança e o Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho.

Em Seia, pesquisei no Museu do Brinquedo, instituição que possui um rico acervo de brinquedos, com uma coleção de bonecas do século XIX, principalmente da marca Armand Marsseile, uma bibliografia que consta de catálogos de fabricantes, exposições de brinquedos antigos, literatura infantil do período estudado, obras teóricas sobre questões relativas ao lúdico e à infância.

É importante ainda estabelecer as bases do nosso estudo e de sua problemática. Alguns aspectos relativos à infância não foram aqui discutidos, a saber: a violência na infância, que aparece ao longo do texto sob a forma de punições e castigos os mais variados, não é enfocada aqui pelo viés da psicologia, uma vez que neste trabalho sigo a trilha da história. A despeito de saber da importância dos estudos multidisciplinares, acredito que a outros pesquisadores cabe discutir esta questão numa linha mais direcionada à psicologia.

A minha inquietação a respeito da violência vivenciada pelas crianças do Brasil oitocentista, muito mais do que à atitude tirana do adulto em relação à criança, está voltada para a atitude da criança frente às representações dessa tirania. Observo, por exemplo, a prática lúdica sendo usada pela criança como instrumento de libertação e subversão aos comandos dos adultos, como no relato do menino Graciliano, no episódio em que se cala e se apavora após uma surra, relatado no Capítulo 2.

Busquei trabalhar a cultura lúdica brasileira como parte do amálgama que formou a tão diversificada cultura brasileira. Nela a criança não é percebida como um ser homogêneo, mas como um ser diferente em cada tempo e lugar no Brasil oitocentista. Um ser sujeito que participa, por exemplo, do cenário do engenho, sabendo seu lugar de sinhozinho, yazinha, moleque, moleca, curumim, órfão português, caixeiro, e tantos outros que, na realização de suas práticas lúdicas, raras vezes estão sozinhos. Constantemente com *seus pares desiguais*, construíram a cultura lúdica brasileira, num processo dinâmico e flexível, capaz de ser ajustada e reajustada juntamente com a dinâmica da cultura global de sua sociedade.

O objeto deste trabalho é a infância do sujeito brincante e suas práticas lúdicas como espaço em que se dá suas relações sociais. Para tanto, além do tratamento histórico que dei ao tema, não descartei o referencial teórico-metodológico da Psicologia, da Educação e da Arte. Assim, a partir das definições encontradas nas fontes estudadas, busquei pontuar a presença do *homo ludens*, do sujeito brincante, nas várias fontes pesquisadas, a exemplo dos textos literários, dos relatos dos viajantes, dos textos biográficos e autobiográficos e dos romances, de onde extrai pistas para elucidar muitas questões, principalmente as referentes ao cotidiano do século XIX. Ana Maria Mauad questiona: “O que os viajantes têm em comum? Num primeiro momento, seu olhar de observadores externos enquadra com clareza quase classificatória tipos, costumes, normas de comportamento.”³

Ao registrarem a vida social brasileira, os viajantes evidenciaram a estrutura familiar a partir do desenho dos espaços físicos das construções rurais ou urbanas, mostrando como as famílias ocupavam esses espaços. Para as crianças, diziam que eram criadas até certa idade sem nenhum freio e ficavam perplexos com a *liberdade* com que as crianças negras circulavam no ambiente doméstico. Como será explicitado no Capítulo 4 desta tese, esse momento poderia ser vivenciado no ambiente doméstico até os sete anos de idade, quando as crianças negras eram afastadas do cenário doméstico para serem incorporadas ao grupo de trabalho.

³ MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do segundo reinado. In: ALENCASTRO, Luis Felipe de (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Vol. II. p. 186-187.

A literatura passou a ser vista como documento tanto pela Nova História⁴ como pela Nova Escola Inglesa.⁵ Esse novo olhar surgiu em decorrência da ampliação do conceito de documento, que inclui outras formas de registro a serviço da historiografia. Assim, a literatura serviu de importante aporte para as investigações durante a pesquisa, contribuindo significativamente para a compreensão do meu objeto. Concordando com esta concepção, Ana de Oliveira Galvão afirma:

Estudos históricos que têm tomado a literatura como fonte têm demonstrado o potencial desse tipo de documento para a revelação de aspectos em geral negligenciados e pouco perceptíveis em pesquisas baseadas unicamente em documentos oficiais.⁶

Desta forma, não vou aceitar como afirmação irrefutável a hipótese de que não houve influência do negro, e mesmo do indígena, visto que esta influência é evidente nos vários suportes documentais a que tive acesso, como relato de um romance, pesquisa direcionada, dentre outros que tão bem registram o cotidiano brasileiro durante a formação de sua cultura.

Além de buscar recuperar aspectos culturais de determinado grupo, mediante a localização de objetos e registros de diversas formas, a elucidação de aspectos do lúdico se deu também pelas imagens, que possibilitaram o reconhecimento de brinquedos e brincadeiras dessa época.

A pesquisa iconográfica foi realizada no Museu Temporal, nas Bibliotecas da Fundação Clemente Mariani, Mário de Andrade, em São Paulo, e Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro e no Setor de Iconografia do Museu Paulista. Nesta pesquisa, procurei cruzar os dados fornecidos pela bibliografia pertinente com aqueles presentes no registro iconográfico. A leitura iconográfica, realizada mediante a identificação das imagens por eventos, objetivou a identificação das categorias sociais registradas nas imagens e, ainda, o contexto retratado.

As imagens, como qualquer fonte, são ao mesmo tempo testemunhos da memória e elementos de linguagem que permitem o entendimento da trama do tecido social vivenciado pelos sujeitos. Situando-se para além dos valores e símbolos, as imagens são os meios imprescindíveis para os investimentos e tratamento da memória.

⁴ Cf. LE GOFF, Jacques. *A nova História*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

⁵ Cf. CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso (Orgs.). *A história contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

⁶ GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Amansando meninos: uma leitura do cotidiano da escola a partir da obra de José Lins do Rêgo (1890-1920)*. João Pessoa: EDUFPB, 1998. p. 33.

O estudo iconográfico, aliado à pesquisa histórica, tem formado um conjunto. Dessa forma, esta pesquisa foi importante para recuperar elementos lúdicos do universo da criança do período estudado, pois a cultura material está aí identificada.

Para proceder à leitura da imagem é necessária sua decodificação; para isso, a leitura não prescinde o alfabetismo visual, ou seja, para que o sujeito apreenda a mensagem contida na imagem é preciso que conheça os códigos nela contidos. Uma imagem poderá dizer alguma coisa, se o expectador levar em consideração seu universo; mas se não são conhecidos os referenciais capturados por ela, tornar-se-á pouco informativa.⁷

Os componentes de uma imagem formam um conjunto de dados que transmitem informações a partir de mensagens objetivas ou não, fornecendo múltiplas possibilidades de leitura, por conter um potencial informativo intrínseco. Assim, como representação de um fragmento do real, a imagem denuncia aspectos específicos da realidade, destacando pequenos detalhes do cotidiano, que são matéria-prima da etnologia.

As imagens têm servido como fonte documental primeiro da Antropologia, depois da História e, por fim, de outras ciências humanas, como a Museologia. Os antropólogos foram os primeiros a utilizar as imagens para melhor estudar grupos humanos de terras distantes. A análise realizada por esses profissionais era baseada nas expressões capturadas pelas imagens fotográficas (animadas ou não), possibilitando-lhes o estudo de comportamentos e da cosmovisão de indivíduos pertencentes aos vários grupos humanos.

Os historiadores também passaram a estudar fatos e acontecimentos a partir da análise dos elementos iconográficos presentes nos diversos suportes de imagens; há trabalhos, por exemplo, que analisam desenhos e gravuras de viajantes como Enkoul, Debret e Rugendas, que na sua passagem pelo Brasil registraram a fauna e a flora, assim como o comportamento das *gentes brasileiras*. Para a História, a imagem é vista como um resíduo do passado e, como tal, é um testemunho visual que lhe serve como fonte documental.

A iconografia, em suas diversificadas formas de representação, vem contribuindo para melhor compreensão de objetos de naturezas diversas. Nesta tese, a iconografia, aliada à literatura, serviu como ferramenta para compor o universo lúdico do século XIX, com base nas representações da criança em todos os espaços e ambientes. Apesar da riqueza que a fonte iconográfica oferece à historiografia de qualquer objeto, deverá receber o olhar cuidadoso do pesquisador, para evitar que incorra em inferências e conclusões equivocadas.

Além destas fontes, os periódicos foram de grande importância para este estudo. Neles encontrei registros das mudanças que ocorreram no Brasil, em consequência da transferência da

⁷ SALIBA, Elias Thomé. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997. p.121.

Família Real. A chegada da corte portuguesa trouxe elementos novos para o cotidiano da sociedade brasileira, como novos gostos na forma de vestir, de receber, de se portar em público e também criou novas necessidades de consumo, o que contribuiu sobremaneira para a ampliação do comércio. Assim, o número de lojas foi ampliado e também a diversificação de produtos estrangeiros, dentre eles os brinquedos.

Outro dado presente nos jornais, especialmente a *Revista Ilustrada* e o *Cabrião*, no Rio de Janeiro, é o desenho produzido pelos ilustradores, que enriqueciam as notícias com charges sobre o cotidiano e os produtos oferecidos pelas lojas. Especialmente a partir da segunda metade do século XIX, com a disseminação do uso de brinquedos pelas crianças das camadas médias urbanas, esse tipo de produto passou a circular mais livremente pelas grandes praças comerciais. O relato de Altman é esclarecedor:

No fim do século XIX, pequenas indústrias começaram a se estabelecer também no Brasil e o objeto-brinquedo-mercadoria passa a fazer parte do universo infantil. Surgem os carrinhos de madeira, as bonecas de materiais cada vez mais sofisticados, os trenzinhos de metal, objetos de consumo que despertam na criança o sentimento de posse, o desejo de ter, dificultando o prazer de inventar, de construir.⁸

Para a Bahia, trabalhei com a série de microfilmes no Programa de Pós-Graduação em História, onde foram investigados os jornais de cunho comercial e educacional. Especialmente, *O Século*, *O Guarani*, a *Revista Ilustrada*, dentre outros como o *Diário de Notícias* de 21 de setembro de 1876, de 1 de julho de 1880 e de 8 de outubro de 1881, que expõem anúncios de vários estabelecimentos comerciais, divulgando seus produtos e enfatizando o estoque de brinquedos. Além destes, tive acesso aos acervos da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, onde encontrei almanaques com um volume de anúncios de lojas baianas que vendiam brinquedos. Alguns destes anúncios ilustram o Capítulo 3 desta tese.

Meu objetivo, trilhando esse percurso e tornando compreensível o “universo lúdico”, é captar a criança como *sujeito da história*, que produz cultura e nela interfere. Assim, ao realizar uma retrospectiva histórica, com base na pesquisa documental — textual, literária, iconográfica e material —, passei a analisar o “sujeito brincante” circunscrito na sociedade brasileira do século XIX.

Para tanto, foi necessária a discussão dos elementos que compõem o universo lúdico da criança. Por exemplo, o jogo, a brincadeira, que para muitos autores⁹ está particularmente

⁸ ALTMAN, Raquel Zumbano. Brincando na História. In: PRIORE, Mary del. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 253-254.

⁹ A esse respeito, ver, dentre outros autores citados na bibliografia desta tese: BENJAMIM, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzara. São Paulo: Summus, 1984; BENJAMIM, Walter. *Infância em Berlin*. In: BENJAMIM, Walter. *Rua de mão única*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 73-

imbricado à natureza infantil — embora seja encontrado em outras fases da vida humana —, cria atmosferas que vão instrumentalizando o ser humano, levando-o a conquistar espaços, a conhecer e aprender a lidar com a adversidade.

Nessa perspectiva, a autonomia que a criança vai conquistar (e depois o adulto), resulta em grande parte de exercícios lúdicos desenvolvidos nos jogos e brincadeiras. Assim, o tempo gasto na brincadeira não é ocioso ou perdido, pois é nesse tempo e espaço do desenvolvimento da prática lúdica que a criança estabelece relações sociais com outras crianças e com os adultos, passando a interagir de forma efetiva com a cultura global.

Com sua imaginação e fantasia, a criança impregna os objetos de múltiplos significados transformando-os em “suportes lúdicos”. É possível dizer que atribui *anima*,¹⁰ “vida” aos objetos, mergulhando-os em outras e novas significações. Por isso, na esfera da infância, um cabo de vassoura pode transformar-se numa espada, num bastão ou uma cadeira pode transformar-se num vagão de trem e assim por diante. No domínio do jogo, tudo é possível dentro das regras estabelecidas pelos brincantes. Se estas transformações ocorrem, importa focar a criança no século XIX não mais como um sujeito somente modelado por dogmas da Educação e da Psicologia, mas, principalmente, numa perspectiva histórica.

A identificação das modalidades do brincar e do jogar e seus suportes lúdicos podem revelar particularidades do universo lúdico da criança, bem como explicitar, com base em outros elementos, o lugar da criança no tecido social. Ou seja, a participação da criança com sua cultura lúdica na construção da cultura geral possibilita, por meio de um processo dinâmico, a permanência de muitas tradições. Esse raciocínio reforça a idéia de que a criança, como qualquer indivíduo, é um sujeito histórico e cultural e a imaginação e a criatividade são suas ferramentas principais. Alguns estudiosos, entretanto, têm dificuldade de pensar a criança nessa perspectiva, visto que a percebem em seu cenário lúdico, exercendo uma atividade isolada do real. A esse respeito Gilles Brugère explica:

O retrato é, sem dúvida, exagerado, mas traduz a psicologização contemporânea do brincar, que faz dele uma instância do indivíduo isolado das influências do mundo, pelo menos quando a brincadeira real se mostra fiel a essa idéia, recusando, por exemplo, qualquer ligação objetiva muito impositiva, caso do brinquedo concebido exteriormente ao ato de brincar.¹¹

142. (Obras escolhidas, v. II) CHATEAU, Jean. *O jogo e a criança*. Tradução de Guido de Almeida. São Paulo: Summus, 1987; WINNICOTT, Donald Woods. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

¹⁰ A palavra *ánima* é entendida nesta pesquisa no sentido de personalizar os objetos.

¹¹ BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 1-9, jul./dez. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid>> Acesso em: 16 jan. 2007.

O estudo do universo lúdico da criança exige considerar-se que o desenvolvimento do jogo, da brincadeira, dá-se numa dimensão social; como ação carregada de significações é, portanto, uma ação que se realiza num processo de construção da cultura.

No entender de Gilles Brougère, a cultura lúdica pode ser definida como “[...] um conjunto de regras e significações próprias do jogo que o jogador adquire e domina no contexto do seu jogo.”¹² Dessa forma, o autor indica que é no espaço do jogo, da brincadeira, que essa cultura lúdica se constrói. A criança de cada *corpus* social, portanto, terá suas práticas lúdicas delineadas de acordo com o repertório adquirido em seu grupo social.

Diante disto, busquei aporte em diversos autores que estudam o universo lúdico, a exemplo de Kishimoto,¹³ que ressalta a importância de estudar os vários fatores que cercam o mundo da criança, para que se possa compreender a amplitude de seu universo. Esta autora destaca a supremacia dos elementos e valores sócio-culturais em relação às possíveis intervenções psicológicas. Ela escreve:

Fatores como a definição do lugar que a criança ocupa num determinado contexto social, a identificação da forma de educação a que está submetida e o tipo de relações sociais que ela mantém com personagens do seu meio permitem a compreensão da imagem da criança e do comportamento do brincar. Ao analisar o cotidiano infantil, é preciso constatar marcas da heterogeneidade e a presença de valores hierárquicos que dão sentido às imagens culturais de cada época. Tais imagens construídas por personagens que fazem parte desse contexto não decorrem de concepções psicológicas e científicas, mas muito mais de informações, valores e preconceitos oriundos da vida cotidiana.¹⁴

No entender de Kishimoto¹⁵ é da vida cotidiana de cada sociedade que são extraídos elementos que formam a cultura lúdica, que é marcada pelas singularidades de cada contexto sócio-ambiental. Como o indivíduo adulto, a criança não pode ser estudada fora de seu contexto; sua cultura lúdica também deve ser analisada com base em seu processo dinâmico e não mais numa única direção, pois tanto o construtor — a criança — como o produto — a cultura lúdica — têm múltiplas facetas. Dessa forma, muitos aspectos devem ser levados em consideração, como, por exemplo, a questão de gênero no mundo infantil.

Assim, interessa a discussão sobre gênero aplicada ao universo lúdico, no qual busquei revelar facetas socioculturais de suportes lúdicos, brinquedos e brincadeiras. Os suportes lúdicos são utilizados como veículos na formação de uma pessoa, contribuindo para que ela module um comportamento *masculino* ou *feminino*. Para tanto, foi necessário entender as definições do termo

¹² Ibid., p. 3.

¹³ KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogos Tradicionais infantis*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 127.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Ibid.

gênero a partir de estudiosos como Joan Scott, que diz: “[...] definição de gênero exige seu desmembramento em duas partes e sub-partes, ligadas entre si, mas analiticamente distintas.”¹⁶ Segundo o entendimento da autora, um núcleo essencial poderia ser identificado a partir da conexão da proposição: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos — neste sentido, o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. Se há uma mudança na organização das relações sociais, estas correspondem sempre à mudança nas formas de representação — que não necessariamente se dirigem para um sentido único.

A autora propõe então, para a definição do termo, relacionar quatro elementos:

- *símbolos culturalmente disponíveis* que evocam representações múltiplas (frequentemente contraditórias – por exemplo, as figuras de Eva e Maria, como símbolo da mulher na tradição cristã ocidental [...])
- *conceitos normativos* que colocam em evidências interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas.
- *análise* que inclua uma noção do político, tanto quanto uma referência às instituições e organizações sociais.
- *identidade subjetiva* que estaria por trás das identidades de gênero.¹⁷

A esse respeito Joan Scott recomenda:

[...] os historiadores devem examinar as maneiras como as identidades de gênero são realmente construídas e colocar os seus achados em relação com toda uma série de atividades, organizações sociais e representações culturais historicamente situadas.¹⁸

Importa, pois, não só que um termo seja definido, mas que seu modo de emprego seja compreendido. Isto é, que se tenha um conceito explicativo do trânsito da palavra. Neste caso, o trânsito para cada gênero inserido na trama dos distintos tecidos sociais é importante, por possibilitar a compreensão do conceito, que traz consigo a explicitação da circunscrição dos papéis sociais tanto de homens como de mulheres e, neste caso, também do campo político, que, segundo Scott,¹⁹ é o primeiro para significar as relações de poder.

À luz do pensamento dessa autora, concordo com a idéia de que a identidade de gênero é modelada num complexo sistema que envolve os diversos campos de relações do indivíduo, seja familiar, educativo, político, econômico ou religioso, tendo como fio modelador a subjetividade, nomeada pela autora de identidade subjetiva.

¹⁶ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: SOS Corpo, 1991.

¹⁷ Ibid., p. 14-15.

¹⁸ Ibid., p. 15.

¹⁹ SCOTT, 1991.

Este entendimento possibilita-me inscrever o brinquedo e as práticas lúdicas, por sua carga de representações, como parte desse amálgama que viabiliza a construção do sujeito gênero, seja ele feminino ou masculino.

Ainda preocupada com o gênero no universo lúdico, recorri a Saffioti,²⁰ que escolheu trabalhar as questões de gênero a partir do conceito de relações de gênero, ao invés de trabalhar relações sociais de sexo. Segundo essa autora “[...] o termo gênero está lingüisticamente impregnado do social, enquanto é necessário explicitar a natureza social da elaboração do sexo.”²¹ Explicita ainda o porquê do termo *sociais* necessariamente implicar nas relações entre as categorias de sexo.

Saffioti²² reporta-se a outros autores para reforçar a idéia de que as variáveis que vão interferir ou determinar esse ou aquele posicionamento são exatamente os intervenientes das relações sociais em seus diversos contextos culturais. Com isso, elimina a condição biológica para a determinação de uma identidade de gênero, atribuindo a construção dessa identidade às articulações das diversas representações no campo social.

A definição de *representação* neste trabalho é a mesma aplicada por Saffioti, que afirma:

A representação não se confunde com a vivência, com a experiência. A representação é o pensar-sentir a vivência. Tem lugar segundo uma base material, que nutre o nível simbólico e por ele é alimentada [...] Na realidade concreta, não se podem separar o material e o simbólico: um é constitutivo do outro. Desta sorte, sem correr o risco de deslizar para uma oposição idealista, pode-se afirmar que as representações que os homens e as mulheres fazem da realidade social operam como forças propulsoras de novas ações.²³

Para a autora, estas ações não serão determinadas pela biologia do ser (pelo sexo), mas pelo sujeito construído a partir das relações e interrelações sociais sujeitas a intervenientes nos diversos campos que o ser humano transita. Por exemplo, as práticas lúdicas tidas como próprias de meninos, como demonstração de força, virilidade e as consideradas de meninas, da mulherzinha que faz comidinha, cuida dos filhos e é sempre meiga e delicada. Desde cedo as crianças são direcionadas a um comportamento lúdico específico para cada indivíduo, distintamente masculino e feminino. Essa argumentação está fundamentada em Saffioti,²⁴ que considera o gênero construído e modelado de acordo com o tecido social em que o indivíduo está inserido; é graças a esses sistemas de representações e atribuições de certos contextos sociais

²⁰ SAFFIOTI, Heleieth I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCINI, Cristina (Orgs.). *Uma questão de gênero*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992. p. 183-215.

²¹ Ibid., p. 185.

²² Ibid.

²³ Ibid. p. 185.

²⁴ SAFFIOTI, 1992, p. 186.

que a mulher, ao nascer apenas um exemplar fêmea da espécie humana, torna-se um ser submisso à supremacia masculina.

A autora complementa essa reflexão citando Rubin,²⁵ que advoga a posição de que “[...] um sistema de sexo/gênero é o conjunto de arranjos pelo qual a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana e no qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas”.²⁶

O sexo, diferentemente do gênero, poderá ser modificado por procedimentos técnico-cirúrgicos, como por exemplo uma intervenção para uma mudança da genitália, enquanto o gênero, que é socialmente construído, não cede tão facilmente às pressões, por ter sido, ao longo do desenvolvimento pessoal do indivíduo, sedimentado numa estrutura que uma vez formada torna-se pouco flexível à mudança.

O universo lúdico tem uma complexidade própria e envolve um caráter específico, exigindo, por isto, um estudo sobre os elementos que lhe pertencem. E este universo é bastante abrangente.

Ludicidade é a condição do ser brincante de desenvolver a brincadeira. Para que haja essa condição, é necessário apenas que o indivíduo se disponha a praticar a ação lúdica. Independentemente do espaço físico, dos suportes lúdicos que tenha a seu alcance, a criança poderá colocar em prática sua ludicidade. Para tanto, faz-se necessária a formulação de conceitos e definições de alguns elementos presentes no universo lúdico da infância, a saber:

Suporte lúdico é tudo o que pode servir ao ser brincante para o desenvolvimento da ação lúdica; como o brinquedo, pode estar presente materialmente ou não; daí a estreita similaridade entre um e outro.²⁷

O *sujeito brincante* é aquele que dá ânima às coisas personificando-as, dando-lhes funções variadas, a depender do significado que queira atribuir no ato da brincadeira. Dessa forma, é ele que determina a funcionalidade do suporte lúdico e, na condição de liberdade, transgride as determinações impostas pelo mundo adulto. Neste trabalho, o sujeito brincante é a criança do Brasil oitocentista.

Para as definições de *brinquedo*, *brincadeira* e *jogo* apoiei-me em Oliveira,²⁸ que identifica brinquedo com o próprio suporte material — objeto com que se faz a brincadeira — e também

²⁵ RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the ‘political economy’ of sex. In: REITER, R. (Ed.). *Toward an anthropology of women*. New York: Monthly Review Press, 1975. p. 157-210. *Apud* SAFFIOTI, Heleieth I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCINI, Cristina (Orgs.). *Uma questão de gênero*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992. p. 183-215.

²⁶ SAFFIOTI, *op. cit.*, p.189.

²⁷ TEIXEIRA, Maria das Graças de S. Teixeira. *Bola, Boneca, pipa, pião... do chão da Ribeira ao mundo virtual*. 1999. 206 f. Dissertação (Mestrado em Belas Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999. p. 11-12.

com aquela ação lúdica que a criança realiza sozinha. A brincadeira, para esse autor, é realizada por mais de uma criança e não envolve competição, como por exemplo brincar de casinha, de desenhar, de roubar frutas, de matar passarinho. Já o jogo, embora também para sua realização exija o envolvimento de mais de uma criança, comporta a presença mais rígida de regras preestabelecidas, pois está presente a competição. Pode ser observado nas práticas lúdicas, nas várias modalidades de correr, jogo de gude, empinar papagaio, dentre outros.

As escolas psicanalistas anglo-americanas e a escola francesa interessavam-se pelos processos de criação da identidade do sujeito, ou seja, focalizavam sua atenção “[...] nas primeiras etapas do desenvolvimento da criança com o objetivo de encontrar indicações sobre a formação da identidade de gênero”.²⁹ Para este estudo, interessam estas preocupações por inserir a categoria gênero no universo lúdico, nosso objeto de pesquisa. É na infância que tem início o desenvolvimento da formação da identidade de gênero menino-menina, homem-mulher. Nessa etapa da vida do ser humano, o universo lúdico passa a delinear a personalidade-identidade dos sujeitos brincantes a partir das práticas lúdicas desenvolvidas, ora distintamente, ora amalgamando-as.

Dessa forma, as práticas lúdicas auxiliam os diferentes modos de desenvolvimento da criança e explicam porque formam uma cultura lúdica que, por sua vez, não está deslocada da cultura geral do mundo dos adultos. Pelo contrário, a cultura lúdica está completamente imbricada no contexto cultural amplo. Ela absorve elementos tanto do meio ambiente, quanto da própria cultura geral. Daí o interesse pelas particularidades específicas de cada ambiente, de cada contexto social. Embora exista um caráter universal no brincar, é possível afirmar que há várias culturas lúdicas.

Relativamente à inserção da criança e de seus brinquedos no mundo, Walter Benjamin afirma:

Se a criança não é nenhum Robinsom Crusoe, assim também as crianças não se constituem nenhuma comunidade isolada, mas sim uma parte do povo e da classe de que provêm. Da mesma forma seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e especial; são, isso sim, um mudo diálogo simbólico entre ela e o povo [...]³⁰

Fundamentado nessas considerações, o autor afirma a impossibilidade de chegar-se ao conceito do brinquedo, tentando explicá-lo unicamente pelo espírito das crianças. Seguindo esse entendimento, é possível afirmar que o universo lúdico apresenta-se à criança carregado de

²⁸ OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Brinquedos artesanais & expressividade cultural*. São Paulo: SESC-CELAZER, 1982. (Biblioteca Científica - Série Lazer, 4).

²⁹ SCOTT, 1991, p. 9.

³⁰ BENJAMIM, 1984, p. 57.

símbolos, que serão mais tarde utilizados por ela como meios de representação em seu exercício de se situar no mundo. Estes símbolos variam de acordo com cada contexto social que oferece particularidades da cultura geral para a formação da cultura lúdica.

Desde a mais tenra infância, a criança recebe dos pais e das pessoas que a rodeiam um conjunto de objetos que serão utilizados em suas práticas lúdicas como equipamentos simbólicos que darão também subsídio à formação do sujeito, fornecendo suporte para o colorido do gênero trabalhado desde cedo pela família.

É dessa forma que a cultura lúdica vai se formando com as especificidades da cultura geral. A criança recebe do mundo adulto os mecanismos para a construção de uma cultura particular, mas não se torna alheia a ela. Do mesmo modo, a cultura geral é também desenvolvida no processo dinâmico, que se transforma a cada momento, de acordo com as experiências vivenciadas nos diversos contextos sociais, recebendo o colorido resultante das combinações dos diferentes matizes da trama do tecido social em que esse universo lúdico esteja inserido.

O colorido da cultura lúdica fornece os tons da diversidade que a tornarão dinâmica. A esse respeito Brougère afirma que as culturas lúdicas:

[...] se diversificam também conforme o meio social, a cidade e mais ainda o sexo da criança. É evidente que não se pode ter a mesma cultura lúdica aos 4 e aos 12 anos, mas é interessante observar que a cultura lúdica das meninas e dos meninos é ainda hoje marcada por grandes diferenças, embora possam ter alguns elementos em comum.³¹

Portanto é possível observar-se que essa cultura — a lúdica — não se constrói de maneira isolada, mas partilhando do processo de interação social pleno de significações. Dessa forma, torna-se patente neste estudo a inexistência de uma pureza de matriz brincante, pois o lúdico forma-se na diversidade.

Apresentados os princípios norteadores das discussões envolvendo a categoria gênero e os elementos que compõem o universo lúdico, passo a tratar dessas questões do ponto de vista da visualização das práticas lúdicas. Brougère,³² analisando as práticas lúdicas e as questões de gênero, assim se expressa: “A importância das diferenças sexuais na cultura lúdica pode indicar o papel que ela pode representar na construção da identidade sexual.”³³

No caso da relação de dominação do sexo feminino, é perceptível também nas práticas lúdicas que, se não há uma dominação nas brincadeiras, ela surge no desenvolvimento de

³¹ BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 19-32. p.25.

³² Ibid., p. 32.

³³ A esse respeito, Brougère indica a leitura da obra: TAP, Pierre. *Masculin et féminin chez l'enfant*. Toulouse: Privat, 1985.

atividades, proporcionando um exercício contínuo, para que a menina se torne a mulher, do amanhã.

No processo de definição do gênero, os elementos de dominação internalizam-se sutilmente, resultando na formação do *corpus* da identidade feminina. Os suportes lúdicos destinados à menina são diferenciados daqueles do universo do sexo masculino; aqueles estão, em sua maioria, restritos ao mundo doméstico. A esse respeito Heloisa Barbuy afirma:

Para elas, as atividades domésticas se exercitaram nos conjuntos de fogõezinhos, panelinhas, louças em miniatura; maquininhas de costura e ferrinhos de passar; pequenas mobílias, casinhas inteiras, o mundo doméstico, enfim, povoado de bonecas e bebês.³⁴

Entendo que é ainda mais sutil, porque toca o nível do subjetivo, operando a partir da introjeção de signos comportamentais que dão uma espécie de colorido ao cotidiano feminino. Assim, a menina — sempre a brincar de casinha, de “mãe” cuidando do bebê — vai aprendendo (e assumindo) “seu papel social”.

Refletindo sobre a experiência lúdica da menina com suas bonecas, Giani Rodari faz referência ao processo de continuidade e repetição da “cultura infantil” e da “cultura adulta”:

A menina que brinca com suas bonecas e, enfim, com o seu riquíssimo enxoval, móveis, utensílios, pratinhos, xícaras, eletrodomésticos, casas e cidades em miniatura, reproduz no jogo todo o conhecimento da vida doméstica, exercita a manipulação dos objetos, compondo-os e recompondo-os, designando-lhes espaço, um papel; mas ao mesmo tempo as bonecas lhe são úteis para dramatizar suas próprias relações e, eventualmente, seus conflitos. Grita com a boneca usando as mesmas palavras gritadas pela mãe, para descarregar cada sentimento de culpa. Acaricia as bonecas para exprimir sua necessidade de afeto. Pode escolher uma delas para amar e odiar de modo especial, caso a boneca lembre o irmãozinho do qual tem ciúme.³⁵

Pela ação do brincar, a criança interioriza, absorve os sinais do mundo exterior ao seu, ao mesmo tempo em que se faz presente, demarcando seu espaço no contexto do qual faz parte.

O menino costuma desenvolver suas práticas lúdicas sempre exercitando sua masculinidade, por meio de instrumentos lúdicos como bola e cavalos, de alguma forma simbolizando o controle da liberdade, o domínio da força, bem representados nos suportes lúdicos específicos para meninos. Sobre esta questão, Heloisa Barbuy comenta:

Para eles, máquinas, veículos, revólveres de brinquedos. Bonecos, somente *cowboys* soldados e afins. A sensação de atuação sobre o mundo e a compreensão dos modos de funcionamento de máquinas moldavam o homem de ação, pronto para trabalhos de inteligência e enfrentamento.³⁶

³⁴ BARBUY, Heloisa. Brinquedos: modelos introjetados. In: ABREU, Ailson Avansi de (Org.). *Quantos anos faz o Brasil?* São Paulo: EDUSP, 2000. p. 49-53. p. 51.

³⁵ RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. Tradução de Antônio Negrini. São Paulo: Summus, 1982. (Novas buscas em educação, 11). p. 92.

³⁶ BARBUY, 2000, p. 51.

A inserção dos bonecos (masculinos) no universo lúdico é apresentada de maneira bastante diferentes das bonecas, seja nas cores, nos contextos (geralmente espaços de demonstração de força e luta) e, sobretudo, nos papéis desempenhados por estes bonecos. Ao atentar para as diferenças entre boneco de menino e bonecas para meninas, observei que muitos pontos são enfatizados para a representação de cada gênero. O boneco, indicado como suporte lúdico masculino, vem de seus fabricantes revestido de equipamentos e peças do vestuário que evidenciam uma forma comportamental, não só do homem adulto, mas do homem forte, que está sempre em perigo, a lutar para salvar os mais “fracos”, no caso mulheres e crianças.

Nessa perspectiva, lembro a presença do soldadinho de chumbo, que ao longo de sua trajetória sempre foi investido de aspectos físicos masculinos, portando atributos masculinos, como armas e peças que compõem vestuário de guerra — quepes, cintos, botinas, dentre outras —, que demarcam a presença de um modelo do gênero masculino.

Os atributos de força e virilidade do gênero masculino estão presentes não só nos objetos que acompanham o boneco, mas também na embalagem com representações de cenários de luta e perigo e nas peças informativas, que indicam possibilidades de participar daquela realidade com a aquisição daquele produto. O boneco, então, será o equipamento simbólico de luta, de força e superioridade nas práticas lúdicas do menino, realizadas solitariamente ou em companhia de outras crianças.

A partir do universo lúdico da infância de um determinado o grupo social, é possível o entendimento dos vários aspectos sócio-culturais desse grupo, visto que o brinquedo e a brincadeira participam das práticas lúdicas como suportes modeladores do mundo adulto. A esse respeito Barbuy afirma:

Entre muitos recortes que se podem fazer sobre o brinquedo enquanto modelo, está aquele que o examina como vetor de modelização do trabalho. Pelo brinquedo, muito se “ensinou” a meninas e meninos sobre sua função na sociedade. Quais as atividades, quais os trabalhos “apropriados” para um e para outro sexo.³⁷

Os adultos, sejam eles fabricantes, pais, professores/preceptoras ou familiares, estão sempre a levar para o universo lúdico os modelos do mundo adulto que desejam introjetados na personalidade da criança. Assim, verifico quanto o suporte lúdico é utilizado para modelar o sujeito gênero. O universo lúdico, portanto, não é um mundo isolado, mas está inserido na dinâmica da realidade social na qual a criança está inserida. Dessa forma, os suportes lúdicos acompanham o movimento dos processos socioculturais, como a moda e a economia entre outros.

³⁷ BARBUY, 2000, p. 51.

A boneca faz parte de um sistema de produção e ao longo do tempo vem incorporando novas tecnologias e dinâmicas econômicas, envolvendo não só o processo de produção, mas, sobretudo, os mercados distribuidores e consumidores. O mercado de brinquedos é uma fatia importante do mercado, pois gera divisas para o país exportador, concretiza novos contatos, como também contribui para a formação de um determinado padrão comportamental.

A atividade lúdica é também responsável pela constituição do sujeito. É na dialética desse universo aparentemente ingênuo e singelo que se desenvolvem práticas formadoras da personalidade do futuro adulto. A menina, experienciando seu papel de futura mulher, principalmente ao brincar de mamãe e professora; da mesma forma acontece com os meninos, que, brincando, aprendem a desempenhar os papéis de futuros homens.

Os brinquedos, enquanto materialidade concreta desse universo (o lúdico) são, na maior parte dos casos, os primeiros símbolos culturais com os quais o ser humano toma contato. Por meio deles, vai interagindo com o mundo dito real e, assim, pode construir, dentre outros aspectos do comportamento, sua personalidade, moldando seu “papel”, incorporando funções.

É por meio dos brinquedos que pode dar-se o contato com a fantasia, o imaginário e o imaginado. Aqui há um paradoxo: os brinquedos colocam o indivíduo em formação no ato profundo da socialização, mas, simultaneamente, proporcionam-lhe o espaço da construção do fantástico, franqueando um espaço para a expressão do espírito criativo e, mesmo, fantasioso.

Foi seguindo esse caminho de buscar evidenciar as várias crianças brasileiras do oitocentos em seu *locus* de atuação, seu universo lúdico, que delinee este estudo com a composição de quatro capítulos, a saber: o primeiro intitulado *Descortinando o Universo Lúdico da Criança*, apresenta um quadro panorâmico de autores brasileiros e estrangeiros que tratam do universo da infância. Ressalto que, embora a bibliografia estudada tenha sido bastante extensa, não pretendi aqui relacionar todas as obras, visto que estas estarão presentes como lastro teórico ao longo dos demais capítulos. Compreendo que os meios materiais utilizados pela criança são os “suportes lúdicos” e brinquedos e brincadeiras são recursos com os quais ela produz a “cultura lúdica” que as fazem relacionar-se com o mundo do adulto. Apresentarei neste capítulo autores das áreas de Psicologia, Educação, Antropologia e História, de modo a construir um painel descritivo e conceitual do que vem a ser o “universo lúdico” da criança.

No Capítulo 2, *O Sujeito Brincante do Século XIX no Brasil*, apresento a criança no decorrer do século XIX no Brasil, a partir dos textos biográficos e autobiográficos de cinco escritores que vivenciaram sua infância na segunda metade deste século. Nestas obras foi possível identificar a criança como *sujeito da história*, produtor de cultura, e nela interferindo em seu universo lúdico.

No Capítulo 3, *Mercado de Sonhos e Fantasias: a Comercialização de Brinquedos no Século XIX*, trabalho com o comércio de brinquedos. O brinquedo, embora não seja muito citado, teve seu mercado. Essa abordagem visa traçar o percurso do brinquedo no Brasil, principalmente o importado. O foco é retirar este suporte do anonimato ou de uma aparente marginalidade, por meio da pesquisa com os inventários, anúncios comerciais, listas de compras, notas fiscais que indicam, justamente, uma direção contrária, demonstrando a presença dos brinquedos no cotidiano da infância brasileira, caracterizando um consumo marcado pela diversificação. O estudo dos aspectos constitutivos de brinquedos é informativo não só da dimensão material dos suportes lúdicos, como também dos percursos de fabricação, distribuição e consumo. Um estudo que pode apontar o perfil desse consumidor e sua instância de circulação social.

No Capítulo 4, *O Lugar da Criança no Século XIX: uma Revelação pelo Brinquedo e Brincadeira*, uma vez demonstrado o eixo teórico da pesquisa, com os conceitos e definições sobre os elementos do universo lúdico, o “sujeito brincante” no panorama social do Brasil oitocentista, o mercado e a comercialização de brinquedos nesse mesmo período, terei condições de identificar com maior precisão o lugar da criança no século XIX.

A conclusão sistematiza os pontos que foram considerados mais significativos na discussão do meu objeto.



**DESCORTINANDO O UNIVERSO
DA CRIANÇA: A INFÂNCIA E O LÚDICO**

Nosso objetivo neste capítulo é apresentar uma revisão da literatura produzida por autores que desenvolveram trabalhos de pesquisa sobre a criança e aspectos de seu universo que serviram como referência não apenas pelas informações que apresentam, como também para evidenciar as lacunas ainda existentes. A maior parte dos estudos relativos à criança no XIX volta-se para as questões de educação, ou melhor, da criança como um ser a ser modelado, tal como um bloco de argila, de acordo com os interesses dos adultos e das regras sociais.

Para compreender e revelar parte do universo lúdico da criança no século XIX, mais especificamente na Bahia, foi necessário, em primeiro lugar, ultrapassar o exposto nas fontes textuais, que a colocavam como um peso, ou até mesmo um ser “menor”. A abordagem mais geral que lhe é dada privilegia a perspectiva do cuidado do adulto com a criança, numa conjuntura social que envolve o paternalismo e o assistencialismo.

Uma incursão pelos autores que tratam do assunto reforça essa visão, em parte explicada pela idéia de educação que vê a criança como um ser moldável e determinado por sua própria condição biológica; do “ser criança” como uma figura passiva até atingir a fase adulta.

Sonia Kramer descreve essa perspectiva como uma *negação de sua humanidade* para uma criança tida como *filhote de homem* a ser realmente moldado “[...] até um dia em que, adulta, deixasse de ser criança.”¹ Tal é o ângulo de autores que tratam da história, da revisão dos processos educativos ou da formação pelo foco da Educação ou da Psicologia.

Um outro viés da abordagem sobre a criança prioriza sua história. Ele teve maior impulso com a publicação, em 1960, da *História da Infância no Antigo Regime*, de Philippe Áries,² que propunha, naquele momento, um lugar para a criança na sociedade. A obra desse historiador francês, com seus estudos sobre a vida privada e as investigações sobre a história social da família, na qual aflora a condição histórico-social da criança, firma um marco de diferenciação. Este estudo impulsionou uma mudança na concepção de infância, ao inserir a criança em um contexto de transformações na organização da sociedade, nas relações de trabalho e nas atividades realizadas, facilitando compreendê-la segundo a perspectiva histórica.³

¹ KRAMER, Sonia. Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Orgs.). *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Campinas, SP: Papirus, 1996. p. 16.

² ARIËS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

³ KRAMER, 1996.

1. HISTORIOGRAFIA DA INFÂNCIA E DA CRIANÇA NO BRASIL

No Brasil, os primeiros estudos sobre a infância datam do século XX. A partir de 1970, eles são impulsionados pela emergente problemática da criança abandonada no país, quando se constata que muitos problemas não são novos nem menos frequentes no tempo pretérito. Dentre seus objetos de estudo, destacam-se o abandono, o infanticídio, além da demografia histórica, da história da educação e das políticas públicas destinadas à infância. Faz parte dessa abordagem a roda dos expostos, os asilos de órfãos, as escolas para pobres e vagabundos.

A criança, no Brasil, torna-se um ser reconhecidamente social e passa a ter seu mundo respeitado, quando são internalizadas idéias fomentadas em nações européias no século XIX; ou seja, a onda civilizatória que chega ao país expande-se pelos diversos setores da sociedade e influi, inclusive, na valorização da infância. Assim, historiadores, viajantes, cronistas e artistas, estes últimos representados principalmente por Debret e Rugendas, que se preocupam em registrar o cotidiano do Brasil, também revelam o universo da infância.

Estudos dessa natureza foram iniciados no Brasil pela pesquisadora Maria Luiza Marcílio, que fundou, em 1984, o Centro de Estudos de Demografia Histórica para América Latina (CEDHAL/USP), permanecendo em sua coordenação até 1994. Com esse núcleo, pesquisadores como Mary Del Priore, Carlos Monarcha, César Freitas, dentre outros, têm sua formação pautada nas questões relativas à infância, com vistas à construção da historiografia da infância brasileira. Esses estudos foram divulgados em 1991, com a publicação da obra *História da Criança no Brasil*, organizado por Mary Del Priore,⁴ contando com a colaboração de pesquisadores que discutem, em seus artigos, questões como a discriminação, o abuso, o abandono, a escravidão e o mundo do trabalho da criança.

Em 1997, reunindo outro grupo de pesquisadores, Marcos Cezar de Freitas,⁵ organiza a *História Social da Infância no Brasil*, na qual, além das questões relacionadas com a Educação — temática bastante recorrente —, retoma problemas como a proteção e o abandono, além das imagens de infância presentes em diversas fontes históricas.

Com relação aos aspectos histórico-culturais da infância, Antonio Marcos Chaves,⁶ Carlos Monarcha,⁷ Florestan Fernandes,⁸ Katia M. de Queirós Mattoso,⁹ Maria Luiza Marcílio,¹⁰ Marcos

⁴ PRIORE, Mary del (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.

⁵ FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2001.

⁶ CHAVES, Antonio Marcos. *Crianças abandonadas ou desprotegidas?* 1998. 180 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

⁷ MONARCHA, Carlos. *Educação da infância brasileira 1875-1983*. São Paulo: Autores Associados/FAPESP, 2001.

Cezar de Freitas,¹¹ Tisuko Morchida Kishimoto,¹² Sonia Kramer,¹³ entre outros, abordam questões relacionadas ao papel e ao lugar da criança em diversos contextos da sociedade brasileira.

Para Antonio Marcos Chaves,¹⁴ a criança passa a ser reconhecida e identificada quando ocorre uma “mudança de sentimento” sobre a infância, num processo iniciado no século XVIII, chegando ao XIX mais constituído e firme. A criança passa a ser reconhecida como diferente do adulto, com suas especificidades, requerendo atenção também diferenciada. Nesse momento, para a Educação, o foco passa para o desenvolvimento da criança, preterindo-se o modelo adulto-criança que a submetia.

As formas de relação entre criança e adulto passam a ser vistas como algo determinado socialmente e não somente uma questão natural, inata.¹⁵ Além de objetivar compreender a condição histórica da criança abandonada, Antonio Marcos Chaves faz também uma retrospectiva histórica dos conceitos de criança em si, das várias formas de abandono que sofre a criança desde o período colonial até o século XX, além de explicitar como a sociedade do período por ele estudado entende e direciona os “cuidados” com a criança.

Ao realizar uma pesquisa em instituições estrangeiras, mas, principalmente, nos arquivos da Casa Pia e dos Órfãos de São Joaquim, Antonio Marcos Chaves¹⁶ analisa a condição ou as condições por que passou a criança brasileira do período que compreende o início da colonização até os finais do século XIX. Sua tese de doutoramento é importante para nosso trabalho, principalmente, para ajudar-nos a entender os espaços ocupados pela criança brasileira e como esta demarcava-os, orientando também nossa tentativa de delinear seu perfil com base em suas práticas lúdicas.

No Capítulo V, o pesquisador apresenta uma síntese histórica da criança brasileira, explicitando como as instituições percebem as diversas crianças, os vários aspectos de suas vidas, inclusive traçando um quadro em que não só podemos analisar cada grupo infantil, mas também outras questões que nos inquietam como gênero e raça. Essa abordagem permite-nos explicitar o universo da infância amplo e não de forma homogênea como é costume.

⁸ FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1961.

⁹ MATTOSO, Katia de Queirós. *Família e sociedade na Bahia do século XIX*. São Paulo: Currupio; Brasília: CNPq., 1988; MATTOSO, Kátia de Queirós. O filho da Escrava. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1992. p. 50-75.

¹⁰ MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998.

¹¹ FREITAS, 2001.

¹² KISHIMOTO, 1993.

¹³ KRAMER, 1996.

¹⁴ CHAVES, op. cit.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Ibid.

A edição, em 2000, da obra *História das Crianças no Brasil*, também organizada por Mary Del Priore,¹⁷ traz novas temáticas ligadas à infância, quando agrupa artigos de estudiosos que vêem o mundo da criança brasileira sob diferentes perspectivas, a exemplo do capítulo *Brincando na História*, de Raquel Zumbano Altman,¹⁸ que constrói uma historiografia do brinquedo, comenta o intercâmbio no brincar, aponta alguns brinquedos entre os índios e cita outros que chegam ao Brasil, vindos do exterior. Seu objetivo é apresentar “[...] para além do lado escuro”, ou a “[...] história da criança simplesmente criança [...]”.¹⁹

Esses textos revelam-nos aspectos da vida da criança e também indicam os caminhos que trilharam ao longo da história brasileira, como foi, por exemplo, para as meninas e os meninos órfãos portugueses que vieram de Portugal com os primeiros colonizadores, ou as crianças ainda bem pequenas destinadas à escravidão no Novo Continente e aquelas que serviram como grumetes e mais tarde as que foram para a linha de frente da artilharia, defender a pátria na Guerra do Paraguai.

A obra *Os Intelectuais na História da Infância*, editada em 2002, organizada por Marcos Cezar de Freitas e Moysés Kuhlman Jr.,²⁰ reúne quinze textos de autores brasileiros e estrangeiros, entre eles alguns estudiosos portugueses como Rogério Fernandes, que tem um longo percurso como pesquisador da educação e da infância. A obra trata de vários aspectos da infância e amplia a possibilidade de descortinamento de pontos ainda bastante nebulosos acerca do mundo da criança, a exemplo do número de concepções e definições sobre a criança e a infância e seu universo.

Esses autores buscam preencher lacunas ainda existentes na historiografia dessa faixa etária do ser humano. Para isso, direcionam seus estudos para a criança circunscrita num dado contexto, priorizando distintos aspectos, na tentativa de compor um quadro de imagens da infância na história. Assim o faz Marcos César Freitas,²¹ em seu artigo intitulado *Da Idéia de Estudar a Criança no Pensamento Social Brasileiro*, estuda os trabalhos de Manuel Bonfim, autor que se preocupa com a criança no processo de escolarização infantil e já no início do século XX inscreve a criança como protagonista do processo social, juntamente com o povo, e não como uma massa

¹⁷ PRIORE, Mary del (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000a.

¹⁸ ALTMAN, Raquel Zumbano. *Brincando na História*. In: PRIORE, Mary del. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 230-272.

¹⁹ PRIORE, Mary del. Apresentação. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000b. p. 8-17. p. 14.

²⁰ FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMAN JR., Moysés (Orgs.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

²¹ FREITAS, Marcos Cezar de. Da idéia de estudar a criança no pensamento social brasileiro: a contraface de um paradigma. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMAN JR., Moysés (Orgs.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 345-372.

a ser modelada. Nesta obra, é analisado o pensamento social acerca da escolarização infantil e onde a criança está ou se situa no processo educativo social.

Um outro estudo, *Educação da Infância Brasileira 1875-1983*, compõe a obra organizada por Carlos Monarcha.²² Ele nos traz, por meio de uma discussão a respeito da educação da infância, elementos elucidativos sobre questões ainda pouco exploradas. Dessa forma, esses textos contribuem para que o universo da criança seja analisado numa perspectiva histórica, principalmente porque a investigação realizada pelos autores concentra-se no último quartel do século XIX, período que interessa a nosso estudo. Embora o conjunto da obra esteja circunscrito às experiências educacionais desse período, nos dá indícios da situação da criança brasileira nesse processo.

Várias são as situações vivenciadas pelas crianças brasileiras nas instituições escolares, submetidas a castigos e maus tratos. Com freqüência, o problema do preconceito foi discutido, como no texto de Zeila de Brito Fabri Demartini²³ *Crianças como Agentes do Processo de Alfabetização no Final do Século XIX e Início do XX*. Nesse artigo, a autora descreve as várias crianças que transitavam nos diversos espaços brasileiros, o que corrobora a idéia de que não há uma infância única e homogênea. A esse respeito ela comenta:

Para falar da história da infância é preciso, portanto, considerar que a esta sociedade, já extremamente estratificada no século XIX, vieram juntar-se outros grupos, também com suas hierarquizações internas. Não se pode, pois, falar de uma infância genérica. As infâncias foram muitas: as das crianças ricas, filhas de fazendeiros; as das crianças filhas de funcionários, profissionais liberais, comerciantes das cidades; as das crianças filhas de pequenos produtores rurais: os caipiras, caboclos, sitiantes etc. Origens diversas, experiências distintas, histórias que remetem a questões também diferentes, especialmente no tocante à educação.²⁴

Assim, a autora reforça o entendimento de que, para se estudar e/ou analisar o mundo vivenciado pela criança faz-se necessário entender qual a criança e qual infância é a referência. Sem essa orientação, não se consegue ir além do delineamento de um quadro panorâmico de uma infância homogeneizada.

Tizuko Morchida Kishimoto²⁵ faz um resumo histórico a respeito da condição da criança e sua atividade lúdica desde os tempos antigos, focalizando-a, sobretudo, no cenário nacional. Para estudar os jogos tradicionais da infância no cenário brasileiro, a autora procurou na literatura — *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego —, em

²² MONARCHA, 2001.

²³ DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Crianças como agentes do processo de alfabetização no final do século XIX e início do XX. In: MONARCHA, Carlos (Org.). *Educação da infância brasileira 1875-1983*. São Paulo: Autores Associados/FAPESP, 2001. p.121-156.

²⁴ Ibid., p. 124.

²⁵ KISHIMOTO, 1993.

textos de folcloristas nacionais e em dados colhidos em crônicas de viajantes, historiadores e artistas registros que informavam como a criança brasileira se comportava nos engenhos de açúcar, no convívio com escravos e índios cativos. Este material permitiu-lhe entender como a sociedade de então percebia a criança e identificar as múltiplas raízes dos brinquedos e brincadeiras tradicionais presentes em nosso cotidiano lúdico.

De acordo com Tizuko Morchida Kishimoto, os jogos infantis tradicionais têm uma força que se explica pelo poder de se expressar pela oralidade e “[...] enquanto manifestação espontânea da cultura popular, os jogos tradicionais têm a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver formas de convivência social”.²⁶ Para essa autora, a brincadeira tem um importante papel:

[...] propiciam a socialização, na medida em que permitem a apropriação da cultura infantil necessária para que cada um possa se incorporar a um determinado segmento social. A apropriação da cultura é o mecanismo pelo qual a criança seleciona elementos desta cultura, de imagens traduzindo o universo ambiental.²⁷

Nessa mesma linha de raciocínio, Florestan Fernandes²⁸ evidencia a importância do folclore, porque há nele aprendizado para todos os indivíduos, sejam eles adultos ou crianças, porque há permanência das tradições culturais sem, contudo, haver cristalização de seus elementos, num fenômeno de inércia cultural. O autor faz referência ao papel educativo desempenhado pelos *brinquedos cantados*.²⁹

Pelo jogo e pela recreação, a criança se prepara para a vida, amadurece para tornar-se um adulto em seu meio social [...] aprende a agir como “ser social”: a cooperar, a competir com seus iguais, a se submeter e a valorizar as regras sociais existentes na herança cultural, a importância da liderança e da identificação com centros de interesse suprapessoais etc. [...] introjeta em sua pessoa técnicas, conhecimentos e valores que se acham objetivados culturalmente.³⁰

A brincadeira e os folguedos, portanto, possibilitam à criança assimilar elementos próprios do meio em que vive, contribuindo para a construção da cultura lúdica, de culturas da infância com especificidades relativas ao contexto em que esteja inserida, além de participar da produção da cultura geral, como veículo para permanências e mudanças dos elementos que a compõem.

A obra *O Brincar e suas Teorias*, organizada por Tizuko Morchida Kishimoto,³¹ é composta de oito artigos, nos quais os autores trabalham a concepção do *brincar* nas seguintes áreas do

²⁶ Ibid., p. 15.

²⁷ Ibid., p. 56.

²⁸ FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

²⁹ Segundo o autor, atividades lúdicas cantadas, como por exemplo, brincadeira de “brincar de roda”.

³⁰ FERNANDES, 2003, p. 66-67.

³¹ KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 1998a.

conhecimento: sociocultural, filosófica e psicológica. A perspectiva desses autores acerca dos elementos que compõem o universo lúdico reforça nossa argumentação de que a criança se situa em seu mundo e no mundo do adulto por meio da realização de suas práticas lúdicas. Artigos como o de Gilles Brougère³² contribuem para ampliar nossa reflexão sobre a cultura lúdica, mostrando-nos como esta se forma e se diferencia da cultura geral, bem como o processo de mudança e permanência de elementos das tradições.

Tizuko Morchida Kishimoto,³³ no artigo *Froebel e a Concepção de Jogo Infantil*, traz um outro ponto: a valorização da natureza livre infantil traçada por Froebel, constatando a importância do brincar enquanto fio condutor da pedagogia educativa para o desenvolvimento intelectual da criança, cujas discussões elucidam questões que serão analisadas no decorrer deste trabalho.

Dessa forma, esses pesquisadores foram descortinando um outro papel da criança como ser histórico-social e produtor de cultura. No entanto, nesse quadro, os jogos e as brincadeiras são vistos como elementos educativos de formação ou como meio de entender o desenvolvimento e o comportamento da criança no enfoque psicológico. Como se observa nesse *corpus* documental, os estudos voltados para a história da infância não tratam os elementos do universo lúdico, jogo, brinquedos e brincadeiras como *lugar das relações sociais da criança* que é o ponto de concentração desta pesquisa.

2. SUPORTES LÚDICOS

Neste ponto, instaura-se o objeto desta investigação, que pretende identificar certas particularidades do universo lúdico, para revelar facetas ainda pouco estudadas da historiografia da infância e da criança no século XIX. Pretendemos, pois, apresentar os meios por ela utilizados, que denominamos suportes lúdicos.

Entendemos que a noção de *suportes lúdicos*³⁴ é mais ampla do que a de brinquedos, englobando vários elementos que se prestam às brincadeiras, mas não necessariamente o artefato construído para este fim. Da mesma forma, *cultura lúdica*, também mais ampla, possibilita

³² BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 1998. p.19-32.

³³ KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Froebel e a concepção de jogo infantil. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O brincar e suas teorias*. São Paulo Pioneira, 1998b. p. 57-78.

³⁴ As noções de ser brincante, ação lúdica, suporte lúdico e ludicidade foram desenvolvidas em minha dissertação de Mestrado: TEIXEIRA, Maria das Graças de Souza. *Ciranda, bola, boneca, pipa, pião... do chão da Ribeira ao mundo virtual*. 1999. 206 f. Dissertação (Mestrado em Belas Artes) – Escola de Belas Artes Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

contextualizar essa produção e movimentação da criança como algo cheio de motivos para inseri-la na cultura da qual necessariamente faz parte.

Compreendemos que o caminho de identificação dos objetos materiais, as modalidades do brincar e do jogar, permeados de aspectos simbólicos, se ao mesmo tempo lhes dá força e vitalidade, podem explicar também a trama das relações que formam o tecido social no qual essa criança está inserida como elemento compartilhador e participante. Esse é o mote do qual nos servimos para captar a criança como *sujeito da história* que produz cultura e nela interfere; o terreno que palmilhamos é a criança circunscrita no universo lúdico.

Para descortinar o universo lúdico, faz-se necessário, em primeiro lugar, compreendê-lo em alguns de seus componentes, por exemplo, o brinquedo. A Psicologia trata o brinquedo como elemento formador da personalidade. Já na Educação, ele é visto para fins psicológicos. Essas duas perspectivas possibilitam também estabelecer associações entre a importância do brinquedo e, por extensão, da atividade lúdica na construção do gênero no sujeito.

Os autores aqui trabalhados tratam do tema nessas perspectivas, de modo a construir um quadro dos usos e funções do brinquedo, do jogo e da brincadeira na formação do indivíduo *criança*, para desenhar o perfil do *sujeito brincante* no Brasil do século XIX, em particular na Bahia.

Na esfera da Psicologia, o jogo, segundo Jean Chateau,³⁵ em *O Jogo e a Criança*, além de ser o veículo que possibilita o desenvolvimento motor, físico e afetivo, também auxilia a criança em sua relação com o meio ambiente e social, o que nos leva a aspectos da sociabilidade infantil. Para esse autor, é por meio do jogo que a criança vai modelando seu ser, conquistando espaços, conhecendo o mundo, aprendendo a lidar com as adversidades e desenvolvendo sua autonomia. Ele situa, no plano da autonomia a questão da seriedade existente no desenvolvimento do jogo na esfera da infância.

No momento da prática lúdica ocorre um distanciamento de tal forma, como se o ser brincante cobrisse o universo real com um véu para melhor seccioná-lo. Isto o faz sentir-se à vontade para, na medida em que secciona esse real, dar *ânima* e novas significações aos objetos.

No espaço do jogo tudo é possível dentro das regras estabelecidas pelo *sujeito brincante*. O que não significa que exista uma alienação do real. Essa atitude é um afastamento do real para uma realidade imaginária. No processo desse distanciamento, a criança percebe uma condição favorável para o desenvolvimento do ato criador.

É nessa linha de raciocínio que Jean Chateau³⁶ verifica a seriedade do jogo infantil, característica que muitos adultos desconhecem, por entenderem que o tempo despendido para a brincadeira é ocioso. Contudo, é pelo jogo e sua prática que a criança aprende melhor a se

³⁵ CHATEAU, Jean. *O jogo e a criança*. Tradução de Guido de Almeida. São Paulo: Summus, 1987.

³⁶ CHATEAU, 1987.

posicionar no mundo pela abstração do real, o que não significa, como dissemos, uma atitude de alienação. Esse distanciamento no desenvolvimento da ação lúdica não é aleatório; é regido por regras pré-estabelecidas para cada atividade, o que demonstra a presença constante da seriedade.

No domínio do jogo tudo é possível dentro das regras estabelecidas pelos brincantes. No desenvolvimento da atividade lúdica, a criança se expressa e conforma o mundo real pelo delineamento realizado durante a abstração na ludicidade. É assim que ela transforma um objeto comum em suporte lúdico; um suporte da imaginação. A esse respeito esse autor explicita:

[...] quando a criança usa auxiliares de jogo, deve, também ela, obedecer-lhes constantemente. Sem dúvida, acontece que o objeto desempenha apenas um papel de suporte da imaginação, apenas um gancho onde prender os sonhos: a natureza da boneca importa menos do que as intenções da criança que a embala e alimenta.³⁷

No desempenho da imaginação, os diversos suportes lúdicos vão sendo submetidos, no ambiente do jogo, a uma ordem própria cheia de regras a serem seguidas por meio de repetições e representações, contribuindo para o desenvolvimento de atividades auxiliares na modulação do comportamento do ser brincante. A repetição e a representação servem à criança como meios para uma reflexão sobre si.³⁸ Assim, a ação lúdica é também de construção; é uma realização. O que importa para a criança não é a obra realizada, mas seu desenvolvimento; o exercício da brincadeira para a sua vitalidade. Não menos importante para sua atuação no convívio social é o conjunto de regras que afloram nas práticas lúdicas.

As regras indicam e moldam gestos e comportamentos coordenados com ritmo e harmonia, o que leva Jean Chateau³⁹ a identificar uma outra característica de igual peso: a formalidade. No desenvolvimento da prática lúdica há, portanto, uma conjunção formal e formadora entre a criança e o suporte lúdico — brinquedos — que abarca inclusive o próprio corpo. Não se pode deixar de reforçar que é a criança, como *sujeito brincante*, com sua imaginação, a responsável pela significação ou novas significações.

Ainda nessa obra, Jean Chateau⁴⁰ desenvolve uma tipologia de jogos que não cabe aqui descrever. Ressaltamos, contudo, que a identificação da origem desses jogos em relação à cultura geral permitiu-lhe verificar a existência de regras distintas para jogos praticados por meninas e meninos.⁴¹

³⁷ Ibid., p. 73.

³⁸ Ibid.

³⁹ CHATEAU, 1987.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ As questões relativas à discussão de gênero estão presentes na Introdução e no Capítulo 4 desta tese.

Johan Huizinga em *Homo Ludens*,⁴² categoria por ele criada, também apresenta certas características do jogo, da mesma forma que Jean Chateau, identificando sua presença na vida humana. Na análise de Johan Huizinga, o jogo, está além da condição psico-biológica do homem, porque é uma função significativa, encerrando em si um determinado sentido. O jogo está presente em todas as formas de organização, significação e função sociais, compreendendo-o como fator “cultural da vida”: é algo dado e existente.⁴³ Para ele, o papel do jogo é tão fundamental, ou tão inerente à vida, que ele opta por não conceituá-lo, mas apresentar suas principais características.

Em sua concepção, embora esteja presente em toda parte, o jogo é uma ação distinta da vida comum, pois é uma representação da realidade, desenvolve-se a partir da imaginação e baseia-se em mecanismos de manipulação de certas imagens na transformação dessa mesma realidade. Em seu entender, todas as atividades arquetípicas da vida humana estão por ele marcadas. Ele vai em busca da compreensão do valor e do significado das imagens no jogo como “fator cultural da vida”. Afirma que no mito e no culto estão as origens das “[...] grandes forças instintivas da vida civilizada: o direito e a ordem, o comércio e o lucro, a indústria e a arte, a poesia, a sabedoria e a ciência. Todas têm as raízes no solo primevo do jogo.”⁴⁴

São características do jogo: atividade voluntária, livre, desinteressada, temporária — um intervalo na vida — e de isolamento. Caso a prática lúdica fique sujeita às ordens, deixa de ser jogo. A prática lúdica é livre porque não há uma obrigatoriedade para que ela se realize; não visa recompensas e é uma prática de isolamento, pois se confina dentro de “[...] certos limites de tempo e de espaço. Possui um caminho e um sentido próprios.”⁴⁵

No desenvolvimento do jogo, na brincadeira praticada, há dinâmica, movimento, mudança, alternância, sucessão, associação, separação, processo em que ocorre criação e recriação; não há uma cópia. Essa é a argumentação do autor para considerá-lo um fenômeno cultural. Embora o jogo possa ser o mesmo, a experiência é sempre nova e é percebida como “[...] uma criação nova do espírito, um tesouro a ser conservado pela memória. É transmitido, torna-se tradição.”⁴⁶

Além disso, Johan Huizinga chama a atenção para o fato de que a cultura, no sentido mais abrangente, desenvolve-se dentro de um contexto lúdico. A esse respeito afirma:

⁴² HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. O jogo como elemento da cultura. Tradução de Paulo Monteiro. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. (Estudos: Filosofia, 4).

⁴³ Ibid.

⁴⁴ HUIZINGA, 1993, p. 7.

⁴⁵ Ibid., p. 12.

⁴⁶ Ibid., p. 13.

[...] o ponto de partida deve ser a concepção de um sentido lúdico de natureza quase infantil, exprimindo-se em muitas e variadas formas de jogo, algumas delas sérias e outras de caráter mais ligeiro, mas todas elas profundamente enraizadas no ritual e dotadas de uma capacidade criadora de cultura, devido ao fato de permitirem que se desenvolvessem em toda a sua plenitude as necessidades humanas inatas de ritmo, harmonia, mudança, alternância, contraste, clímax, etc.⁴⁷

Nesse contexto de significativas formas lúdicas, os elementos da cultura formulam suas expressões sedimentando a tradição alimentada pela cultura lúdica. Tais caracteres permitem-nos estabelecer a relação entre a cultura lúdica e a cultura geral, em que uma alimenta a outra, denotando, para muitos, um processo de repetição e não de criação e recriação propriamente ditas.

Como outros autores, a exemplo de Jean Chateau⁴⁸ e Walter Benjamin,⁴⁹ Johan Huizinga⁵⁰ também percebe no jogo certas qualidades como repetição e alternância, ritmo e harmonia, ordem, limitação ou delimitação de espaço. Ressalta a importância do espaço, no que podemos descrever como dimensão material e dimensão simbólica. Ainda que delimitado por um simples círculo, a circunscrição do espaço para o jogo muito representa, da mesma forma que o tempo despendido é “sagrado”, embora efêmero. Importa também perceber que se o jogo se desenvolve numa atmosfera de seriedade e de formalidade não há espaço para desrespeito às regras. No momento da prática lúdica, aquele que assim o fizer será identificado com o que comete a fraude, um infrator, será eliminado pelos companheiros e chamado de “desmancha prazeres”, ou seja, o que macula o mundo mágico. Ele ainda é visto como covarde e precisa ser expulso. Esse indivíduo priva o jogo da magia e fantasia, ao violentar a atmosfera de seriedade. Sobre isso Johan Huizinga⁵¹ argumenta: “[...] a criança joga e brinca dentro da mais perfeita seriedade, que a justo título podemos considerar sagrado. Mas sabe perfeitamente que o que está fazendo é um jogo.”

Podemos inferir que a *prática lúdica* é realizada numa atmosfera tal, como se o resto do mundo não importasse. A supressão dessa outra realidade é manifestada de forma significativa no mundo infantil. Representar, nesse contexto, é mostrar, exhibir. O momento da representação não é falso, mas de imaginação e de seriedade.

Numa outra perspectiva Daniil B. Elkonin⁵² discute o jogo como representação das atividades laborais dos adultos. Em *Psicologia do Jogo*, aborda estudos da Escola Soviética, priorizando a obra de Lev Vigotski. Nesta obra, o autor apresenta os jogos tradicionais, além de

⁴⁷ Ibid., p. 85.

⁴⁸ CHATEAU, 1987.

⁴⁹ BENJAMIN, 1984.

⁵⁰ HUIZINGA, op. cit.

⁵¹ HUIZINGA, 1993, p. 21.

⁵² ELKONIN, Daniil B. *Psicologia do Jogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

expor procedimentos sobre a invenção de um jogo. O objeto central desta obra é a forma da atividade lúdica das crianças, seu desenvolvimento psíquico e suas relações com o adulto e seu mundo.

Ele apresenta as dificuldades que encontrou durante sua pesquisa para elaborar uma descrição do jogo aplicável a todos os fenômenos tidos como lúdicos. Em sua opinião, a grande maioria das publicações na área da psicologia e de trabalhos experimentais de outras áreas são relatos de experiências empíricas e não formulações teóricas mais consistentes. Foram as descrições etnográficas que o ajudaram a compreender aspectos essenciais que lhe deram subsídios para estabelecer uma relação entre o jogo e a cultura e também compreendê-lo como elemento da cultura.

Nessa perspectiva, o jogo deixa de ser “coisa menor”, superficial, da infância e do mundo da criança, tal como compreendido por autores do século XIX, como F. Schiller, Heriberto Spencer e Wilhelm Wundt por ele citados. Ao realizar um levantamento dos trabalhos acerca do jogo, realizados por autores soviéticos, a exemplo de Petróvski,⁵³ apresenta um elenco de seu significado para diferentes povos, como gregos, judeus, romanos, germânicos, dentre outros.

Daniil Elkonin concebe o jogo como uma espécie de teatralização da criança — o *jogo protagonizado*⁵⁴ —, com base no universo do adulto. Os trabalhos na área da etnografia e da antropologia permitiram-no relacionar o surgimento do jogo com o momento em que a divisão social do trabalho afasta a criança do processo de produção.

Para elucidar sua teoria do *jogo protagonizado*, Daniil Elkonin⁵⁵ apresenta características próprias da criança em final da idade pré-escolar, quando de sua participação no jogo social, cooperativo, de reconstituição dos papéis e das interações dos adultos, desenvolvidos numa situação de ficção, o que, segundo ele, é condição essencial para o reconhecimento do lúdico.

No jogo, na brincadeira, a criança, ao adotar um determinado papel que não é seu, de criança real, passa a executar ações que vão estabelecer relações específicas em condições lúdicas peculiares. Assim, por exemplo, adota o papel de mãe na brincadeira de casinha, cuja situação fictícia Daniil Elkonin⁵⁶ denomina de unidade fundamental do jogo, pois, além de possibilitar a interpretação de variados papéis, contribui também para que, na brincadeira, novas significações sejam atribuídas aos objetos que são tomados como suportes lúdicos.

⁵³ Segundo Daniil Elkonin (1998, p. 11), Petróvski é autor da primeira descrição sistemática dos jogos infantis realizada em 1887, quando apresenta também o conceito de jogo para diversos povos.

⁵⁴ Segundo o apresentador da obra, o jogo protagonizado equivale ao jogo “[...] sócio dramático de Smilanki (1968) Feitelson (1978) ao ‘Jogo social’ de Eifferman (1971), ao ‘jogo de ficção de Garvey (1977) ou ao jogo simbólico desenvolvido por Piaget (1946).” (LINAZA, Josetxu. Prólogo da edição espanhola. In: ELKONIN, Daniil B. *Psicologia do Jogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. ix-xiv).

⁵⁵ ELKONIN, 1998.

⁵⁶ Ibid.

Ao contrário de K. Gros,⁵⁷ autor do começo do século XX, que afirmava ser o jogo mais um fenômeno biológico do que social, Daniil Elkonin⁵⁸ sublinha o social como sua base, da mesma forma que sua natureza e sua origem. O jogo, para ele, nasce das condições de vida da criança em sociedade. Por essa razão é que sua teoria — a do *jogo protagonizado* — realça a dimensão histórica e não os instintos e os impulsos da criança.

Na argumentação de Daniil Elkonin⁵⁹ entende-se *natureza social* inserida na *realidade circundante*, o que influencia significativamente no desenvolvimento do jogo, principalmente no jogo protagonizado. O contexto sócio-cultural em que se encontra a criança determina as temáticas empregadas no desenvolvimento do jogo, da brincadeira. Nessas temáticas, é comum encontrarmos a regularidade da reconstituição de aspectos da realidade como atividades de trabalho dos adultos, as relações entre eles, entre adultos e crianças e assim por diante. O conteúdo está permeado pelas relações sociais que dão os tons do tecido social. As condições concretas em que se encontra a criança lhe indicam o manancial para o desenvolvimento de suas práticas lúdicas.

Com esse entendimento, Daniil Elkonin⁶⁰ indica-nos que, na perspectiva da Psicologia, o jogo e a brincadeira permitem à criança empreender com maior liberdade uma incursão no mundo dos adultos. O *jogo protagonizado* mostra-nos que a criança integra-se e transita no mundo adulto por meio da atividade lúdica.

No entanto, há atividades de trabalho que podem parecer representação — jogo protagonizado —, mas não são. Ao “brincar” de descascar a mandioca, cortar cana ou fazer trançados com a palha do sisal, a criança está, *de fato*, numa atividade laboral e, por isso, Daniil Elkonin⁶¹ recorre aos exemplos apresentados por Margareth Mead.⁶² Podemos ampliar esses exemplos, rememorando fatos como o evidenciado por Venâncio,⁶³ das crianças alistadas para compor “o batalhão da esperança” na Guerra do Paraguai, em 1857, que não estavam brincando de soldados, da mesma forma que os pequenos mineiros ingleses que iam para as minas de carvão, ou mesmo nas fábricas no período proto-industrial.⁶⁴

⁵⁷ GROS, K. *La vida espiritual del niño*. Trad. do alemão. Kiev, 1916. Apud ELKONIN, Daniil B. *Psicologia do Jogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

⁵⁸ ELKONIN, *op. cit.*

⁵⁹ Ibid.

⁶⁰ ELKONIN, 1998.

⁶¹ Ibid.

⁶² MEAD, Margareth. *Growing up in New Guinea*. Londres: George Routledge, 1931. Apud ELKONIN, Daniil B. *Psicologia do jogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

⁶³ VENÂNCIO, Renato Pinto. Os aprendizes da guerra. In: DEL PRIORE, Mary. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p.193-209.

⁶⁴ ROLLET, Catherine. *Les enfants au XIX e. siècle*. La vie quotidienne Paris: Hachette Littératures, 2001.

As formas de produção de cada grupo social, portanto, interferem nas práticas lúdicas. Embora os instrumentos pareçam representações, nestas circunstâncias são reais ferramentas de trabalho em menor tamanho, a exemplo da faca, facão, tear, dentre outros.

De Daniil Elkonin também nos fica a compreensão do jogo como “[...] uma atividade em que se reconstruem, sem fins utilitários diretos, as *relações sociais*,”⁶⁵ ou seja, no espaço do jogo, a criança produz sua *cultura lúdica* que lhe capacita a participar ativamente da tessitura do social de seu mundo (“mundo da criança”) ou do mundo adulto.

O universo lúdico, portanto, vai além de instrumento de treinamento para a criança durante sua infância; a criança é sujeito que participa, produz e interfere na construção da cultura geral. Disto inferimos que a *cultura lúdica* possibilita não apenas inserções como também transformações na cultura geral, em razão da contribuição da criança em materializar o mundo de acordo com os valores do grupo em que está inserida.

A criança utiliza-se dos “destroços do cotidiano” e com eles constrói um mundo para si.⁶⁶ Poderíamos dizer que a matéria-prima para a *cultura lúdica* é retirada da cultura geral, reforçando nossa tese de que o brinquedo, e o próprio universo lúdico, não podem ser entendidos fora da história do *sujeito brincante* — seu lócus social.

Seguindo a própria trilha, Walter Benjamin⁶⁷ traça uma trajetória da história cultural dos brinquedos, indo desde os primórdios até sua época, meados do século XX. Além disso, o autor analisa a relação da criança e de seus brinquedos com a sociedade e com a classe à qual pertence; o uso que a criança faz do brinquedo; a utilização dos vários materiais e sua capacidade de criar e recriar um universo bem peculiar.

A capacidade de imaginar e fantasiar faz com que a criança estabeleça com seu instrumento lúdico relações as mais diversas possíveis. A criança é capaz de brincar mesmo que o brinquedo não esteja presente fisicamente, tudo podendo servir-lhe como instrumento lúdico. Esta versatilidade é muito bem analisada por Walter Benjamin:

[...] nada é mais adequado à criança do que irmanar em suas construções os materiais mais heterogêneos – pedras, plastilina, madeira, papel. Por outro lado ninguém é mais sóbrio com relação aos materiais que a criança: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúnem, na solidez e no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras.⁶⁸

O jogo e a brincadeira são resultantes de uma combinação de liberdade, limite e invenção, sendo estes componentes uma decorrência da condição de imaginar e fantasiar do sujeito lúdico.

⁶⁵ ELKONIN, op. cit., p. 19.

⁶⁶ TEIXEIRA, 1999, p. 22.

⁶⁷ BENJAMIN, 1995. p. 73-142.

⁶⁸ Idem, 1984. p. 17.

Esta condição faz com que o ser brincante utilize-se de seu instrumento lúdico das mais variadas formas, dando-lhe funções e significações diferenciadas.

Relativamente à inserção da criança e de seus brinquedos no mundo, Walter Benjamin afirma:

Se a criança não é nenhum Robinson Crusoe, assim também as crianças não se constituem nenhuma comunidade isolada, mas sim uma parte do povo e da classe de que provêm. Da mesma forma seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e especial; são, isso sim, um mudo diálogo simbólico entre ela e o povo [...]⁶⁹

Fundamentado nessas considerações é que o autor afirma que não seria possível chegar-se ao conceito do brinquedo se tentássemos explicá-lo unicamente pelo espírito das crianças. Desta forma, o “[...] universo lúdico e de magia não tem nada a ver com a romantização do mundo feita em nome dos contos de fadas pelos adultos.”⁷⁰

O autor em questão contrapõe-se à visão tradicional dos pedagogos quanto à função pedagógica do brinquedo, que os pretende didáticos, e a compreensão de que as atividades lúdicas das crianças, tais como transformações de materiais, são conseguidas pela condição mágica que a criança tem de imaginar e de fantasiar, criando e recriando com os mais variados materiais:

[...] as crianças são especialmente inclinadas a buscar todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se dê de maneira visível. Elas sentem-se atraídas pelos destroços que surgem da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nestes restos que sobram, elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e só para elas. Nestes restos, elas estão menos empenhadas em imitar as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma nova e incoerente relação. Com isso as crianças formam seu próprio mundo de coisas, mundo pequeno inserido num maior.⁷¹

Ao lançarmos um olhar sobre o universo dos brinquedos e das brincadeiras, podemos inferir que o objeto em si, em sua forma imagética, não é um determinante para essa ou aquela brincadeira. A fluidez da brincadeira está condicionada a um fator determinante: o repertório,⁷² que é essencial para a compreensão da relação entre o ser brincante e o brinquedo.

Walter Benjamin⁷³ trabalhou não só a história, mas também outros aspectos da ludicidade. Analisou o mundo adulto frente ao comportamento lúdico da criança, utilizando-se de suas próprias lembranças. Para o autor, o mundo da criança é um registro documental do modo pelo

⁶⁹ Ibid., p. 70.

⁷⁰ BENJAMIM, 1984, p. 15.

⁷¹ Ibid., p. 77.

⁷² Nesta tese, o conceito de repertório está apoiado em COELHO, 1997.

⁷³ BENJAMIM, 1995.

qual o adulto se coloca em relação a este. O autor verifica também como o adulto, em cada tempo e sociedade, esquematiza a infância dos filhos e tenta introjetar nestes toda uma concepção ideológica, ensinando-lhes hábitos, condutas e posturas para serem vivenciadas mais tarde.

Um outro ponto de igual importância, enfocado pelo autor, é o sentimento de magia do prazer lúdico, tão característico na criança que brinca. No entanto, para o ser brincante, a magia do prazer reside justamente na condição de experimentar o novo naquilo aparentemente já explorado repetidas vezes. Walter Benjamin⁷⁴ nos faz compreender que o mundo infanto-juvenil vivenciado pelas crianças e adolescentes é um universo próprio, constituído de pureza, ingenuidade, mas também de agressividade, resistência, domínio, perversidade, não sendo uma mera representação miniaturizada do mundo adulto. “Este universo lúdico e de magia não tem nada a ver com a romantização do mundo feita em nome dos contos de fadas pelos adultos [...] não é idílico, é belo e cruel.”⁷⁵

Ao tentar estabelecer um diálogo entre os autores referidos, aproximando suas reflexões de nosso objeto de estudo, podemos considerar que suas idéias reforçam nossa argumentação sobre a seriedade e importância do universo lúdico.

Stephen Naschmanovitch⁷⁶ destaca que a ação lúdica poderá ser melhor representada pela palavra *lila*, pertencente ao vocabulário sânscrito, que significa “jogo”, “brincadeira”. Sendo mais rica e completa, significa a “[...] brincadeira divina, o jogo da criação, destruição e recriação, o dobrar e desdobrar dos cosmos. *Lila*, profunda liberdade e, ao mesmo tempo, a delícia e o prazer do momento presente e a brincadeira de Deus.”⁷⁷

A ação lúdica, portanto, desenvolve-se dentro de um universo onde seja estabelecida a liberdade, e essa é condição *sine qua non* para que a criatividade se estabeleça e se realize. Nesse universo, também está presente o prazer de desvendar o que está oculto no recôndito do ser humano e, em relação à criança, essa liberdade é quase epidérmica, dada a sua facilidade de lidar com a criatividade, considerando que esta é inerente ao universo infantil, pela condição de autonomia que a criança toma para si por meio de suas ações lúdicas.

Nos jogos e brincadeiras infantis, a criatividade é fato corriqueiro. A criança brinca e, brincando, liberta-se das restrições arbitrárias tantas vezes impostas pelo adulto, dialogando com o que está dentro e fora de seu mundo. Para Stephen Naschmanovitch:

⁷⁴ BENJAMIN, 1984.

⁷⁵ Ibid., p. 15.

⁷⁶ NACHMANOVITCH, Stephen. *Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte*. 2. ed. São Paulo: Sumus, 1993.

⁷⁷ Ibid., p. 23.

A brincadeira, na sua forma livre de improvisação, desenvolve nossa capacidade de lidar com um mundo em constante mutação. Brincando com uma enorme variedade de adaptações culturais, a humanidade se espalhou por todo o globo terrestre, sobreviveu a várias idades do gelo e criou artefatos surpreendentes.⁷⁸

É nessa condição de deixar descobrir o que existe dentro de si mesma que a criança se desenvolve; ao brincar, ela realiza toda a ação lúdica com criatividade, sem cansar de criar, recriar e co-criar. A brincadeira é a criação e a recriação do ser brincante ante seu instrumento lúdico, que não se restringe à integridade do conjunto de significados intrínsecos a esse instrumento, ou seja, a ação lúdica nem sempre se subordina à materialidade do brinquedo tal como o entendemos.

Já Gianni Rodari⁷⁹ foca sua atenção na criatividade infantil e fala-nos de como a criança situa-se no mundo e lida com seu universo lúdico, mediante instrumentos que lhe são próprios — a imaginação, a fantasia — para a criação de um mundo fantástico, somente seu. A importância do brinquedo, das brincadeiras, para a criança, é que, por meio destes, ela se avalia, se projeta e se coloca diante do mundo.

À criança é permitido viver no mundo da fantasia. Para Gianni Rodari a mente “[...] nasce na luta e não na paz”,⁸⁰ o que vem confirmar a dinâmica conflituosa do mundo fantástico do *brincar*, que tem em si começar e recomeçar, criar e recriar, começar de novo para experimentar o novo naquilo já experimentado antes. É importante compreender que, na ação do brincar, está presente uma elaboração do pensamento; as ações e mesmo os gestos formam um conjunto imprescindível para que a brincadeira aconteça.

Pela ação do brincar, a criança interioriza, absorve os sinais do mundo exterior. Assim, a mesa e a cadeira que, para nós, são objetos consumados e quase invisíveis, dos quais nos servimos automaticamente, são para a criança, durante muito tempo, materiais de uma exploração ambígua e pluridimensional, onde se dão as mãos o conhecimento e a fabulação, a experiência e a simbolização.⁸¹

O autor conclui que, enquanto aprende a conhecer a superfície, a criança não cessa de jogar com ela, de formular hipóteses sobre seu aspecto. Não cessa de fazer uso fantástico dos dados positivos que imagina. A fantasia possibilitada por sua imaginação atribui-lhe o poder de dar *ânima* às coisas, retirando delas a artificialidade material.

Assim, ao observarmos crianças brincando, vemos, com frequência, bonecas, cadeiras, pedras tomadas de personalidade. A multiplicidade, a diversidade de funções atribuídas às coisas,

⁷⁸ Ibid., p. 51.

⁷⁹ RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. Tradução de Antonio Negrini. São Paulo: Sumus, 1982. (Novas buscas em educação, 11).

⁸⁰ Ibid., p. 85.

⁸¹ Ibid.

são formas encontradas pelas crianças para conhecê-las melhor, experimentando suas emoções e a descoberta do mundo exterior. Esta atribuição tão diversificada de funções às coisas é a busca incessante da criança pela compreensão do mundo que a rodeia, o que contribui para que a experiência vivenciada com criatividade seja gerada pela imaginação.

3. HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA

Outros trabalhos que nos trazem subsídios para a compreensão da infância e de seu universo lúdico são as pesquisas de autores portugueses que não divergem muito da produzida no Brasil, onde o tratamento dado à criança e a seu mundo não foi historicamente diferente do observado na Europa.

Rogério Fernandes,⁸² na obra *Questionar a sociedade, interrogar a História (re)pensar a Educação*,⁸³ faz um mapeamento da historiografia portuguesa a partir dos movimentos realizados no período pombalino, no último quartel do século XVIII, quando Pombal realizou uma grande reforma na área da educação, com vistas a modelar os seres em formação, para que não se tornassem mais tarde adultos incorrigíveis.

Nesse período, a preocupação com a criança estava centrada nas questões ligadas a sua moral e a sua religiosidade. Sua educação deveria seguir os modelos rígidos da moral e dos bons costumes, para que se tornassem pessoas de bem. Desde muito pequenas, eram “adultificadas” por um regime educativo de adestramento que ceifava a condição de ser criança. Se por um lado o adulto a via como ser ingênuo e indefeso, por outro também a via como um ser por ser feito, modelado, que necessitava de um encaminhamento que a enquadrasse numa moldura rígida.

A representação da infância e do ser criança já tinha, portanto, sido preocupação das autoridades do Estado e da Igreja. Juntos, passavam a discutir e a normalizar a modelagem da infância, tendo em pauta, nesse período, as idades, a nomeação da criança, as atividades por ela desenvolvidas e seu espaço na sociedade. O campo mais propício para seu enquadramento é o da Educação, daí o interesse da maior parte dos investigadores da infância nessa área. Interessa-nos, em particular, a produção historiográfica acerca da infância em Portugal, pautada nas questões

⁸² Professor Catedrático da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa da Faculdade. Coordena, em Portugal, o Grupo de Trabalho para a História da Infância e dos Materiais Educativos e Lúdicos (GRUTHIMEL), constituído em 2001, por estudiosos portugueses e brasileiros. No Brasil, a coordenação é realizada pelo prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

⁸³ FELGUEIRAS, Margarida Louro; MENEZES, Maria Cristina (Orgs.). Rogério Fernandes: *Questionar a sociedade, interrogar a História, (re)pensar a Educação*. Porto: Afrontamento, 2004.

relativas à educação formativa do ser criança. Rogério Fernandes⁸⁴ realiza um mapeamento dos textos produzidos desde 1902 em Portugal, revelando que seu conteúdo é mais centrado na descrição das instituições acolhedoras de crianças, a exemplo das Santas Casas de Misericórdia de Victor Ribeiro, datadas do início do século XX⁸⁵ que, a exemplo de outras obras tidas como clássicas, ao longo do tempo foram esquecidas, por terem cunho assistencialista.

A obra de José Salvado Sampaio é citada por Rogério Fernandes.⁸⁶ Em *O Ensino Infantil em Portugal*, publicada em 1968, o tema central foi a política educativa; na segunda edição já em 1986, com o título *A Educação Infantil em Portugal*, amplia a discussão com relevantes contribuições, principalmente no que diz respeito às questões relacionadas à ordem legislativa. Segundo Rogério Fernandes⁸⁷ esta foi uma primeira tentativa de se escrever a história geral do setor educativo.

Uma outra nota bibliográfica de Rogério Fernandes⁸⁸ recai, do ponto de vista temático, sobre o envolvimento da doutrina da Igreja Católica como parte do conjunto normativo destinado à formação educativa da criança; o que, na maioria das vezes, era aplicada em descompasso com as idades dos aprendizes, com a finalidade de manter o catolicismo como religião nacional do Estado português.

Carl Ruders ilustra bem o uso dessas normas ou gestos, ao descrever as crianças brincando:

Os brinquedos das crianças, indicam neste país os objetos com os quais, presumo, mais se ocupa a imaginação. Consistem, ordinariamente, em confissões e absolvições. As crianças arrastam-se de joelhos diante do designado sacerdote, deixam-se cair de bruços, murmuram a confissão dos seus pecados, recebem absolvição, e assim continuamente, afastam-se de novo para se confessarem outra vez, e outra vez chegarem ao mesmo resultado. Presenciei estas brincadeiras na casa de hóspedes em que vivo.⁸⁹

⁸⁴ Registramos um comentário de Rogério Fernandes sobre a receptividade geral da obra de Philippe Áries em Portugal. Embora esse autor tenha inaugurado a discussão acerca da criança no seio familiar em *L'Enfant et l'aviie familiale sous l'Ancien Regime*, foi contestado nos aspectos metodológicos e da documentação utilizada. Para Rogério Fernandes importam mais as questões político-educacionais relacionadas ao universo da criança que, no seu entender, levaram os educadores e historiadores a inaugurar um novo campo de investigação desse mesmo universo. Não obstante a contribuição sobre a infância e a criança, esses estudiosos optaram por uma perspectiva adultocêntrica; o debate focou questões prioritárias de política educacional e de política relativa à educação infantil. A despeito de ser contestado, importa referir Philippe Ariès, dada a sua importância para elucidar questões relacionadas à infância.

⁸⁵ Rogério Fernandes faz referência às seguintes obras de Victor Ribeiro: *História da Beneficência Pública em Portugal*, de 1907; e *A Santa Casa de Misericórdia de Lisboa*, de 1902.

⁸⁶ FELGUEIRAS; MENEZES, 2004.

⁸⁷ Ibid.

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ RUDERS, Carl I. *Viagens em Portugal. 1798-1902*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981. Apud FELGUEIRAS, Margarida Louro; MENEZES, Maria Cristina (Orgs.). *Questionar a sociedade, interrogar a História (re)pensar a Educação*. Porto: Edições Afrontamento, 2004. p.148.

A formação da criança era ministrada no âmbito doméstico e na escola, quando esta pertencia a um grupo social mais abastado, pelo viés da religião. Como explica Rogério Fernandes: “[...] nas famílias tradicionais, entenda-se, as aristocráticas, se encontrava a conjugação da educação, para inculcar ideais e valores tradicionais, e instrução.”⁹⁰ Um procedimento que resultava na eliminação das atividades lúdicas da infância, quer para a criança da classe menos favorecida, quer para a aristocrática.

As crianças tinham que cumprir uma pesada carga de atividades, conforme relato de William Beckford,⁹¹ no *Diário Português*, viajante admirado com as atividades cotidianas de D. Pedro, herdeiro da casa dos Marialvas. William Beckford:

[...] o jovem D. Pedro [...] rodeado de um “rebanho” de preceptores, clérigos, amas “destentadas”, capelães “inválidos”, músicos e mestres de esgrima, “todos a trabalhar para o mesmo fim”, (assegura o viajante britânico,) “que é apoucar-lhe o espírito com ameaças e orações”. Preso no interior de sua residência, esmagado sob o peso de 8 a 9 lições diárias, em média, em lugar de estimularem a remar no rio, a jogar cricket ou simplesmente à correr no jardim com as crianças da mesma idade, o jovem apresentava um aspecto melancólico e deprimido.⁹²

Esse relato fornece uma idéia de como a instrução e a educação permeavam duramente a vivência da criança durante sua formação, para regular sua conduta social. Crianças de famílias menos abastadas, por sua vez, desde a tenra idade trabalhavam junto com os adultos, cumprindo uma dupla jornada: a de trabalhos e das obrigações religiosas, como parte da formação religiosa imposta pelo poder vigente. Acreditava-se, então, que esses mecanismos a impediriam de se perder no ócio da infância, entre os brinquedos e a brincadeira.

Este entendimento era amplamente difundido no movimento de educação infantil em Portugal, no início do século XIX, quando se agregavam os ensinamentos éticos religiosos aos ensinamentos de atividades manufatureiras, com vistas a disponibilizar mão-de-obra barata. É o que informa Rogério Fernandes ao citar Antoine Prost:⁹³

O aperfeiçoamento técnico das manufaturas, tomando secundária a força física, permitia a absorção de mão-de-obra feminina e a partir dos sete anos de idade, de mão de obra infantil. Restavam, no entanto, as crianças mais pequenas, de quem ninguém tomava conta.⁹⁴

⁹⁰ FELGUEIRAS; MENEZES, 2004, p.447.

⁹¹ BECKFORD, William. *Diário de viagem em Portugal e Espanha*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983. Apud FELGUEIRAS, Margarida Louro; MENEZES, Maria Cristina (Orgs.). *Questionar a sociedade, interrogar a História (re)pensar a Educação*. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

⁹² *Ibid.*, p. 45.

⁹³ PROST, Antoine. *L'enseignement en France. 1800-1967*. Paris: Armand Colin, 1968. Apud FELGUEIRAS, Margarida Louro; MENEZES, Maria Cristina (Orgs.). *Questionar a sociedade, interrogar a História (re)pensar a Educação*. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

⁹⁴ FELGUEIRAS; MENEZES, 2004, p. 454.

Como conseqüência do surgimento das ocupações fora do lar, mulheres mães de família e crianças menores de sete anos passaram a ter uma demanda que justificava a criação de instituições que delas se ocupassem, as chamadas *Escolas dos Pobres*, além das *Casas dos Expostos*, fato que passou a justificar a atividade filantrópica em Portugal, como a já existente na França, com as *Salles d'Asilles*.⁹⁵ Dessa forma, os grupos privilegiados da sociedade viam-se impelidos a participar da nova construção do Estado, à medida que tinham sob sua “proteção” a infância desvalida. A filosofia dessas instituições pautava-se na tríade: proteção-educação-instrução.

Em seu estudo sobre Casa de Asilos, Rogério Fernandes⁹⁶ identifica a finalidade e os objetivos dessas instituições para crianças: sustentar, agasalhar, proteger dos perigos — aqueles que poderiam desviar a conduta —, o asseio, a ordem, a obediência, a decência e o respeito como pilares da vida para todas as classes sociais. A instrução dirigia-se ao ensino de “verdades fundamentais”, entenda-se a doutrina cristã, história sagrada, leitura, aritmética, preceitos morais. Para as meninas, também os trabalhos manuais, de acordo com seu sexo e idade.

Natália Fernandes Soares,⁹⁷ em *Outras Infâncias: a Situação Social das Crianças Atendidas numa Comissão de Proteção de Menores*, apresenta um texto que vai além da investigação para estudo de caso, construindo um significativo *corpus* teórico para o estudo histórico-social da infância. Como Rogério Fernandes,⁹⁸ a autora faz uma revisão historiográfica da infância, focalizando sua atenção nos autores que se debruçaram sobre o tema. Na primeira parte de sua obra, intitulada *Infância: Contornos e Dimensões*, realiza um mapeamento das construções da infância na história e as abordagens em diversos períodos históricos. Ao longo do texto, a autora faz também referência aos conceitos de criança que vêm sendo formulados e, o mais importante, propõe aos estudiosos uma sociologia da infância para Portugal, a exemplo do que vem sendo feito por autores ingleses.⁹⁹

Para Natália Fernandes Soares,¹⁰⁰ dois momentos marcaram o conceito de infância: o que vigorou nos anos 50 e 60 do século XX, quando a socialização era vista como enculturação, e a educação funcionava como o veículo fundamental para a transmissão cultural; e o vigente nos anos de 1970, quando a escola e a família eram as duas instituições que realizavam a socialização, por meio do processo reprodutivo.

⁹⁵ Instituições filantrópicas existentes na França, que cuidavam de crianças.

⁹⁶ FELGUEIRAS; MENEZES, op. cit., p.463.

⁹⁷ SOARES, Natália Fernandes. *Outras infâncias, a situação social das crianças atendidas numa comissão de proteção de menores*. Braga, Pt: Centro de estudos da criança-U.M., 2001.

⁹⁸ FELGUEIRAS; MENEZES, op. cit.

⁹⁹ Natália Fernandes Soares (2004) defende uma reflexão que privilegie o enquadramento da criança na sociedade, envolvendo seus papéis e suas funções. A importância deste contributo é delinear um percurso ilustrativo da importância e das dimensões que a criança assume no âmbito da investigação sociológica.

¹⁰⁰ SOARES, 2004.

Numa perspectiva funcionalista, a criança era um ser a moldar ou, na visão determinista, um elemento de perpetuação dos valores dominantes da sociedade. No entendimento da autora, qualquer desses caminhos a desvalorizam como sujeito ativo e, como tal, contribui para mudanças na sociedade. Não se trata mais de ver a criança como um receptáculo de valores ou pautas culturais que determinam o *modus vivendi* dos atores sociais; nessa vertente, a criança seria uma repetidora de valores, normas e condutas.¹⁰¹ Uma redução, portanto.

Para essa autora, é fundamental ter na criança um ator no processo, com voz e ação; influenciada sim, mas também exercendo influência. De outra forma, a infância torna-se invisível como objeto metodológico e como categoria social.¹⁰² Essa fundamentação reforça nossa tese de que, para delinear o *sujeito brincante* no período em foco, é importante situá-lo em seu próprio universo lúdico e em seu interior, com suas práticas.

Um outro tema tratado na bibliografia portuguesa é trazido por Isabel dos Guimarães Sá,¹⁰³ na obra *A Circulação de Crianças na Europa do Sul: o Caso dos Expostos do Porto no Século XVIII*, ao relacionar a história da infância com o abandono de crianças por toda Europa, mais precisamente na França, Espanha, Inglaterra e Portugal. Os aspectos apresentados envolvem questões sobre o universo infantil daquele período, as atitudes dos adultos frente à criança, as idades e as nomações de etapas da infância. A autora faz um mapeamento da criança exposta e da maioria dos desvalidos, como também das crianças de famílias abastadas que eram consideradas indesejadas, bastardas ou não, que, por diversos motivos, eram enjeitadas para não manchar a honra ou para livrar a família de mais uma boca a ser alimentada.

Para tanto, a autora arrola outras obras que discutem a infância sob diferentes perspectivas. Um aspecto que nos interessa em particular são as designações da criança entre os séculos XVII e XVIII, arroladas por Isabel Sá.¹⁰⁴ Encontramos *criança*, *menino*, *inocente criatura*, *enjeitado* e *exposto*. *Criança* — menino ou menina — é ainda hoje aplicada. *Criatura* e *inocente* já não mais são utilizadas e, mesmo em épocas anteriores, eram pouco empregadas. São seus sentidos, conforme a autora:

[...] “criatura”, designa um ser vivo incompleto, provavelmente relativo ao estágio inicial de desenvolvimento dos recém-nascidos; [...] “inocente”, testemunha a ideia de inocência geralmente associada à criança sem culpa relativamente aos pecados dos pais e que irá para o céu se morrer. Para significar criança abandonada, as pessoas usavam duas palavras: enjeitado/a, significando literalmente “criança rejeitada”, e “exposto” (criança exposta, significando abandonada).¹⁰⁵

¹⁰¹ Ibid.

¹⁰² Ibid.

¹⁰³ Sá, Isabel dos Guimarães. *A circulação de crianças na Europa do Sul: o caso dos expostos do Porto no século XVIII*. Lisboa, Pt: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

¹⁰⁴ Sá, 1995.

¹⁰⁵ Ibid., p.238-239.

A nomeação indica, segundo a autora, a preocupação para com os indivíduos que se encontravam nessa faixa etária da vida humana, mas também indicava intenções formativas, quer pela modelagem imposta no seio da família em que conviviam, quer pelas instituições filantrópicas como casas de acolhimento, hospitais e escolas. As escolas naquele período já eram vistas como veículo formador e modelador do indivíduo.

O trabalho de Luis Pereira Dias,¹⁰⁶ intitulado *As Outras Escolas: O Ensino Particular das Primeiras Letras entre 1850 e 1881*, tem como embasamento uma vasta documentação composta de normas, inquéritos diários e, sobretudo, a correspondência dirigida aos inspetores escolares do período estudado. Esta documentação, além de apresentar a frequência de alunos e seu perfil, revela também comportamentos de professores e alunos, normas de conduta, métodos aplicados no ensino e as idades da infância institucionalmente determinadas, assim classificadas: primeira, segunda e terceira infância.

O autor baseia-se em François Lebrun¹⁰⁷ para compor um outro arranjo: na primeira infância, a criança mama com a própria mãe ou com a ama; na segunda, temos a fase do desmame, que se prolonga até os sete anos de idade; após esta idade, a criança inicia suas primeiras ocupações, ou seja, sai do contexto familiar para o mundo do trabalho. Em alguns estratos sociais, porém, pode ocorrer uma variação nessas fases. De acordo com a documentação estudada, Luis Pereira Dias infere:

[...] as três infâncias de F. Lebrun são designadas como *criação de leite*, primeira e segunda infâncias. A separação entre criação de leite e primeira infância continua a ser feita pelo desmame. Da primeira para a segunda, a passagem variava em função do sexo, sendo mais precoce para os rapazes que para as raparigas. Mais uma vez distinção era feita pela entrada no mundo do trabalho, pela libertação dos cuidados maternos.¹⁰⁸

Daí porque, em Portugal, a idade era o fator determinante para a entrada e a saída da escola, com variações, a depender do estrato social ao qual pertencia a criança. Em geral, as famílias menos abastadas não incentivavam a permanência do filho na escola, para que este se tornasse, o quanto antes, contribuinte da renda da família.

¹⁰⁶ DIAS, Luis Pereira. *As outras escolas: O ensino particular das primeiras letras entre 1850 e 1881*. 1998. 287f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação - História da educação/Educação comparada) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1998. Orientada pelo prof. Dr. Rogério Fernandes.

¹⁰⁷ LEBRUN, François. *A vida conjugal no Antigo Regime*. Lisboa: Rolim, 1983. Apud DIAS, Luis Pereira. *As outras escolas: O ensino particular das primeiras letras entre 1850 e 1881*. 1998. 287f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação - História da educação/Educação comparada) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1998.

¹⁰⁸ DIAS, 1998, p. 233-234.

Luis Pereira Dias¹⁰⁹ faz referência às mudanças na forma da sociedade perceber a criança, diferentemente da clássica apresentada por Philippe Ariès, a do adulto miniaturizado. A escola possibilita o delineamento de um outro perfil de criança, como sujeito com identidade própria, deslocando-a do mundo adulto para o mundo infantil. A aprendizagem deixa de ocorrer no meio de adultos, para ser realizada entre crianças, pela mão condutora do adulto, o professor e/ou preceptor.

Um outro aspecto sublinhado por Luis Pereira Dias¹¹⁰ diz respeito aos conteúdos a serem assimilados na aprendizagem para meninos e meninas. Para os meninos, a importância e a ênfase no aprender a ler, escrever e domínio das quatro operações. Para as meninas, esses conteúdos não eram incentivados, poderiam até mesmo ser vetados; a ênfase recaía sobre as prendas domésticas, como bordar, atividade obrigatória e mesmo imposta pela família. Os castigos, contudo, valiam para ambos, para os atos de desobediência. De acordo com depoimentos encontrados por Luis Pereira Dias os castigos eram muitos: “A diversidade dos castigos corporais ia desde o recurso à palmatória, com diferentes aplicações, à régua, vara e cana. O instrumento mais popular era, sem dúvida a palmatória, *a férula, a menina dos cinco olhos* capaz de produzir doutores.”¹¹¹

Um quotidiano pautado pela rigidez, quer nas instituições públicas ou privadas, havia o emprego de variados métodos de ensino seguidos de castigos, muitas vezes violentos, nos quais eram utilizados variados instrumentos, que deixavam marcas não só no físico, mas também no emocional da criança. No conjunto de variáveis a serem tratadas ao se abordar uma historiografia da criança, inclui-se a questão da literatura, e os textos biográficos e autobiográficos.

Maria de Fátima Marvão,¹¹² em *O Projeto Educativo da Casa Pia de Lisboa (1859-19220)*, apresenta questões administrativas e assistenciais, bem como o plano pedagógico daquela instituição. O objetivo da pesquisa foi estudar a trajetória implementada pelo então presidente da Casa Pia de Lisboa, que preconizou nova orientação em sua gestão. O foco da autora era a articulação entre ideais políticos, filantrópicos e postulados pedagógicos, inseridos no plano de um programa ou plano educativo, utilizando discursos dos provedores, do diretor e de professores, portarias, relatórios, dentre outros documentos.

O ponto que nos interessa são as proposições de instrução que essa instituição arquitetou para instruir crianças órfãs pertencentes a famílias de poucos recursos que, sem condições para

¹⁰⁹ Ibid.

¹¹⁰ Ibid.

¹¹¹ Ibid, p.258, grifos do autor.

¹¹² MARVÃO, Maria de Fátima. *Moralização, trabalho e educação: o projeto da Casa Pia de Lisboa*. 2004. 341.f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004.

mantê-las, encaminhavam-nas para uma instituição do tipo escola-asilo como a Casa Pia de Lisboa. Segundo a análise da pesquisadora, esta instituição esteve a serviço da divisão social do trabalho pela escolarização, mas sempre de acordo com a oposição classe dominada *versus* classe dominante, apresentando uma via profissional para as crianças de poucos recursos e uma “secundária-superior” para as de classes dominantes.¹¹³ Temos aí um elemento revelador do lugar da criança — dominadas e dominantes — estratificado nas instituições,

Ainda dentro da produção portuguesa, analisamos a obra intitulada *Crianças Malfeitoras*, de João Miguel R. S. Santo.¹¹⁴ Ao lado do levantamento de conceitos de criança, designações e classificações da infância em distintos momentos históricos, o autor desenvolve uma análise, pautada em diversos autores que, mediante a história da educação, encetaram a historiografia da infância. Seu foco é a criança *marginal*, a criança *delinqüente* e as instituições que dela se ocupam.

Com esse objetivo, João Miguel Santo¹¹⁵ trabalhou com uma documentação que revela as preocupações do governo, das instituições e da sociedade com a criança. Seu trabalho situa-se na intersecção da história da infância, da marginalidade, da justiça e da educação. Ele visa à criança não adaptada, dita malfeitora, para dar visibilidade a estruturas institucionais criadas para controlar a marginalidade infantil. Evidencia os discursos institucionais, revelando não só a construção social do marginalizado, mas também diversas abordagens da marginalidade. Essas instituições jurídicas foram criadas para higienizar a sociedade e/ou realizar a prevenção contra um inimigo que poderia macular um *corpus* social estéril.

No trabalho do espanhol Buenaventura Delgado,¹¹⁶ *História de la infancia*, encontramos uma lista de autores que situaram a criança sob várias perspectivas, caso de Cícero, Quintiliano e Plutarco, que tomaram a infância como um projeto a ser tratado com cuidado pelas autoridades do Estado, bem como pelos filósofos de sua época. Vemos, portanto, que a criança não é uma preocupação recente. Nesse ponto, Buenaventura Delgado localiza parte da história da infância em períodos e em tratados de pensadores clássicos, portanto, um estudo que existia a milênios, como explicita o pesquisador:

A preocupação pelo estudo da criança não é uma descoberta recente. Já existia em toda a sua complexidade há milênios, como existiam as matemáticas, a medicina e a

¹¹³ Ibid.

¹¹⁴ SANTO, João Miguel R.S. *Crianças malfeitoras*. A conta com a justiça. Os menores catalogados pelo refúgio da Tutoria Central da Infância da Comarca de Lisboa 1920-1930. 2000. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação – História da Educação/Educação Comparada) – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2000.

¹¹⁵ Ibid.

¹¹⁶ DELGADO, Buenaventura. *História de la infancia*. Barcelona: Ariel Educación, 1998.

astronomia. A história da educação e da medicina mostram o que em cada se sabia da criança.¹¹⁷

Suas constatações são pautadas numa leitura aprofundada dos clássicos, podendo revelar dados importantes sobre a criança ao longo do percurso histórico, bem como esclarecer a construção do processo historiográfico da infância. Isso contribui para apontar o lugar da criança nas sociedades em que estava circunscrita e de como as discussões de filósofos, médicos, psicólogos, educadores e políticos demonstravam a preocupação constante com a infância.

Desta forma, isto se deve à concepção de criança pautada na idéia de “massa a ser modelada”, que deveria ser moldada dentro dos princípios sociais reguladores, no desenho do sujeito ideal. Para Buenaventura Delgado:

Muito ligeiramente e de passagem fazia-se referência à criança escolarizada, à que se devia instruir, disciplinar e domesticar, a fim de convertê-la em membro útil da sociedade. Nunca se falava da criança de carne e osso, mas da criança ideal, da criança dócil, à qual o mestre podia modelar a seu prazer e exibir como modelo a pais e autoridades.¹¹⁸

Fora da família, a escola é instituída para cumprir o papel modelador e é criada, nos diferentes momentos, de acordo com os interesses de cada sociedade. Para situar a criança em vários períodos históricos, descrevendo a atitude da sociedade para com a criança desde a sua concepção, lactação, criação, educação, vida e morte, Buenaventura Delgado¹¹⁹ faz uma retrospectiva histórica.

Assim como os autores citados, contribui inquestionavelmente para a elucidação de questões acerca do complexo universo da infância. Nessa construção, busca dados que revelem a criança nos vários espaços do *corpus* social do qual faz parte, além de verificar e compreender como cada instituição social percebe as várias crianças de sua sociedade. Nessa perspectiva, não corre o risco de realizar uma historiografia superficial e pálida da infância, sem o verdadeiro colorido das diversas matizes que dão tom a seu tecido social.

Com a apresentação deste quadro panorâmico não pretendemos responder a todos os questionamentos que nos inquietaram antes e durante a pesquisa, mas, principalmente, chamar a atenção para as muitas indagações que ainda nos angustiam, a saber: o que é ser criança para este ou aquele grupo? O que é ser menino ou ser menina nessa ou naquela sociedade? Quais as leis

¹¹⁷ Ibid., p.10, tradução nossa. “La preocupación por el estudio del niño no es un descubrimiento reciente. Ya existía en toda su complejidad hace milenios, como existían las matemáticas, la medicina y la astronomía. La historia de la educación e de la medicina muestran lo que en cada época se sabía del niño.”

¹¹⁸ Ibid., p.11, tradução nossa. “Muy a la ligera y de pasada se aludía al niño escolarizado, al que había que instruir, disciplinar y domesticar, a fin de convertirlo en miembro útil de la sociedad. Nunca se hablaba del niño de carne y hueso, sino del niño ideal, del niño dócil al que el maestro podía modelar a su antojo y exhibir como modelo a padres y autoridades.”

¹¹⁹ DELGADO, 1998.

que regulam a infância? Quais os lugares ocupados pela criança? É possível traçar uma taxonomia das várias crianças ao longo da trajetória histórica do homem? Tais indagações ficam aqui registradas para que possam ser desveladas por outros estudiosos.



MEMÓRIAS DO SUJEITO BRINCANTE NO BRASIL OITOCENTISTA

*Ai que saudade que tenbo
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Naquelas tardes fagueiras,
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!*

Casimiro de Abreu

Para delinear as atividades da criança em seu universo lúdico no período estudado, buscaremos a narrativa de autores que relatam a infância desse pequeno ser. As memórias se constituem em fonte privilegiada deste capítulo, por entendermos que esses documentos nos auxiliam na construção do perfil da infância, visto que este tema, como já explicitado no primeiro capítulo, constitui-se em objeto recente na Historiografia mundial. Maria João Pego António realiza uma discussão sobre textos literários no estatuto de documentos históricos, denominando-os de *ego-documentos*, caso das autobiografias e memórias:

Os ego-documentos, fonte viva de informação, permitem-nos aceder a imagem singular que o autor tem do seu percurso de vida, no mundo de inter-relações em que se movimenta, sem as emoções a “quente” do acontecimento, filtrada através da memória que seleciona os factos, deixando submergir alguns no esquecimento e fazendo emergir outros à superfície.¹

Os textos literários são tomados como fontes históricas, pois, além de ilustrarem fatos históricos também revelam dados importantes das inter-relações sociais, descortinando as nuances do colorido do cotidiano. Com relação a nosso estudo, muitas informações não estão presentes nas fontes já pesquisadas, mas, na literatura, encontramos exemplos de práticas lúdicas — no caso de diários, um dos *ego-documentos* de Maria João Pego António. Por um lado, esses textos trazem narrativas, fruto da imaginação individual de um determinado autor; de outro lado, trata-se de escritos produzidos por um sujeito social, produtor e construtor da história e da cultura. Além do mais remetem, em geral, a um conjunto de situações vivenciadas num dado momento histórico, que não estão isoladas do cotidiano social.

¹ ANTÓNIO, Maria João Pego. *O que ficou na memória: os castigos corporais na escola primária (1900-1960)*. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação Área História da Educação) – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004. p. 11

As informações provenientes dessas descrições não são isoladas da trama do cotidiano social; descritas com o auxílio da imaginação e da fantasia, são registros documentais de fundamental importância, que, cruzadas com os dados dos documentos “oficiais”, formarão um “*corpus* documental” significativo para a elucidação de determinado fato.

Maria João Pego António parte da leitura sistematizada de fontes oficiais, dos ego-documentos e do material da Imprensa Pedagógica portuguesa para revelar o olhar daquela que vivenciou práticas punitivas² de uma educação modeladora. Para a autora

O texto memorialístico, para além da divulgação da memória individual do sujeito, divulga, ainda, a memória coletiva, uma vez que a primeira confunde-se com a segunda. Toda a memória individual é, também, memória social, familiar e grupal. As histórias contadas a partir da experiência do narrador inscrevem-se dentro da sua história: nascimento, vida e morte. A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que lhe é mais apropriada: as memórias estruturadas a partir da história da sua vida.³

O caminho trilhado por João da Silva Amado,⁴ ao destrinçar a obra literária de Aquilino Ribeiro,⁵ apresenta aspectos da infância portuguesa, evidenciando, sobretudo, seu universo lúdico. Desta forma, trabalharemos, também com a literatura, pois acreditamos que a narrativa é um instrumento importante para o preenchimento de lacunas deixadas pelos registros inscritos em outras fontes. Neste capítulo, trabalhamos com as obras de Anna Ribeiro de Góes Bittencourt,⁶ Graciliano Ramos,⁷ Maria Paes de Barros⁸ e Helena Morley,⁹ todos nascidos no século XIX.

Memórias, diários e correspondências familiares são atualmente utilizados para enriquecer pesquisas que estudam os vários campos do conhecimento. Tais documentos têm contribuído significativamente para elucidar o estudo da infância e outras questões que envolvem este universo, como o brinquedo e a brincadeira.

Apoiadas nesses documentos, buscamos discutir, além de conceitos de memória e lembrança, a narrativa como veículo de exposição desses textos. Utilizaremos como referencial

² À luz dos depoimentos, o autor apresenta uma tipologia de castigos aplicados às crianças nas escolas primárias de Portugal.

³ ANTÓNIO, 2004, p.16.

⁴ AMADO, João da Silva. A criança e os brinquedos populares em Aquilino. *Cadernos Aquilínianos*, Centro de Estudos de Aquilino Ribeiro, Viseu, Pt, n. 6, p. 55-75, 1998.

AMADO, João da Silva. Aquilino Ribeiro e os jogos tradicionais. *Cadernos Aquilínianos*, Centro de Estudos de Aquilino Ribeiro, Viseu, Pt, n. 10, p. 39-44, 2000.

⁵ Um dos mais importantes autores portugueses do início do século XX. Em sua vasta obra, procurou evidenciar os vários aspectos das tradições populares do povo português, não deixando de lado o universo da infância, como por exemplo, em *Cinco Reis de Gente*, 1948, um texto autobiográfico e *Marianinha*, texto que homenageia sua primeira neta, publicados em 1948 e 1963, respectivamente.

⁶ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. *Os grandes serões do campo*. Major Pedro Ribeiro - v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992a.; BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. *Os grandes serões do campo*. Infância e juventude. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992b.

⁷ RAMOS, Graciliano. *Infância* (Memórias). 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

⁸ BARROS, Maria Paes de. *No tempo de dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

⁹ MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

teórico para essas discussões os textos de Le Goff,¹⁰ Walter Benjamin,¹¹ Ecléa Bosi¹² e Maurice Halbwachs.¹³

A narrativa, na perspectiva benjaminiana, é o ato de contar uma experiência. Este autor critica as condições atuais de trabalho, pois provocam certo distanciamento entre as gerações, contribuindo para que a narrativa, o ato de contar histórias, torne-se cada vez mais raro. Walter Benjamin¹⁴ diferencia a narrativa do romance, pois, neste último, tanto o autor quanto o leitor ficam isolados, solitários; na narrativa, entretanto, o autor e o ouvinte (ou leitor) sentem-se ligados por uma aura que os envolve. Isto ocorre porque as experiências contadas vêm, muitas vezes, intercaladas de elementos ficcionais, levando o ouvinte/leitor, a participar do fato narrado. Por meio dela, o ouvinte/leitor também rememora suas próprias experiências em semelhança com as do autor-narrador.

Seguindo a trilha de Walter Benjamin,¹⁵ justificamos a utilização dos textos de memória, por conterem um conjunto de informações sobre a infância de seus autores e de alguns de seus familiares, inseridas em contextos próprios, que revelam as teias sociais que envolviam a criança nos diversos momentos de sua vida.

A revelação de experiências vivenciadas na segunda metade do século XIX faz-nos partilhar com eles os fatos vividos. A infância é a fase em que são realizadas práticas lúdicas comuns; até mesmo para o sujeito que se encontra nas condições mais adversas, haverá sempre um momento de atividade lúdica.¹⁶

A narrativa leva o leitor a compartilhar, efetivamente, da experiência contada, visto que não há um ponto final no texto, diferentemente do romance, que sempre estabelece um final para justificar o término de uma história. É nessa perspectiva que os textos de memória contribuem para o enriquecimento da pesquisa sobre a infância, transmitindo um saber pela memória que fundamenta a tradição, cada vez mais rarefeita nos tempos modernos.

A forma como os fatos são apresentados na narrativa provoca o envolvimento do leitor, fazendo com que rememore eventos de um tempo pretérito, levando-o a lembranças que o fazem reviver experiências, sedimentando-as em sua memória. Percebemos que a narrativa explicita as interfaces da lembrança e da memória, que se encontram numa fronteira tênue; ao mesmo tempo

¹⁰ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas, SP: UICAMP, 1996.

¹¹ BENJAMIM, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996, (Obras escolhidas, 1).

¹² BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

¹³ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1992.

¹⁴ BENJAMIM, *op. cit.*

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ A atividade lúdica não acontece quando o sujeito está acometido por alguma doença ou anomalia que o impeça de realizá-las.

em que se aproximam, permanecem equidistantes. Ecléa Bosi afirma que a “[...] lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservado no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. Sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e devaneios”.¹⁷

A lembrança é, portanto, a possibilidade de o indivíduo rever fatos, pessoas, coisas, lugares e experiências. No entanto ela restringe tudo isso a sua condição de passado, impossibilitando àquele que lembra, que revê, a revivescência da experiência. Daí resulta a nostalgia da experiência vivida.

A memória, por sua vez, possibilita ao leitor um *revival* da experiência, não tal qual foi realizada, mas a condição de revivê-la já imbuída da maturidade que o sujeito tem no aqui e agora. A memória não é nostálgica, não é céptica, é crítica, e quando contada a outrem com o devido distanciamento do tempo, contribui para que este também revise sua própria memória.

Marilena Chauí afirma que a “[...] memória social e as tradições populares constituem experiências que não podem ser dissociadas, coisificadas ou reduzidas à condição de meros objetos de contemplação.”¹⁸ Dessa forma, a memória social coletiva segue seu curso alimentando-se na dialética da dinâmica cultural, contribuindo para que a tradição siga o percurso dessa dinâmica.

A memória, diferentemente da lembrança, traz à tona o passado não como fardo, como fantasma, nem como mera repetição, mas como possibilidade de compreensão, para que se possa empreender a construção do presente e do futuro. Daí a necessidade de se pensar a memória de forma política, como afirma Marilena Chauí: “Uma compreensão política da memória é atenta à diferença temporal entre o passado e o presente, é atenta à necessidade de liberar a memória e de explicitá-la para que o presente se compreenda a si mesmo e possa construir/inventar o futuro.”¹⁹

Maurice Halbwachs²⁰ circunscreve a memória como um elemento que deve ser analisado com base nos intervenientes do coletivo. Ou seja, até mesmo a memória de uma só pessoa não é individual, pois, desde o nascimento, a criança vai construindo seu repertório com as informações que vai assimilando, inicialmente, dos pais e das pessoas mais próximas.

Com o desenvolvimento infantil, esses registros desdobram-se e agrupam-se numa forma diversificada e dinâmica, contribuindo para a reunião das várias memórias, possibilitadas pela participação dos sujeitos nos vários grupos ao longo de sua vida – o grupo das brincadeiras, da

¹⁷ BOSI, 1979, p.15

¹⁸ CHAUI, Marilena. Política cultural, cultura política e patrimônio histórico. In: DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO/SMC (Org.). *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/ Departamento do Patrimônio Histórico, 1992. p. 37-46. p. 43.

¹⁹ Ibid., p. 43.

²⁰ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1992.

escola em seus diversos momentos, do trabalho, da igreja, dentre outros. É como se a memória fosse um campo magnético, imantado, no qual os registros vão sendo assentados dentro de um esquema em que fatores emocionais e do meio são determinantes para sua fixação.²¹

Assim, o estudo de textos autobiográficos justifica-se por se tratarem de registros de memórias dos autores escolhidos para discutir a infância e seu universo lúdico no século XIX. Os textos examinados neste estudo são registros feitos por indivíduos velhos, ou seja, relatos que contemplam um distanciamento de tempo e espaço, o que contribui para uma narrativa costurada com o colorido de uma memória atualizada. Ecléa Bosi, ao se basear em Maurice Halbwachs, discute a diferença entre a memória de um adulto ativo e a de um homem velho, o sujeito que já viveu sua vida: “Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está entregando-se fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando conscientemente do próprio passado, da substância mesma da sua vida.”²²

Deste modo, consoante Ecléa Bosi²³ o velho faz uma reconstrução do passado, à medida que busca suas lembranças e as narra, contribuindo para que os mais jovens conheçam fatos por ele vividos. Estes se renovam na dinâmica da narrativa e deixam de ser uma simples evocação ao passado, para tornarem-se elementos de construção de uma nova memória: a daqueles que ouvem.

Após estudar as obras de Maurice Halbwachs, Barillet e Stern, Ecléa Bosi²⁴ indaga-se sobre qual a forma predominante de um dado indivíduo. Em sua resposta, diz: “O único meio de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória.”²⁵

Segundo a autora, ao narrar sua própria vida, o velho traz à tona um conjunto de lembranças que, ao serem evocadas por meio da narrativa, passam por um processo de ajuste que consiste na resignificação das lembranças, que leva ao enriquecimento tanto da memória individual, quanto da memória coletiva do grupo ao qual pertence o indivíduo.

Ecléa Bosi lembra que a “[...] função da memória hoje é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente [...] O passado revelado desse modo não é o antecedente do presente, é a sua fonte”.²⁶ Assim, a memória construída revela o passado mediante um processo crítico, posicionando-o numa esfera de experiências vividas e contadas

²¹ HALBWACHS, 1992.

²² BOSI, 1979, p. 23.

²³ Ibid.

²⁴ Ibid.

²⁵ Ibid., p. 29.

²⁶ BOSI, 1979, p. 48.

pelo narrador, que estabelece uma relação próxima com o ouvinte. A respeito do papel do narrador, Bosi afirma:

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação: alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana.²⁷

Mesmo quando a experiência é narrada pelo registro gráfico, o gesto do narrador está presente no texto e não raras vezes o leitor vê-se envolvido numa atmosfera participativa, na qual a experiência vivida é compartilhada com ele. O leitor, portanto, recria, sedimentando, inclusive, sua memória e a de seu grupo. Segundo Maurice Halbwachs:

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais freqüentemente em contato com ele.²⁸

Assim, a memória individual está imersa no universo coletivo, do qual recebe influências que orientam seu formato, ao mesmo tempo em que segue seu ritmo, colorindo a placa imantada da memória coletiva, que tem como força magnética, no dizer de Maurice Halbwachs, o conjunto de homens, indivíduos que se lembram, enquanto membros de um grupo.

Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.²⁹

A memória individual é, portanto, composta da matéria de lembranças e terá seu formato e colorido direcionado pelo social. A memória é o terreno fértil, no qual a história se alimenta e se constrói. Como diz Jacques Le Goff: “[...] memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.”³⁰ Para esse autor, ser fonte da história é outro aspecto importante da memória que, manifestada e registrada em suportes diversificados, é testemunha da trajetória do homem.

Jacques Le Goff faz uma historiografia da memória nos diversos períodos da humanidade, enfocando não só sua importância em cada época, como também explicita o pensamento de vários estudiosos sobre o assunto. Ele afirma: “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas,

²⁷ Ibid., p. 49.

²⁸ HALBWACHS, 1992, p. 45.

²⁹ Ibid., p. 51.

³⁰ LE GOFF, 1996, p. 423.

graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”³¹

Acompanhando essa argumentação, percebemos que a memória extrapola as funções psíquicas, pois, além de conservar, serve de veículo de comunicação, de disseminação de informações e tem uma função social importante ao movimentar a cultura, criando e recriando tradições.

A seguir são trabalhados quatro relatos de memórias oitocentistas, produzidos por autores que vivenciaram seu tempo em diferentes províncias do Império – Bahia, Alagoas, Minas Gerais e São Paulo. São três autoras e um autor, selecionados dentre uma série de narrativas já editadas, por apresentarem o universo da infância em distintos cenários brasileiros, no período em foco, cujos relatos possibilitam traçar um panorama do mundo lúdico da infância oitocentista.

Nessa perspectiva, procuramos delinear o perfil dessa criança que, acreditamos, se trata de sujeito da História e produtor de conhecimento. Das narrativas emergem o sujeito em ação, os modos como a sociedade em geral o percebia, além do universo lúdico, no qual se dão as práticas lúdicas (brinquedos e brincadeiras).

A riqueza dessas histórias reside no fato de que, tratando-se de memórias escritas na velhice, acabam por apresentar um conjunto das relações sociais, nas quais as crianças se encontravam inseridas. Essas memórias propiciam a materialização do universo lúdico, em que as crianças brincam com crianças, conversam ou são castigadas pelos adultos, subvertem a ordem e/ou seguem as hierarquias pré-estabelecidas, transitando pelos diferentes espaços sociais.

As memórias recriam um painel cheio de vida que nos levam a evidenciar e *dar voz* ao sujeito estudado, revelando sua interlocução com a sociedade de seu tempo nos diferentes contextos. O mundo da criança não é isolado, já que ela é partícipe de uma esfera mais ampla, na qual tudo funciona de modo encadeado. Nada se dá, portanto, isoladamente. Esse mundo não está alheio nem ao largo da dinâmica cultural

1. D. ANNA E A INFÂNCIA NA BAHIA OITOCENTISTA

Anna Ribeiro de Góes Bittencourt retrata não só sua infância como também a de alguns de seus familiares. O modo narrativo contribui para que o leitor visualize os cenários complexos do tecido social daquele período em diferentes contextos: o da casa grande, o da cidade da Bahia, o do canavial e do universo dos adultos, principalmente no que diz respeito ao contexto político.

³¹ Ibid., p. 423.

A obra de Anna Ribeiro de Góes Bittencourt³² não se detém no ficcional, uma vez que é apoiada em documentos significativos como inventários, cartas, dentre outros que, além de ilustrar o texto, comprovam as informações apresentadas, prática muito comum em sua época. Ela registra aspectos da vida colonial da Bahia do século XVIII, quando narra a vida do avô Major Pedro Ribeiro, e do século XIX, quando escreve sobre sua própria vida.

Chamamos a atenção para o fato de que os textos são registros de memória, visto que a autora inicia sua escrita aos 80 anos de idade. Há um distanciamento do tempo em que ocorreram os fatos, mas, mesmo assim, diante da quantidade de informações sistematizadas, ela traz à luz sua história e a de sua família na obra organizada em dois volumes.

Dona Ana, como é sempre referida, deixou 28 cadernos manuscritos, que foram organizados por Maria Clara Mariani Bittencourt e editados pela Editora Nova Fronteira, em 1992. O texto foi enriquecido com notas da historiadora Anna Amélia Vieira do Nascimento, bisneta de D. Anna.

D. Anna viveu sucessivamente em dois engenhos da família até casar-se em 1865, cumprindo o roteiro típico das mulheres do seu meio social, que tão bem descreve quando se refere a mães ou a si mesma. Diferenciou-se das primas pela curiosidade intelectual. Cedo começou a preocupar-se com questões práticas e metafísicas: a dependência das mulheres e a sua dificuldade de sobreviver fora da tutela masculina, as condições de vida dos escravos, o livre arbítrio e o pecado original, a presença de Deus na eucaristia.³³

Depois de casada residiu em Salvador durante quatro anos, onde participou ativamente do movimento literário liderado por Castro Alves e elaborou vários textos, publicados nos jornais locais. Segundo os avaliadores de sua obra, esta trajetória contribuiu para a escrita de uma narrativa clara e rica.

Comentaremos sua obra, iniciando pelo primeiro volume *O Major Pedro Ribeiro*. A autora constrói seu texto com as lembranças de sua mãe, descrevendo-a assim:

[...] possuía as qualidades que dão preço ao narrador – clareza, graça, facilidade de expressão. Quando descrevia uma cena, apresentava os personagens com traços tão nítidos, cores tão vivas, que os ouvintes imaginavam vê-los. Nos diálogos, fazia-os falar com animação e até com ênfase em ocasiões oportunas, de sorte que, escutando-a, julgava-se ouvir a leitura de uma história escrita por aqueles que têm o dom de interessar e prender a atenção dos leitores.³⁴

Podemos perceber que sua genitora contribuíra para que tivesse um estilo próprio. D. Anna dá início a sua narrativa reportando-se às conversas entabuladas durante os “longos

³² BITTENCOURT, 1992, v. 1, v.2.

³³ BITTENCOURT, Maria Clara Mariani. Introdução. In: BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. *Os grandes serões do campo*. Major Pedro Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. v. 1. p. 1-8. p. 5.

³⁴ BITTENCOURT, 1992a, v. 1, p. 9.

serões”, atividade quase diária de sua família, para falar da convivência com o avô e demais familiares.

No primeiro volume, a autora apresenta, sobretudo, a participação do Major Pedro Ribeiro na luta pela independência da Bahia, constituindo-se em uma homenagem da neta ao avô querido. Todavia, procuramos ater-nos apenas aos fatos que estão ligados diretamente à infância das crianças dos contextos mencionados. A família de seu avô era abastada e oriunda do recôncavo açucareiro. Os filhos dos senhores eram tratados, em sua primeira infância — até os sete anos de idade —, muito à vontade, tendo sempre uma escrava a seguir seus passos e aceitar seus caprichos, muitas vezes incentivados pelos próprios pais.

A evidência da subserviência dos escravos se manifestava mais concretamente quando a criança recebia, desde a tenra idade, uma outra criança negra (moleque ou moleca) para acompanhá-la e servir de brinquedo. Ao se referir à infância do avô, informa que, nessa época:

Logo que o menino andava com passos seguros, era entregue a uma rapariga escrava que, por medo ou servil adulação, ia acostumando-o a ser desarrazoado e voluntarioso. Depois davam-lhe como companheiros de folguedos certo número de moleques-filhos de escrava, que lhe obedeciam e o auxiliavam nas travessuras.³⁵

A relação entre o menino branco e o menino negro era conflituosa. Da mesma forma que o menino escravo poderia receber as benesses da família e do próprio sinhozinho, poderia também ser castigado pelas travessuras do menino livre, o que contribuía para a definição dos papéis diferenciados de cada indivíduo desde sua tenra idade.

Em geral, a partir dos 10 anos de idade, o menino passava a ter os primeiros contatos com as letras. O aprendizado ocorria com a mediação de um professor que impunha-lhe os conhecimentos com severa disciplina, muitas vezes permeada por atos de violência física, com o uso da palmatória, da régua e de castigos diversos, impondo medo nos pequenos aprendizes. Isso só não acontecia a algumas poucas crianças, cujos pais, principalmente o pai, não autorizavam tais procedimentos.³⁶

Para o menino era reservado não só o aprendizado das primeiras letras e das quatro operações como boa parte destes, que pertenciam ou eram apadrinhados de famílias abastadas, eram encaminhados para o estudo mais avançado nas poucas faculdades já existente nas capitais das províncias do Brasil — Direito, em Pernambuco; Medicina, na Bahia, dentre outras.

³⁵ Ibid., p. 23.

³⁶ FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 35. ed. São Paulo: Global, 1999.

No que concerne à menina, isso dependia de como pensava o patriarca da família. Em algumas famílias, à mulher era destinado apenas o aprendizado dos afazeres domésticos como bordar, cozinhar, cuidar de crianças e aprender a dar ordens na casa.

Na educação das crianças do sexo feminino poucos eram os pais que encaminhavam as filhas para o aprendizado das “letras”, pois a maioria era enviada desde cedo para o exercício dos trabalhos domésticos, o que contribuía para a existência de uma parcela significativa de mulheres analfabetas.

Para a família do Major Pedro Ribeiro acontecera diferente, pois este incentivara as filhas a ler e a conhecer as quatro operações aritméticas, tendo idéias avançadas para um chefe de família daquela época.

[...] logo que as filhas chegaram à idade própria de aprender, mandou um mestre de primeiras letras para a casa da sogra. Dizia minha mãe que tanto ela como a irmã prepararam-se em pouco tempo nas primeiras letras, que consistiam em ler, escrever e fazer quatro espécies de contas. Sendo então ainda pequenas, em pouco tempo tudo esqueceram, o que não é de admirar, porque, deixando totalmente o livro e a pena, entregaram-se inteiramente ao trabalho manual usado nesse tempo pelas mulheres: coser, fazer renda, bordar, fiar, tecer redes, etc. A avó que as criava nem uma só vez mandou-as recordar a leitura, coisa que julgava muito supérflua para uma senhora, juízo também muito próprio dos analfabetos como ela era.³⁷

Registra-se a diferença entre educar a menina — destinada a cuidar da casa e de sua futura família — e o menino.

A criança tinha sempre como padrinhos alguém com iguais ou superiores condições financeiras de seus pais. Quando esta criança habitava o engenho, recebia visitas esporádicas de parentes e padrinhos vindos de outras partes, principalmente da capital, trazendo novidades para todos; os padrinhos quase sempre portavam muitos presentes, alguns com produtos importados. Esta prática nos faz inferir que, em meio a esses presentes, constavam brinquedos, visto que muitos objetos eram destinados às crianças tidas como afilhadas. Relataremos a seguir o episódio de uma visita realizada em sua residência.

Trazia sempre o Cônego de presente às afilhadas produtos nacionais e estrangeiros desconhecidos naquela zona da nossa província, e, por esta razão, muito apreciados [...] Às crianças escravas, distribuía moedas de cobre, desafiava-lhes os ditos e gracejos infantis, de sorte que a sua chegada consistia numa verdadeira festa para todo o pessoal das casas de seus amigos.³⁸

³⁷ BITTENCOURT, 1992a, v. 1, p. 137.

³⁸ BITTENCOURT, 1992a, v.1, p. 153.

Essas notícias confirmam a possibilidade de constar brinquedos importados dentre os objetos presenteados, reforçada pelos registros de anúncios de brinquedos importados por casas comerciais que apresentavam anúncios em jornais do período.³⁹

A criança participava do cotidiano doméstico juntamente com os adultos em alguns afazeres, principalmente no que diz respeito às atividades desenvolvidas na sala de costura.

Depois do almoço, as filhas de Pedro Ribeiro vinham sempre passar algum tempo com ele, e quando voltavam aos afazeres habituais, eu, com o meu batalhão de negrinhas, invadia-lhe o aposento alegrando-o com minha tagarelice, que ele sabia excitar. Minha tia arranjara pelo Natal um baile pastoril no qual eu representara o anjo que viera avisar aos pastores o grande acontecimento. Dispondo então de muita memória, eu não só descobria o meu papel como quase todos os das pastoras, e ensinava-os às negrinhas, o que me dava algum trabalho.⁴⁰

Podemos perceber, nesse episódio, que em determinados contextos e períodos da infância, o encontro entre a criança negra e a criança branca se dava quase sempre, para a criança do sexo feminino, no contexto doméstico, o que contribuía para que a moleca acompanhasse a sinhazinha para o resto de sua vida.

A participação da criança no desenvolvimento do folguedo⁴¹ contribui também para que a cultura lúdica se desenvolva em uma dinâmica de contato com a cultura geral, possibilitando um intercâmbio entre as mesmas, revelando seu importante papel tanto na sedimentação da cultura lúdica como na construção do conhecimento em uma cultura geral.⁴²

É dessa forma que captamos a criança como sujeito da história e produtora de conhecimento. Mesmo no período em que, aparentemente, não tem voz, ela se mostra e conquista espaço e, muitas vezes, o poder, mesmo que efêmero; daí se verificar a relevância de seu papel para a manutenção das tradições. Isso demonstra inclusive que essa criança, se por um lado é um ser “moldável” pelo adulto, por outro é também, e simultaneamente, um “ser que se constrói”, quando é capaz de demarcar espaços, de se fazer presente nos diversos contextos, ainda que sua voz seja silenciosa. A criança se faz notar; ela não passa despercebida, pois sua voz ecoa no ar.

A moleca e o moleque eram companheiros(as) da criança branca. Nessa ambiência, Anna Bittencourt relata que, a despeito de sua doença nos olhos, continuava a brincar sempre acompanhada: “Continuei, pois a brincar, como até então a brincar com bonecas em companhia

³⁹ Estes anúncios são analisados e apresentados no Capítulo 3 desta tese.

⁴⁰ BITTENCOURT, op. cit., p. 177.

⁴¹ Sobre folguedo, ver CÂMARA CASCUDO, Luiz da. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

⁴² FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1961; FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

das negrinhas de minha idade e a correr no quintal em busca de frutas, de que era muito gulosa e de cujo abuso resultou-me mais tarde um sofrimento de estômago.”⁴³

A criança daquele período era vista como instrumento para alegrar os lares; aqueles parentes que não tiveram filhos contribuía, participando da vida da criança e de sua família. Anna Bittencourt refere-se a uma tia: “Creio que, a esta minha tia, era grata a presença das sobrinhas que iam alegrar-lhe o lar, ao qual faltava a vida que, inegavelmente, dão as crianças.”⁴⁴ Essa passagem ressalta mais um aspecto do papel da criança para o adulto: a criança servia para movimentar a casa, não deixando de ser um “veículo lúdico” para a família que não tinha filhos.

A autora relata suas práticas lúdicas realizadas em visitas à casa de parentes próximos e as “novidades” de brincadeiras desenvolvidas junto à natureza:

Avistei a casa e o rio Una⁴⁵ que corria pouco distante, ao fundo da mesma. Recordei os ótimos banhos ali tomados. As margens são guarnecidas de altas buracicas que, época da florescência, dão alegre aspecto àquelas paragens. As flores cor de ouro, dispostas em pirâmides, formavam ramalhetes que, sendo por nós ligados pelas extremidades, nos serviam de capelas e também com eles ornávamos os improvisados altares para os batizados de bonecas. Os banhos eram magníficos...⁴⁶

Essa narrativa ratifica a idéia de que a criança pode se utilizar dos materiais do meio em que está inserida para transformá-los em suportes lúdicos. Eles eram tratados como objetos frívolos, como atesta um aforismo da época, recitado por um de seus tios: “Risos, brinquedos e vadiações. Não curam da vida as precisões.”⁴⁷

A criança era também sempre referida juntamente com os grupos considerados menores, como os agregados, mucamas e mulheres adultas, o que evidencia que não era vista como sujeito participante de seu grupo social.

Para a criança da família abastada e que residia no campo, o aprendizado formal era sempre intercalado de práticas lúdicas realizadas ora no rio, ora nos currais, ora nos campos. No caso do menino Pedro Ribeiro, como informa a autora, praticava a caça e a pesca sempre acompanhado de um adulto e de alguns moleques. Essas atividades, para os adultos de sua família, contribuía para o desenvolvimento físico do menino. Pedro Ribeiro encerrou sua infância para estudar, na adolescência, em um Colégio do Engenho Jacuípe, no Recôncavo de Santo Amaro. No colégio, encontrou o rigor das instituições de ensino da época, onde nada acontecia sem o alcance do olhar do padre ou do mestre coordenador. Nessa atmosfera, o

⁴³ BITTENCOURT, 1992b, v. 2, p. 29.

⁴⁴ Ibid., p. 36.

⁴⁵ Rio que banha a cidade de Valença e deságua no Oceano Atlântico.

⁴⁶ BITTENCOURT, 1992b, v. 2, p. 36.

⁴⁷ Ibid., p. 46.

menino encerrava abruptamente a infância para dar início, com maior rigidez dos mestres, a uma nova etapa: seguir adiante com os estudos.

Não obstante a vigilância e a possibilidades de punições, meninos e meninas estavam sempre apostos para empreender uma prática lúdica, o que era visto pelo adulto como “diabrura” ou “falta de educação”. Essa percepção do adulto é evidenciada na narrativa da autora, quando se refere ao episódio acontecido no Colégio do menino Pedro, onde um rapaz mulato prendera um rabicho na nuca para seguir a moda em voga. Algumas crianças descobriram que o rabicho era postigo e preso com pequenos pesos de chumbo. Trataram de desmascará-lo publicamente durante uma festa, envergonhando-o:

Os meninos da classe primária ouviram esta conversa, e como não gostavam de Bernardo, formaram um plano de vingança. Não gostavam dele porque quando D. Josefa mandava as bandejas de doces e frutas, ele se arvorava de distribuidor e ia comendo dos melhores doces, de sorte que às vezes não chegava para todos. Ora, todos sabem que menino não é coisa boa: todos têm, no íntimo, um gérmen de malignidade que facilmente desperta quando alguém os fere ou contraria e com a leviandade própria da meninice, não hesitam aqueles que o maltratam.

Bernardo viera postar-se diante da casa sentado em uma cadeira e, orgulhoso do luxo do seu traje, procurava conversar com os proprietários, exibindo seu vestuário. Um menino colocou-se por detrás dele e perguntou, a um que estava defronte, qual era o metal mais precioso.

— O ouro! Respondeu este.

— E o mais útil?

— O ferro.

— Pois é engano, tornou o primeiro: o mais útil é o chumbo. Com ele se fabricam muitas coisas úteis, e até para transformar cabelo de branco a carapinha de negros e mulatos serve. E disto vou dar-lhes prova! E deu um violento puxavante na trança que pendia nas costas de Bernardo.⁴⁸

Não se faz necessário apresentar o problema surgido com essa ação, pois o que nos interessa é como a própria autora se refere aos atos das crianças e como, desde cedo, a criança já participava do convívio social nos diversos espaços em que eram demarcados lugares e papéis dos indivíduos brancos e negros. Ela se refere a um “gérmen de malignidade” presente no espírito infantil. Menino, como sabemos, “não é coisa boa”. Uma travessura é vista como um ato “maligno”. A criança é vista como um *ser por ser feito* pelas mãos do adulto, sendo apresentada como algo inacabado, que necessita de freio. Por isso os adjetivos que qualificam a ação lúdica infantil estão ligados aos valores negativos, devendo ser contidos e punidos. Origina-se nessa compreensão a presença freqüente de castigos corporais ou não como recurso para moldagem da criança.

D. Anna evidencia uma preocupação em retratar a infância, que parece lhe chamar muito a atenção. Não se limitou a rememorar sua própria família, mas também relata fatos vivenciados

⁴⁸ BITTENCOURT, 1992a, v.1, p. 62.

por alguns de seus parentes, a exemplo da visita da Família Real na Bahia, quando seu avô observou o príncipe em passeios pelo centro e recônditos da cidade, seguido por grupos de moleques:

[...] o Príncipe fazia freqüentes excursões nos subúrbios da cidade acompanhado por pessoas gradas, mas também por um batalhão de moleques. Os moleques da Bahia formavam naquela época, e em tempos muito posteriores, uma classe bem semelhantes à garotos de Paris celebrados por Victor Hugo. Dom João mostrava-se lisonjeado com estes testemunhos de simpatia de seus mesquinhos súditos. Havia um moleque tão ousado, que nestas excursões, aproximava-se do Príncipe oferecendo-lhes frutos dos quais gabava o sabor, ensinando-lhe o modo de comê-los. Dom João recebia os presentes sorrindo, com a melhor vontade, da inocente familiaridade.⁴⁹

O relato de Anna Bittencourt evidencia que a criança marca sua presença subvertendo a ordem não só no momento do jogo, mas em outros momentos, quando burla o protocolo para, por exemplo, manter um contato mais próximo com um membro da Família Real. Entendemos que estas ações não eram ingênuas como a autora nos apresenta, mas uma forma de se fazer presente, mesmo que não conseguisse marcar o seu espaço à maneira dos adultos. Esse relato indica, ainda, aspectos importantes não só dos hábitos do príncipe regente, mas do próprio comportamento da sociedade local, tanto em relação aos membros da Família Real como também em relação à criança, principalmente aquela “marginalizada”: o moleque.

D. Anna os compara às crianças de *Os Miseráveis*,⁵⁰ de Victor Hugo, um registro de que, já naquele período, uma parte significativa das populações infantis vivia à margem da sociedade. Ela não teceu comentários sobre a vida desses indivíduos; apenas chama a atenção para a forma como eles driblavam os adultos para falarem com o Príncipe, reforçando a concepção da criança como “ser menor” na escala social.

O fato de um moleque oferecer um fruto a alguém ilustre não é visto como gentileza, um ato educado, mas, na expressão da época, como uma ação de intromissão “[...] daquele que não sabe o seu lugar e deve ficar no canto ou debaixo do banco como um cachorro ou tamanco, mudo sem se fazer notado”.⁵¹

No caso de a criança pertencer a uma escala social considerada elevada, como é o exemplo do filho do senhor de Engenho ou do próprio infante, filho do Príncipe, esta criança recebia um tratamento diferenciado, ou seja, a ela era dado o direito de se utilizar de outras crianças, ou até mesmo de adultos, para suas brincadeiras. De qualquer forma, a criança é vista como um ser

⁴⁹ Ibid., p. 67-68.

⁵⁰ Romance histórico, datado de 1862, no qual Victor Hugo retrata a situação de crianças e adolescentes que viviam nas ruas de Paris.

⁵¹ BITTENCOURT, 1992a, v. 1, p. 68. A figura da criança na sociedade patriarcal brasileira sempre esteve relacionada a coisas sem muito valor. Isto está presente no adágio popular muito utilizado, que diz: “Menino, cachorro e tamanco é tudo para debaixo do banco.”

bestializado, sem regras sociais de respeito ao outro em sua convivência diária, como narra Anna Bittencourt, ao reproduzir fatos relatados por seu avô em visita à Família Real:

Um dos filhos de Dom João — D. Pedro ou D. Miguel, não me recordo — tinha umas pequenas esporas que usava quando, brincando, montava em um carneiro. O bajulador prestou-se a substituir o animal. O pequeno príncipe enterrou-lhe as esporas nas ilhargas, Dom João repreendeu o filho, dizendo que, se assim continuasse o homem dar-lhe-ia uma queda.

— Fique Vossa Alteza descansado, disse aquele vil adulator, que, embora o príncipe me fira com as esporas, eu não o deixarei cair.⁵²

O relato de D. Anna, apesar da riqueza de detalhes, não deixa escapar a natureza de sua formação construída no seio de uma família cristã, patriarcal,⁵³ na qual os espaços dos indivíduos eram delimitados pela autoridade do chefe da família, determinando uma relação de obediência. Ao longo de sua narrativa, seus próprios valores são revelados nos aspectos e questões por ela abordados. No entanto, menos que os valores, interessa ressaltar o descortinamento do universo infantil apresentado por D. Anna. Nele, são expostas as relações conflituosas e ambíguas entre crianças e entre essas e os adultos.

Como vimos, nesse contexto, a autora refere-se ao comportamento do adulto frente à criança como parcial: se é um moleque (uma criança negra ou de família menos abastada), é um insolente; se filho do senhor, ele passa a inocente, uma criança brincalhona.

2. INFÂNCIA NO CENÁRIO PAULISTANO

Maria Paes de Barros nasceu em São Paulo, na segunda metade do século XIX, precisamente em 1851, numa família patriarcal, sendo a primeira dos dez filhos. Assim como Anna Bittencourt, Maria Paes relatou suas memórias já numa fase madura da vida, iniciando seus registros aos noventa e quatro anos de idade.

Seu texto reflete a clareza de sua escrita, resultado do exercício diário de uma redação exigida por sua preceptora — a “Dindinha” —, moça alemã que, além de ensinar as letras às crianças de sua família, também participava do cotidiano da casa, acompanhando seus familiares em viagens e outros eventos; era uma governanta no sentido mais amplo da palavra.⁵⁴

Diferenciando-se de outras meninas de seu tempo, Maria Paes, com a “Dindinha” — era chamada assim por ser madrinha de uma das filhas do casal —, teve acesso não só ao

⁵² Ibid., p. 68-69.

⁵³ Sobre o conceito de patriarcado, embasamo-nos na obra: SHOTTER, John; LOGAN, Josephine. A penetração do patriarcado: sobre a descoberta de uma voz diferente. In: GERGEN, Mary McCanney (Org.). *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Brasília: Edumb; Rosa dos Tempos, 1993. p.91-109.

⁵⁴ Sobre a presença das preceptoras, ver a discussão no Capítulo 4.

aprendizado que lhe habilitava a ler e a escrever, como também adquiriu com ela o conhecimento de outras línguas como o francês, o alemão e o inglês, tendo contato com obras literárias nesses idiomas. Interessou-se também pelas ciências e artes. Ainda muito jovem dedicou-se ao ensino de história aos jovens de Mogi-Guaçu, cidade da província de São Paulo.

A obra foi prefaciada por Monteiro Lobato e teve como apresentador Caio Prado Junior. As referências ao texto denotam sua importância para o conhecimento de parte da vida paulistana da metade do século XIX, revelando aspectos adversos de uma família aristocrática que experimentava a ambigüidade de vivenciar tanto o campo como também os salões da cidade. A respeito da importância dessa obra, Ricardo Gonçalves comenta:

Muito mais do que um livro de memórias, *No Tempo de Dantes* é uma viagem no tempo e também uma declaração de amor por São Paulo. Com um estilo elegante, e muitas vezes poético, Maria Paes de Barros resgata personagens e lugares, recriando momentos carregados com os odores e sabores da cidade de meados do século passado.⁵⁵

O texto revela imagens que não só testemunham privilegiadamente o cotidiano de uma família paulistana daquela época, como também desvela meandros importantes das relações sociais entre os membros da família, seus agregados, escravos, parentes e amigos.

As imagens construídas por Maria Paes de Barros levam o leitor a viajar no tempo; percorrer o cafezal, as poucas ruas da cidade, visitar as fazendas próximas e, sobretudo, enriquecer seus conhecimentos culturais nos serões da família. Acerca da memória prodigiosa da autora, Monteiro Lobato informa:

Graças ao verdadeiro fenômeno, temos hoje diante de nós um quadro panorâmico do que fomos socialmente muitas décadas atrás, na reconstituição das idéias, dos costumes, dos preconceitos, dos brinquedos, dos passeios, das diversões, da mesa e de tudo mais que formava o “*modus vivendi*” duma numerosa família de alto estadao e severos princípios de moralidade.⁵⁶

É importante ressaltar que, ao mesmo tempo em que delineia o retrato de sua vida e de sua família, a autora, aos 94 anos, presta uma homenagem a sua Terra Natal (a cidade de São Paulo), declarando:

Mas eu te vi crescer, São Paulo de dantes, e por isso me são tão caras as frioleiras de tua infância. Deixa-me, pois, contar-te como eras. Cresceras e já contavas milhares de habitantes que, à procura de terras mais férteis, iam sertão adentro dedicando-se à lavoura e outras culturas. Assim se foi formando tua classe de fazendeiros, que ao fim tão rica e preponderante se tornou.⁵⁷

⁵⁵ GONÇALVES, Ricardo. Apresentação. In: BARROS, Maria Paes de. *No tempo de dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. v.

⁵⁶ LOBATO, Monteiro. Prefácio. In: BARROS, Maria Paes de. *No tempo de dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. ix-x.

⁵⁷ BARROS, 1998, p. 2.

O texto revela aspectos da infância paulistana, oferecendo-nos subsídios para a construção da história da infância desse período. Maria Paes de Barros pontua a inserção da criança nos diversos contextos, apresentando sua participação na trama do tecido social ao qual pertencia. No entanto não deixa de traçar um panorama dos vários ângulos da vida daquela época por ela vivenciados. Há um interesse explícito em apresentar os papéis “representados” pelos sujeitos de seu meio, principalmente o feminino, identificado na descrição dos eventos.

À mulher cabia capacitar-se para bem comandar as diversas tarefas domésticas desenvolvidas pelo número elevado de escravos e agregados que prestavam serviços domésticos; só saía às ruas acompanhada do marido; num caso de necessidade, geralmente para fazer visitas, tinha como companhia um membro mais velho da família; já as compras, eram realizadas acompanhada por pajem.⁵⁸

O universo feminino revelado por Maria Paes de Barros foi sempre demarcado pelos papéis bastante definidos que as mulheres teriam de desempenhar, desde a infância, fosse branca ou negra. À menina cabiam as atividades mais delicadas e recatadas; aos meninos, as atividades que denotavam virilidade, força e poder, com o intuito de, futuramente, regerem uma família.

Até nas leituras, as meninas tinham acesso apenas a um conteúdo que contemplava a formação moral dos bons costumes, de acordo com os ditames da época para uma futura dama. Em todas as capitais das províncias do Brasil, a educação formal era bastante restrita para as meninas. Isto pode ser confirmado pelo número de instituições de ensino existentes na metade do século XIX. O maior número de instituições do ensino de primeiras letras era direcionado aos meninos; para as meninas esse número era reduzido à metade⁵⁹.

Para a profissionalização, quase não existiam cursos para as meninas, pois, segundo o entendimento da época, bastava um aprendizado elementar das primeiras letras, cursos complementares de piano e, quando muito, o aprendizado de alguma língua. O que realmente importava era o exercício das práticas domésticas diárias, como cozer, comandar a casa, cuidar dos filhos e acompanhar o marido nas obrigações sociais. A esse respeito, Maria Paes afirma:

Desde cedo eram as pequenas iniciadas nas “prendas domésticas”, consideradas tão necessárias quanto os estudos. Olhares vigilantes acompanhavam todos os atos de suas vidas, atentos tanto à instrução como à educação moral e religiosa. Como meios auxiliares não faltavam, como já dissemos, os castigos, sempre julgados indispensáveis.⁶⁰

E mais:

⁵⁸ O pajem, nesse contexto, era um serviçal da família.

⁵⁹ CHAVES, 1998.

⁶⁰ BARROS, 1998, p.32.

Também aos menores era aplicada a profusa disciplina. Um dia um dos meninos, que estava começando a escrever com tinta, cobrira uma página de rabiscos e borrões. A folha de caderno foi arrancada e pregada com alfinete às costas do pequeno, que com esse triste ornamento teve de se apresentar à mesa do jantar.⁶¹

Essa leitura complementar era dificultada pela falta de acesso a livros que ampliassem o conhecimento das jovens.

Sendo a instrução muito elementar, por não haver colégios para o sexo feminino, nem tampouco livrarias, as ocupações das meninas cingiam-se à vida doméstica. Raramente lhes chegavam ao alcance algum livro, exceto de missa ou uma dessas narrativas de fama universal, como Paulo e Virgínia, de Bernadin de St. Pierre, que liam, então, com ávido interesse.⁶²

Isto sem contar que todos os materiais que pudessem chegar até a menina eram censurados pelos mais velhos, dificultando seu contato com informações que pudessem ampliar seu horizonte ou delinear-lhe um outro perfil, como por exemplo, o de mulher mais independente, o que era terminantemente contrário aos dogmas da Igreja e da estrutura da família patriarcal escravocrata.

Diante de tantas proibições, a autora não se detinha a este mundo limitado. Registra que a Cidade de São Paulo foi mudando os hábitos de seus moradores com a abertura da Faculdade de Direito, a chegada de vários estrangeiros que se estabeleceram na cidade, entre os quais pessoas que passaram a lecionar línguas, ciências e arte. Estes elementos contribuíram para uma mudança dos costumes e hábitos das pessoas do campo, adquirindo um ar de cidade progressista.

Os meninos, após completarem o primeiro período de estudos, eram enviados à capital ou, no caso de famílias mais abastadas, à Europa para fazerem o curso superior.⁶³ O pai da autora, que mantinha contatos comerciais com alemães, encaminhou os filhos homens para Hamburgo. Maria Paes de Barros revela o cuidado que ele dedicava à instrução de seus filhos:

O comendador Barros procurou proporcionar-lhes os meios para obter cultura, coisa difícil então, pela carência de bons colégios. Era costume, por essa época, as famílias abastadas mandarem para a Europa os seus filhos. Muitos escolhiam a França; ele, porém, preferiu, enviar os seus filhos à Alemanha, visto ter relações comerciais com importante firma de Hamburgo. Para lá, seguiram, pois, os três rapazes mais velhos, tendo sido internados em colégios, enquanto as meninas estudavam com a Mademoiselle.⁶⁴

Esse relato evidencia a diferença entre o tratamento dispensado aos meninos e às meninas da família. “Mademoiselle”, a preceptora, era tratada por Dindinha, e não só tinha a

⁶¹ BARROS, 1998, p. 32.

⁶² Ibid., p. 5.

⁶³ FREYRE, 1999.

⁶⁴ BARROS, op. cit., p.12.

responsabilidade de cuidar e ensinar a ler escrever em outros idiomas como também de cuidar das crianças menores. A respeito da preceptora a autora depõe:

Era realmente bem-dotada a professora: além de bonita, inteligente, culta e hábil em trabalhos manuais e misteres de cozinha, falava diversas línguas, tocava, cantava e desenhava bem. Afável, serviçal e insinuante, soube captar simpatia e afeição das manas mais velhas, que foram logo tomadas de um sentimento feito admiração e ternura.⁶⁵

Por isso, a “Mademoiselle” participava de todos os eventos da família e era sempre ouvida e admirada. Nessa família, todos falavam o francês, mesmo os filhos pequenos. O pai mandava vir livros de coleções francesas, que eram lidos por todos. Até mesmo aqueles que ainda não dominavam o idioma, deleitavam-se folheando as páginas.

As lições eram ministradas por Dindinha em francês e alemão. A língua portuguesa, mesmo sendo vista por ela como um “pobre vernáculo”, também era ensinada. Dessa forma, o ensino do português era bastante restrito, enquanto o da língua francesa era mais amplo, obrigando os estudantes a decorarem toda a gramática.

A despeito da doçura da preceptora, os castigos eram aplicados, quando um de seus aprendizes infringia alguma regra. Estes se faziam necessários para manter as normas estabelecidas. Sobre isso, Maria Paes de Barros comenta:

Com a mesma severidade se exigia, a horas certas, a presença dos alunos para o estudo e o recreio no quintal. Ai da menina que, depois do toque de saída, fosse a um canto da sala de estudos para uma furtiva leitura do seu livro predileto! Veria logo abrir-se a porta e uma voz exclamar: “Que é isso? Não sabe que é hora de recreio? Vá já para o quintal, e hoje fica sem sobremesa”. Lá ia o livro querido para a carteira... A pequena descia a escada, tomando na sala de jantar o seu pão com manteiga, para comê-lo no alto da enorme pitangueira que crescia no fundo do quintal.⁶⁶

Essa imagem, construída em 1890 na residência da autora, permite-nos verificar a existência de um espaço da casa para as refeições e os folguedos de crianças menores.

⁶⁵ BARROS, 1998, p. 12.

⁶⁶ Ibid., p.15.



Foto 1 - Sala onde se reuniam as crianças para seus folguedos e refeições. Residência de Maria Paz de Barros, c.1890.⁶⁷

Podemos visualizar, além de duas crianças pequenas de até dois anos de idade, outra um pouco mais velha com uma menina de aproximadamente 10 anos. Observamos duas jovens e junto a uma delas encontra-se um menino trajando casaca e calças compridas, a colocar na boca de uma das jovens um instrumento com aparência de apito; no chão da sala, um cachorro; entre alguns brinquedos, vê-se uma boneca com cabelo e vestido.

Na última refeição, servida às vinte horas, iniciava-se o serão para atualizar os acontecimentos do dia. Tomada essa refeição, as crianças pequenas eram retiradas logo após pedirem a bênção a seus pais. Para a menina havia uma bênção diferenciada, como relata a autora, pois nessa “[...] ocasião o comendador, depois de dar a sua mão a beijar, passava-a levemente sobre as faces das meninas, dizendo com um sorriso: ‘Que Deus te faça uma santinha’.”⁶⁸ Mais uma vez, identificamos um tratamento diferenciado para com as meninas. Nessa frase, o pai roga a Deus para que sua filha não se desencaminhe, não deixe de seguir as

⁶⁷ Fonte: BARROS, 1998, p.18.

⁶⁸ Ibid., p. 21.

regras sociais estabelecidas na época. Dessa forma, a vida seguia tranqüila, sem maiores contratempos; todos se ocupavam de suas obrigações; o divertimento, muitas vezes, ficava por conta de algum evento, como a visita de um amigo ou de algum familiar.

Para aquelas meninas caseiras, sobretudo, as visitas aos parentes constituíam um verdadeiro prazer. É de crer que fossem então mais estreitos os laços de parentescos; não encontrando os modernos derivativos, os sentimentos pareciam concentrar-se na família. Como quer que seja, as visitas semanais eram reuniões em que tomava parte toda a família.⁶⁹

A criança dessa família participava das atividades juntamente com os adultos, sob sua vigilância no âmbito doméstico ou fora dele. Essa participação contribuía para que ocorresse o intercâmbio, a troca de informações socioculturais não só por parte dos grupos infantis, mas entre estes e os adultos e entre os próprios adultos que, em suas visitas, realizavam trocas culturais.

Quando algum membro da família viajava para o estrangeiro ou mesmo para a fazenda sempre havia novidades para ser comentadas, novos produtos eram apresentados, como obras de arte, tecidos, livros, dentre outros. Dessa forma, a criança participava dos questionamentos com suas brincadeiras, tomando conhecimento de acontecimentos distantes e passando a ter contato com culturas distantes, ao tempo em que se fazia presente no círculo familiar; à criança os fatos, as conversas não passavam despercebidos.

Nas capitais das províncias, principalmente em São Paulo, já era freqüente a presença dos africanos e de outros estrangeiros como empregados, com os quais as crianças tinham contato, o que nos faz inferir que essas pessoas deviam influenciar em suas práticas lúdicas. Sobre a participação dos adultos nas atividades lúdicas desenvolvidas pelas crianças, a autora relata:

Após as primeiras conversações, desciam todos para a chácara, cultivada com gosto e arte por perito jardineiro alemão. Sentavam-se os pais debaixo de um caramanchão florido, as manas passeavam por entre as belas árvores frutíferas [...] e os pequenos expandiam-se ruidosamente em corridas e brinquedos com os primos.⁷⁰

E mais:

“Não era raro ver-se o titio, sentado no grande banco debaixo da viçosa paineira, assistir, sorrindo, aos folguedos das crianças. Isto principalmente quando o brinquedo fora por ele aconselhado. Dirigia-o mais para evitar atritos e rivalidades.”⁷¹

⁶⁹ BARROS, 1998, p. 21.

⁷⁰ Ibid., p. 24.

⁷¹ Ibid., p. 24.

Esses contatos aconteciam com frequência entre os membros de sua família. Além das visitas empreendidas para ir à casa de parentes, também se faziam passeios em uma *sege*⁷² pelos arredores da cidade.

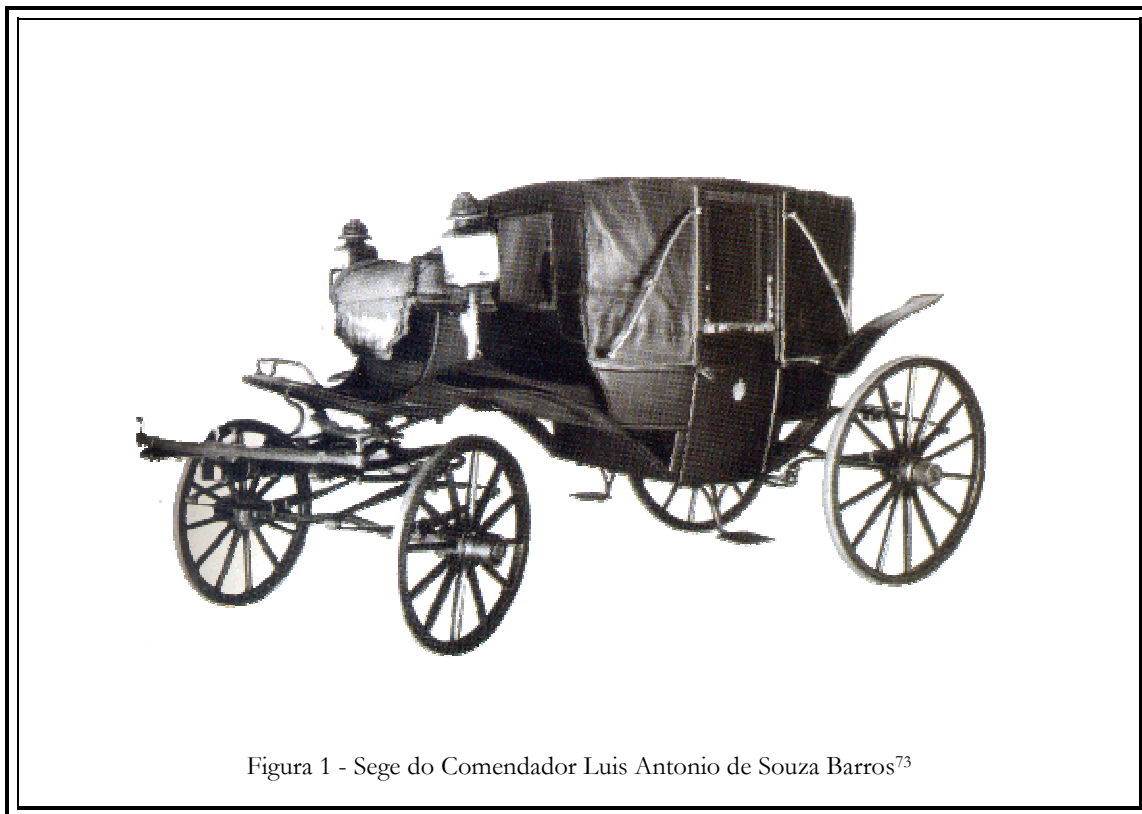


Figura 1 - Sege do Comendador Luis Antonio de Souza Barros⁷³

Nestes passeios iam as irmãs mais velhas, que levavam os pequenos mais bem comportados, acompanhados do cocheiro e de um laçao da família.

A família, também reunida, ia com seus agregados aos eventos religiosos, como missas e procissões. Nestas, para algumas crianças, eram destinados os papéis de anjos. As mães orgulhavam-se, realizando os preparativos para o evento; mandavam confeccionar vestidos e sapatos brancos, cachos postiços de cabelo, coroa de flores e asas. No dia do evento, todos se preparavam para acompanhar a procissão ou assistir das janelas ou balcões dos sobrados, como relata a autora:

Vinha afinal o aviso de que a procissão ia deixando a igreja. Chegavam-se todos às janelas: os senhores com suas família, às do salão grande; as meninas, às do quartos; e as da cozinha, todo o pessoal de serviço: pajens; mucamas e crianças. Dirigiam-se os olhares para o portal da igreja, onde apareciam os andores, suportados por ombros másculos, mediante longos varais. Caminhavam todos lentamente, pela rua juncada de

⁷² “Coche fora de uso, com duas rodas e um só assento, fechado com cortinas na parte dianteira.” (FERREIRA, 1995, p. 1292).

⁷³ Fonte: BARROS, 1998, p. 28.

folhas. Dos lados dos anjinhos de branco e azul, muito cômicos de seu papel. As crianças, que da janela assistiam pela primeira vez ao préstito, faziam mil perguntas às escravas.⁷⁴

Eventos dessa natureza levavam a população às ruas, trazendo um novo colorido aos tons do cotidiano da cidade, com transeuntes e moradores a comprarem guloseimas e outras iguarias próprias desse tipo de evento.

Muita gente transitava de um para outro lado; inúmeras quitadeiras passavam com seus tabuleiros à cabeça, cheios de docinhos variados, envoltos em papéis de cor. A isso não resistiam as crianças, que importunavam as mães com seus pedidos. Lá iam as pajens comprar as balas de rosário, as balas compridas de rosas e de limão e os cartuchinhos de confeitos de anis. Satisfeitos de tais guloseimas, eram os pequenos despachados para casa com suas pajens, enquanto os pais se reuniam para pequena colação.⁷⁵

As crianças não podiam ficar até mais tarde. A boa conduta era sempre recompensada. A criançada devia manter o respeito aos adultos não os importunando com brincadeiras barulhentas ou que pudessem desarmonizar o ambiente. Para evitar transtornos, a autora conta que sua mãe encomendava para os pequenos sapatos sem saltos, para evitar barulhos que perturbassem os nervos dos mais velhos.

O bom comportamento era sempre exigido, principalmente na presença de visitas, à mesa e mesmo no momento de brincar. A autora revela que o pai sempre dizia que na “gramática das crianças não existe o verbo querer”, o que denota que o adulto determinava o comportamento da criança no âmbito da casa. Isto, contudo, não impedia a criança de desenvolver sua prática lúdica com liberdade no espaço do quintal, do rio, do curral, ainda que acontecesse dentro de uma rotina pré-estabelecida pelo patriarca da família.

Reportamo-nos, a partir deste ponto, à descrição da autora para retratar a rotina de sua família. Todos despertavam nas primeiras horas da manhã, faziam um passeio e por volta das nove horas almoçavam; iniciavam então as tarefas de estudos e trabalho. Ao meio-dia, um espaço para o recreio; as meninas lanchavam pão com frutas e os mais velhos tomavam uma xícara de café. Em seguida, às duas horas, era servido um farto jantar, acompanhado de uma grande variedade de doces como sobremesa. Após essa refeição, as meninas iam para a sala de estudos e costura, para desenvolverem atividade com a agulha, nela permanecendo até as cinco horas da tarde, quando encerravam suas atividades para dar um passeio, fazer visitas ou dar uma volta de sege. Podiam também descer para o quintal, onde desenvolviam suas práticas lúdicas: apostavam

⁷⁴ Ibid., p. 43.

⁷⁵ BARROS, 1998, p. 44.

corridas, pulavam cordas, subiam nas árvores, as mais velhas aproveitavam para ler ou tocar violão.

Além das visitas curtas, na própria cidade, havia as da fazenda e a mais longa, para ir a Santos. A preocupação do pai era não cansar as crianças nem os animais. Nesse relato, vemos que o cansaço da criança era comparado ao dos animais. A ida à praia requeria alguns cuidados e, para desgosto da criançada, um horário mais rígido, quando o banho durava apenas dois ou três quartos de hora. Nessas viagens iam também escravos e agregados; muitos deles iam a pé ou a cavalo e alguns se distribuíam em dois bangüês;⁷⁶ num deles seguia uma parte das provisões e no outro,

[...] ia por vezes a mamãe, quando criavas algum pequenino, levando também os meninos que não sabiam montar, ou, por vezes, uma das manas; no outro, ia alguma preta com filhos pequenos. Acompanhando os tocadores de bangüês, que seguiam a pé, desfilavam a passos vagarosos, nas suas montarias, numerosas pretas - serventes e mucamas.⁷⁷

A criança procura desenvolver suas atividades lúdicas em qualquer espaço e qualquer material poderá servir de suporte lúdico. Quando a família chegava enfim no Engenho, também não era diferente. Acordavam bem cedo para ver as novidades, encantavam-se com tudo, com os pássaros, com os bois a puxarem a moenda para a moagem da cana e apreciavam com gosto os gomos pequenos, cortados especialmente por Joaquina, espécie de mucama ou pajem, para que pudessem saboreá-los com prazer. Gostavam também de ver a moagem do milho, como relata a autora:

Sentavam-se na grama, à volta da máquina primitiva, enquanto Joaquina conversava com monjoleira. As crianças observavam, atentas, como o monjolo se enchia de água e como esta, derramando-se, levantava a enorme mão de pilão deixando-a cair com grande ruído sobre o milho.⁷⁸

E mais:

Mais o maior prazer das crianças era chegar no engenho. Verdadeiro deleite, mormente quando conseguiam sentar-se na banquetada almanjarra, a observar os bois pesados, de enormes chifres, que caminhavam lentamente em torno de grandes cilindros que moíam a cana. Corriam depois ao tendal, onde se regalavam com o Grosso melado quente. A muito custo conseguia a Joaquina levá-los de volta para casa.⁷⁹

⁷⁶ Meio de transporte da época utilizado pelas famílias aristocráticas.

⁷⁷ BARROS, 1998, p. 70.

⁷⁸ Ibid., p. 80.

⁷⁹ Ibid., p. 80.

No cotidiano do engenho, descobriam novidades que contribuíam sobremaneira para a ampliação de seu universo lúdico. À fantasia da criança nada escapava. Andavam em pequenos carros puxados por caprinos, como podemos verificar na imagem dos meninos no carro de cabra, exposta a seguir:

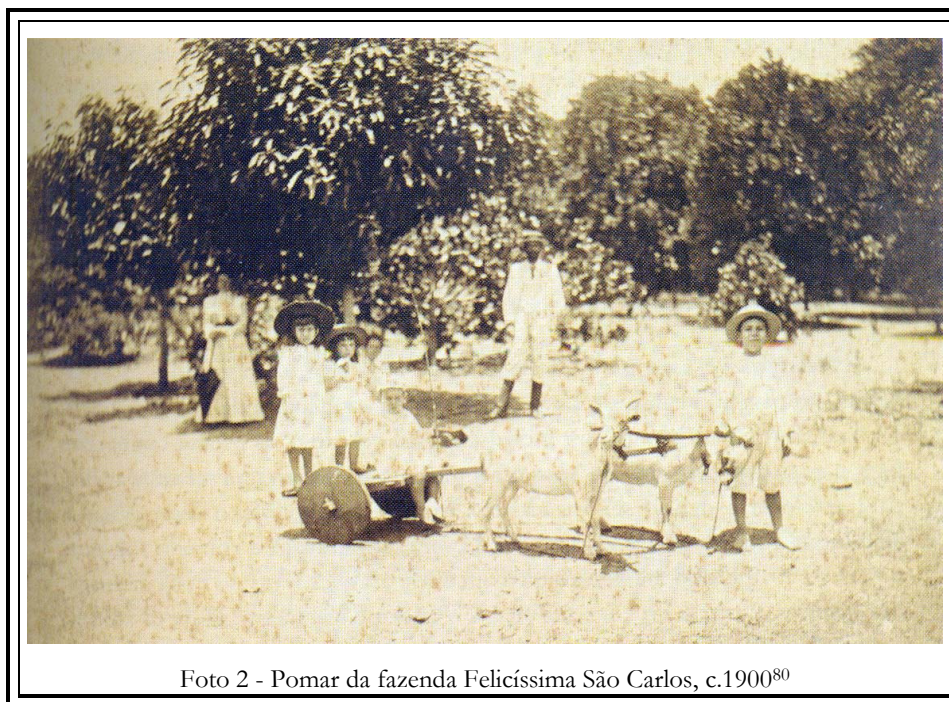


Foto 2 - Pomar da fazenda Felicíssima São Carlos, c.1900⁸⁰

Esse universo, como já referido, sempre registrava a presença de um adulto e a dedicada Joaquina estava sempre por perto, participando de suas atividades.

Quando estavam doentes, levava-lhes alimento, ao pé da cama, vigiando-lhes o sono; quando são, contava-lhes histórias... Era um prazer ouvir as lendas africanas sobre meninas roubadas que, metidas em sacos, cantavam pelas ruas. Ou, então, sobre cavaleiros perseguidos, que fugiam a todo galope do inimigo e atiravam para trás um alfinete que se transformava em bosque de espinhos!⁸¹

No contexto de um mundo fantástico, conformado pela imaginação e pela fantasia, as práticas lúdicas realizam-se, contribuindo para que nelas a criança participe ativamente de seu meio circundante.⁸²

A capacidade de fantasiar da criança é grande, daí aproveitar todo o material, transformando-o em suporte lúdico. Como diz Benjamim “[...] criança faz história com o lixo da

⁸⁰ Fonte: BARROS, 1998, p. 81.

⁸¹ Ibid., p. 85.

⁸² NACHMANOVITICH, 1993.

história”;⁸³ é assim que ela constrói seu universo, participando ativamente da cultura geral, aproveitando, muitas vezes, os materiais considerados pelos adultos como restos. É ilustrativo o relato de Maria Paes de Barros⁸⁴ sobre a utilização, pelas crianças, em suas brincadeiras, do selo aplicado nas cartas:

Como não existissem ainda envelopes, escrevia-se numa folha de papel, que se dobrava em quatro e se fechava com uma obreia, quase sempre de cor. No outro lado era escrito o endereço e posto o selo — o belo selo olho de boi, que hoje faria a delícia de qualquer colecionador, e que, depois de usado, era atirado fora ou usado pelas crianças, que o colocavam à testa, quando brincavam.

As obrigações, como trabalhos de costura e leitura, continuavam a ser diárias no cotidiano da fazenda ou da praia, assim como as punições para aqueles que não cumprissem suas tarefas a contento ou agissem com mal comportamento, desobedecendo as ordens dos mais velhos, principalmente dos pais ou da preceptora, sempre a postos na vigilância.

Todos os acontecimentos eram utilizados para exemplificar o comportamento ideal que, principalmente as meninas, deveriam ter. Dessa forma, os castigos serviam não só de punição para aquela que cometia o delito como também de exemplo para os demais. O exemplo de moral e bons costumes era aplicado em muitas situações, conforme comentário da autora a respeito do aniversário de uma das meninas. Nesse dia, não se tinha ainda o hábito de fazer festa; comemorava-se quando correspondia à data de algum personagem ilustre ou para alforriar alguma escrava que tivesse sido ama de leite do aniversariante.

A prática do bolo com velinhas era recente naquele período e foi um costume vindo do estrangeiro. A autora relata uma cena preparada pela preceptora, do aniversário de uma das meninas, que fora utilizado como lição, para que a menina tivesse um bom comportamento.

Nesse dia, pois, pela manhã, quando a menina entrou na sala de estudos, onde já estavam suas irmãs, a Dindinha chamou-a. Abrindo uma porta,
— Aqui está o que você merece.
Com assombro a aniversariante acompanhou a mesa nua, sobre a qual haviam colocado um monte de areia e, por cima, um feixe de varas! Consternação completa! Silêncio absoluto! Envergonhada, cabisbaixa, não ousava a pequena proferir uma única palavra. Após alguns minutos constrangedores, a Dindinha continuou:
— Mas nós lhe queremos bem. Veja o que tínhamos preparado para lhe dar.
Abriu-se outra porta. Nesse quarto via-se outra mesa, coberta de lindos presentes. Que deslumbramento! Contemplaram, extasiadas, o bolo com as velinhas acesas e, a um lado, uma caminha de madeira, em que repousava uma linda boneca. Podia ser vestida e despida a gosto, pois suas roupas não eram pregadas com tachas, como as comumente se viam. Havia também um ninho cheio de ovinhos diferentes (até os do pequeno colibri), pois as meninas faziam coleção de ovos de passarinhos. A um lado havia uma latinha com suspiros e outras guloseimas. Mas a Dindinha continuou em voz séria:
— Tudo isso fizemos para você, mas só receberá os presentes se for pedir perdão a papai, pela sua má conduta.⁸⁵

⁸³ BENJAMIM, 1984, p.77.

⁸⁴ BARROS, op. cit., p. 85.

⁸⁵ BARROS, 1998, p. 97.

Para ilustrar nossa discussão:

No São João o comendador dispensava os negros do trabalho no canavial e autoriza-lhes participar da festa dando-lhes uma novilha, porco, arroz, estes preparavam alguns doces, pinga e faziam fogueiras que eram muito apreciadas por todos. Sentavam-se a essa mesa os pretos – adultos e crianças – com exceção de algumas mulheres mais tímidas, que preferiam ficar servindo, rodeadas algumas de um bando de crioulinhos, a rir e a brincar num contínuo vaivém. O jantar não decorria sem as alegres manifestações de Viva Sinhô! Viva Sinhá! – a que a família, postada na varanda, agradecia.⁸⁶

A festa prosseguia e, para alegria da criançada, eram distribuídos fogos de artifícios. Elas aproveitavam para comer doces e pinhões assados. Assim transcorria a vida da família Paes de Barros com a presença marcante das crianças, que participavam ativamente, junto aos adultos, das atividades desenvolvidas nos diversos contextos em que se apresentava a família.

3. NOS SERTÕES DAS GERAIS

Helena Morley é o pseudônimo utilizado por Alice Dayrell Caldeira Brant (1880-1970), registrado em suas memórias, intituladas *Minha Vida de Menina*. Logo que começou a ler e a escrever, seu pai aconselhou-a a registrar num caderno seu dia-a-dia, procurando não deixar escapar inclusive a sua impressão do que ocorria a sua volta. Assim, iniciou-se a escrita do diário, no dia 5 de janeiro de 1893.

Seu pai tinha descendência inglesa e era um pequeno minerador da cidade de Diamantina, Minas Gerais. Alice Brant passou a realizar estes registros a partir dos doze anos. Não se ateve a anotar apenas o que se passava naquele período, mas também registrou as lembranças do que havia vivido na tenra infância. Até mesmo seus familiares, desde os mais próximos até os mais distantes, não escaparam de suas anotações, muito menos os acontecimentos de sua região. Transformado em livro, o diário foi publicado pela própria autora em 1942, traduzido para o francês e para o inglês.

A importância dessa obra reside no fato de que o texto traz revelações que extrapolam o cotidiano da vida da autora. Revela-nos fatos políticos e culturais importantes de um país em formação. Apresenta-nos uma mineração já escassa numa pequena cidade; as relações de imigrantes já estabelecidos com a gente da terra; as dificuldades daqueles que não tiveram tanto êxito; a situação do negro, da mulher e, principalmente, da criança negra e estrangeira.

Seus registros evidenciam a discriminação pela qual passavam essas crianças que, quando muito, recebiam uma proteção paternalista, atendendo aos mandamentos cristãos. Dessa forma,

⁸⁶ BARROS, 1998, p. 106.

Minha Vida de Menina vem contribuir sobremaneira com nossa pesquisa, para elucidar questões que, aparentemente, são periféricas ao tema estudado. Com um texto claro, não ficcional, a escrita é movida pela poesia do tempo, rica de informações que nos permitem visualizar o delineamento da vida privada daquela cidade. “A mocinha que, junto à vela acesa no castiçal de cobre, enchia a pouco e pouco as folhas quadriculadas do caderno comprado no Mota, ao mesmo tempo que preservava seu universo individual, resumia um pouco de todas as infâncias.”⁸⁷

O apresentador da obra resume a importância do texto. O livro composto com as anotações diárias ainda apresenta as datas precisas desses registros, o que facilita a confrontação dos dados apresentados pela autora com documentos de diversas fontes. Este é mais um dos pontos importantes dessa obra: ser colocada como fonte de um trabalho realizado na historiografia da infância brasileira.

Não sei se poderá interessar ao leitor de hoje a vida corrente de uma cidade do interior, no fim do século passado, através das impressões de uma menina, de uma cidade sem luz elétrica, água canalizada, telefone, nem mesmo padaria, quando se vivia contente com pouco, sem as preocupações de hoje. E como a vida era boa naquele tempo! Quanto desabafo, quantas queixas, quantos casos sobre tios, as primas, os professores, as colegas e as amigas, coisas de que não poderia mais me lembrar, depois de tantos anos, encontrei agora nos meus cadernos antigos!⁸⁸

Ressaltamos, mais uma vez, que Helena Morley ofereceu-nos informações, em suas anotações, sem maiores pretensões que não fossem a de registrar os acontecimentos de seu cotidiano e de lhe fazer também “passar o tempo”. Membro de uma família grande e de condição financeira não muito estável, a menina Helena e seus irmãos começaram a ajudar nos afazeres domésticos desde cedo. Como o genitor, senhor Alexandre, estava sempre fora de casa, em busca de diamantes na lavra do garimpo, a responsabilidade da educação dos filhos ficava por conta da mãe, que distribuía as tarefas entre os filhos (Helena, Luisinha, sua irmã mais nova, seu irmão Renato e outro menino, crioulo, chamado Emídio).

Todos eram postos, pela mãe, a ajudar em casa. As meninas arrumavam a casa e as quintas-feiras acordavam cedo para lavar a roupa no rio. Nesse dia o irmão levava num carrinho as panelas e os produtos para a refeição que seria elaborada e consumida lá mesmo. Emídio tinha a incumbência de buscar lenha para a fogueira. Ao outro irmão cabia pescar. Enquanto a mãe aprontava o almoço, geralmente tutu de feijão com torresmos e arroz, as meninas lavavam a roupa, ensaboando e pondo para quicar nas pedras.

Após o almoço, enxaguavam as roupas e depois as colocavam para secar, acabando, assim, o serviço. Tinham o caminho vigiado pela mãe, enquanto tomavam banho e lavavam os

⁸⁷ EULÁLIO, Alexandre. Prefácio. In: MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7-12. p. 12.

⁸⁸ MORLEY, 1998, p. 13.

cabelos. Enquanto esperavam secar a roupa, procuravam frutas, ninhos de passarinho, casulos de borboleta e pequenas pedras redondas no rio, as quais seriam utilizadas, posteriormente, em jogo não descrito pela autora, mas que podemos inferir que se tratava das brincadeiras: cinco Marias, amarelinha, entre outras. Desta forma, as crianças participavam da economia doméstica, intercalando o estudo e as brincadeiras com trabalho. Àquela altura, Helena já demonstrava que estava ciente da condição econômica de sua família:

Que economia seria para mamãe, agora que a lavra não tem dado nem um diamantinho olho-de-mosquito, se pudéssemos ir a ponte todos os dias, pois Renato e Nhonhô vendem tudo que trazem, no mesmo dia. Ainda se pudéssemos ficar na lavra com meu pai, ela não precisava trabalhar tanto. Mas os nossos estudos atrapalham a vida de mamãe, que eu morro de pena dela.⁸⁹

Diferente das crianças pertencentes a camadas sociais mais abastadas, Helena e os irmãos passavam por dificuldades materiais, mas participavam com seus pais das tarefas domésticas, no intuito de amenizar a situação. Provavelmente pescar lambaris ou outros peixes era, sobretudo, uma ajuda para as refeições da família. Além disso, trocavam-se ou vendiam-se estes alimentos, possibilitando a obtenção de outros produtos.

Apesar das dificuldades enfrentadas pela família, o grupo de crianças não esquecia das atividades lúdicas, como podemos notar, quando a autora registra que apanhavam pedrinhas no rio para o jogo. Assim, além do alimento do corpo, buscavam provisões para as suas práticas lúdicas: o jogo.

A criança revelada nessa obra é um sujeito de seu tempo, participando ativamente e contribuindo com o sustento de sua família. Empreendendo ações lúdicas, brincavam e também recebiam uma educação formal, empreendida ora pelas tias, ora pela troca com outras crianças e velhos escravos pertencentes a outros membros da família como do avô, ora pela vizinha, como veremos adiante, que participava com a mãe, ditando regras de comportamento para as meninas e, por fim, pela própria escola.

A criança busca a liberdade até mesmo nas situações mais adversas, porque essa liberdade não está estritamente dependente do meio, mas da capacidade de imaginar e fantasiar. Helena explicita essa capacidade de imaginar, de dar sabor às coisas mais simples:

Nós todos, os meninos e meninas da Boa Vista, depois que acabamos de jantar e que meu pai e tio Joãozinho despacham os trabalhadores, a coisa que mais gostamos é ficar descalços, com o pé no molhado, subindo e descendo o desbarranque da lavra, procurando diamantinhos e folhetas de ouro, pois tudo meu tio compra. Diamante é raro achar, mas folhetas de ouro a gente encontra sempre.⁹⁰

⁸⁹ MORLEY, 1998, p.19-20.

⁹⁰ MORLEY, 1998, p.22-23.

Nessas condições, encontrar algo para vender era o objetivo, porém a procura advinha do prazer lúdico de subir e descer com os pés dentro d'água em companhia de outras crianças.

O bom comportamento dos filhos era sempre uma das metas importantes de qualquer família. Para atingi-la, o castigo, a punição eram sempre os instrumentos empregados com a finalidade de a criança seguir, o mais próximo possível, o bom exemplo, a obediência, como fora registrado nas memórias já apresentadas.

Em se tratando principalmente de meninas, o comportamento, as companhias, o bem falar, se tornavam um conjunto inseparável. Caso não cumprissem o estabelecido, alguma forma de punição era empregada não só pelos pais, mas também por outros membros da família – avós, tios, irmãos mais velhos – e até mesmo por vizinhos, visto que a criança de família (pobre) não tinha uma governanta ou uma preceptora. A esse respeito, reportamo-nos a um relato da autora, quando, numa ocasião, pediu a autorização da mãe para ir a um baile de máscaras. A mãe respondeu-lhe que permitia, mas que a menina teria que ter autorização da avó. Helena Morley nos conta:

Pedi licença a mamãe e ela disse: “se sua avó deixar, eu deixo”. Pedi a vovó: “Vovó, mamãe deixou. A senhora me deixa ir ao baile com a Glorinha?”. Ela disse: “Não deixo não”!. Saí batendo o pé com força e caí na cama dela, chorando. Ela vem, tira a chinela do pé e me dá duas chineladas, dizendo: “Então chore com razão”!. Bati as pernas mas não me levantei.⁹¹

Fazer o diário foi também incentivo da escola, especialmente do professor de português, que pedia às alunas uma redação a cada dia da semana; como a autora já escrevia seu diário, continuou motivada a fazê-lo. Helena Morley revela-se, como já dissemos, uma criança participativa, aquela que contraria a corrente, que pensa a criança como uma massa a ser moldada e modulada.

Ontem jantei com minhas tias inglesas.
Vou lá sempre depois da Escola. Tomo café e demoro um pouco, às vezes meia hora no máximo. Não me demoro mais porque lá não se tem com quem brincar, e eu não sou capaz de ficar muito tempo sentada na sala, só ouvindo conversa de gente grande.⁹²

Confirma-se aí a idéia de que a criança não é alheia ao que acontece em seu entorno. Ela fica alheia no momento da brincadeira, quando ausenta-se por um instante no tempo e espaço da prática lúdica. Quando há um fato que seja de seu interesse, acontecendo numa roda, num círculo de conversas entre adultos, a criança fica atenta e, mesmo brincando, não deixa nada escapar.

⁹¹ Ibid., p. 25.

⁹² Ibid., p. 27.

Na casa das tias apareceu uma visita que falou-lhe de um teatro de fantoches. Ao ser convidada, imediatamente mostrou-se interessada e se colocou à disposição do convite. Sobre essa ida ao teatro dos fantoches, Helena Morley narra:

Que noite boa! Nunca vi coisa mais engraçada que a dança daqueles bonecos. Parecem gente. Então os dois, Brigueta e Maricota, são impagáveis. A gente fica até duvidando que sejam bonecos. Seu Benfica nos levou, no meio do espetáculo um pacotão de luminárias e canudos, que fomos comendo enquanto assistíamos aos fantoches.⁹³

Em muitos divertimentos como este, os adultos partilhavam das alegrias juntamente com as crianças. Vários acontecimentos além deste, registrando a presença constante da criança como, por exemplo, os eventos religiosos — procissões, autos natalinos, dentre outros — são reinterpretados pelas crianças, como exemplifica a autora:

Nós fizemos, no fundo da horta, uma casinha de capim para servir de teatrinho de bonecos. Cada um fez um boneco e saíram tão malfeitos que nós rimos a perder, de vê-los representar. Nico é bem engraçado para imitar a voz dos bonecos; quando é boneca ele fala fino, quando é boneco ele fala Grosso. Pensávamos ganhar dinheiro com isto, mas já me convenci que em negócio de ganhar dinheiro não se consegue arranjar nada. As entradas são de cem reis. Mesmo assim só já conseguimos arranjar mil e seiscentos.⁹⁴

A necessidade de ajudar a família fazia com que as crianças estivessem sempre a planejar e articular as práticas lúdicas à possibilidade de ganhar algum dinheiro. Todavia o grupo em que estavam inseridas não tinha condições de pagar.

A educação de nossa autora foi diversificada, já que estudou com um número variado de orientadores que passaram por ela; a mãe, a avó, o pai, as tias, em especial a tia Madge, sua madrinha, a vizinha e os tios. A tia Madge a orientava principalmente nas questões práticas da vida; era uma orientação quase diária e, em seguida, a menina Helena prestava contas desses ensinamentos a avó, como nos relata no seguinte diálogo, em que a tia deu-lhe lições sobre educação e economia:

— Ela sempre aproveita para falar na falta de educação dos outros e eu vejo que é só para me ensinar. Falou de gente que cospe no chão, coça a cabeça na sala e interrompe os outros quando falam. No jantar ela disse que a gente não deve empurrar o prato do lugar; a gente bebe sopa e fica agüentando o prato na frente até a criada tirar. Também não se deve palitar os dentes na mesa.
 — Quanta coisa você aprende na companhia dela! Agora é praticar.
 — Mas como, vovó, se eu mesma é que tiro o meu prato do fogão, como, e depois lavo?
 — Sim, quando você crescer.
 — Até lá eu esqueci tudo.
 — E de economia, perguntou vovó, que é que ela te ensinou?⁹⁵

⁹³ MORLEY, 1998, p. 28.

⁹⁴ Ibid., p. 32.

⁹⁵ MORLEY, 1998, p. 33.

A menina continuou explicando a avó, demonstrando admiração pela tia, que aproveitava fatos corriqueiros, como utilizar um determinado sapato para ir a horta, não utilizar em demasia querosene na lamparina, senão os empregados ou qualquer outra pessoa poderia deixá-la acesa por muito tempo, não economizando. A avó incentivava o aprendizado, dizendo que a tia da menina, sua filha, era um bom exemplo a ser seguido, pois ganhava pouco com a escola e conseguia ainda guardar algum dinheiro. Com essa tia a menina Helena foi recebendo uma diversidade de conhecimentos da vida prática.

Os aniversários eram comemorados geralmente com um jantar, quando era servido frango ao molho pardo, assado de porco, doces e, muitas vezes, vinho do porto comprado em garrações do Rio de Janeiro. Esse era sempre um momento de encontro para a apresentação de novidades, ouvir música, contar histórias e ouvir casos contados pelos participantes.

Quando alguém ali presente era recém-chegado de alguma viagem, sempre tinha uma coisa nova a apresentar aos convivas — um livro numa língua estrangeira, um corte de tecido em seda, um enfeite... —, o que tornava o evento mais concorrido e participativo. A respeito de uma dessas comemorações, a autora relata o que ocorreu no jantar de aniversário do senhor Antônio Eulálio:

Houve também no jantar uma novidade que seu Guerra preparou para caçoar comigo, como é costume dele. Veio na sobremesa um copo com um doce bonito dentro. Eu encho a colher e ponho na boca. Tomei um susto e todos caíram na gargalhada. É uma coisa que aconteceria a qualquer, pois nenhum de nós conhecia. Chama-se sorvete e é feito de gelado.⁹⁶

Era nessa atmosfera que a autora passava a conhecer as coisas vindas de fora, num ambiente de alegria. Um cotidiano difícil, porém intercalado com momentos lúdicos realizados em meio a um grupo de familiares e amigos afetuosos. Assim, o ambiente em que a autora viveu propiciou não só a ela como também à irmã Luisinha uma visão de mundo tranqüila, mesmo diante das contradições sociais, em meio a um preconceito quase sempre disfarçado, num ambiente em que as pessoas se articulavam para se ajudarem nos momentos mais difíceis.

Vários são os episódios narrados por ela, em que há o exercício da solidariedade. Isso era assimilado pelas crianças da família da autora. Ela demonstra, ao longo de sua obra, que gostava de crianças e que a cor, para ela não tinha importância. Podemos verificar no episódio em que ela, de forma carinhosa, se refere ao pequeno Didico:

Nas quintas-feiras Maria dá Didico para mim e Luisinha o dia inteirinho. Nós trabalhamos, passeamos e fazemos tudo com ele, que já está sentando, e tão engraçadinho que a gente fica até com vontade de mordê-lo. Eu acho que gosto tanto

⁹⁶ Ibid., p. 34.

desse menino não é só pela gracinha dele, mas porque penso que o pai e a mãe são doidos.⁹⁷

Helena e a irmã, como crianças, tomavam conta do bebê como se este fosse um boneco. E diz, sobre os cuidados que dividia com a irmã depois que a mãe do menino o entregava a elas:

[...] ela nos entrega o menino o dia inteiro e podemos tratá-lo como se fosse nosso filho. Nós duas já combinamos; eu lhe dou o banho de manhã cedo. Luisinha dá de tarde; eu dou o mingau de manhã, ela dá o almoço; eu dou a merenda, ela o jantar. De noite nós cantamos com ele para adormecer e o levamos e pomos na caminha. Hoje, cedinho, Luisinha só esperou que eles abrissem a porta para tirar o menino e fomos para a Chácara; era dia de apanhar café.⁹⁸

É importante assinalar que a criança, naquele momento, também buscava transformar os diversos materiais e objetos em suportes lúdicos, como relata a autora:

Nico e Renato inventaram agora lá um brinquedo que é uma coisa do outro mundo. Eles levaram um couro de boi para a ribanceira, no fundo da chácara. Um foi puxando o outro no couro até alisar a descida e agora está lisa de um jeito que a gente escorrega que é uma beleza. Ninguém dos grandes ainda descobriu isso, senão já se sabe, acabava num átimo. Nós falamos que vamos apanhar café e levamos a capanga; mas descobrimos furtar o café já apanhado para trazê-lo de novo vamos para a ribanceira.⁹⁹

Assim, a criança ia concebendo seus suportes para o desenvolvendo da prática lúdica. Quando a família se reunia num local espaçoso, em uma casa maior, gramado e/ou quintal, possibilitava às crianças brincar e correr. Nas festas realizadas nesse espaço, geralmente separavam-se as crianças dos adultos. Estes praticavam o jogo da politaina¹⁰⁰ de dia, e à noite o jogo trinta-e-um. Os meninos iam passear no cemitério e à noite brincavam de prenda e dançavam.¹⁰¹

Na casa de outros conhecidos, as moças, ao anoitecer, brincavam de roda e de tudo que tinham vontade. Além das festas profanas, a autora relata a profusão das festas religiosas, do Natal, da Semana Santa, do Divino, do Santíssimo Sacramento, dentre outras realizadas em sua cidade. Em seu diário, ela identifica suas preferidas: “Eu acho a festa do Divino uma das melhores que nós temos. Isto da música levar nove dias indo a todas as casas buscar, debaixo da bandeira, as pessoas que fazem promessas, alegre a cidade muitos dias seguidos.”¹⁰² E mais: “Há três anos seguidos que eu não deixo de levar cera debaixo da bandeira. Vovó faz promessa todo o ano e quando chega a festa do Divino eu ganho um vestido novo para levar cera.”¹⁰³

⁹⁷ MORLEY, 1998, p.43.

⁹⁸ Ibid., p. 43.

⁹⁹ Ibid., p. 44.

¹⁰⁰ Espécie de jogo de azar (FERREIRA, 1975, p.1118).

¹⁰¹ MORLEY, 1998, p. 53.

¹⁰² Ibid., p. 56.

¹⁰³ Ibid., p.56.

A autora, aos treze anos de idade, já passava a se interessar por outras atividades lúdicas, como podemos observar no registro de sua ida à casa de uma tia que morava na cidade.

Elas são muito boazinhas, mas vivem metidas numa casa da cidade que não tem vista nem jardim para se brincar e não se pode ficar na rua. Temos de ficar brincando só de fazer comidinha de boneca o dia inteiro. Antigamente eu ainda gostava, mas hoje, com treze anos, não gosto mais desses brinquedos.¹⁰⁴

Ao crescer, a criança vai modificando seus interesses e suas práticas lúdicas. Surgem novos suportes, novos interesses em novas descobertas, que acontecem até em brincadeiras simples com os próprios irmãos, como conta Helena Morley:

Renato montou Nhonhô na besta em pêlo e cutucou-a com uma varinha. Ela deu um pinote e atirou o pobrezinho com a cabeça na calçada. Renato sempre faz dessas coisas. Já pedi a mamãe que não deixe Nhonhô acompanhá-lo. Eu carreguei Nhonhô de pequeno e por isto gosto muito mais dele. Quando ele nasceu eu já tinha cinco anos e pude ajudar a mamãe.¹⁰⁵

A autora revela, mais uma vez, como a criança pertencente a um grupo menos abastado, participava das atividades de trabalho, principalmente das domésticas. Em especial, as meninas estavam sempre cuidando da casa e das crianças menores. A autora também registra o afeto que ela e sua irmã tinham por outras crianças: “Eu e Luisinha gostamos tanto de criança que a única distração que temos aqui na Cavallhada é pajear os meninos dos vizinho. Quando não encontramos menino branquinho carregamos mesmo os negrinhos da chácara.”¹⁰⁶

Até vizinhos podiam tomar conta e educar os filhos de um amigo. Isto acontecia com a menina Helena. Sinhá Rita, uma vizinha, estava sempre pronta para impedir-lhe alguma brincadeira e ditar-lhe comportamentos. Se a menina vestisse uma roupa mais curta, era repreendida. Se estivesse brincando com alguma amiga negra, tratava logo de ocupar a menina, mandando recados ou frutas a sua mãe. “Ela logo gritava e me dava uns ovos ou chuchus para mamãe e dizia: ‘Isso é para te tirar da charola das negrinhas. Já te disse que você não é menina para brincar com elas! E sua mãe não se importa mas eu não consinto?’”¹⁰⁷

Ficar presa em casa é visto pelas crianças, muitas vezes, como uma punição.

Tenho sofrido muito, não pela ferida do joelho, mas pela prisão em casa; ainda mais no campo. Como é horrível ficar presa num rancho, sabendo que há tanta coisa boa pra gente fazer! Quando eu penso que podia estar no córrego pescando ou mesmo atrás das frutas do mato, dos ninhos de passarinho, armando arapuca e tudo, e que em vez disso estou num rancho pequeno, vendo Renato e Nhonhô lá fora aproveitando, nem sei mesmo o que eu sinto [...] Mamãe disse que eu merecia este castigo para não querer

¹⁰⁴ Ibid., p. 64.

¹⁰⁵ Ibid., p. 76.

¹⁰⁶ MORLEY, 1998, p. 76.

¹⁰⁷ Ibid., p.101.

mais virar menino homem. Foi castigo. Tudo que meus irmãos fazem eu invejo, e enquanto não faço não sossego.¹⁰⁸

Desta forma, há por parte dos adultos uma demarcação das atividades masculinas e femininas; só algumas poderiam ser praticadas conjuntamente. Assim, as trocas que contribuíam para as mudanças culturais iam se realizando para a gente da pequena Diamantina, que ia se modernizando, à medida que as novidades ali chegavam.

4. NAS ALAGOAS DE GRACILIANO

Graciliano Ramos nasceu em Alagoas, no ano de 1892. Em sua obra *Infância (memórias)*, conta as experiências de criança, vividas nos fins do século XIX e início do século XX. Cresceu distanciado de gestos de afeto. Os episódios narrados revelam o tecido colorido do universo lúdico vivenciado no tempo pretérito. Registra as alegrias e tristezas de um menino nascido em uma família nordestina, que passava por dificuldades advindas, sobretudo, da região pouco chuvosa na qual habitavam, o que dificultava a sobrevivência de sua gente.

Devido às dificuldades de uma região considerada inóspita, seca e, conseqüentemente, pouco produtiva, a gente que morava lá dispensava uma educação, em que a criança, ao crescer, pudesse enfrentar as adversidades sem se acovardar. Com relação à criança, o sentimento não era diferente. Ao mesmo tempo em que a taxa de natalidade era alta, o índice de mortalidade infantil também o era. Daí, nascer e morrer pertenciam a uma fronteira próxima. Não era observado nos pais, ou melhor, no adulto em geral, uma atenção maior dada à criança ou até mesmo o sentimento de “paparicação” visto por Philippe Ariès¹⁰⁹ no Renascimento. Os castigos e as punições eram exagerados, chegando até mesmo a serem violentos em crianças de todas as idades.

Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento. Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural [...] Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. Moído, virando a cabeça com dificuldade, eu distinguia nas costelas grandes lanhos vermelhos. Deitaram-me, enrolaram-me em panos molhados com água de sal — houve uma discussão na família. Minha avó, que nos visitava, condenou o procedimento da filha e esta afligiu-se. Irritada, ferira-me à toa, sem querer. Não guardei ódio da minha mãe: a culpa era o nó. Se não fosse ele, a flagelação me haveria causado menor estrago.¹¹⁰

¹⁰⁸ Ibid., p.116.

¹⁰⁹ ARIÈS, 1981, p. 10.

¹¹⁰ RAMOS, 1961, p. 32.

Os pais pensavam que, punindo, a criança aprenderia desde cedo a lidar com as inúmeras dificuldades com que teria que se defrontar ao longo da vida. Os pais, em geral, concebiam a figura do futuro homem forte, formatada por uma criança que havia sobrevivido aos castigos e provações. Fazer denego, fazer carinho era “amofinar o sujeito”¹¹¹ no dizer de muitos adultos. Esse procedimento demonstrava uma autoridade, uma superioridade do adulto perante a criança. Autoridade esta que os pais, normalmente o genitor, exerciam, de forma a tornar-se figuras algozes, desenvolvendo na criança o sentimento de medo deles. Este sentimento é relatado pelo autor, após uma surra de cinturão que tomara de seu pai. Um episódio em que o medo e a perplexidade não o deixaram raciocinar, quando o pai lhe perguntara onde estava o objeto de castigo. Ele não soubera responder e, assim, justificava a ira do pai que o surrou. Ao fim do ato, a criança encolhia-se no fundo da sala, enquanto seu pai rondava-a, parecendo expirar os restos de ar da ira, deixando-a ainda solitária e amedrontada. Assim descreve Ramos: “Sozinho, vi-o de novo cruel e forte, soprando, espumando. E ali permaneci, miúdo, insignificante e miúdo como as aranhas que trabalhavam na telha negra. Foi esse o primeira contato que tive com a justiça.”¹¹²

Os acontecimentos não passavam despercebidos pelo autor. Registrava fatos ocorridos com sua família ou com outras pessoas. O pai se mudara com todos para a cidade, na tentativa de se estabelecer como comerciante. Abriu, então, um armazém de ferragens e um depósito de milho. Neste, o autor, juntamente com as irmãs, brincavam no monte amarelo ouro, construindo castelos e túneis imaginados ora para fugir para terras desconhecidas, ora para esconder-se da vida dura.

Nesse pequeno arraial assomava à imaginação do garoto Ramos o sobrado nunca dantes visto. No espaço destinado à residência, foi-lhe dada uma cama de lona num canto da sala, quando deixou de dormir na rede. Como muitas crianças do interior do Brasil, cresceu com medo de almas e de figuras lendárias do folclore, a exemplo do lobisomem, da mula sem cabeça, da caipora dentre outros.¹¹³ As almas do outro mundo, como são denominados os espíritos dos mortos, estão sempre presentes, principalmente no imaginário daqueles que se criaram no interior.

A imaginação da criança é fértil. Ela, mesmo presa em casa, transporta-se, transmuda as paredes para voar, conquistar mundos fantásticos, para lidar melhor com sua realidade após

¹¹¹ Amofinar é uma expressão ainda hoje utilizada, que significa acovardar.

¹¹² RAMOS, 1961, p. 35.

¹¹³ Segundo Câmara Cascudo (1984, p.441), essas figuras povoam o imaginário de várias sociedades, sofrendo pequenas variantes, tendo como ponto comum o sentido moral. A mula sem cabeça, por exemplo, é referida à mulher que teve algum relacionamento amoroso com um padre; a caipora é o filho que bateu na mãe; o lobisomem é relacionado à questão da importância do primogênito ser do sexo masculino, essa figura é uma alusão ao oitavo filho de uma família de sete filhas.

experimental o novo mundo por ela criado. Personifica objetos, dá voz aos animais e convive com seres imaginários num mundo paralelo ao dos adultos. Mundos fronteiros.

O autor relata momentos em que se encontrava em sua casa sem poder sair. Sentindo-se um prisioneiro, passava a dar asas a sua imaginação e construía seu próprio universo.

Como seria o sapo boi? Pelas informações, possuía natureza igual a natureza humana. Esquisito. Se eu pudesse correr, sair de casa, molhar-me, enlamear-me, deitar barquinhos no enxuro e fabricar edifícios de areia, como o Sabiá novo, certamente não pensaria nessas coisas. Seria uma criatura viva, alegre. Só encolhido, o jeito que tinha era ocupar-me com o sapo-boi, quase gente, sensível aos sinos. Nunca os sinos me haviam impressionado.¹¹⁴

A criança cria uma atmosfera de fantasia que a envolve num clima de imaginação deixando-a aberta à construção de um universo particular. Aí se dá a conformação da cultura lúdica pelo imbricamento de elementos da cultura geral com elementos da cultura lúdica. Contribuí-se, dessa maneira, para a produção de um conhecimento específico que vai, posteriormente, sedimentar a cultura popular, trazendo à tradição não só elementos novos, mas elementos adormecidos no imaginário coletivo.

Daí se depreender que as práticas lúdicas, que o fazer infantil é significativo para a dinâmica cultural da sociedade, possibilitando trocas que contribuem para as permanências e mudanças de seus elementos. O autor nos traz a cantiga conhecida por muitos sobre o sapo cururu:

“Sapo cururu
Da beira do rio.
Não me bote na água,
Maninha:
Cururu tem frio.”

Graciliano Ramos¹¹⁵ informa ainda que esta cantiga servia para embalar crianças e que: “Os cururus do açude choravam com frio, de muitos modos, gritando, soluçando, exigentes ou resignados. Eu também tinha frio e gostava de ouvir os sapos.” A fantasia infantil dá forma aos elementos fantasiosos que já existem na cultura popular e que, longe de ser *coisa de criança*, é veículo para a manutenção da dinâmica do processo histórico, sócio e cultural. As trocas se davam na dialética da intercomunicação dos criados, dos patrões e das crianças, sem que nada escapasse ao registro destas, como narra o autor:

¹¹⁴ RAMOS, *op. cit.*, p. 61.

¹¹⁵ RAMOS, 1961, p. 61.

Rosenda lavadeira cachimbava e engomava roupa numa tábua. O moleque José e a moleca Maria esgueiravam-se da sombra, perdiam a condição da cor, não se distinguiam quase dos meninos de Teotoninho Sabiá.

Vivíamos todos em grande mistura — e a sala de visitas era inútil, com as cadeiras pretas desocupadas, uma litografia de S. João Batista e uma do inferno, o pequeno espelho de cristal que Amâncio, afilhado de meu pai, trouxera do Rio ao deixar o exército no posto de Sargento.¹¹⁶

Essas representações demonstram a presença do sentimento de religiosidade nas famílias brasileiras daquele período, nas quais as representações do bem e do mal estavam presentes no cotidiano, para não afastar os indivíduos de suas responsabilidades.

Devido à necessidade de guardar produtos e materiais para proteger da seca ou da chuva, ou para esperar um preço melhor, as casas de pequenos proprietários tinham alguns de seus espaços transformados em paiol. No caso da casa dos pais do autor, a sala foi desocupada para armazenar e tratar o milho.

Retirou-se a mobília, transportou-se para ali o milho que no depósito era um viveiro de borboletas. Ficava o grão exposto, aguardando a carestia por causa da seca, e a lagarta dera nele. Desvalorizava-se agora. Indispensável tratá-lo com veneno, matar os bichos. Uma festa para as crianças. Eu e minhas irmãs revolvemos a tulha cor de ouro, espalhando o arsênico. Dispensou-se o trabalhador — e nós nos encarregamos gostosamente da tarefa. Abandonamos a prensa de farinha, o armazém atravancado de ferragens, o quintal nu, donde se ouvia o descaroador barulhento do Cavalto-Morto. Na sala, mudada em celeiro, o nosso ambiente se alargava de chofre, adquiríamos liberdade. As sementes se derramavam no corredor, iam-se acumulando, formavam uma ladeira, que subíamos até alcançar as janelas. Daí dominávamos a rua, víamos os transeuntes mais baixos que nós.¹¹⁷

O transtorno era para os pais e, principalmente, para as mães, ao verem a casa transformada. Para a criançada era o ambiente mais propício para a realização de suas práticas lúdicas, pois contribuía para a fantasia, para dar asas à imaginação, própria da infância. E mesmo sabendo que, para os pais, aquela era uma tarefa de trabalho (espalhar o milho e colocar arsênico), as crianças aproveitavam-na plenamente, transformando-a em prática lúdica. Como exemplo, temos a descrição de Graciliano,¹¹⁸ da atividade no monte de milho: “No solo movediço achávamos firmeza. Nossa brincadeira representava utilidade — e não viriam desmancha-prazeres aquietar-nos, impor-nos disciplina.” E mais:

Ali, oculto no milho, apenas com o rosto descoberto, enchia-me dessas idéias, imaginava-me um ser encantado. Punha-me a tagarelar. Minha irmã divagava também, sem corpo, escondida no mistério. As nossas conversas, às vezes tempestuosas, eram agora um sussurro, como as que tínhamos à noite, na sala de jantar.¹¹⁹

¹¹⁶ Ibid., p.63.

¹¹⁷ RAMOS, 1961, p. 64-65.

¹¹⁸ Ibid., p. 65.

¹¹⁹ Ibid., p. 66.

O grupo de crianças tinha conhecimento de seu papel e atividades que desenvolviam na família, o que contraria a idéia de que a criança é um ser alheio a seu ambiente. A criança, ao fantasiar, ao se imaginar tecendo um mundo fantástico, onde habitam figuras lendárias e míticas, desenvolvia a cultura lúdica e mantinha a tradição cultural num processo dinâmico de mudanças e permanências dos signos culturais.

É o sapo cururu que é percebido quase humano, a caipora que nos engana o caminho, deixando-nos perdidos se não seguirmos a trilha determinada por alguém, ou é uma reza, muitas vezes chamada por nosso autor de mandinga, que faz a pessoa transformar-se no que desejar, até num ser invisível. Essas, entre outras figuras, trazem para a criança a concretização, mesmo que efêmera, do poder de ser isto ou aquilo, modificando a atmosfera autoritária do mundo adulto, possibilitando-lhe autonomia para transformar seu destino e o destino das coisas.

A respeito de uma reza forte, a da cabra-cega, contada por um amigo, que investia de poder a quem a rezasse, o autor descreve:

Eu desejava conhecer a reza valorosa. Serme-ia agradável passar uma hora em sossego, olhando o muro do quintal, ouvindo os sapos do açude da penha, o descaroador do Cavalo-Morto. Não me repreenderiam. Caso me chamassem, conservar-me-ia sentado na prensa de farinha, silencioso. Podiam gritar. Avizinhar-se-iam de mim — eu me afastaria alguns centímetros, calmo, em segurança. E pregaria um susto a moleca Maria, puxando-lhe de leve o pixaim. Depois, defendido pelo feitiço enérgico, lançar-me-ia nas calçadas, juntar-me-ia aos garotos sujos e turbulentos. Permanecendo isolado, incorporar-me-ia a todos os grupos.¹²⁰

Na atmosfera de liberdade a criança respira em seu mundo fantástico. O autor conta-nos que a diferença de sua idade para a de sua mãe era de quatorze, quinze anos e que, muitas vezes, implicava com ela porque achava-a uma criança, companheira de gênio variável, tendo que tratá-la cautelosamente. Quando ela, muitas vezes, narrava histórias ou fatos bíblicos, ou alguma informação não o convencia, passava a questioná-la, buscando convencer-se das explicações recebidas. Porém, como inquiria demais sem o desejado convencimento, terminava por ser punido. Quando questionou à mãe sobre o inferno e a contradisse, ela usou de sua autoridade para castigá-lo.

— Não há não. É conversa.
Minha mãe curvou-se, descalçou-se e aplicou-me várias chineladas. Não me convenci. Conservei-me dócil, tentando acomodar-me às esquisitices alheias. Mas algumas vezes fui sincero, idiotamente. E vieram-me chineladas e outros castigos oportunos.¹²¹

¹²⁰ RAMOS, 1961, p. 67-68.

¹²¹ Ibid., p. 80-81.

A criança não se convence tão facilmente com explicações dadas pelos adultos. No século XIX a ela não era permitido retrucar, devendo escutar e obedecer sem muitas delongas. Todavia, à medida que ela foi ocupando espaço no convívio social, foi-se revelando um ser questionador, buscando o argumento para se contrapor à autoridade dos mais velhos.

Ao narrar a história do moleque José, o autor revela a situação dos negros, comportamentos e a relação entre eles mesmos e entre eles e seus senhores, deixando explícito na narrativa as questões do racismo, religiosidade e das relações de poder nesse complexo tecido social. Temos aí o olhar do autor em relação ao negro, quando se refere aos filhos de uma das negras, a Quitéria, como animais,

[...] os machos fugiram, foram presos, as fêmeas, agregavam-se a gente de meu avô. Luiza era intratável e vagabunda. Em tempo de seca e fome chegava-se aos antigos senhores, instalava-se na fazenda, resmungona malcriada, a discutir alto, a fomentar a desordem. Ao cabo de semanas arrumava os picuás e entrava na pândega, ia gerar negrinhos, que desapareciam comidos pela verminose ou oferecidos, como crias de gatos. Parece que só escaparam os dois recolhidos por meu pai.¹²²

A narrativa revela o sentimento em relação ao negro e o sentimento deste para com seus senhores, em geral, brancos, e sobre suas reações frente ao regime opressor.

E José se escapolia, escorregava, brando e gelatinoso, das mãos que o queriam agarrar. Apanhado na malandragem, mentia, inocente e sem-vergonha [...] Nunca o vi chorar. Gemia, guinchava, pedia, soluçava infinitas promessas, e os olhos permaneciam infinitos e duros. Enchia-me de inveja, desejava conter as minhas lágrimas fáceis. Tomava-o por modelo. E, sendo-me difícil copiar-lhe as ações, imitava-lhe a pronúncia, o que me rendia desgosto.¹²³

Neste episódio, o poder do moleque sobre o menino branco está presente, mesmo que efêmero. Assim, pode-se observar, quando este procura imitar as ações de José e quando cria estratégias para se livrar dos castigos, mentindo, jurando e, para não ser punido de outra forma, apelando para as forças divinas. Nessa relação entre as crianças, o moleque é obrigado a tratar seu pequeno *nbonhô* por senhor, para que a este fosse imputado respeito. Era ao lado do moleque José e de outras crianças que o autor, quando menino, passava a conhecer parte dos segredos do mundo profano, considerado vil pelos adultos cristãos, principalmente pelas carolas.

Muitas brincadeiras praticadas pelo grupo não eram entendidas pelo menino Graciliano, pela falta de um repertório que lhe possibilitasse a participação plena nas atividades. José e os demais companheiros tinham o conhecimento de coisas para ele completamente desconhecidas, inclusive das artimanhas para se livrar das punições. Parte desse aprendizado marcava não só o espírito do aprendiz, mas, sobretudo, o corpo, como é narrado a seguir:

¹²² RAMOS, 1961, p. 83.

¹²³ Ibid., p.84.

Naquela noite José, como de costume, negou uma traquinada insignificante. Apertado na inquirição, continuou a negar. Vieram provas, surgiu a evidência. O negro estava obtuso, não percebeu que devia soltar ao menos uns pedaços de confissão e defender-se depois, jurar por esta, luz pelas chagas de Cristo, não reincidir [...] Quando meu pai se tinha irado bastante, segurou o moleque, arrastou-o à cozinha. Segui-os, curioso, por uma viva sede de justiça. Nenhuma simpatia ao companheiro desgraçado, que se agoniava no pelourinho, aguardando a tortura.¹²⁴

E mais: “Num murmúrio a criança beijava os dedos finos. De repente o chicote lambeu-lhe as costas e uma grande atividade animou. Pôs-se a girar, desviando-se dos golpes.”¹²⁵ O autor buscou participar desse episódio, tentando experimentar um sentimento perverso para se sentir mais forte, encostando uma acha de lenha nos pés do menino. Sem mesmo tê-lo ferido, o moleque passou a gritar e acusá-lo do ferimento. O pai não foi capaz de fazer a devida averiguação e, imbuído da ira que ainda o dominava, deixou o moleque e passou a agredir o filho, como relata Graciliano Ramos: “[...] levantou-me pelas orelhas e concluiu a punição transferindo para mim todas as culpas do moleque. Fui obrigado a participar do sofrimento alheio.”¹²⁶

Não obstante o sofrimento causado por um ou por outro, a amizade permanecia. O moleque dava prosseguimento aos ensinamentos, encaminhando o menino Graciliano ao universo proibido à criança e, principalmente, à criança branca. A fim de conduzir o companheiro para novas aventuras, e até mesmo para ver de perto sua coragem, o moleque José levou-o aos escombros de um incêndio que devastara várias choupanas, carbonizando corpos que deixava no ar o cheiro forte de carne assada. Assim foi narrada a aventura dolorosa:

Nesse torrão carcalhoso sobressaía a cabeça, o que fora cabeça, com as órbitas vazias, duas fileiras de dentes alvejando na devastação, o buraco do nariz, a expelir matéria verde, amarelenta. Distingui uma cara pavorosa, mais feia que as dos papaguns do carnaval. Não enxerguei pormenores: vi apenas, de relance, a dentadura, as órbitas vazias, o fluxo purulento.

Mudei a vista, arredei-me engulhado, amaldiçoando José, que me expusera a enorme desgraça e analisava tudo com interesse [...] Condenava-me e condenava o moleque. Se não me houvesse rendido à tentação, aquela imundice não existiria, pelo menos não existira no meu espírito.¹²⁷

Era dessa forma que a criança branca, sempre protegida da realidade, tomava conhecimento dos problemas do mundo adulto. Na tentativa de apagar da memória o que vira, narrava a história às pessoas de casa, porém a lembrança trazia-lhe visões e medo que ele não conseguia controlar. O menino, ainda impressionado, procurou maiores informações sobre o corpo queimado que vira. Era de uma negra que tentara salvar uma imagem de Nossa Senhora e, por isso, morrera queimada. Na tentativa de demover a má impressão, a sensação de náusea, o

¹²⁴ RAMOS, 1961, p. 88.

¹²⁵ Ibid., p. 88.

¹²⁶ Ibid., p. 89.

¹²⁷ Ibid., p. 94-95.

medo e a idéia de que Nossa Senhora havia sido ingrata com sua devota, os adultos passaram a inculcar-lhe a seguinte explicação:

As pessoas grandes, porém, refutaram o meu juízo singular. A Virgem Maria tinha sido generosa. Escolhera a negra porque a julgava digna de salvação. Impusera-lhe algumas dores e em troca lhe oferecia o paraíso, sem o estágio do purgatório. O fogo do purgatório, horróroso, não se comparava aos lumes terrestres, e todos nós, cedo ou tarde, nos frigiíamos nele. A negra tivera sorte. Provavelmente já estava no céu, diante de Jesus, misturada aos serafins.¹²⁸

Esta narrativa evidencia a maneira como a religiosidade manipulava as informações, formulando e moldando comportamentos. Como demonstrado ao longo do texto, a criança não absorveu completamente as argumentações dos adultos sem questioná-los. A esse respeito o autor afirma:

Essa esquisita benevolência deixou-me perplexo. Calei-me, prudente, mas achei o comentário duvidoso e embrulhado. Não me parecia que o purgatório fosse indispensável. E a negra, incompleta e imunda, não estava no céu. Que ia fazer lá? Estragaria as delícias eternas, mancharia as asas dos anjos.¹²⁹

Outra questão importante nessa narrativa é o sentimento do menino branco para com o negro. Para o primeiro, a figura do segundo está relacionada ao que é sujo, impuro. Desta forma, desde cedo, a criança vai construindo uma concepção negativa do negro, levando-a, gradativamente, ao desrespeito e a uma convivência violenta com o outro.

O mundo infantil é formado por figuras imaginárias acompanhadas em sua maioria das figuras da tradição popular. Estas são muito utilizadas pelos adultos, para moldar o comportamento da criança, inculcando-lhe o medo. No interior do Brasil, toda criança é atormentada pelas figuras do lobisomem, da mula sem cabeça e, muitas vezes, de pessoas reais, como o padre, o policial etc. Estes são revestidos de um poder fantástico, da condição de mudar o destino, às vezes, até de uma cidade.

De fato as horas pingavam monótonas no espaço que me concediam, mas em qualquer parte a insipidez era a mesma. Proibiam-me sair, e os outros meninos, distantes, causavam-me inveja e receio. Certamente eram perigosos. Afastado, não possuindo bolas de borracha, papagaios, carrinhos de lata, divertia-me com minhas irmãs, a construir casas de encerado e arreios de animais, no apêndice, e a revolver o milho no depósito.¹³⁰

Quando a criança estava de castigo, passava a buscar em seu repertório ferramentas que contribuíssem para construção do mundo fantástico naquele momento.

¹²⁸ RAMOS, 1961, p. 97.

¹²⁹ Ibid., p. 97.

¹³⁰ Ibid., p.102.

Durante a prisão, lembrava-me desses exercícios com pesar. Entretinha-me remexendo as maravalhas, explorando os recantos escuros, observando o trabalho das aranhas e a fuga das baratas. Divagava imaginando o mundo coberto de homens e mulheres da altura de um polegar de criança. Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver, penso que a minha gente liliputiana teve origens nas baratas e aranhas. Esse povo mirim falava baixinho, zumbindo como as abelhas. Nem palavras ásperas nem arranhões, cocorotes e puxões de orelhas.¹³¹

A criança vai vivenciando as amarguras do mundo real, tentando colorir a atmosfera deste universo.

Quando os meus insetos saíam dos eixos, revelavam instintos rudes, eram separados, impossibilitados de molestar-me. E recebiam conselhos, diferentes dos conselhos vulgares. Podiam saltar, correr, molhar-se, derrubar cadeiras, esfolar as mãos, deitar barquinhos no enxurro. Nada de zangas. Impedidos os gestos capazes de motivar lágrimas.¹³²

Como já afirmado, a criança procura subverter a ordem estabelecida pelo adulto e utiliza sua imaginação para fantasiar e criar uma outra atmosfera mais interessante do que aquela que lhe é imposta. Num castigo, por exemplo, utiliza-se dos materiais e objetos que estiverem a seu alcance para transformá-los em suportes lúdicos, podendo ser eles pequenos insetos, pingos de chuva, um pássaro voando lá fora, uma cadeira, um cabo de vassoura ou uma outra criança.

E as botinas de José da Luz, brilhantes e ringidoras, aproximavam-se dos meus borzeguins duros, cada vez mais estreitos. Éramos duas insignificâncias, uma loquaz, buliçosa, outra cheia de sonhos, emperrada. Os meus bonecos da altura de um polegar esmoreceram. Esse mestiço pachola teve grande influência, grande e benéfica na minha vida. Desanuviou-me, atenuou aquela pusilanimidade, avizinhou-me da espécie humana. Ótimo professor.¹³³

Algumas pessoas marcam definitivamente a vida de uma criança, principalmente criaturas como José da Luz que, diferente do pai, tratava com igualdade o menino Graciliano. Seu pai tentou a todo custo fazer-lhe aprender as primeiras letras, persuadindo-o a se interessar pelos estudos e, mesmo com violência, não conseguia obter êxito no intento.

Meu pai não tinha vocação para o ensino, mas quis meter-me o alfabeto na cabeça. Resisti, ele teimou – e o resultado foi um desastre. Cedo revelou impaciência e assustou-me. Atirava rápido meia dúzia de letras, ia jogar solo. À tarde pegava o côvado, eu ainda poderia dizer qualquer coisa. Vendo-o, calava-me. Um pedaço de madeira, negro, pesado, da largura de quatro dedos.¹³⁴

Na iminência de um puxão de orelha ou de um grito, a criança, tomada de medo, não conseguia absorver o conteúdo ensinado.

¹³¹ RAMOS, 1961, p. 102.

¹³² Ibid., p. 102.

¹³³ Ibid., p.106.

¹³⁴ RAMOS, 1961, p.109.

Sozinho não me embaraçava, mas na presença de meu pai emudecia. Ele endureceu algumas semanas, antes de concluir que não valia a pena tentar esclarecer-me. Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado.¹³⁵

E mais:

As pobres mãos inchavam, as palmas vermelhas, arroxeadas, os dedos Grosos mal se movendo. Latejavam, como se funcionassem relógios dentro delas. Era preciso erguê-las [...] As mãos descansavam na tábua, imóveis. Julgo que estive meio louco. E amparei-me ansioso às figurinhas de sonho que me atenuavam a solidão. O mundo feito caixa de brinquedos, os homens reduzidos ao tamanho de um polegar de criança.¹³⁶

A educação daquele período era muito rígida. Os professores aplicavam uma metodologia de ensino em que a aprendizagem era intercalada de punições severas, variando entre o castigo e a violência física. A criança, naquele momento, era considerada uma massa amorfa, precisando de alguém que lhe desse a forma, a forma de um futuro adulto.

Além das punições, também lhes davam conselhos em forma de frases feitas e jargões para convencê-las de que, de fato, precisavam de correção a todo momento para manter bons hábitos e seriedade. O autor narra um fato que explicita uma situação que se repetia continuamente naquele período: o adulto aplicava um conceito que, muitas vezes, nem ele mesmo entendia, obrigando a criança a levá-lo para sua vida infantil.

Eu não lia direito, mas, arfando penosamente, conseguia mastigar os conceitos sisudos: (A preguiça é a chave da pobreza – Quem não ouve conselhos raras vezes acerta – Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém).
Esse Terteão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página final da carta [...]
— Mocinha, quem é o Terteão?
Mocinha estranhou a pergunta. Não havia pensado que Terteão fosse homem. Talvez fosse. (Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém.)
— Mocinha que quer dizer isso?
Mocinha confessou honestamente que não conhecia Terteão. E eu fiquei triste, remoendo a promessa de meu pai, aguardando novas decepções.¹³⁷

A criança está constantemente à procura de explicações para aquilo que não compreende. A ida obrigatória à escola era considerada um verdadeiro suplício para ela, pois significava uma prisão, onde ficava confinada e sujeita aos castigos de professores sisudos e, muitas vezes, violentos. Assim o autor se refere a sua preparação para o primeiro dia de aula na escola:

¹³⁵ Ibid., p.110.

¹³⁶ Ibid., p.111.

¹³⁷ RAMOS, 1961, p.112.

Lavaram-me, esfregaram-me, pentearam-me, cortaram-me as unhas sujas de terra. E, com a roupa nova de fustão branco, os sapatos roxos de marroquim, o gorro de palha, folhas de almaço numa caixa, penas, lápis, uma brochura de capa amarela, saí de casa, tão perturbado que não vi para onde me levaram. Nem tinha tido a curiosidade de informar-me: estava certo de que seria entregue ao sujeito barbado e severo, residente no largo, perto da igreja [...] Avizinharam-me de uma senhora baixinha, gordinha, de cabelos brancos.¹³⁸

Em sua entrada na escola, a criança era vistoriada publicamente, da cabeça aos pés. Tudo lhe era examinado: couro cabeludo, orelhas, dentes, unhas, roupas, sapatos, dentre outros detalhes que não escapavam do olhar inquiridor dos professores. Essa vistoria acontecia periódica e alternadamente, um dia os dentes, noutra as orelhas, os sapatos e assim sucessivamente. A esse respeito diz o autor:

Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:
 — Lavou as orelhas hoje?
 — Lavei o rosto, gaguejei atarantado.
 — Perguntei se lavou as orelhas.
 — Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas.
 D. Maria, num discurso, afastou-me as orelhas do rosto, aconselhou-me a tratar delas cuidadosamente.¹³⁹

Fora da sala, a criançada corria livremente, enquanto o garoto Graciliano continuava nela, para aproveitar um aprendizado sem gritos com D. Maria. Porém, mesmo ficando espontaneamente, censurava e invejava as outras crianças que corriam e brincavam de pião nas calçadas. Quando a professora enviou um bilhete a seu pai, solicitando-lhe um segundo livro, mudou o tratamento que dispensava ao filho. Graciliano relata:

Ofereceu-me um carretel de linha, mandaram-me comprar uma folha de papel vermelho na loja de seu Felipe Benício, obtive uma tesoura, grude, pedaços de tábua, e fabriquei no alpendre um papagaio que não voou. No jantar deram-me toicinho.¹⁴⁰

Podemos verificar aí a produção do brinquedo pela própria criança, incentivada pelo adulto. A idade em que se costumava ir para a escola era, em geral, aos dez anos. Em alguns casos, porém, ingressava-se mais cedo, como foi a experiência do escritor. Eram aplicados conteúdos complicados antes mesmo de a criança dominar completamente as letras. Desta maneira, os estudos permaneciam um tormento, o que deixava o adulto, muitas vezes, enfurecido e, por conseguinte, a criança desanimada, sem interesse pelos assuntos apresentados.

Foi por esse tempo que me infligiram Camões, no manuscrito. Sim senhor: Camões, em medonhos caracteres borrados e manuscritos. Aos sete anos, no interior do Nordeste, ignorante da minha língua, fui compelido a adivinhar, em língua estranha, as filhas de

¹³⁸ Ibid., p. 118.

¹³⁹ Ibid., p. 124-125.

¹⁴⁰ RAMOS, 1961, p. 128.

Mondego, a linda Inês, as armas e os barões assinalados [...] Deus me perdoe. Abominei Camões.¹⁴¹

Na liberdade limitada dos intervalos das aulas, Graciliano tinha a companhia do avô, um velho autoritário que, muitas vezes, lembrava-lhe o pai nas argüições do conteúdo dos livros, principalmente sobre História do Brasil. No tempo em que estava livre da vigilância do avô, saía para desfrutar sua infância.

Fui ocultar-me entre as catingueiras que ensombravam as margens da lagoa vazia. Meninos andavam por ali, brincando com ossos e seixos. Serapião me ensinava complicações da história do Brasil, errando bastante. E quando não havia testemunhas, uma rapariguinha silenciosa me examinava pacientemente o corpo. Levantava-me a camisa de chita, a roupa que eu usava no campo, utilizava os dedos e os olhos, num estudo profundo.¹⁴²

Podemos destacar nessa narrativa os suportes lúdicos. Ossos e seixos eram muito utilizados nas brincadeiras de crianças do nordeste brasileiro, pois são recursos encontrados mais facilmente no ambiente. Muitos meninos compõem seus rebanhos com ossos de animais mortos pela seca. Os seixos são encontrados principalmente perto dos riachos e lagos secos no longo período de estiagem.

Quando a criança tinha algum defeito físico ou aparecia com alguma doença que mudava seu aspecto, logo lhe era dado um apelido. O adulto, alheio a sua sensibilidade, passava a tratá-la com desdém. Foi o que aconteceu a Graciliano, quando esteve acometido de um problema nos olhos, que lhe incomodava sobremaneira, principalmente em presença de qualquer réstia de luz, dificultando-lhe a visão.¹⁴³ O autor relata a forma como era tratado, inclusive por sua própria mãe:

Qualquer luz me deslumbra, feria-me como ponta de agulhas. E as lágrimas corriam, enGrosavam, solidificavam-se na pele vermelha e crestada. Necessário mexer-me à toa, em busca da bacia de água.

Sem dúvida o meu aspecto era desagradável, inspirava repugnância. E a gente da casa se impacientava. Minha mãe tinha a franqueza de manifestar-me viva antipatia. Dava-me dois apelidos: bezerro-encourado e cabra-cega.¹⁴⁴

O apelido de bezerro encourado era para fazer jus a sua falta de jeito, pois passava por uma fase de crescimento, em que o corpo estava por se definir e as roupas ora eram grandes, ora curtas e apertadas. E cabra cega, por seu problema nos olhos.

Um dia as trevas se adelgavam, pedaços do mundo apareciam-me confusos na madrugada nebulosa. Queria fixar-me neles, cheio de alegria louca, a pestanejar

¹⁴¹ Ibid., p.133-134.

¹⁴² Ibid., p. 142.

¹⁴³ Pela descrição do autor, podemos supor que se tratava de uma conjuntivite.

¹⁴⁴ RAMOS, 1961, p. 144.

furiosamente. Voltava às ocupações miúdas, às brincadeiras mornas e tranqüilas. Já não era cabra-cega. Mas permanecia bezerro encourado. E, silêncio, resvalava na tristeza e no desânimo [...] E meses depois, nova pausa, novo mergulho na sombra. Movia-me penosamente pelos cantos, infeliz e cabra-cega, contentando-me com migalhas de sons, farrapos de imagens, dolorosos.¹⁴⁵

Graciliano teve de conviver com sua doença e os apelidos por muito tempo.

Aos nove anos, eu era quase analfabeto. E achava-me inferior aos Mota Lima, nossos vizinhos, muito inferior, construído de maneira diversa. Esses garotos, felizes para mim eram perfeitos: andavam limpos, riam alto, freqüentavam escola decente e possuíam máquinas que rodavam na calçada como trens. Eu vestia roupas ordinárias, usava tamancos, enlameava-me no quintal, enghendo bonecos de barro, falava pouco.¹⁴⁶

O autor confirma seu sentimento de inferioridade, sempre se referindo a si mesmo com adjetivos que o desqualificavam, corroborando os predicativos que seus pais lhe imputavam. Este sentimento fica evidente, nos momentos em que o autor se coloca como um desgraçado, desajeitado e ignorante.

Outro ponto a ser tratado neste relato é a diferença entre os brinquedos de uma criança de família menos abastada e os de uma família com melhores condições financeiras. Para uma, a fabricação de seu próprio brinquedo, utilizando materiais do meio ambiente; para outra, um brinquedo industrializado. Notamos também a postura dos meninos do vizinho, que lhe causavam admiração.

A infância de Graciliano ilustra facetas da vertente masculina do universo lúdico no Brasil, ao tempo em que reforça a noção da criança enquanto sujeito construtor de seu mundo.

5. NO COTIDIANO LÚDICO DAS MEMÓRIAS

As memórias estudadas permitiram-nos identificar temas que lhes são correlatos. Os temas selecionados são justificados por sua importância e ocorrência no cotidiano das crianças, que vivenciaram cidades pequenas ou o mundo do campo. Nestes dois espaços, notamos que a paisagem não passou despercebida ao registro, pois, para situar o brinquedo e a brincadeira, era necessário apresentar o cenário no qual estavam inseridos.

Interessava também os elementos que esse cenário oferecia, mesmo aqueles mais inóspitos, como foi para Graciliano Ramos e Helena Morley. As crianças aproveitavam qualquer material ou objeto para, com sua imaginação, transformar ossadas de animais em boiadas inteiras, vegetais em alimentos para bonecas, barro em bonecos fantoches.

¹⁴⁵ Ibid., p.150.

¹⁴⁶ Ibid., p. 205.

A punição e o castigo estão presentes por toda a infância, sempre empregados como instrumentos educativos e formativos, dos quais as crianças não escapavam. Aplicados para todas, sobressaíam as penalidades mais rigorosas, principalmente para as crianças negras ou aquelas apadrinhadas que viviam com seus protegidos, atitudes que explicitavam, nesse período, as diversas nuances da condição de submissão daquelas crianças.

Nesse percurso, os autores revelaram não só questões de classe na relação adulto criança, mas também entre crianças e suas atitudes reproduzidas no *modus vivendi* do período. A criança negra era tratada pela criança branca com preconceito, evidenciando, dessa forma, a dualidade estabelecida entre aqueles que se achavam imbuídos de superioridade por sua condição social e de cor e a inferioridade inculcada nos que estavam em condição desigual, demonstrada inclusive nas relações em que os laços de amizade eram muito estreitos. A criança negra estava a serviço da criança branca, mesmo que esta estivesse na mesma condição social.

O trabalho, outro elemento constante nesse período, era diferenciado entre os gêneros. À menina eram destinados pequenos afazeres domésticos; aos meninos e/ou meninas negros ou brancos, pertencentes às camadas menos abastadas, como era o caso de Graciliano Ramos e de Helena Morley, dos moleques José e Maria, eram destinadas tarefas como, por exemplo, ajudar na lida doméstica, do campo e do pequeno armazém, para contribuir com a família.

Nas atividades laborais também são evidenciadas questões de gênero, visto que essas atividades são diferenciadas para o menino e para a menina, aproximando-se quando ambos pertencem à camada social menos abastada. Mesmo assim, no caso da criança negra, as tarefas eram bem definidas; à moleca cabia auxiliar no trabalho doméstico e ao moleque, nos trabalhos fora da casa.

Quanto à educação, era bastante diferenciada para meninos e meninas. Para as meninas, mesmo as de famílias abastadas, não era costume dar prosseguimento aos estudos; no máximo saber ler, escrever e aprender as quatro operações. O menino, depois das primeiras letras, era encaminhado ao colégio para dar prosseguimento aos estudos. Os filhos de famílias ricas, muitas vezes, prosseguiram seus estudos na capital ou na Europa, como os irmãos de Maria, que foram para a Alemanha. A criança negra, no entanto, não chegava a ter o contato com os livros.

Em relação ao brinquedo comprado pronto, este era mais diretamente destinado aos meninos pertencentes às famílias de posses ou remediadas; àqueles de condição desprivilegiada restava transformar os materiais a sua volta em suportes lúdicos. Os brinquedos referidos nos textos foram: bonecas, piões, trenzinhos e livros infantis. Com relação às brincadeiras, todos registraram atividades ao ar livre, como a prática do banho de rio, colher/roubar frutas,

escorregar em barranco, casamento e batizado de boneca, contar histórias, brincadeira de roda, correr, dentre outras.

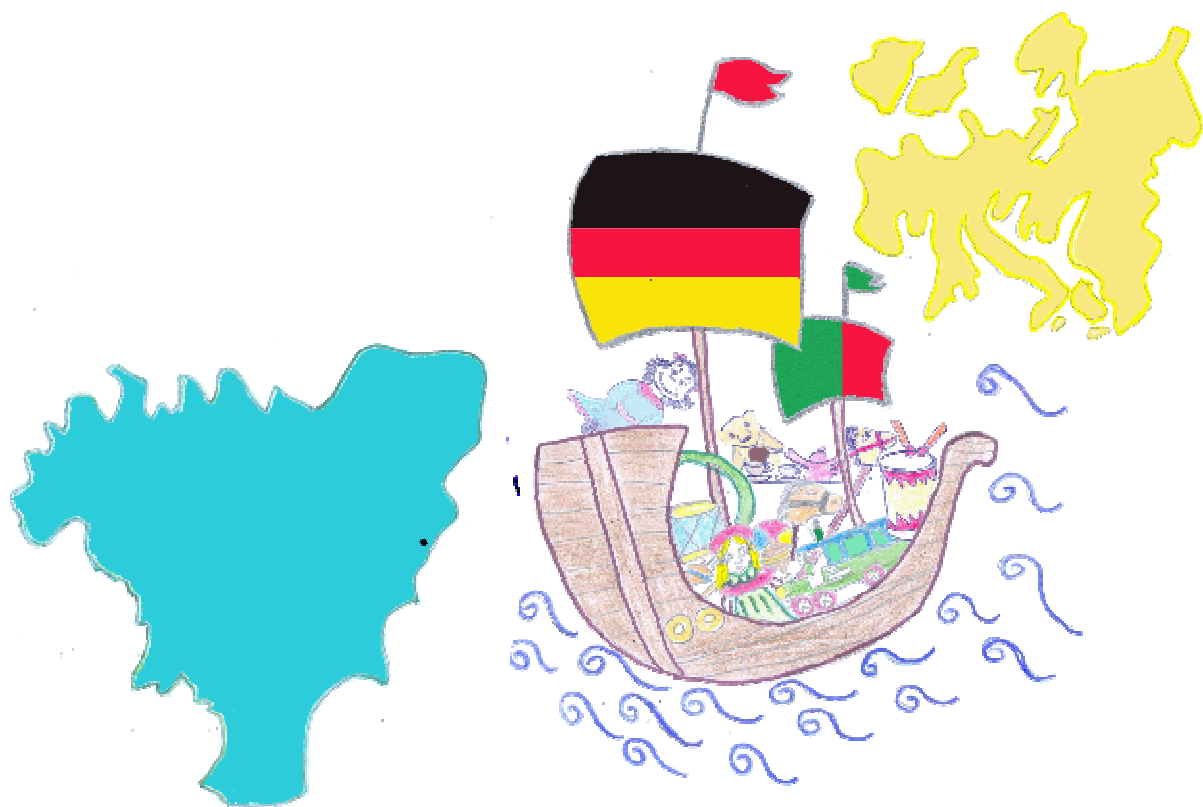
A posição do adulto frente à criança era em geral de autoridade, principalmente por parte dos mais velhos — os pais, com destaque para o pai; a preceptora ou professores; tios e avós. Em alguns momentos, a criança servia também para entreter os adultos.

Nas festas religiosas, todos acompanhavam os atos solenes e profanos, como procissões e autos natalinos; porém a participação mais efetiva era da criança branca, principalmente como anjos nas procissões.

As crianças de famílias menos abastadas quase nunca eram poupadas das tragédias humanas, dos problemas mais sério do mundo adulto. É o caso de Helena Morley e Graciliano Ramos. Para as demais, no entanto, os problemas eram-lhes ocultados. Aquelas que tinham uma relação mais próxima com a realidade que as cercava, a exemplo de Graciliano Ramos e Helena Morley, se a situação financeira da família não estava boa, participavam com sua cota de trabalho.

Ao fazer a interlocução entre os autores apresentados, vimos que as temáticas estão presentes em todas as narrativas, porém se apresentam com discursos diferenciados, principalmente no que se refere às questões relacionadas a classe, gênero e cor. A percepção de infância e de criança é curiosa. Observemos que Anna e Maria comungam o mesmo sentimento em relação à criança negra, enquanto Helena Morley e Graciliano têm uma percepção mais flexível, para demonstrar um sentimento de discriminação em seu discurso. Quanto ao sentimento para com a infância, Ana demonstra ver essa fase como aquela em que a criança é um ser a-histórico, que necessita ser guiado pelas mãos do adulto, para que, em suas palavras, o “germém da malignidade” presente em seu espírito seja expurgado, contribuindo para que se torne um ser melhor.

No Capítulo 3, discutiremos questões que envolvem o trânsito comercial do brinquedo e como este chegava às crianças brasileiras oitocentista. No quarto capítulo retomaremos a discussão sobre o sujeito brincante no espaço de suas relações sociais, o seu universo lúdico.



**MERCADO DOS SONHOS
E FANTASIAS**

A industrialização motivou mudanças não só nas questões relativas ao trabalho, mas, também no *modus vivendi* dos indivíduos, que passaram a construir sua teia de relações a partir de uma trama com novos tons no tecido social. São outros e também novos os contatos realizados. Aos poucos a cultura se re-delineia. Hábitos, gostos e costumes vão sendo criados na esteira de novos e sedutores produtos, novos alimentos na dieta, novas peças de vestuário e tantas outras novas mercadorias, inclusive brinquedos.

O mercado de sonhos e fantasias é definido neste trabalho como o comércio dos brinquedos no século XIX. Os dados aqui apresentados foram selecionados e recolhidos em pesquisa realizada nas instituições referidas na Introdução desta tese, além daqueles obtidos na leitura das autobiografias e outros textos igualmente relacionados nas fontes trabalhadas.

Os componentes das práticas lúdicas nem sempre estão registrados em documentos oficiais, mas são sempre referidos na literatura. Dessa forma, tomamos alguns textos como fonte para a complementação da construção da história do objeto em estudo. A pulverização dos dados é uma característica da história do brinquedo, o que dificulta sua quantificação, todavia permite a quantificação do nosso objeto.

Neste capítulo, apresentamos os “produtos dos sonhos” com base nos brinquedos indicados nos documentos. Faremos o desenho da rota comercial do brinquedo para o Brasil no período estudado, bem como parte de sua produção e circulação na Europa. Buscaremos os portos exportadores e re-exportadores desses produtos, bem como sua divulgação em Portugal e no Brasil. Na Bahia, trabalhamos com documentos da Alfândega, manifestos e notas de despacho que descrevem a quantidade, preços, natureza dos produtos que chegavam, oriundos dos portos estrangeiros.¹

Para o Brasil e para Portugal foram estudados os anúncios publicados nos Almanacks e jornais de circulação mais frequentes. Dados também foram recolhidos na pesquisa realizada nas coleções museológicas visitadas em São Paulo, Rio de Janeiro, Petrópolis e São Luiz, no Brasil. Em Sintra, Seia, Braga e Lisboa, em Portugal, trabalhamos com documentos da Junta do

¹ A pesquisa foi realizada também no Museu Henriqueta Catarino, no Instituto Feminino, em Salvador (BA), em virtude de essa instituição ter em seu acervo peças como bonecas, acessórios, vestidos e alguns exemplares de mobiliário que fazem parte do universo das bonecas.

Comércio, uma seção da Torre do Tombo de Lisboa, entre outras instituições como a Biblioteca Nacional de Lisboa e da cidade do Porto; por fim, em Paris, na França, no *Musée de la Poupée*.

Para a criança não era destinado um olhar de igualdade, que a visse como sujeito produtor de cultura e construtor de sua própria história, assim também não foi diferente o olhar sobre seu mundo, o universo da infância. Desta forma, ao procurarmos obter dados mais precisos sobre o comércio de brinquedos, bem como sobre as modalidades das práticas lúdicas experienciadas pela criança daquele período, pudemos constatar muitas lacunas nos documentos estudados.

O universo lúdico estava longe de ser registrado como algo importante, que tivesse um caráter documental. Assim, não deixaremos de anunciar tais lacunas, como picadas abertas ao longo do caminho tortuoso da pesquisa, para que, posteriormente, outros estudiosos possam, debruçando-se sobre elas, visualizar novos caminhos.

1. PRODUTOS DO SONHO

Há um número significativo de possibilidades de aquisição de brinquedos quer seja por meio dos vendedores ambulantes “os antigos retrozeiros”,² quer seja com a abertura de tendas, pequenas lojas como as capellas, as fancarias que traziam as novidades de perto e de terras longínquas, como os objetos que estão incluídos na categoria de quinquilharias: os brinquedos. Isto se deve ao aumento de mercadorias transportadas, pois há uma melhoria significativa nos meios de transporte, com a implementação das ferrovias e das linhas fluviais e marítimas, bem como na qualidade das embarcações de carga.³

A respeito desses intercâmbios, constata Chantal Beauchamp:

A estreita ligação com a cidade vizinha, que dita a sua lei, mas graças à qual surgem o trabalho e os rendimentos, é um fator de propagação de modelos de comportamentos urbanos, nomeadamente em matéria de consumo de produtos industriais mais diversificados: na Grã-Bretanha, onde existem muitas regiões com forte densidade de indústria rural, compram-se mais tecidos e vestuário, adquire-se o hábito difundido na cidade de calçar sapatos, o consumo de objetos metálicos (brinquedos⁴ e instrumentos de ferro) parece mais difundido. Assim, surgem novas necessidades de consumo, embora geralmente só as classes médias estejam em condições de satisfazê-las à sua vontade.⁵

² Retrozeiros – Indivíduos que vendem artigos de armarinho, miudezas.

³ Sobre os circuitos fluviais e férreos na Bahia, ver FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro Moreira de. *Au Brésil: deux régions de Bahia (1989-1937)*. 1992. 552 f. Tese (Doutorado em História) – Université de Paris - Sorbone Paris IV, Paris, 1992.

⁴ As descrições correspondem literalmente às mesmas dos catálogos de exposições de onde se originam.

⁵ BEAUCHAMP, Chantal. *Revolução Industrial e crescimento econômico no séc. XIX*. Lisboa: Edições 70, 1998. Nova Biblioteca 70. p.29.

A cidade como núcleo urbano reforçou seu papel: o de centro de intercâmbio. É o lugar em que se entrecruzam as informações culturais e se expandem as relações sociais, solidificando-se em novos espaços de sociabilidade, como os cafés, escolas, universidades, salões, dentre outros que contribuíram para gestar novas formas de viver, inclusive para os indivíduos do campo. Essa movimentação já era sentida no transcorrer do século XVIII com a manufatura caseira. No século XIX, ela eclode de forma propulsora, mudando significativamente as sociedades ocidentais, sobretudo a européia. Esta, por sua vez, passava a ditar, para o Novo Continente, normas de conduta, posturas mercantilistas, a própria educação — com indivíduos como os preceptores(as) —, bem como as formas de consumo.

O ofício de fabricante de brinquedo, o brinquineiro, quase nunca é referido nos documentos. Só em alguns poucos dicionários aparece como verbete — “Brinquineiro, sm, bimboletier, (celui qui fait dês jouets d’efants)”⁶. Pelo que foi verificado, entretanto, sua fabricação era realizada pelos produtores de bibelôs, os espelheiros, ferreiros, latoeiros, principalmente na França.

O brinquedo tem, assim, uma longa história, mesmo com grandes lacunas, não surgindo apenas no apogeu da industrialização. No desenvolvimento das várias técnicas de construção das peças, foram sendo produzidas paulatinamente e se modernizando com a introdução de vários mecanismos como informa Michel Manson:

Os brinquedos artesanais do Antigo Regime transformaram-se insensivelmente, sob o impulso da mecanização e do capitalismo. Nesta batalha da modernidade, os latoeiros descobriram depressa o interesse da normalização das peças, a necessidade de máquinas de cortar (cizelagem, martelagem), e de conceber relevos (estampagem); a passagem da pintura à mão para a colagem de cromolitografias também permite ganhar tempo e aumentar a produtividade.⁷

A oficina dos fabricantes de bugigangas, em relação aos fabricantes de bonecas, necessitava de um número maior de operários, despendendo uma soma significativa no pagamento dos salários.

[...] os fabricantes de bonecas precisam sempre de uma numerosa mão-de-obra para a montagem das peças, para a costura, o acabamento, e o volume dos seus negócios é fraco (menos de 5000 francos), pois, neste caso, a mecanização só pode afectar certos acessórios, como as cabeças de porcelana ou de papelão. Mas as bonecas também vão entrar na era industrial, particularmente graças a Pierre Jumeau em 1849, o volume dos negócios ascende a 120 000 francos e emprega sessenta e cinco operárias costureiras; um quarto de século depois, em 1873, reúne todas as etapas do fabrico de bonecas na

⁶ CONSTANCIO, Francisco Solano. *Novo Dicionário portátil das línguas portuguesa e franceza*. 14. ed. Paris: Belhatte e Thomas, 1874. p.116. Este dicionário traz ainda, na mesma página, o sinônimo *brinquinharia, sf. Bimveloterie (commerce, fabrique de jouets)*.

⁷ MANSION, Michel. *História do brinquedo e dos jogos: brincar através dos tempos*. Tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa, Pt: Teorema, 2002. p.375.

sua manufatura de Montreuil-sous-Bois e torna-se um dos grandes padrões da indústria do brinquedo.⁸

Essas informações levam-nos a inferir que a produção de bonecas necessitava de infraestrutura e de uma organização administrativa dotada de um número substancial de operários com habilidades diferenciadas, para trabalhar com materiais diversificados, o que contribuía para o gasto maior com salários e maquinário. Este mercado, ao oferecer uma diversidade de tipologias e preços, torna-se acessível tanto aos pequenos burgueses como a alguns filhos de operários, possibilita a abertura e o seguimento de um mercado de trabalho direcionado para a produção e venda do brinquedo como produto e influência no gosto e no consumo. Esta variedade de produtos e de preços pode ser observada em anúncios de jornais, como o que transcrevemos a seguir:

“Brindes por amendoas”

Próprios para creanças, recebeu grande sortimento de bēbés envernizados de 40, 50, 60, 70, 80, 100, 120, 160, 200, 240 até 600 réis. - Bēbés encerados e olhos de vidro de 120 até 400 réis - Bēbés com cabelo de 100 até 500 réis.

- Bēbés com olhos moventes de 160 a 2\$250 réis.- Bēbés pretos com olhos de vidro de 100 a 500 réis - Bēbés encerados, olhos moventes com cabellos soltos e tranças, etc, de 500 a 2\$500 réis. Bēbés novidade, abrem a bocca quando choram. - Bonecas, olhos moventes, cabellos penteados à moderna.

- Bonecas vestidas em Paris, cabeças de biscuite e de cera, com olhos moventes em diferentes tamanhos, e diversas quinquilherias, tudo a preços relativos baratíssimos. - A.J.Cardoso, rua Bitesga, 47 e 49.”⁹

O chamariz no anúncio são os preços e a diversidade de produtos, chamando a atenção ainda para a procedência francesa da mercadoria. As bonecas importadas da França estavam na preferência, pois além da qualidade do material apresentavam-se vestidas com modelos da moda e traziam o que havia de mais atual naquele momento no mercado de brinquedos e no vestuário feminino.

⁸ MANSON, 2002, p.375.

⁹ DIARIO ILUSTRADO, n.572, quinta feira 02-04-1874, quarta página (documento constante na fonte de periódicos microfilmados na Biblioteca Nacional-Lisboa-Pt.).



Figura 2 – Bébé Le Bambin¹⁰

Na exposição *Arts ménagers pour poupées: les objets de la vie quotidienne en miniature*, há uma cronologia da fabricação das bonecas na Europa, seus materiais constitutivos e alguns dados sobre a própria infância no século XIX.

Esta é uma das bonecas que faz parte do acervo, composto de uma coleção de 500 bonecas, além de peças de vestuário, adereços, utensílios em miniaturas e outros brinquedos infantis do universo feminino, datados dos séculos XIX e XX.

É interessante revelar a grande variedade de brinquedos existente no mercado do universo lúdico. Relatamos alguns, citados por estudiosos e colecionadores,¹¹ como bonecas simples e sofisticadas, cavalos de papelão, cavalos de pau enfeitados ou não, mobiliário para bonecas, animais, soldadinhos de estanho, chumbo e papel, carroças, moinhos de vento, brinquedos religiosos, peças com mecanismos simples e sofisticados dentre outros. Michel Manson ressalta a questão da variedade não só das peças como também dos preços no final do século XVIII no mercado francês:

Mas o que chama sobretudo a atenção é a gama dos preços para cada tipo de brinquedo; por exemplo, o preço da boneca varia na proporção de um para cento e noventa (de um soldo a nove libras).

¹⁰ Fonte: Musée da La Poupée, Paris. Fabrication Denamur, taille 12, Paris, 1890.

¹¹ Sobre a diversificação dos materiais desses produtos, ver ANJOS, Carlos; MOREIRA, João Arbués; SOLANO, João. *O Brinquedo em Portugal*: coleções de Carlos Anjos e João Arbués Moreira: 100 anos do brinquedo Português. Porto, Pt: Civilização, 1997.

Por entre os brinquedos de menos um soldo, encontramos os de Liesse, flautas, assobios, cornetas, trompas de caça, cegarregas, marechais, cavaleiros, soldados, mas, também, guizos de vime, moinhos de vento [...]¹²

O texto evidencia a existência de um público consumidor diversificado para esse mercado, já há algum tempo, pois o número de bonecas que compõem a coleção e a variedade de vestidos, penteados e adereços, dos mais simples aos mais elaboradas, estabelecem uma relação com a moda corrente e a necessidade da boneca estar inserida naquele cotidiano, para atender à expectativa de um consumidor cada vez mais exigente. Por esta razão, o brinquedo vai adquirindo um grau de sofisticação cada vez maior.

1.1 Fábricas de bonecas

A Alemanha, desde o século XIII, destacava-se na produção de brinquedos. A cidade de Nuremberg já era reconhecida como um centro do artesanato de brinquedos em madeira. No século XV, passou a se distinguir com a implementação de uma atividade recente: o artesanato de bonecas. Essa localidade passou a ser um centro importante para toda a Europa com os fazedores de bonecas, que passaram a apresentar um artesanato mais elaborado, com o emprego do torno. Este equipamento¹³ sofreu modificações, sobretudo a partir do século XVI, que favoreceram ao aprimoramento da produção e a uma fabricação em maior quantidade, determinando uma moda que resistiu até o século XIX.

A Alemanha detinha também o domínio da técnica de produzir a pasta de porcelana desde o início do século XVIII. Sua primeira fábrica de objetos deste material funcionou em 1710, em Meissen. O desenvolvimento foi tal que durante o século XIX foram abertas cerca de duzentas fábricas no estado da Turingia. As empresas dessa natureza, que produziavam bonecas, muitas vezes eram concentradas numa determinada região, como informa Mary Gorham Krombholz:

Em torno de cem fábricas germânicas manufaturavam bonecas de porcelana no século XIX e início do século XX. Lá havia 61 fábricas de porcelana localizadas dentro de Sonneberg num raio de 20-milhas das fábricas de bonecas e 17 localizadas dentro de Waltershausen num raio de 20-milhas das fábricas de bonecas.¹⁴

¹² MANSON, 2002, p. 370.

¹³ Equipamento utilizado desde a antiguidade, cujo uso foi preservado pelo mundo mulçumano.

¹⁴ KROMBHOLZ, Mary Gorham. *German Porcelain Dolls 1836-2002*. Grantsville-MD-USA: Hobby Hiouse Press, 2002. p. 6, tradução nossa. "About a hundred German factories made doll-related porcelain in the 1800s and early 1900s. There were 61 porcelain factories located within the Sonneberg 20-mile doll-making circle and 17 located within the Waltershausen 20-mile doll-making circle."

Dessa forma, podemos comprovar o predomínio da Alemanha como centro produtor de brinquedos diversificados, como os manufaturados em madeira e, principalmente, o de bonecas, dominando por um longo período o mercado estrangeiro.¹⁵ A Alemanha foi durante muito tempo o maior centro de intercâmbio na fabricação de autômatos e demais brinquedos em metal. As empresas criavam os brinquedos autômatos com personagens que imitavam ou satirizavam a vida cotidiana, inspirando-se, muitas vezes, nas cenas circenses e teatrais, para produzir bonecos com formas antropomorfas ou zoomorfas, como o boneco com mecanismos de movimento e de sonorização de Gustave Vichy, de 1890.



Figura 3 – Boneco com mecanismos de movimento e sonorização (1890)¹⁶

Os franceses concentravam-se na fabricação de objetos de luxo, de mecanismos mais complicados, com acessórios e vestuários mais extravagantes. No entanto, para a produção destes brinquedos, fazia-se necessária a conjunção de esforços de mais dois países — Alemanha e Suíça — resultando num produto final de tripla nacionalidade. O brinquedo tinha a cabeça alemã, em porcelana ou biscuit, o mecanismo musical suíço e o vestuário e acessórios franceses. Ainda no território francês, eles apoiavam-se na habilidade e criatividade de antigos artesãos, que realizavam suas produções no próprio domicílio.

¹⁵ A lista das fábricas alemãs mais citadas na bibliografia trabalhada, produtoras das peças dos acervos pesquisados, constitui o Apêndice C desta tese. O Apêndice E expõe marcas de fabricantes.

¹⁶ Fonte: KING, 2001, p. 22.

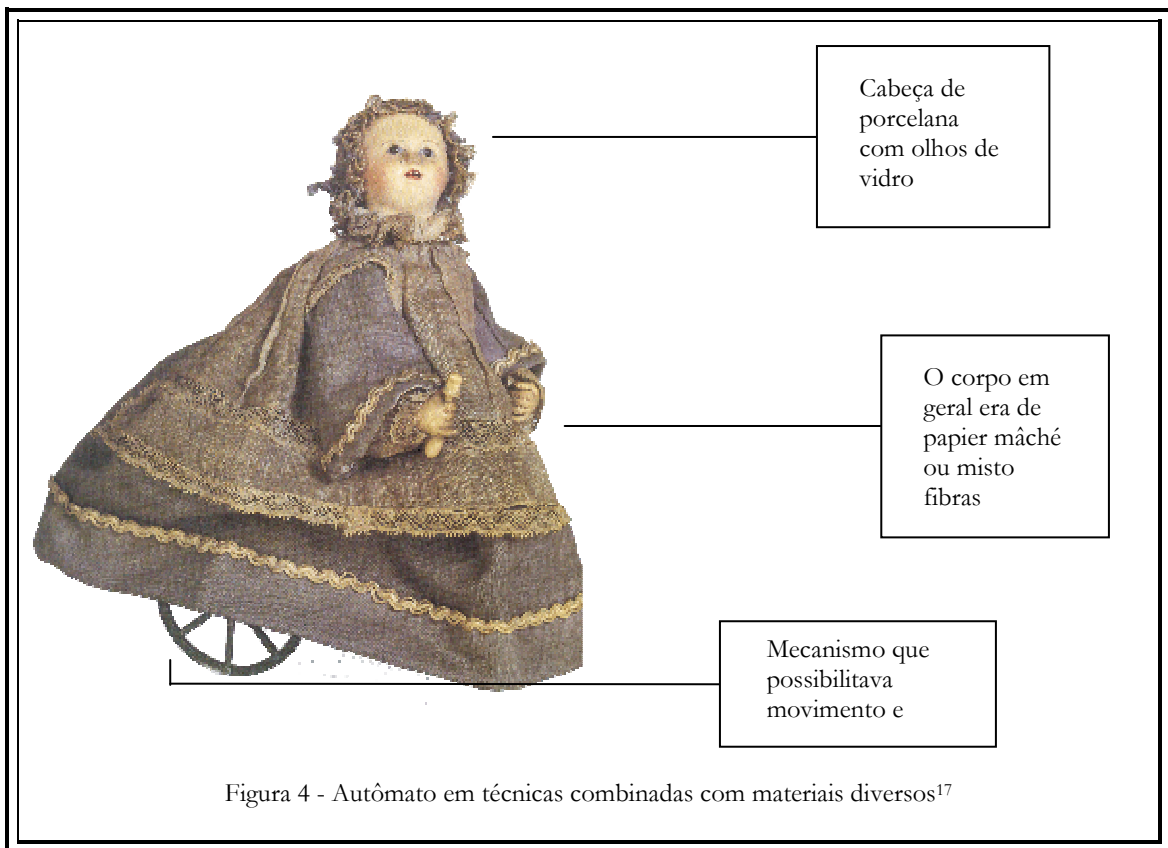


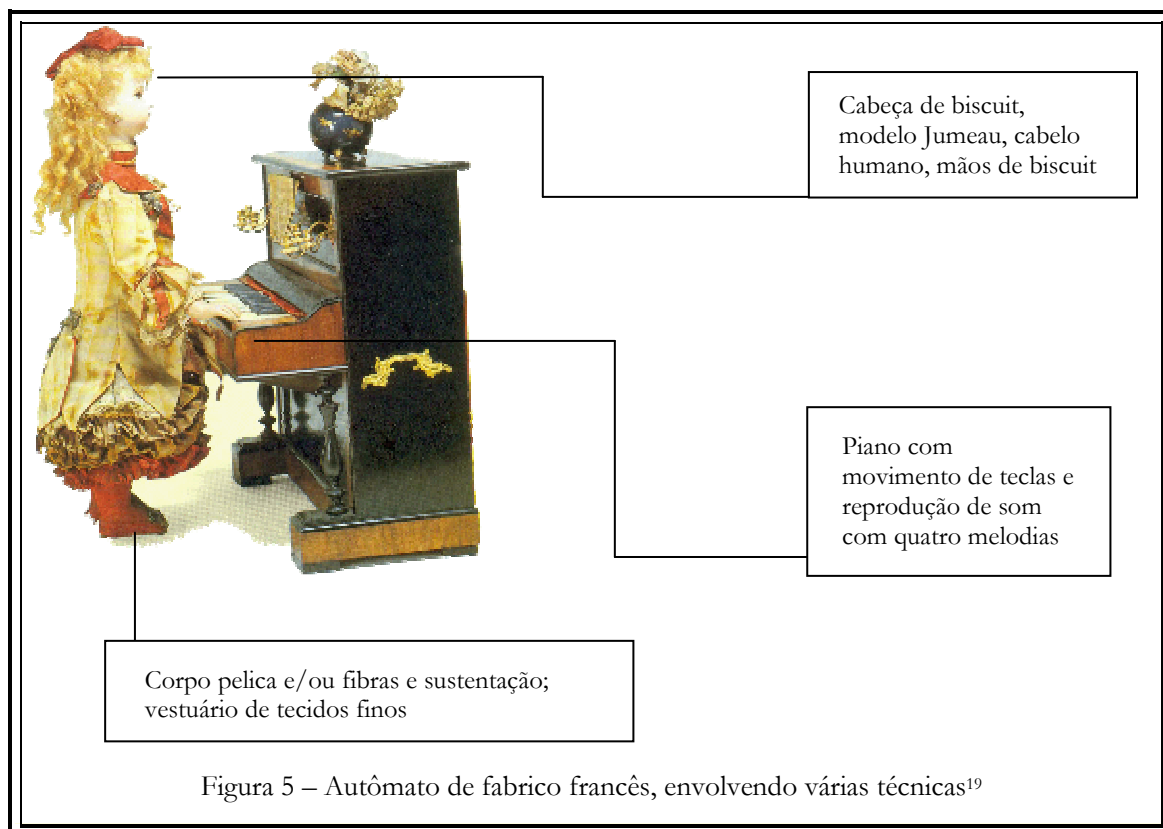
Figura 4 - Autômato em técnicas combinadas com materiais diversos¹⁷

Ocorria também, dentro do próprio centro produtor como na Alemanha, o fato de uma única peça ser composta de elementos de diversos fabricantes, como relata Constance King:

[...] por vezes encontramos combinadas numa só peça os produtos de diversos fabricantes: cabeças de bonecas vindas de Simon & Halbig ou Armand Marseille, cavalos recobertos de couro por F. Graeffér ou Luis Lindner, e movimentos musicais fornecidos por um dos especialistas estabelecidos em Marbur em Hesse.¹⁸

Ainda no século XVIII, os autômatos eram divididos em duas categorias: uma dedicada às crianças, aqueles mecânicos, que combinavam música e movimento; e outra, também com estes mecanismos, direcionada a adultos de maior poder aquisitivo. A depender da sofisticação de seu mecanismo, muitos desses autômatos serviam também ao divertimento dos adultos.

¹⁷ Fonte: KING, 2001, p. 41. Fabricação francesa de 1855.
¹⁸ Ibid., p.41, tradução nossa. “[...] on trouve parfois combines dans une seule pièce les produits de divers fabricants: têtes de poupée venant de Simon & Halbig ou Armand Marseille, chevaux recouverts de cuir par F.Graeffér ou Luis Lindner, et mouvements musicaux fournis par um dès spécialistes établis à Marbur em Hesse.”



Com referência às técnicas e materiais aplicados na fabricação destes autômatos, as peças de figuras masculinas tinham o corpo feito de *papier mâché* e não recebiam um tratamento refinado. Já as figuras femininas possuíam cabeças, mãos e pés de biscuit ou porcelana, trabalhados da maneira mais delicada possível. O restante do conjunto mescla diversos materiais, enchendo os olhos de ricos compradores.

1.2. Pequenos soldados

A Alemanha teve seu apogeu na produção dos soldados de brinquedo em meados do século XIX. As primeiras peças, porém, foram fabricadas em ferro branco pela família Hipert, no período de 1720 a 1822. Inicialmente, a família fabricava estas figuras como peças ornamentais para adultos. Os motivos da fabricação no século XIX foram as Guerras Napoleônicas,²⁰ que inspiravam o conjunto de batalhas em quadros nas residências daquele período.

Embora sejam encontrados registros da produção alemã de brinquedos em vários materiais em tempos pretéritos, já na primeira década dos anos 1600, podemos encontrar peças

¹⁹ Fonte: KING, 2001, p.12.

²⁰ KING, 2001.

que formavam pequenos exércitos, como verifica Michel Manson²¹, ao se reportar à infância do Grande Delfim, filho de Luís XIV. Em uma carta, Colbert, então encarregado da educação do Delfim, solicita a seu irmão a remessa de brinquedos alemães:

Peço-vos que vos lembreis daqueles pequenos conjuntos de armas, como peças de artilharia, figurinhas de homens e de cavalos, que vos roguei que encomendásseis aos artífices mais engenhosos de Augsburg e de Nuremberga, a fim de servirem de divertimento a Monsenhor, o Delfim; parece que ainda hoje lhe podemos acrescentar um daqueles conjuntos com castelo, cidade fortificada e demais peças, de belo invento e industriosa execução, que podereis deixar ao cuidado do meu primo e de M. de Louvat, que se deslocarão brevemente a Philipsburgo.²²

Um dos mais importantes fabricantes alemães, Ernest Heinrichsen, em 1850, decidiu produzir a “Série de Nuremberg”, constituída de peças no tamanho de 30mm.



Figura 6 – Grupo de origem alemã produzido em madeira em meados do séc. XIX²³

A figura do pequeno soldado esteve à frente da produção alemã mais do que na França. De acordo com Constance King:

A fabricação francesa de pequenos soldados não foi tão importante quanto a da Alemanha, mas produziu alguns belos modelos. Sobretudo Lucotte, que começa a produzir no fim do século XVIII. Mais tarde, as figuras com a marca Lucotte portam as iniciais “LC”, assim como a abelha imperial. Os modelos de Lucotte foram finalmente retomados pela fábrica mais importante de Mignot. A qual começa a produzir em 1825.²⁴

²¹ MANSON, 2002.

²² Ibid., p. 138. Cartas de Colbert, de 18 de agosto de 1662 e 20 de abril de 1663, dirigidas a Charles Colbert, seu irmão, intendente na Alsácia. Arquivos da marinha, Recueil de diverses lettres, f.64 e 8, publicados por Pierre Clément, *Lettres, instructions et mémoire de Colbert*, t.V, Paris Imprimerie impériale, 1868, p.2-3 e 6-7.

²³ Fonte: KING, 2001, p.12.

²⁴ KING, 2001, p. 108, tradução nossa. “La fabrication française de petits soldats ne fut jamais aussi importante que celle de l’Allemagne, mais produisit quelques beaux modèles. Surtout Lucotte, qui commença à produire à la fin du XVIII siècle. Plus tard, les figurines avec la marque Lucotte portèrent les initiale ‘LC’, ainsi que l’abeille impériale. Les modèles de Lucotte furent finalement repris par l’usine plus important de Mignot, qui commença à produire em 1825.”

A Alemanha manteve, por muito tempo, o monopólio da produção e exportação de brinquedos, porém, de acordo com Mary Hillier, com a I Guerra Mundial, estes produtos passaram a ser rejeitados pelos compradores estrangeiros, que não permitiam que suas crianças brincassem com peças alemãs.

A Primeira Guerra Mundial quebrou o monopólio germânico dos brinquedos em folhas de flandre no mercado mundial e muitos países, principalmente os Estados Unidos da América, começaram a manufaturar seus próprios brinquedos de metal para suas crianças. Os brinquedos germânicos tornaram-se impopulares por razões patrióticas e não se compravam estes brinquedos para as crianças.²⁵

Dessa forma, esse país perdeu uma parte importante de seu mercado, principalmente nos Estados Unidos da América, voltando mais tarde a conquistá-lo.

2. FABRICAÇÃO DO BRINQUEDO EM PORTUGAL

O processo de industrialização em Portugal foi mais lento que nas outras nações, principalmente porque não havia, de forma mais consistente, o implemento de políticas por parte do governo para o incentivo do desenvolvimento da indústria. Como explicita Joel Serrão:

Na fábrica Daupias, ao Calvário, em Lisboa, trabalhavam em 1844 pouco mais de 100 operários, mas seis anos mais tarde eram cerca de 500. Contudo, este panorama está muito longe de representar a realidade dominante em Portugal. A maior parte da produção era ainda de base artesanal, e há mesmo fábricas novas em que se não recua na adoção de velhos sistemas; a fábrica têxtil que começou a laborar em janeiro de 1848 nos Olivais, em Lisboa, servia-se ainda da energia hidráulica, dava emprego a 150 trabalhadores e a produção anual média por operário era apenas de 10 peças de pano.²⁶

Diante destes dados podemos constatar que o progresso industrial em Portugal não foi tão intenso quanto em outras nações, visto ter permanecido por um longo período dependente da tecnologia estrangeira. Apesar de se ter conhecimento da fabricação de brinquedos em Portugal, sobretudo utilizando papel e folhas de flandres, não temos dados substanciais das fábricas que os produziam, bem como de sua entrada no Brasil.

Embora o emprego da pasta de papel gessado na modelagem de figuras datasse de um longo tempo, Fernando Lanhas²⁷ informa que, na Europa, o início da fabricação de brinquedos com esta técnica e material data do início do século XIX, realizada em Sonneberg, cidade

²⁵ HILLIER, Mary. *Automata & mechanical toys: an illustrated history*. London: Bloomsbury Books, 1988. p. 182, tradução nossa. "The first World War broke the German monopoly of tin toys in the world market and many countries notably the U.S.A. began to manufacture their own metal wind-up toys. German toys were unpopular for patriotic reasons not to but a toy for his child."

²⁶ SERRÃO, Joel. *Dicionário de História de Portugal*. Lisboa: E-MA Iniciativas editoriais, 1965. v. II. p.536.

²⁷ LANHAS, Fernando. *O brinquedo de pasta de papel*. Porto, Pt, [19--]. p.2.

próxima a Nuremberg, na Alemanha; em Portugal, “[...] a fabricação de brinquedos de pasta de papel deve ter começado no final do século XIX, tendo em conta o desenvolvimento conhecido nos primeiros anos do século.”

Além das questões econômicas internas, a industrialização durante o século XIX, em Portugal, sofreu bastante com os problemas políticos com países vizinhos como a França, o que levou Portugal a ser muito mais um pólo importador de produtos industrializados do que exportador, fato que contribuiu para o enfraquecimento da economia portuguesa daquele período. Essa condição de país importador é evidenciada numa espécie de relatório de uma feira ocorrida no Porto, da qual participaram comerciantes espanhóis, franceses e ingleses. Assim é relatado:

Quinquilharias, muito imperfeitas - nenhuma venda.

Obras de selleiro, muito bem feitas - pouca venda.

Francezes - sedas, casimiras, quinquilharias, chapéus de senhora, panos e tudo o mais que sabido é, se vende em Portugal das fabricas de França. A nossa indústria ainda se não pôde aproximar dessas obras notáveis pelo seu gosto, finura, cores etc., que todos compram, apesar de sua carestia excessiva, ainda mesmo atendermos à utilidade que d’ahi nos provém.

— bastante venda [...] ²⁸

Os registros documentais possibilitaram-nos constatar que, apesar de a indústria portuguesa não ter demonstrado uma produção mais apurada de brinquedos, dedicou-se à diversificação desses produtos. Tanto que alguns deles mereceram figurar em exposições, como ilustra o Catálogo da Exposição Nacional das Indústrias Fabris, em 1888, notificando a presença de jogos recreativos e miniaturas de peças do mobiliário, além de notificar:

Leandro - Antonio

(desdobramento do artigo n.321)

Por estes grupos a classe expõe:

Louça miuda para brinquedos de creanças.

Extração em grande escala na romaria de Santo Antonio dos Olivaes, Coimbra e em outras. ²⁹

Esse documento traz o registro que comprova a produção, em Portugal, de brinquedos em outros materiais, como a louça. Outras produções manufaturadas podem ser encontradas nas várias regiões portuguesas, demarcando as especificidades de cada lugar. As brincadeiras realizadas com suportes lúdicos elaborados pelas próprias crianças em cortiça, em caule de algumas plantas como o bambu — chamado pelos portugueses de cana, com o qual a criança fazia a gaita de cana, brinquedo sonoro —, os brincos de princesas, feitos com cachos de cereja, brincadeira com o arco feito com o aro de pipas e tonéis, e a infinidade de alfaias agrícolas como

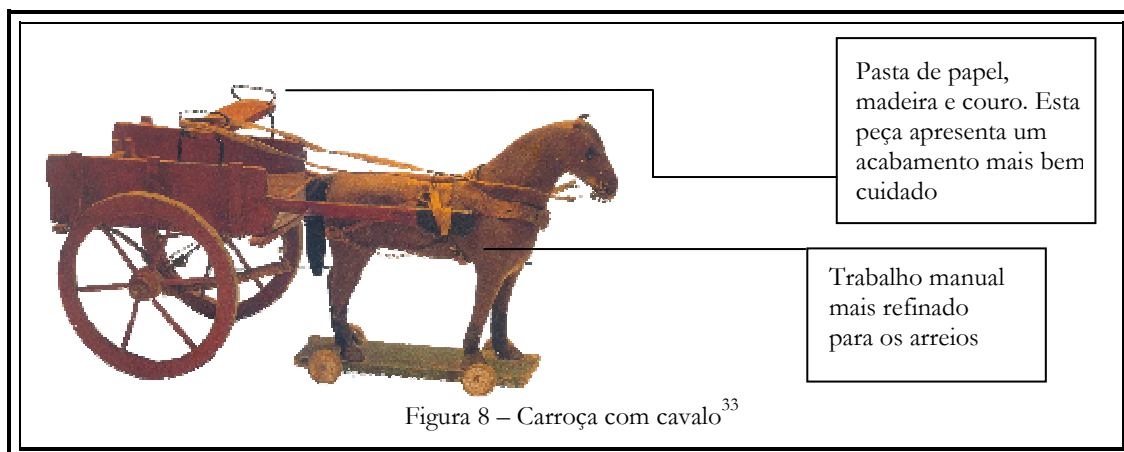
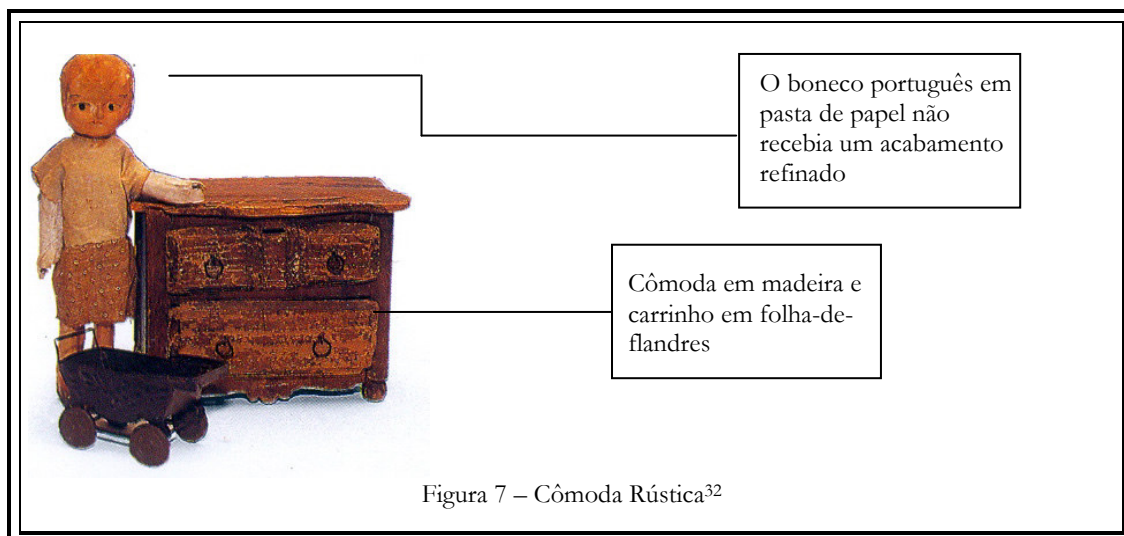
²⁸ O Commercio, Porto, Pt, n.25, p. 2, 31 jul. 1854.

²⁹ ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA. Catálogo da exposição Nacional das Industrias Fabris. Lisboa, 1890. 3 v. v. III, p.152. Exposição realizada na av. da Liberdade, em 1888.

os carros de boi, ancinhos e arados, utilizados pelas crianças para brincar de agricultor, e ainda as miniaturas de vidro produzidas em Lisboa, pela fábrica da Marinha Grande.³⁰ Essa diversidade está presente na poesia de Fernando Pessoa:

E todos os brinquedos se transformam
Em coisas vivas, e um cortejo formam:
Cavalos e soldados e bonecas,
Ursos e pretos, que vêm, vão e tornam,
E palhaços que tocam em rebecas [...]³¹

Um outro dado também presente é a venda desses produtos em festas religiosas, como podemos verificar ainda hoje nas quermesses, especialmente nas cidades do interior do Brasil, onde a criançada pode ter acesso a uma infinidade de brinquedos, sobretudo artesanais, como aqueles encontrados em Portugal, apresentados a seguir.



³⁰ Sobre essa manufatura não foi encontrado nem um registro, inclusive nos relatórios e inquéritos dessa empresa. Algumas peças referentes a estes objetos, porém, encontram-se no museu do brinquedo em Sintra, Pt; trata-se de peças que compõem serviços de chá e licoreiras com copos em vidro de cores variadas.

³¹ PESSOA, Fernando. *Cancioneiro II*. Lisboa, Pt: Multilar, 1990. v. II. p. 51.

³² Fonte: ANJOS; MOREIRA; SOLANO, 1997, p.10.

No panfleto econômico *As Fábricas são uma História!*, impresso pelo redator da Revista Universal, Lisboa, em 1850, consta uma lista de fábricas com seus respectivos proprietários e endereços, destacando o tipo de produto desenvolvido em cada uma delas. Também faz referência a uma indústria de folha branca, que pode ter produzido brinquedos, visto que, no período, uma boa parte dos brinquedos portugueses era de folhas confeccionadas pelos latoeiros. Dessa forma, podemos inferir que a produção de brinquedos em Portugal não fora tão desenvolvida até o final do século XIX como em outras nações européias, pois só no final do século XIX e início do XX é que podemos observar um tratamento mais delicado nas peças pesquisadas nos acervos dos Museus do Brinquedo de Sintra e de Seia. Em Portugal, a produção destas peças é referida no Catálogo da Exposição *O brinquedo Português do após Guerra ao Plástico*.⁶⁰

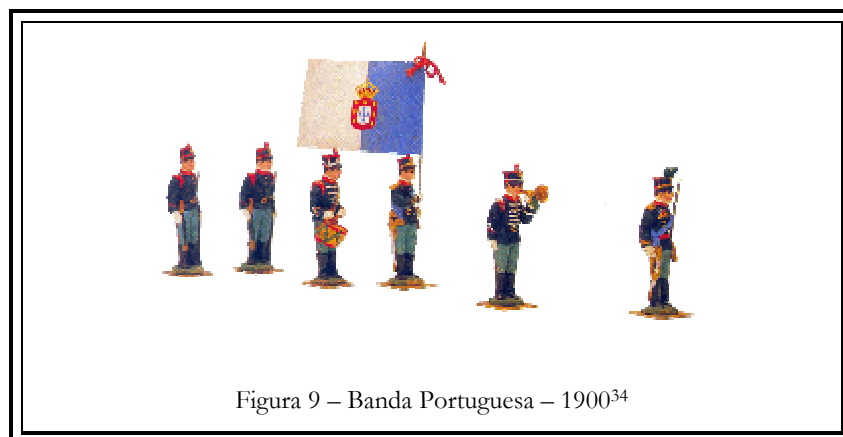


Figura 9 – Banda Portuguesa – 1900³⁴

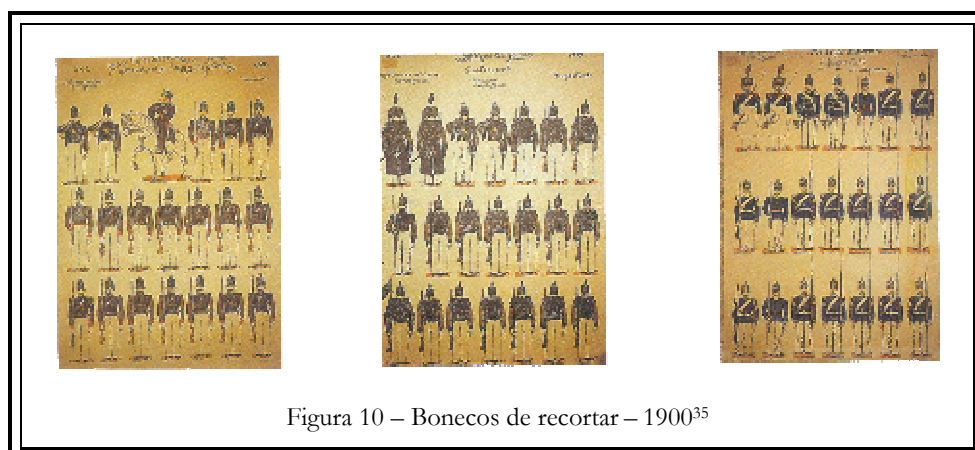


Figura 10 – Bonecos de recortar – 1900³⁵

³³ Fonte: Ibid., p.13.

³⁴ Fonte: ANJOS; MOREIRA; SOLANO, 1997, p. 13.

³⁵ Fonte: Ibid., p.12.

Os brinquedos em cartão, como os soldados em papel para recortar, surgiram pela primeira vez em 1880, na edição da “Casa do Militar à Porta”, em Lisboa e, mais tarde, em 1919, no Porto.

Os brinquedos comprados para os infantes da França ou de Portugal eram os mesmos, indicando uma infância com suportes lúdicos semelhantes aos utilizados pela criança da nobreza. A criança portuguesa conheceu de perto os produtos importados mais sofisticados que os nacionais. Teixeira e Barroso³⁶ citam os versos do poeta Afonso Lopes Vieira³⁷ para chamar a atenção para a presença do *cavalo de pau* nas práticas lúdicas do período estudado.



Figura 11 - Água-forte do rei D. Fernando³⁸

CAVALEIRO DE CAVALO DE PAU

Vai a galope o cavaleiro e sem cessar
Galopando no ar sem mudar de lugar.

E Galopa e galopa, parado,
E galopa sem fins nas tábuas do sobrado.

Oh! Que bravo corcel, que doidas galopadas,
Crinas de estopa ao vento, e as narinas
Pintadas!

Em curvas pelo ar, em velozes carreiras,
O cavalo de pau é o terror das cadeiras!

E o cavaleiro nunca muda de lugar,
A galopar a galopar a galopar!...

³⁶ TEIXEIRA, Madalena Braz; BARROSO, Carlos. *O brinquedo português*. Lisboa: Bertrand, 1987. (Coleção Patrimônio Português). p. 25.

³⁷ O poeta português nasceu em Leiria, em 1878, e morreu em Lisboa, no ano de 1946. Cf. WIKIPEDIA – A enciclopédia livre. *Afonso Lopes Vieira*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Afonso_lopes_vieira> Acesso em: 22 mar. 2007.

³⁸ Fonte: MONICA, Maria Filomena. *O filho da rainha gorda*. D. Pedro V e sua mãe D. Maria II. Lisboa, Pt: Quetzal, 2004.

Este tipo de brinquedo, confeccionado desde o material mais simples ao mais sofisticado, recebia tratamentos diversos. Muitas vezes, com riqueza de detalhes, podia ser disponibilizado no mercado para os consumidores com poder aquisitivo diverso.

Com relação à presença da boneca, os autores informam que as mais antigas foram confeccionadas em cerâmica simples e tecido, a partir do final do século XIX, em *papier mâché* e cartão gessado. Também podemos registrar os serviços de mesa, louçaria e peças do mobiliário em escala reduzida, para compor as práticas lúdicas, como representação do universo doméstico. Como informam Madalena Braz Teixeira e Carlos Barroso:

Em materiais, sobretudo em cobre estanho e prata se fizeram também objetos miniaturais para brinquedo, sobretudo a partir do séc. XVII. As *rocas* executadas em prata e osso ou em prata e marfim ou coral foram objectos bastante usados, existindo alguns interessantes exemplares nas colecções de alguns museus.³⁹

A riqueza do universo dos suportes lúdicos está presente na imensa variedade de materiais empregados em sua confecção, no emprego do mais simples trapo, aos metais preciosos como a prata e o ouro. De acordo com a classificação formulada pela Associação Industrial Portuguesa⁴⁰ para os diversos gêneros de produtos, os brinquedos estão incluídos no Grupo X – Indústrias complexas, na classe XLV, assim descritos: “Brinquedos de toda a espécie. Jogos para recreação e instrução de crianças e adultos.”⁴¹

O brinquedo, muitas vezes, não é especificado nos documentos como qualquer outro produto, visto que nem sempre é percebido como objeto de compra, venda e troca no mundo da busca de lucratividade das transações comerciais. Embora participe deste universo, como qualquer mercadoria, o brinquedo esteve sempre arrolado no grupo das miudezas, quinquilharias, dentre outros, como pode ser comprovado no documento *Estatística de Portugal de 1881*.⁴² Nos itens *importação, importação para consumo, importações de França dos annos de 1867-1881*, o brinquedo é descrito como *quinquilharias para brinquedos*; já no item *Mercadorias despachadas livres de direitos para o*

³⁹ TEIXEIRA; BARROSO, 1987, p.19-20.

⁴⁰ ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA. Catalogo da exposição Nacional das Industrias fabris. Lisboa: Imprensa Nacional, 1888. 3 Vol. v. I, p.127. Este documento é composto de três volumes; no primeiro é apresentado o Programa geral de 4 de março de 1887 (descrição dos grupos de produtos com a respectiva classificação); o volume II elenca fábricas, colégios e outras companhias, identificando as especificidades de cada uma; o volume III relaciona as praças nacionais e estrangeiras que participavam do quesito nominado nesse documento de “Mercados de consumo declarados”. Além destes dados, constam também desdobramentos explicativos de itens constantes de outros volumes, como, por exemplo, o desdobramento do artigo de n. 321, assim descrito: “Por este grupo e classe expõe: Louça miúda, para brinquedos de crianças. Extração em grande escala na romaria de santo Antonio dos Oliveas, Coimbra, e em outras.”

⁴¹ *Ibid.*, p. 127.

⁴² ESTATÍSTICA de Portugal Commercio do Continente do Reino e Ilhas Adjacentes com Países Estrangeiros e com as Províncias Portuguezas do Ultramar no anno de 1881. Lisboa: Imprensa Nacional, 1884. Este documento apresenta dados importantes do movimento comercial de Portugal, deste com suas colônias, ilhas adjacentes e países com os quais mantinha relações de comércio, incluindo o número e a especificação de embarcações que saíam de seu porto, mercadorias despachadas livres de impostos, importação e exportação no período de 1861 a 1882.

corpo diplomático em 1881, consta: “brinquedos” para os ministros da Áustria e da Espanha. No repertório alfabético das mercadorias importadas, item deste mesmo documento, a palavra *brinquedo* não aparece, apenas a expressão *quinquilherias para brinquedos*.⁴³

Dessa forma, verificamos a presença constante destes produtos na rota comercial dentro do próprio território português, deste para suas colônias e ex-colônias e para outras nações europeias, como revela o documento *Essai Statistique*:

O comercio com a Áustria antes da reunião com a Itália ex veneziana no Império Austriaco ...à Empresa Austriaca , as relações comerciais de Portugal com este estado se restringia a praça de Trieste, com as importações principais que consistiam em cristais, vidros, instrumentos musicais, espelhos em caixas de cartão, certas qualidades de armas, bonecas e brinquedos de crianças e outras quinquilharias, que eram pagas através de gêneros do Brasil sobretudo com o açúcar, o algodão e a madeira do Brasil.⁴⁴

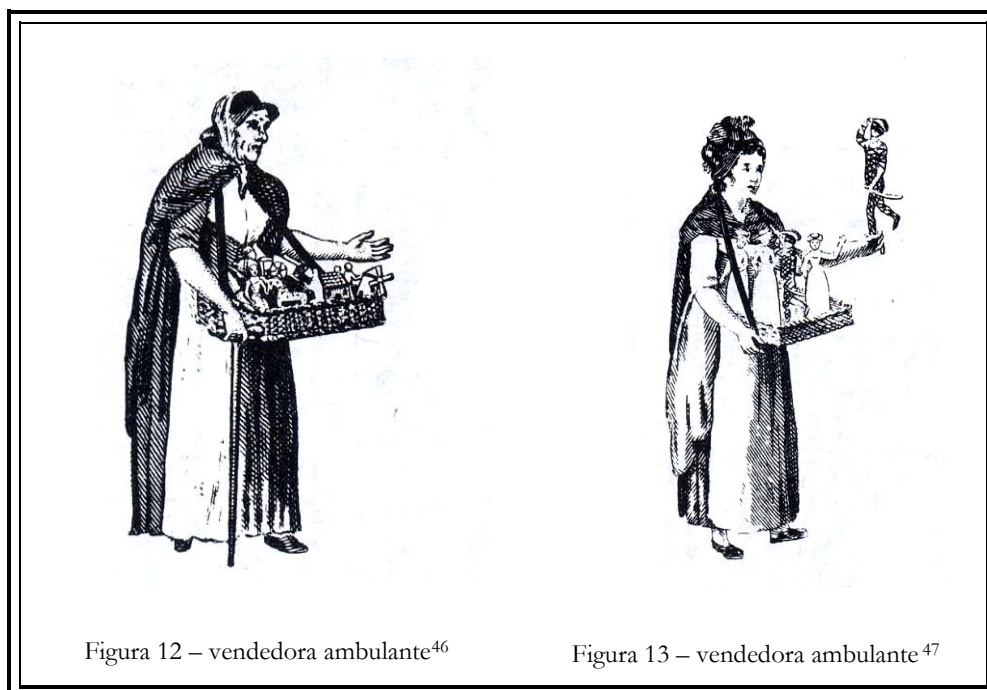
Com o material da fonte “Junta do Comércio” procuramos localizar dados que contribuíssem para estabelecer uma relação entre a produção do brinquedo e sua venda em Portugal. Para tanto, elaboramos uma lista detalhada dos documentos que constam de requerimentos de solicitação para abertura de lojas de Capelas. Essa denominação decorria do fato de se encontrar localizado nas proximidades de uma Igreja ou Capela. Este tipo de comércio era explorado pelas mulheres, que negociavam mercadorias pertencentes à categoria das miudezas e quinquilharias, como revela o *Estatuto dos Mercadores de Retalho*:

FAZENDAS Que as mulheres podem vender, como lhes he permitido pelos Estatutos dos Mercadores de Retalho, a saber [...] Fazendas que os Mercadores de Retalho cedem às mulheres para poderem vender cumulativamente com as lojas das cinco Classes, cuja cessão foi aprovada interinamente por Portaria do Governo destes Reinos de 14 de Novembro de 1812 [...] Bonecas de seda, Bonecos de pão, Gaitas, assobios, Tambores, Espingardas de Pão, Barbante, e cordel de pião.⁴⁵

⁴³ Ibid., p.177, 269, 309.

⁴⁴ BALBI, Aldrien. *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve compare aux autres états de L'Europe*. Tome Premier. Paris: Chez Rey et Gravier, Libraires, 1822. p. 439, tradução nossa. “Avant la réunion de l'Italie ex-vénitienne à l'Empire Autrichien, les relations commerciales du Portugal avec cet état se bornaient à la place de Trieste, dont les importations principales consistent en cristaux, vitres, instuments de musique, mirois em caïsses de carton, certaines qualités d'armes, poupées et joujous d'enfans et autres quicailleries, quiétaient payés par des denrées du Brésil, surtout avec du sucre, du coton et du bois de Brésil.”

⁴⁵ JUNTA DO COMÉRCIO. *Estatutos dos Mercadores de Retalho*, Portugal, maço 375, caixa 750-751 (transcrição parcial do documento) Imprensa Regia, 1834.



Esses dados contribuem para elucidar questões sobre o comércio do brinquedo, pois este produto, entre os séculos XVII e XVIII, encontrava-se na categoria de quinquilharias e, em algumas situações, era também denominado de fancarias⁴⁸ e/ou miudezas, ou seja, grupos de mercadorias sem uma classificação mais precisa. Esses produtos ainda eram vendidos no século XIX em estabelecimentos com essas peculiaridades, como ilustram os anúncios nos jornais pesquisados.⁴⁹

Em outro grupo de documentos estavam aqueles em que eram requeridos alvarás de autorização para o embarque de mercadorias compradas por encomenda em fábricas portuguesas. Essas mercadorias eram destinadas a várias localidades do Brasil, para as províncias da Bahia, Pernambuco, Maranhão, Rio de Janeiro, porto de Santos e apenas duas para o Ceará. Seguiam também para suas colônias, como Angola, Cabo Verde, Moçambique e Ilha de São Miguel.

As exposições nacionais e internacionais foram o mostruário, a vitrine, para que a sociedade pudesse conhecer o que cada país produzia. Com o objetivo de evidenciar o cenário da produção em Portugal, apresentamos alguns trechos do Catálogo da Exposição Portuguesa de

⁴⁶ Fonte: Ibid., maço 375, caixa 750.

⁴⁷ Fonte: Ibid., maço 375, caixa 750.

⁴⁸ Fanqueiro, s.m.(de fano na B.Lat., panno), mercador de lençaria de linho, e algodão. Fanqueiro, s.f., mulher do fanqueiro, ou que tem loge de laqueiro. Fanqueria, s.f. (des. ia, alteração euphonica de *franqueria*), rua de fanqueiros; obra Groseira, como as fazendas que vendião os fanqueiros antigamente. CONSTANCIO, Francisco Solano Novo Dicionário portátil das línguas portugueza e franceza. 14. ed. Paris: Belhatte e Thomas, 1874.

⁴⁹ TORREZÃO, Guiomar. *Almanak das Senhoras para o anno de 1895 Portugal e Brazil, anno XXIII*. Lisboa: Redação do Almanak das Senhoras, 1893. Publicado sob proteção de Sua Magestade a Rainha. A autora era sócia da Sociedade de Geographia de França. p.136.

1891.⁵⁰ Neste catálogo, os produtos estão distribuídos em vinte e quatro classes; os jogos e os brinquedos estão inscritos na classe de número dezoito, e os objetos de quinquilharias, na classe de número vinte e um.

Ainda neste texto estão descritos os nomes dos proprietários dos estabelecimentos, além do quadro do número de operários, homens, mulheres e crianças, com os respectivos salários, a descrição da receita de sua produção, origem da matéria-prima e a destinação do produto. Além disso, chama a atenção do leitor para a riqueza de suas possessões e das possibilidades de Portugal diminuir seus custos com importação de matérias-primas de outros países, como a Inglaterra. Relata o catálogo:

Portugal, esse pequeno paiz, possui no seu continente e nas suas vastas e ricas colônias, tudo quanto precisa para a sua existencia e para a sua riqueza.

As matérias primas de regiões tropicaes, que a industria nacional precisa importar, póde e deve ir buscal-as directamente aos seus domínios ultramarinos, sem que necessite de intermediários estranhos, acontecendo, como é certo, que esses estranhos vão colher a matéria prima, que vendem a Portugal, ás suas próprias colônias, depauperando o do seu oiro, quando esse oiro poderia ir fomentar a riqueza d'aquelles uberinos solos, que lhe pertencem, e que estranhos exploram e aproveitam.

[...]

As possessões portuguezas produzem de tudo. Seria infinita a lista de seus ricos e variados productos. Para as indústrias metalúrgicas possuem o oiro, o ferro, o chumbo, o cobre, o carvão, etc. Para as marcenaria, torneiro, construções navaes e hidráulicas, madeiras de primeira qualidade.⁵¹

Diante do exposto, fica evidente a necessidade de Portugal intensificar a relação com suas colônias e ex-colônias para um maior aproveitamento de suas riquezas, diminuindo as importações com outras nações estrangeiras e fortalecendo seu comércio exterior.

Neste mesmo catálogo, encontramos o registro das exportações feitas por Portugal para o Brasil, inclusive livros e material para ensino e literatura fabricados por Lopes & Ca. Successores de Clavel & Ca. (Porto, rua do Almada, n.123): “Esta casa exporta de todos os seus productos para o Brazil, e vende-os em todo o paiz.”⁵² As vendas por catálogo e amostras era uma prática encontrada tanto nos centros urbanos mais dinâmicos como nas casas comerciais do interior, que se utilizavam desse recurso para o abastecimento de uma variedade de mercadorias.

Além dos brinquedos e da identificação de seus fabricantes, encontramos ainda aqueles fabricantes de brinquedos em madeira instalados em Portugal: Alberto da Silva Escuro, Agostinho da Costa Carneiro (pai), Antonio Duarte Ferreira, César Duarte Ferreira e Aurélio Santos Ferreira, dentre outros.

⁵⁰ CATALOGO da Exposição Industrial Portugueza em 1891, no Palácio de Crystal Portuense. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

⁵¹ CATALOGO..., 1892, p. 44.

⁵² Ibid., p. 276.

A proliferação do uso do papel e dos impressos levou à ampliação do tipo de brinquedo produzido em Portugal. O PETIZ⁵³ anunciava a publicação do periódico “Jornal das Meninas”, com saída quinzenal, e um de seus atrativos eram as bonecas de papel: “Cada número contém: Estampas coloridas – Figurinos para cortar e vestir – Moldes para bonecas – Música – Vistas de Teatro – Cartonagens instructivas – Surpresas de toda quantidade, ect.”⁵⁴

A cada avanço das técnicas e dos materiais produzidos em larga escala, o mundo dos brinquedos recebia-os e transformava-os em mercadoria. Ao acompanharem esses avanços, os fabricantes dos brinquedos contribuía para a inserção, cada vez maior, da criança no mundo do adulto.

Objectos de vidro

Recebidos de Allemanha, para brindes a creanças, galheteiros, licoreiros, bandeijas com serviço de almoço, jarras com flores, patos para andar na água, cães, etc., objectos de 50 e até 600 réis. A.J. Cardoso, R. da Bietesga, 47 e 49.⁵⁵

O mercado apresenta-se com muitas possibilidades de acesso não só a um número diversificado de produtos como também de preços, como os aqui anunciados. Aos pais abria-se a possibilidade de escolha, levando-se em consideração tanto o tipo de brinquedo quanto seu preço.

É interessante observar que, embora seja reconhecida a qualidade do produto português naquele momento, seu comércio não deixa de privilegiar esse filão do mercado, a criança, buscando ao mesmo tempo não só atendê-la, mas instigar o adulto — pais, parentes, padrinhos e madrinhas — a preencher seu universo com produtos e novidades encontrados no mercado. Assim, ao conhecer os materiais, a criança portuguesa transferia-os para o mundo da fantasia e nessa dinâmica situava-se e construía seu próprio mundo.

3. BRINQUEDOS POR MAR

Neste trabalho, interessa os portos de Hamburgo, Lisboa e cidade do Porto, em Portugal, e os brasileiros, sobretudo o de Salvador, na Bahia. Desde os finais do século XVIII, a cidade de Salvador deu início a sua reconfiguração, com base em sua vocação colonial de pólo exportador de açúcar e centro administrativo e político do Brasil colonial.⁵⁶ Tais mudanças haviam sido motivadas, dentre outros fatores, pelas freqüentes crises do açúcar, bem como pela transferência

⁵³ O PETIZ – Semanário Noticioso e Charadístico. Porto, 13 fev. 1887.

⁵⁴ Biblioteca Nacional de Lisboa. Jornais. Miscelâneas, J453.

⁵⁵ Diário Ilustrado, Lisboa, n.255, p.4, 25 mar. 1873.

⁵⁶ ARAS, Lina Maria Brandão de. *A Santa Federal Imperial*. Bahia 1831-1833. 1995. 227 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

da capital da colônia para o Rio de Janeiro, em 1763. Ao iniciar o século XIX, a presença da Corte na cidade e a abertura dos portos em 1808, reforçou o movimento em direção à consolidação da praça comercial da cidade de Salvador, com o livre comércio com as nações ditas amigas.

O trânsito marítimo era bastante intenso durante o período estudado, não só em território brasileiro como também nos portos europeus. O porto de Hamburgo, por exemplo, possibilitou a entrada dos produtos de outras nações, sobretudo da Inglaterra, o que transformou esta cidade em um importante centro de operações comerciais da Europa, ligando o velho continente a outros centros como as Américas. No porto de Hamburgo, atracavam muitos navios vindos do Brasil, carregados de produtos oriundos das áreas coloniais e daquelas ex-colônias independentes.⁵⁷ “Hamburgo, especialmente, voltava-se para as plagas brasileiras, e mesmo antes da assinatura do tratado em que se reconhecia a Independência do Império, já se calculava irem para aquele porto mais ou menos dois terços da produção brasileira de açúcar.”⁵⁸

Em nota publicada no jornal *O comércio*, essa importância é evidenciada:

A América com especialidade, é para Hamburgo um foco d’operações, que se tornam cada vez mais consideráveis, e que se tornam garantidas pelos tratados concluídos em 1828, com os Estados-Unidos, o México e o Brasil. Só em 1822 receberam os portos do Brasil 24 embarcações d’Hamburgo. Estes navios foram pela maior parte carregados de tecidos d’algodão e de fio da Saxônia e da Suíça, de tecidos de Crevelt, de quinquilharias, vidros d’Allemanha & c.⁵⁹

Os brinquedos não estão aí discriminados explicitamente, mas estão incluídos na categoria das quinquilharias, como são referidos em outros documentos.

Em 1827 foram assinados, entre o Brasil e as cidades da Liga Hanseática (Lübeck, Bremen e Hamburgo), acordos comerciais que contribuíram para a dinamização da praça comercial de Salvador e estimularam a transferência de cidadãos alemães como o estabelecimento de estrangeiros de outras nações nesta Província. A partir daí intensificou-se a instalação de lojas, fábricas, negócios e serviços diversos como os de saúde, por exemplo. Dessa forma, muitos países estreitaram suas relações com o Brasil, principalmente a partir da década de 1820.

A fixação dos alemães na Bahia deu-se prioritariamente no Recôncavo, nas cidades de Salvador, Cachoeira e São Félix e, mais ao sul, em Ilhéus. Ao se estabelecerem na Bahia, esses homens e suas famílias exerceram atividades econômicas variadas. Na agricultura, dedicavam-se

⁵⁷ Só em 1833 chegaram ao porto de Hamburgo 45 navios oriundos do Brasil com carregamentos de café, açúcar e outros gêneros, totalizando uma cifra de 51.500,00 francos. Nesse período, a cidade de Hamburgo era considerada a mais equipada da Europa para a armazenagem de produtos como café e açúcar. (*O Commercio*, 1855, p.2).

⁵⁸ CAMPOS, Pedro Moacyr. As relações do Brasil com a Alemanha durante o segundo reinado. *Revista de História*, São Paulo, Ano XX, v. XXXIX, p. 160, 1969.

⁵⁹ *O Commercio*, Porto, Pt, n. 43, p.2, 22 fev. 1855.

ao cultivo do café e do cacau e na manufatura dos derivados do fumo. No comércio, abriram empresas, ampliando, assim, sua presença nas principais praças comerciais onde se instalaram.

Os alemães exploraram inicialmente o comércio do açúcar, carro chefe da praça de Salvador, para, posteriormente, assumirem a liderança nos negócios fumageiros⁶⁰. Ao domínio da fabricação de cigarros, cigarrilhas e charutos no Recôncavo baiano (Cachoeira, em 1816, e São Félix, em 1873), foram acrescentadas a venda de maquinário para as embarcações que navegavam pelo Rio São Francisco na segunda metade do século XIX.

Na Bahia, essa presença ficou mais evidente em 1820, com a abertura do Consulado de Hamburgo. Sete anos mais tarde, o Brasil regulamentou as relações comerciais com a Alemanha através do Tratado Comercial e de Navegação com as cidades hanseáticas de Lübeck, Bremen e Hamburgo, aumentando assim o fluxo de germânicos que aportavam em Salvador. Aí estava localizado, então, o principal porto brasileiro, enquanto Hamburgo era o mais importante porto alemão do ainda incipiente comércio.⁶¹

O crescimento da população alemã na Bahia passou a exigir uma série de serviços de apoio àquela gente. Na segunda metade do século XIX, acompanhando a chegada de novos imigrantes germânicos, foram abertas escolas e o Clube Germânia (1873). Além do auxílio mútuo, foram fundados cemitérios para enterramento dos patricios, em 1851, em Salvador, sob o nome de Associação Cemitério dos Estrangeiros, e um cemitério em São Félix, dois anos depois, em 1853. A presença dessas instituições demonstrava a existência de um contingente significativo de alemães e estrangeiros das mais diversas nacionalidades na Bahia.⁶²

O comércio externo continuou a crescer independentemente das crises econômicas internas. Waldir Freitas Oliveira chamou a atenção para:

[...] as transações comerciais continuaram em crescimento entre os anos de 1860, com exportações dominantes para a Grã-Bretanha (aproximadamente 45% das mesmas), França, Portugal e Cidades Hanseáticas, e com as importações provindas desses mesmos mercados, entre os quais predominava o da Grã-Bretanha [...]⁶³

O mercado financeiro também era de interesse dos financistas alemães, como comprova o registro, em 1873, do Banco Alemão, mesmo que este só viesse a funcionar em 1908, com o nome de Banco Brasileiro Alemão. Os acontecimentos na Europa também repercutiam nas relações comerciais na praça de Salvador. A guerra franco-prussiana dificultou as transações comerciais, especialmente com as empresas de fumo, que retomaram o crescimento das exportações no ano de 1872.

⁶⁰ SILVA, Elizabete. *Fazer charuto*. Uma atividade feminina. 2001. 204 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

⁶¹ MENEZES, Albene Miriam Ferreira. Os alemães, uma presença secular. *Revista da Bahia*, Salvador, v. 31, n. 16, p. 33-39, 1990. p. 34.

⁶² ARAS, Lina Maria Brandão de; BARRETO, Maria Renilda Nery. Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 151-172, jan./abr. 2003.

⁶³ OLIVEIRA, Waldir Freitas. *História de um banco*. Salvador: Museu Eugênio Teixeira Leal, 1993. p. 34.

As empresas importadoras alemãs foram responsáveis pelo alargamento da pauta de importados e redistribuição de mercadorias por todo o interior da Bahia. Albene Menezes⁶⁴ chama a atenção para a abertura do Consulado de Hamburgo no ano de 1820, reforçando as relações comerciais entre Salvador e aquela cidade alemã, como também para apoiar seus comerciantes e patrícios.

**Para o Rio de Janeiro, Montevideo,
Buenos-Ayres, Valparaíso, Arica, Islay e Callao**

LINHA REGULAR

SAHIDAS DE LISBOA
NA 1.ª SEGUNDA-FEIRA DE CADA MEZ

VAPORES	SAHIDAS
ASIATICO.....	3 de março
BELGIC.....	31 de março
TROPIC.....	5 de maio

Além d'estes vapores haverá outros extraordinarios, cujas sahidas serão devidamente annunciadas.
Os velozes vapores d'esta companhia tem excellentes e espaçosas accommodações para passageiros de todas as classes e fornece-lhes VINHO, CARRA, ROUPAS, etc., etc.
Quaesquer esclarecimentos necessarios presta-os a agencia Daniel Sueres & C.ª, 20 A, rua do Alecrim.

THE PACIFIC STEAM NAVIGATION COMPANY



**Para o Rio de Janeiro, Montevideo, Buenos
Ayres, Valparaíso, Arica, Islay e Callao.**

LINHA SEMANAL

PAQUETES	DATAS DAS SAIDA
* CORCOVADO.....	terça-feira 25 de fevereiro
* CUSCO.....	terça-feira 4 de março
* AMAUCANIA.....	terça-feira 11 de março
* LUSITANIA.....	terça-feira 18 de março
* CALDERA.....	terça-feira 25 de março
* ILLIMANI.....	terça-feira 1 de abril
* ACONCAGUA.....	terça-feira 8 de abril
* GALICIA.....	terça-feira 15 de abril

**Com escala por Pernambuco e Bahia
DE 15 EM 15 DIAS**

CUSCO.....	terça-feira 4 de março
LUSITANIA.....	terça-feira 18 de março
ILLIMANI.....	terça-feira 1 de abril
GALICIA.....	terça-feira 15 de abril

Para Pernambuco e Bahia, só recebem malas e passageiros.
TREM muito boas e bastantes accommodações para passageiros de todas as classes.
Todos os mais esclarecimentos prestam-se na agencia, caes do Sodré, 61
Os agentes—E. Pinto Basto & C.ª

Figura 14 – anúncio de viagem marítima⁶⁵

⁶⁴ MENEZES, 1990, p.34.

⁶⁵ Fonte: O Comércio de Lisboa, Lisboa, 5 abr. 1874.

Nos anúncios da entrada e saída de embarcações nos jornais desse período, encontramos uma intensa movimentação entre as nações européias e entre estas e o Brasil, o que demonstra que este país, naquele período, era uma praça importante nos circuitos comerciais. Estas informações podem ser verificadas em documentos como o Relatório⁶⁶ dos actos da Direção.⁶⁷

Na coluna de anúncios, em diversos periódicos, encontramos disponibilizados os produtos, como no Diário Ilustrado.

n.18 – Bahia e Rio de Janeiro

Para os portos acima sairá no dia 26 do corrente o paquete inglez Bernard, que se espera de Liverpool em 25.

Para carga ou passagens trata-se na agencia, Rua do Alecrim, 10

Os agentes - Garlaud Laidley & Ca.

n.19 – Bahia, Rio de Janeiro. Montevidéu e Buenos Ayres.

Para os portos acima sairá no dia 21 do corrente o paquete Biela, que se espera do Havre em 20 ou 21.

Para carga ou passagens, trata-se na agencia, Rua Alecrim,10.

Os agentes - Garlaud Laidley.

n.20 – Para Pernanbuco descarregando dentro do porto

Sairá no dia 21 do corrente o paquete inglez Oberon, que se espera de Liverpool a 20.

Para carga e passagens, trata-se na agencia, Rua do Alecrim, 10.

Os agentes - Garlaud Laidley & Ca.⁶⁸

Numa única semana chegaram aos portos brasileiros navios de diversas origens, carregados não só de passageiros, mas, principalmente, de produtos variados, como batatas, vinho, calçados, livros, dentre outros. As mercadorias, quando aqui eram aportadas, passavam à conferência, ao pagamento devido de taxas estabelecidas e, em seguida, eram encaminhadas a seus vários destinos comerciais, tanto para outras províncias como para o mais longínquo interior, como explicita Kátia Mattoso.

No interior, usavam-se as antigas trilhas abertas pela passagem das boiadas, que continuavam a chegar de longe para abastecer de carne os mercados de Salvador. Esses caminhos, que subiam até as chapadas e atravessavam os rios por vaus bem conhecidos, viam passar longas tropas de animais, albardados e pesadamente carregados, em caravanas bem organizadas, que levavam aos mais isolados lugarejos todo tipo de mercadoria, trazendo de volta algodão, café, diamantes ou carbonatos. Toda casa comercial de respeito tinha seus tropeiros [...]⁶⁹

⁶⁶ Este relatório foi elaborado pela Repartição do Telégrafo Marítimo. Nele é apresentado o mapa que identifica os destinos, o número e toneladas das embarcações a vapor e a vela que saíram e entraram no porto da cidade do Porto no ano de 1889.

⁶⁷ Relatório dos actos da direção da associação Commercial do Porto no anno de 1889, apresentado à assembléa geral, em sessão de 26 de abril de 1890. 1º. secretário J.H. Andresen Junior. Porto, 1890.

⁶⁸ Diário Ilustrado, Lisboa, n.227, p. 4, quinta feira 20 abr. 1873.

⁶⁹ MATTOSO, 1992a, p.489.

Os vendedores ambulantes complementavam a função de distribuir as mercadorias, percorrendo caminhos, muitas vezes de trilhas ainda desconhecidas, que os levavam aos moradores mais distantes.⁷⁰ Temos aí uma organização criteriosa, com rígida fiscalização dos produtos ali armazenados até sua distribuição ao último consumidor. Na segunda metade do século XIX, as linhas fluviais e férreas de transporte reforçaram a distribuição dos produtos⁷¹. A inserção do brinquedo industrializado no interior da Bahia não foi trabalhada nesta tese, mas poderá se constituir em um dos itens do “catado”.

Os produtos mais importantes para exportação na província da Bahia era o açúcar e o fumo, somados a outros de subsistência como a farinha, base da alimentação de todos, mas, principalmente, daqueles que nada tinham para se alimentar, como afirma Kátia Mattoso:

O açúcar e o fumo tinham um papel essencial, mas não menos importante era a farinha de mandioca, esse “pão da terra”, imprescindível na mesa de ricos e pobres, transportado pelos navios de cabotagem, e cuja eventual má qualidade podia provocar até motins.⁷²

Os portos mantinham estas mercadorias em armazéns até o momento de serem despachados. A este respeito Kátia Mattoso esclarece: “Na época colonial, as mercadorias exportadas ou importadas pelo porto de Salvador eram depositadas em trapiches, muitos dos quais pertencentes a comerciantes. Tais entrepostos podiam ser ‘alfandegados’, isto é, controlados pela Alfândega, ou não.”⁷³

Dessa forma, o índice de produtos exportados é muito menor que o de produtos importados. A documentação analisada comprova o intenso movimento no Porto da Província da Bahia, principalmente a partir de 1808,⁷⁴ com o episódio da Abertura dos Portos às nações amigas, passando a receber um maior número de embarcações dos mais variados tamanhos e origens. Este fato, inclusive, concorreu para o significativo declínio da participação portuguesa, visto que suas embarcações eram do tipo a vela e as das outras nações eram movidas a vapor, ou seja, mais velozes e mais seguras.

Não obstante as características geográficas de sua baía, fator que contribuiu para que fosse considerado um centro importante de distribuição de mercadorias das mais variadas origens, havia também uma preocupação por parte do governo em possibilitar melhorias neste

⁷⁰ PAES, Jurema Mascarenhas. *Tropas e tropeiros na primeira metade do século XIX no Alto Sertão baiano*. 2001. 164 f. Dissertação (Mestrado História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

⁷¹ FREITAS, 1992.

⁷² MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia século XIX uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992b. p.458.

⁷³ Ibid., p.484-485.

⁷⁴ Antes desse acordo, as mercadorias só poderiam ser transportadas por embarcações nacionais.

setor, para facilitar uma ancoragem e partidas mais seguras, principalmente porque a partir deste período passaram a chegar ao porto baiano embarcações de grande porte. A esse respeito, Francisco Marques Calmon informa:

Procurou o Conde dos Arcos melhorar as condições de embarque e desembarque, abrindo um canal sobre o braço de mar de Itapagipe, denominado Papagaio e o porto. Sahiria este canal em Jequitaia e permitiria o acesso ao ancoradouro pelo caminho mais curto, evitando a ponta de Monteserrate, muito perigosa à navegação.⁷⁵

Além desta iniciativa, outras foram implementadas como, por exemplo, a criação do primeiro banco, a abertura da Praça do Comércio, pois a província da Bahia naquele período era uma praça com uma significativa dinâmica comercial.

Dependendo não apenas da natureza das mercadorias, mas, principalmente, dos acordos e contratos realizados previamente nas transações comerciais com os negociantes, a saída definitiva da mercadoria em geral era realizada nas instalações da Alfândega e, mais tarde, nos armazéns e nos trapiches, onde comerciantes e negociantes realizavam transações comerciais de grande e pequeno porte. A respeito da estrutura destes espaços Francisco Marques Calmon explicita:

Nestes trapiches alfandegados, as mercadorias de importação podiam ficar depositadas e por despachar durante seis mezes; vencido este prazo, tinham os donos que entrar com os direitos de toda a carga, se porventura não tivessem despachado parte della, em lotes, à sua vontade. Havia nelles um fiscal da alfândega, o qual estava sempre presente. Ali se recolhiam gêneros de exportação, que eram depositados em lugares separados dos das mercadorias de importação.⁷⁶

A análise dos registros constata que a atividade comercial neste período foi a mais significativa de Salvador. O porto era o local de recebimento, distribuição e troca de mercadorias de variados gêneros extraídos da terra, como minérios e madeiras, e objetos estrangeiros manufaturados.

Nos registros da APEB — Seção Alfândega da Bahia — também se encontram referências aos brinquedos, mencionados nos manifestos e notas de despacho, documentos da alfândega, bem como nos anúncios de jornais e Almanques do período estudado.

⁷⁵ CALMON, Francisco Marques de Góes. Vida econômico-financeira da Bahia elementos para a História de 1808 a 1899. Salvador, Publicação da Prefeitura Municipal do Salvador Comemorativa do IV Centenário da Cidade, 1979. p.19.

⁷⁶ Ibid., p.83.

QUADRO 1 - DEMONSTRATIVO DA ATIVIDADE ALFANDEGÁRIA RELATIVO A BRINQUEDOS
(1837-1857)

EXERCÍCIO	EMBARCAÇÃO	ORIGEM	ENTRADA	DISCRIMINAÇÃO
1837/38	Barca Hamburgueza Elizabeth		30/12/1837	1 cx. Com brinquedos para meninos
1838	Galera Dinamarqueza Zebra	Hamburgo	04/02/1838	2 cx. Com duzias brinquedos de vidro
	Galera Franceza Indústria	Havre	31/12/1846	1 cx. Com brinquedo de criança
1846	Stº Antônio Scuna Nacion Stº Antônio Scuna Nacion	Rio de Janeiro	31/12/1846	1 cx. Com bonecas 1 Pacote com um carrinho para criança
1851	Stº Antônio Scuna Nacion	Rio de Janeiro	05/01/1856	3 cx. Com bonecas
	Defensor Galera Portuguesa	Lisboa	31/12/1856	1cx. Com 96 chocalhos
1856	Boston Brique Americano	Boston	16/01/1856	3 cx. Com carrinhos
	Vapor Panamá Nacional	Rio de Janeiro	09/09/1856	1 Caixote com bonecas
	Imperador Vapor Nacional		14/10/1864	2 Caixões com brinquedos
1856/57	Brique Dinamarquez Selma		12/10/1864	1cx. Com brinquedos
			12/10/1864	1cx. Com brinquedos
1864	Escuna Dinamarqueza Zebra	Hamburgo	14/10/1864	1cx. Com brinquedos
			30/06/1865	1cx. Com 583 bonecos de barro
			16/07/1865	1cx. Com brinquedos
1864/65	Escuna Dinamarqueza Zebra	Hamburgo	28/07/1865	1cx. Com brinquedos
	Barca Portuguesa Dóurosa	Porto	28/08/1865	4cx. Com brinquedos e outras mercadorias
	Vapor Frances Estramaduré	Bourdeaux	01/09/1865	2cx. Com brinquedos
1865/66	Escuna Dinamarqueza Jochin	Hamburgo	05/01/1866	
	Galera Franceza Pesco	Havre	05/01/1866	
	Escuna Holandesa Cota Anetta	Hamburgo	05/01/1866	
	Brique Inglez Eliza Hunter	Sivansia	05/01/1866	

A Bahia recebia uma grande parte dos produtos importados dos portos de Bremem e Hamburgo, Alemanha, onde se encontrava uma gama significativa de peças de brinquedos, devido à forte tradição deste país na fabricação de objetos desta natureza, como já explicitado. A cidade de Salvador foi até metade do século XIX um grande pólo aglutinador de negociações, sendo um importante centro de compra, vendas e distribuição de mercadorias oriundas de diversas nações européias.

Em momentos de crise, ocorridos nos diversos setores da sociedade, como por exemplo, a revolta dos Malês⁷⁷ (1855), a Guerra do Paraguai⁷⁸ (1865), a crise na agricultura em 1873, dentre

⁷⁷ REIS, João José. *A rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

⁷⁸ RODRIGUES, 2001.

outros, este pólo manteve-se movimentado. Com relação ao brinquedo, não deixou de ser citado nos registros das mercadorias aportadas aqui nesses anos. Isso nos leva a inferir que o comércio não se absteve da venda de produtos considerados frívolos, como é referido o nosso objeto de estudo.

O movimento no Porto de Salvador com relação ao brinquedo pode ser visualizado nos Manifestos⁷⁹ e Notas de Despacho de Importação arquivados na seção Alfandegária, séries 010 e 030, do Arquivo Público do Estado da Bahia (APEBA). Os Apêndices A e B expõem esses dados. A entrada e saída de embarcações com tipologias variadas, como navios, brigues, galeras, vapores, dentre outros, traziam como lastro uma infinidade de mercadorias, entre estas os brinquedos, produzidos em várias nações européias, principalmente na Alemanha. Estes eram destinados a atender a um público adulto, consumidor já formado, que, com a disponibilidade nos estabelecimentos comerciais de um número cada vez maior de produtos com materiais e tipologias variadas, possibilitava a suas crianças o acesso a uma gama significativa de brinquedos.

Assim é que encontramos, nos manifestos⁸⁰ e notas de despachos de importação, registros de um número significativo de variedade de bonecas, grande volume de caixas de brinquedos não especificados, brinquedos procedentes principalmente da Alemanha e da França, como já discutido anteriormente, brinquedos em papel cartão, em folha de flandre, litografadas ou não, e cartões de amostras para os comerciantes tomarem conhecimento das novidades em brinquedos, apresentadas pelos fabricantes.

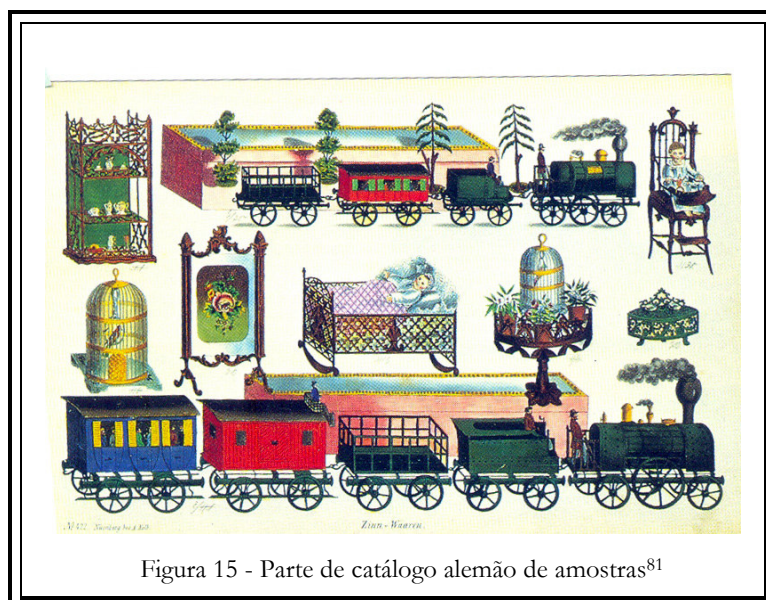


Figura 15 - Parte de catálogo alemão de amostras⁸¹

⁷⁹ Tanto entre os Manifestos quanto entre as Notas de Despacho, só foram relacionados nos Apêndices A e B, aqueles que registravam entre suas mercadorias o brinquedo.

⁸⁰ Para visualizar melhor o conteúdo desses documentos, ver Apêndices A e B.

⁸¹ Fonte: KING, 2001. Desenhos de brinquedos diversos produzidos em ferro branco e pintados à mão, em 1877.

A pauta de produtos importados sempre se configurou de grande variedade no comércio da Bahia, constituindo-se no que Antônio Fernando Guerreiro de Freitas⁸² chamou de “economia do catado”. Neste tipo de economia, a lista de produtos ultrapassava os produtos de primeira necessidade, os manufaturados com acabamento para os diversos tipos de consumidores, chegando àqueles indivíduos mais afastados das linhas da História, as crianças.

Os almanaques publicados na praça de Salvador anunciavam as mercadorias disponíveis em cada loja especializada. Na pesquisa desses almanaques, buscando a lista de mercadorias vendidas, encontramos os brinquedos. É neste cenário de lojas, bazares, magazines e feiras livres que verificamos a presença do brinquedo no mercado brasileiro, divulgado nos anúncios dos almanaks e periódicos locais. É ilustrativo o anúncio do Almanak administrativo, indicador, noticioso, commercial e literário do Estado da Bahia para 1899, que anunciou, na página 496, a Loja Leonel, de Leonel Viterbo, localizada na Rua da Mangueira, n. 18, Bahia:

Neste acreditado estabelecimento de primeira ordem encontrarão sempre as Exmas. Senhoras altas novidade em fazendas, miudezas, perfumarias, objetos chics para presentes e completo sortimento de bonecas vestidas para todos os preços, sendo tudo vendido sem reserva de preço e a contento do freguês.

Esplendido e constante sortimento de chapéus para homens, de todas as qualidades e formatos e de acordo com as exigências da moda. Outrossim, para bem servir aos inúmeros fregueses, acaba de montar uma excelente alfaiataria em sua loja, sob a direção de um hábil artista, podendo garantir perfeição e commodidade em preços.

Não se enganem – a Loja Leonel é na Rua da Mangueira, n. 18.⁸³

Ao analisar esse anúncio, observamos muitos aspectos da sociedade oitocentista, como a moda. O gosto por coisas novas estava sempre em pauta, para possibilitar o acesso a equipamentos e objetos que até então não se poderia ter acesso a não ser pelas revistas e outros periódicos vindos do velho mundo. As expressões empregadas para chamar a atenção do cliente merecem destaque como, por exemplo, “objetos chics”, “completo sortimento de bonecas vestidas para todos os preços [...]”, “[...] de todas as qualidades e formatos e de acordo com as exigências da moda”. Com relação à divulgação de bonecas, podemos certificar que havia disponibilidade de peças de bonecas desnudas ou de tamanhos e materiais variados, como verificamos tanto nos manifestos como nas notas fiscais.

Outro anúncio, na página 514, da Loja de Miudezas de João Ferreira Bispo, situada na Rua do Coberto Grande, n. 47, anunciava a venda de um grande “sortimento de miudezas, perfumarias, cutilaria harmônicas e *brinquedos para creanças. Violões, violas, cavaquinhos e cordas para os*

⁸² FREITAS, 1992.

⁸³ Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Bahia, para o anno de 1855. p. 278.

mesmos.” (grifo nosso). Anunciados junto com outras mercadorias, como instrumentos musicais, encontramos a variedade de interesses e interessados transitando no mesmo ambiente comercial, o que se tornava uma oportunidade para o adulto ir ao encontro do brinquedo e passar à compra desse novo produto.

A diversidade de produtos indicados para o universo lúdico da criança oitocentista é explicitada nos dados descritos no quadro a seguir:

QUADRO 2 – DEMONSTRATIVO DO INVENTÁRIO DA CASA COMERCIAL DE JOÃO BISPO FERREIRA

UNIDADE	PRODUTO	PREÇO UNITÁRIO	PREÇO TOTAL
23	espadas 328/7	1#500	34#500
2 duz.	chocalhos n.º 105	5#000	100#000
3 duz.	brinquedos de folha	5#000	180#000
3.500	flechas	30#000	105#000
1 duz.	soldados alemães		6#000
3	navios pequenos de papelão	1#400	4#200
7	cachorros n.º 120/1,5	2#400	16#800
0,5 duz.	brinquedos p/ pintura n.º 18/23	30#000	15#000
10 duz.	coelhos n.º 13/64	2#000	20#000
4	palhaços c/ corda n.º 263/94	10#500	42#000
2	chocalhos c/ voz n.º 17/42	7#500	15#000
3 duz.	pás p/ meninos n.º 4382	4#700	14#100
10	grozas aeroplano de folha	3#000	30#000
41	estradas de ferro n.º 40477	2#000	82#000
3	locomotiva c/ corda n.º 28/70	12#500	37#500
0,5 duz	carros folha brinquedo n.º 201/012	67#200	33#600
3	carros c/ cavalos n.º 203/5	10#000	30#000
7	carruagens a 2 cavalos n.º 346/211	8#500	59#500
2	bondes n.º 226/10	3#850	7#700
2	guarda vestidos brinquedo	2#800	5#6000
5	carrossel c/ corda n.º 400/1451	14#000	70#000
27	navios de madeira	1#400	37#800
0,5 duz.	cordas p/ pular n.º 50604	12#000	6#000
7 duz.	bonecas de louça n.º 325/12	9#000	63#000
5	ursos n.º 2/6	5#000	40#000
8	carrinhos de arame cobertos	0#500	4#000
1	try cyclo p/ menina		30#000
1 duz.	bonecas de massa		60#000
1	corpo de boneca n.º 208j-w.7145		5#000
9	cabeças de bonecas n.º 423/2	2#100	18#900
1	bebe de massa		24#500
8	bonecas panno	1#500	12#000
4	bonecas panno olhos de vidro	7#000	28#000
1	boneca panno preta vestida		4#000
1 duz.	navios de brinquedo		9#000
1	brinquedo fogão		8#000

Esse quadro revela o panorama multifacetado do comércio dos brinquedos na Bahia oitocentista, que complementa os registros dos Manifestos, das Notas de despacho e dos anúncios em jornais, almanaques e revistas. Revela também, com maior precisão, os diferentes materiais dos produtos, como por exemplo, bonecas, encontradas em massa, pano, pano com olhos de vidro, *panno e preta*, louça, além de peças separadas, cabeça e corpo, para serem montadas; navios, carros, locomotivas, estes em papel, folha, papelão para pintura, arame e madeira. Também a variação de preço está presente nos apelos de alguns anúncios, quando focalizam a possibilidade mais ampla do acesso a esses produtos, pois, mesmo no grupo das bonecas de pano, pode-se optar por uma no valor de 1#500 (hum mil e quinhentos reis) ou 7#000 (sete mil reis).

Já no Almanach do Diário de Noticias para 1884, na página 4, José Ramos Campello anunciou:

Grande Empório de Artigos de Moda

Miudezas, perfumarias, cutilaria, objectos para luto, quinquilharias, *brinquedos para creanças, bonecas de todas as dimensões e especiaes*, rendas, bordados, objectos de phantazia para presentes, enfeites para todas as edades, enfim, profusão de tudos quanto n'estas especialidades pode sonhar a imaginação humana.”

Tem sortimento para satisfazer encomendas alviltadas.

Conquanto todos os gêneros expostos à venda n'esta casa, tenham sahido das mãos, ou das oficinas dos mais afamados fabricantes da Europa e da América do Norte, em suas respectivas especialidades, todavia n'ella se encontram, de permeio com os artigos mais vistosos e ricos para satisfazer os gostos da opulência, objectos modestos ao alcance dos gostos e das fortunas moderadas.

Todos os fregueses, qualquer que seja a classe a que pertençam, tem aqui direito às mais delicadas atenções e à mais completa obediência a serem servidos prontamente.

Loja –3, Rua Nova das Princezas, 3 – Bahia.

Lojas especializadas em produtos femininos também dispunham dos brinquedos entre suas ofertas. No Grande Empório, diante de sua especialidade — artigos femininos —, o anúncio evidencia as bonecas como destaque na lista de novidades.

Loja e Banca de Miudezas

De João de Prado Carvalho, Ao Cobertos Grande n. 55 - C.D.

Encontra-se grande sortimento de miudezas de todos os gostos que vende-se por preços commodos, tanto a retalho como por atacado, a vontade do comprador; na mesma loja há sempre brinquedos de todas as qualidades para crianças como seião, fogos da China, bonecos, tambores, aparelhos de louça e de metal, figurinhas de massa, vidro, louça, &c; também vende-se violões, violas, guitarras, e outros instrumentos; encarrega-se de mandar a apromptar toda e qualquer encomenda de foguetes para as festas, não só soltos, como engradados, rodas, trancafios, traçarias, e tudo mais que há neste gênero de divertimento.⁸⁴

⁸⁴ Para garantir a fidedignidade, os anúncios foram transcritos *ipsis litteris*.

Já a Banca e Miudezas, o anúncio caracteriza-se pela variedade de brinquedos, preços, quantidade e procedência das mercadorias. Nesse anúncio, os fogos da China eram bastante apreciados por crianças e adultos.

Brinquedos⁸⁵

Não havendo bastante espaço no Grande Bazar 65, para acondicionar os inumeros **brinquedos** que a casa tem, vende por baixo preço para resumir o grande depósito.

Presente útil – pequenos pianos dos modelos de Pleyd e americano, brinquedo agradável para as meninas se exercitarem em tocar pequenas peças de música, recebeu o Grande Bazar 65, vende a 8\$ e 10\$000 cada.

Para Senhoras – pequenos cofres de ferro, americanos, a prova de fogo e com segredo, do tamanho de um palmo, próprios para as senhoras guardar jóias, cartas e papéis importantes, a 10\$000 cada.

Para creancinhas – bonitos chocalhos de borrachas, de folha de palha de metal, com tympanos e campainhas, desde 300 réis até 1\$500 cada, recebeu também um grande sortimento de **bonitas figuras e bolhas de borracha; é o brinquedo mais durativo e inoffensivo para as creancinhas.**

Grande Bazar 65 – A's Grades de Ferro

No Grande Bazar 65 poderia ser encontrado um volume substancial de brinquedos, destacando-se de outros produtos. Aqui percebemos que este era o produto principal, inclusive porque a chamada para a variedade de preços está diretamente relacionada a essas peças. Um outro ponto é o indicativo de um novo grupo de consumidores, constituído das crianças menores, para quem era indicada a compra do chocalho de borracha, por exemplo.

AU PRINTEMPS⁸⁶

Loja de miudezas, fantasias, modas, musicas, instrumentos e artigos para viajantes.

Especialidades:

Brinquedos para crianças, pulseiras e aneis americanos, broches e argollas de prata. Grande colleção de bonecos de 100 rs a 500\$00!!!.. Papelaria de luxo para correspondência de etiqueta. Escovas, pentes, enfeites, bordados, rendas, requifes, plisses. Camisas, punhos e collarinhos. Gravatas, chapéus e gorros para meninos e meninas. Depósito permanente do conhecido e delicioso sabão ACIDO BORICO.PERFUMARIAS DE DIVERSOS FABRICANTES

Musicas e instrumentos

31, Rua formosa, 31

Isaias & c.

Neste podemos observar uma *coleção*, ou seja, certo volume de bonecos, suporte lúdico indicado para os meninos, com ampla possibilidade de preços.

⁸⁵ Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Bahia, para o anno de 1855.

⁸⁶ Diário de Notícias, 08/11/1881, p. 3.

Loja Circular⁸⁷

Rua dos guindastes dos Padres, 24

Nesta conhecida loja encontra-se sempre um completo sortimento e variado sortimento de MIUDEZAS de todas as qualidades e artigos de moda e fantasia.

Constante sortimento de rendas bordadas, fitas de fantasia, fichús modernos, chapéus de feltro e de palhas para homens e senhoras, espartilhos, leques, bolsas, perfumaria de todos os fabricantes, variedades para objectos para presentes e muitos outros artigos de gosto.

Especialidades em brinquedos para crianças e bonecas de todos os tamanhos e qualidades.

Metins e aviamentos para alfaiate.

Vende a retalho e a preço sem competência.

A loja, especializada em produtos femininos, oferecia também produtos para crianças, assim como miudezas e armarinho. A presença dos brinquedos nos mais diversos estabelecimentos comerciais reforça sua inserção na sociedade. No caso das lojas femininas, contribui ainda mais para a discussão sobre os papéis femininos e masculinos incutidos nas crianças desde muito cedo, cujas mães são grandes responsáveis por sua educação e, especialmente, para a construção e manutenção do padrão social.

Loja Palmeron⁸⁸

Completo sortimento de meias brancas e de cores para senhoras, homens e meninos.

Lenços com a inicial bordada a seda frouxa por 4\$000 a dúzia.

Contas lapidadas pretas, douradas e de cores.

Sabonetes de ácido bórico e glicerina por 800rs.

Invisíveis para franja ou pastão por 300rs.

Tiras bordadas por preços ridículos.

10 folhas de papel e 10 envelopes por 160rs.

Luvas de seda para senhoras, homens e crianças.

Leque de 2\$ a 20#000.

Babadinhos de seda e algodão.

Além disto vende lã para bordar, escovas, espelhos, linhas de todas as qualidades, ligas pretas de seda, bico de todas as cores e qualidades, sabonetes, essência de vários fabricantes, frentes para fronhas, pannos para cadeiras, agulhas, dedaes, atilhos, gravatas, collarinhos, punhos, brinquedos para crianças, etc.

38 - Rua Conselheiro Saraiva – 38

Uma mesma casa comercial poderia abrir uma filial e oferecer os mesmos produtos. É o caso do comerciante José Ramos Campelo, que possuía loja na Rua Nova das Princesas, 3 e na Rua Conselheiro Saraiva, 18. Nas duas lojas, os brinquedos estão presentes em seus anúncios, com ampliação da oferta pelo oferecimento de tipos e variedades de brinquedos.

⁸⁷ Almanach literário e de indicações para o anno de 1889, p. IX.

⁸⁸ Almanach literário e de indicações para o anno de 1889, p. XIII.

Loja Campello⁸⁹

Grande Emporio de Artigos de Moda

Miudezas, perfumarias, cutelaria, objectos para luto, quinquilharias, brinquedos para crianças, bonecas de todas as dimensões e especiaes velocípedes, rendas, bordados, objectos de fantazia para presentes, enfeites para todas as edades enfim profusão de tudo quanto nestas especialidades pode a imaginação humana attingir.

MOBILIAS AUSTRIACAS

As admiráveis navalhas mechanicas.

- Artigos de Prata -

Incumbe-se de comprar nas diferentes praças da Europa; mediante commissão módica.

A varejo e por Grosso com os descontos mais vantajosos.

18, Rua Conselheiro Saraiva, 18

Esse anúncio indica que nesse estabelecimento poderia o brinquedo ser encontrado em meio a peças variadas, como as de luto, uma proximidade não justificada, mas que naquele tipo de estabelecimento comercial, repleto de diferentes itens, são oferecidos concomitantemente.

Aí foi verificado também um novo suporte lúdico — o velocípede — que até então não tínhamos observado em anúncios de anos anteriores. O velocípede, mesmo que produzido em metal e madeira, representa um avanço na indústria do brinquedo, acompanhando a modernização dos meios de transporte e inserindo a criança, aos poucos, no mundo do adulto, como já foi dito, ao miniaturizar o meio de transporte.

Loja Portugal de Antonio Barbosa Portugal⁹⁰

Rua D'Alfandega (junto ao Elevador) n. 42

Neste estabelecimento montado a capricho encontra-se constantemente grande sortimento de perfumarias dos mais afamados fabricantes; uma grande variedade em brinquedos para crianças. Miudezas, charutos e cigarros de bons fabricantes e objectos para fumantes, e muitos outros artigos de novidade, fantazia próprias para presentes, nos quaes esta sempre a barateza á par do bom gosto. Faz-se barbas, corta-se cabellos e outros trabalhos tendentes a arte de cabellereiro.

Loja Fortuna⁹¹Grande variedade de brinquedos para criançasEspecialidades em bonecas

Ricos objectos para presentes para senhoras, homens e meninos.
Objectos de vime - berços, carro, cestas para roupas e para braço, cadeiras para crianças.
Capellas fúnebres para adultos e anjos.
Cutelaria - Especialidade em tesouras para unhas e para costura, canivetes, grande sortimento.
Perfumarias - grande sortimento
Bilhetes de loteria
Jogos de Bagatella, Damas e Dominó
Completo sortimento de quinquilharias.
Tudo por preço muito resumido.

Rua Conselheiro Saraiva, n. 34 – Bahia

⁸⁹ Ibid., p. XIII.⁹⁰ Almanach literário e de indicações para o anno de 1889, p. XIII.⁹¹ Ibid., p. 69.

Os anúncios podem ilustrar a discussão de muitos aspectos do comércio no período estudado, a saber: o perfil dos estabelecimentos comerciais, que mesclavam uma ampla variedade de produtos de diversas naturezas, como, por exemplo, a venda de objetos funerários, peças para toalete feminina, charutos e serviços, como podemos verificar no anúncio da Loja Portugal, onde o cliente poderia até cuidar da barba e do cabelo.



Figura 16 – Anúncio de loja em Salvador, Bahia ⁹²

Muitos destes estabelecimentos realizavam, ao mesmo tempo, o comércio atacadista e varejista. Essa massa de diversificados produtos num mesmo estabelecimento justifica-se por algumas razões. Primeiro, as especializações no comércio começaram a surgir timidamente só a partir do final do século XIX início do XX; o segundo fator é que as grandes lojas mantinham na Europa escritórios de compras dessas mercadorias e em outros casos os comerciantes se encarregavam de arrematar, nos armazéns locais ou escritórios, grandes lotes de mercadorias ainda recém-chegados nas embarcações de médio e grande porte, como explicita Heloisa Barbuy,⁹³ ao se referir ao comércio em franco desenvolvimento da Cidade de São Paulo.

⁹² Fonte: Almanack Diario de Noticias 1885, quinto anno, Bahia.

⁹³ BARBUY, 2006, p.141. A autora procura explicar os motivos da presença constante da diversidade de produtos comercializadas em um mesmo estabelecimento, explicitando que essas vão paulatinamente se especializando em grandes linhas de produtos como, por exemplo, a joalheria, que inclui brinquedos automatizados, relógios, jóias, peças de artes decorativas dentre outros.

Os anúncios indicam também a preocupação de divulgar a venda de produtos tanto para adultos como para crianças, mesmo que a maioria dos compradores fossem adultos, aqueles responsáveis por moldarem o gosto e o comportamento de seus meninos e meninas. Essa convivência do mundo adulto com o mundo da criança, além de fazer parte do tipo de comércio praticado, responsabiliza o adulto pela escolha do brinquedo a ser comprado e entregue à criança para a realização de suas práticas lúdicas.

AU PRINTEMPS

Loja de Miudezas, Fantasias, Modas,
Músicas, Instrumentos e artigos
para viajantes

ESPECIALIDADES:

Brinquedos para crianças, Pulseiras e anéis
americanos, Broches e argolas de prata.
Grande collecção de bonecos
de 100 rs. a 50\$000 !!..

Papelaria de luxo para correspondencia de eti-
queta. Escovas, pentes, enfeites, bordados,
rendas, requifes, plissés.
Camisas, punhos e collarinhos.
Gravatas, chapéus e gorros para meninos e
meninas.

Deposito permanente do conhecido e delicioso sabão

Acido Borico
PERFUMARIAS DE DIVERSOS FABRICANTES
Músicas e Instrumentos Vide pag. XVI

31, RUA FORMOSA, 31

Isaias & C.

Endereço telegraphico — ISAIAS
BAHIA

Figura 17 – Anúncio de loja em Salvador, Bahia⁹⁴

LOJA CAMPELO

GRANDE EMPORIO
DE
ARTIGOS DE MODAS

Miudezas, perfuma-
rias, cutelaria, obje-
ctos para luto, quin-
quilharias, brinquedos
para crianças, bonecas
de todas as dimensões
e especiaes, velocipe-
des, rendas, bordados,
objectos de fantasia
para presentes, enfei-
tes para todas as eda-
des emfim profusão de
tudo quanto nestas
especialidades pôde a
imaginação humana
atingir.

BAHIA

MOBIAS AUSTRIACAS
As admiraveis navalhas
mecânicas
ARTIGOS DE PRATA

Incumbe-se
de compras nas diferentes
praças da Europa,
mediante commissão modica.

A varejo
—e por grosso—
com
os descontos mais
vantajosos.

Rua Cons. Dantas-18

Figura 18 – Anúncio de loja em Salvador, Bahia⁹⁵

⁹⁴ Fonte: Almanack Diario de Noticias 1885, quinto anno, Bahia.

A colunista Madame Adelaide informa aos leitores que “a novidade maior que nos trazem os jornais de moda não é senão que as meninas vão se vestir como as senhoras”⁹⁶. Essa tendência de padronizar a moda para as crianças também era levada para os brinquedos, visto que as bonecas e os bonecos passaram a ser vestidos de acordo com a moda infantil e, conseqüentemente, espelhavam o modo de vestir dos adultos.



Figura 19 – menina com boneca⁹⁷

Podemos inferir ainda que os bonecos e bonecas trajados dessa forma eram também usados como manequins nas vitrines e nas exposições do século XIX. O brinquedo também poderia servir para ilustrar a moda infantil, como um elemento apelativo ao público consumidor.

A exemplo do que acontecia com os almanaques na Bahia, aqueles publicados no Rio de Janeiro e São Paulo também traziam anúncios sobre brinquedos.⁹⁸ No periódico *Ilustração do Brasil*, do Rio de Janeiro, publicado em 25 e 29 de agosto de 1876, encontramos anúncio de carrinhos para crianças. Chama atenção o volume significativo de anúncios oferecendo brinquedos e jogos para crianças, no momento em que ocupar essas páginas implicava em um custo alto para os anunciantes.

Um outro aspecto interessante refere-se à chamada diferenciada para brinquedos de meninos e de meninas, revelando a questão de gênero, tão presente na sociedade de então. Os espaços masculino e feminino eram bem demarcados nos anúncios e desde cedo a criança, menino ou menina, já aprendia onde deveria estar.

⁹⁵ Fonte: Ibid.

⁹⁶ BMA-F70

⁹⁷ Fonte: *Jornal das Damas*, São Paulo, p.3-4, 6 jan. 1890.

⁹⁸ BMA - Almanaque da *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1896, p.30-31 ref.520Ed66; e Almanque da *Província de São Paulo*, São Paulo, 1887 p.6 ref.LR22aAP53, respectivamente.

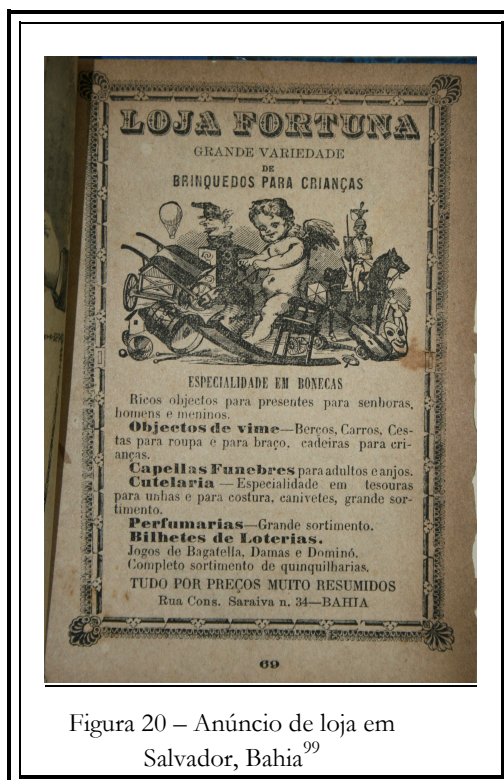


Figura 20 – Anúncio de loja em Salvador, Bahia⁹⁹

Esse anúncio é da Casa Fortuna, que poderia anunciar com ou sem ilustrações. Nesse caso a imagem é bem representativa do universo lúdico, pois apresenta uma criança representada por um anjo alado, sentada num trenó estilizado; circundando essa criança brinquedos variados, como cavalo, tambor, boneco de madeira, pião, pipa (estrela, como é chamada em Portugal), uma caixa surpresa, uma máscara e um pequeno violino.

Na seqüência, apresentamos anúncios extraídos de diversas edições do Diário de Notícias.

02/09/1876

Pg. 4

Bonecas Fallando

Chegaram as mais lindas que se pode desejar, assim como grande sortimento de bonecos e bonecas para todos os preços.

Brinquedos de borracha – para meninos

Ditos de folha – para ditos

Instrumentos – pistões, trombones e trombetas para meninos

Jogos – de damas, xadrez, bagatellas, dominós, cartas e gamão

Ponteiras – para charutos e cigarros, de 200rs. A 20\$

Bonecas – vestidas ricamente (alta novidade)

Bandejas – em ternos, forradas de baeta o que se pode desejar do melhor.

Colchas – para cama, de fostão inglez o que ha de melhor.

Bolças – pára braços de senhoras, de velludo e setim, grande sortimento.

Gravatas para homens – grande sortimento

Candieiros para salla – grande sortimento.

Escovas – para roupa, cabelo e dentes o que ha de melhor, ditas pequenas para se trazer nos bolços.

Sabonetes grandes – a 2\$000 a duzia.

Caixas para costuras – com musicas e sem ella grande sortimento.

Vende-se todos estes artigos na

Loja da Fortuna

⁹⁹ Fonte: Almanaque Literário e de Indicações para o ano de 1889. p. 69.

A publicidade vem focando constantemente as novidades disponíveis no mercado. Nesse anúncio, o ponto para o qual converge são as bonecas com mecanismos sonoros e a variedade de preços. Além desses apelativos, o brinquedo de borracha aparece aí pela primeira vez entre os documentos verificados. No caso dos instrumentos musicais, eles são indicados para as crianças do sexo masculino, evidenciando uma questão de gênero, presente no universo da infância como já discutido.

07/07/1880

Pg. 3

Mobílias para bonecas

De 15\$000 cada um até 12\$, vende a Loja Fortuna, rua Direita do Commercio, 34.

07/07/1880

Pg. 3

Bonecas

O que se pode desejar de **mais lindos chamando papai e mamãe** vende a Loja Fortuna, Rua Direita do Commercio n.º 34.

07/07/1880

Pg. 3

Aparelho de louça para Bonecas

De 2\$000 até 15\$000, vende a Loja Fortuna, rua Direita do Commercio, 34.

O chamariz para a venda do brinquedo poderia ser o próprio produto – a boneca, os preços, a complexidade do brinquedo e sua destinação. Temos nesses anúncios os indícios de uma indústria que avançava e ampliava seu leque de produtos, buscando no mercado consumidor atingir as diferentes classes sociais.

07/07/1880

Pg. 3

Ver para Crer!**Brinquedos para meninos e meninas, sortimento completo em todos os sentidos.****Bonecas e bonecos, o que ha de mais novidade, jogos de damas, chadrez, domino, o bagatelle.**

Objectos próprios para presentes. Ha uma immensidade desses artigos do melhor gosto que possa desejar, para senhoras, homens, meninas e meninos.

Jarras para sabonetes toilette, um sortimento completo, os gostos mais modernos e de melhor qualidade.

Transparentes para janellas e para portas temos um completo sortimento de todos os tamanhos, mesmo para janellas que tenham 8 palmos de largura, padrões lindissimos.

Cestas para roupa, papel, iscas, braço, cabeça, pão e compras, sortimento completo.

Berço de Vime temos o melhor sortimento que se pode desejar.

Carrinhos para creanças, de 3 a 4 rodas, para uma e duas creanças, sortimento completo.

Capellas fúnebres, temos um grande e variado sortimento tanto para adultos como para anjos. Ninguem pode competir, porque vendemos [...] barato.

Perfumarias, temos o que ha de melhor de todos os fabricantes, sortimento completo, água de [...], extractos, óleos, sabonetes, [...] e pommadas.

Ouro romano, sortimento completo.

Argolas e brincos para senhoras e meninas.

Alfinetes riquíssimos para cabellos.

Aneis para dedos e gravatas.

Guarnições completas para camisa.

Botões para punhos e collarinhos.

Loja Fortuna - Rua Direita do Commercio, n. 54.
por preços muito razoaveis.

08/10/1881

Pg. 3

Especialidades

Debuchos muito bonitos.

Torrall [...] de cores.

Papel talagarça, de cores [...].

Bolsas para viagem, [...]

Perfumarias de diversos fabricantes

Aguilhas, para crochet de algodão [...]

Escovas completo sortimento para chapéos, roupa, cabelo [...]

Jogos com 3 escovas, cabelo, roupa e chapeo

Completo sortimento de objectos de luto.

Venesianas para janellas.

Caixas de música.

Realejos de 6 a 8 peças de musica

Albuns para retratos e dezenhos,

Ponteiras de ambar e espuma, grande variedade

Barbatanas para vestidos

Caixas com tintas para desenhos

Navalhas do Rodgers e Polycarpo

Collares e [...] Rodger, verdadeiros

Talheres para meza e sobre meza

Camizas de meias,

Bonecas grandes e bonitas

Meias de superior qualidade para homens e senhoras

[...], espadins e borbuletas de metal para segurar tranças e coks.

Copiadores de cartas

Apparelhos de toilette

Aneis electricos magnéticos de diversas qualidades

Suspençorios finos para calças

Alfinetes de madrepérola bonitos para gravatas

Meiass adereços de madrepérola para senhora.

Vendem **Manuel Pinto Moreira & C.** Rua Nova do Comércio n.º 33.

Dessa forma, por meio de seus anúncios de brinquedos, o comércio contribui para indicar espaços sociais distintos, para meninos e para meninas. Não temos uma explicação para o fato da boneca, nos anúncios, não estar incluída na categoria de brinquedos; supomos, entretanto, que talvez fosse vista pelo adulto como uma peça modeladora da personalidade feminina e não tanto como um suporte lúdico.

Os anúncios apresentam uma ampla variedade de brinquedos, produzidos com materiais diversos e com preços variados, o que demonstra o interesse de disponibilizar o mercado de brinquedos às classes sociais com poder aquisitivo mais baixo. Os preços estavam evidenciados nos anúncios como um apelo ao consumidor, bem como sua procedência, outro elemento de grande importância na praça de Salvador, em contato com vários pontos do velho continente.

As mercadorias tinham as mais diversas procedências.

- da França, vinham livros de etiquetas, artigos para moda e brinquedos, principalmente bonecas devidamente vestidas com modelos de roupas da moda em voga naquele período;
- da Áustria, as mobílias vendidas na Loja Campello;
- da Alemanha, vinham outros produtos e também uma variedade maior de brinquedos, além de bonecas.

Para ratificar a importância dos produtos alemães, sobretudo os brinquedos, tomamos como referência Lamartine Lima,¹⁰⁰ que se reporta à memória de pessoas na faixa etária de 60 anos ou acima disso, que freqüentaram o estabelecimento comercial Westphalen, Bach & Kron:

Os soteropolitanos sexagenários guardam, entre as boas recordações, a de certo estabelecimento que foi um dos encantos da infância baiana na primeira metade deste século que se está findando.

Alguns lembram de um gentil funcionário alemão de braço mecânico que os atendia, e de tantas e tão bem apresentadas mercadorias, entre elas muitos brinquedos sonhados, miudezas, artigos de fantasia, bijuterias, brinquedos, enfeites, camisas, chapéus, chales, meias, perfumaria, papéis de elevada qualidade, canetas, cerâmica, louças, porcelanas e cristais raros [...] entre centenas de itens importados que satisfiziam ou encantavam o gosto dos fregueses.¹⁰¹

WESTPHALEN, BACH & C.¹⁰²

GRANDE EMPÓRIO DE MIUDEZAS

O mais antigo do Estado da Bahia Fundado em 1827

Rua Conselheiro Saraiva – 15, 17

Sortimento completo de miudezas, constantes artigos de phantazia e inteira novidade para presentes, **variedades em brinquedos para crianças**; encontram-se também muitos artigos de fazendas, ferragens, drogas, vidros, diferentes qualidades de candieiros para mesa, parede e pendurar, despertadores, relógios para paredes, mesa e algibeira, caixas de música de diversas qualidades, etc., etc.

Casa filias em Hamburgo – **Libert Westphalen**

¹⁰⁰ LIMA, Lamartine de Andrade. A Tarde Cultural, Salvador, p. 10, 28 nov. 1988.

¹⁰¹ Ibid., p.10.

¹⁰² Diário de Notícias, Salvador, 08 ago. 1909. Este anúncio foi aqui apresentado por informar que este estabelecimento foi o primeiro a ser aberto em 1827.

Pelas informações constantes nesse anúncio, podemos ver que essa loja mantinha uma freguesia constante, cuja tradição se propagou ao longo do tempo na sociedade baiana, sendo lembrada ainda nos meados do século XX.

A presença freqüente de anúncios dos mesmos estabelecimentos, inclusive com repetição de texto publicitário e/ou textos chamando a atenção para tipos diversificados de brinquedos, denota que havia um público consumidor com múltiplos perfis sociais. Dos periódicos pesquisados, localizamos 25 casas comerciais, listadas no quadro a seguir, que dispunham de brinquedos para venda.

QUADRO 3 – ESTABELECIMENTOS QUE VENDIAM BRINQUEDOS

Estabelecimento	Endereço
Loja e Banca de miudezas	Rua Coberto Grande, n. 55
João do Prado Carvalho	Coberto Grande n. 55 C.D
Loja de Miudezas de João Bispo	Rua do Coberto Grande, n. 47
Grande Loja de Calçados Estrangeiros e Nacionaes	Rua Formosa e Travessa do Coberto Grande, n. 35
Loja Portugal - Antonio Marques D'Oliveira & C.	Rua do Coberto Grande, n. 51
Casa Violeta	Rua do Coberto Grande, n. 9
João do Prado Carvalho	Rua do Coberto Grande, n. 55
João Bispo Ferreira-Loja de Miudezas	Rua do Coberto Grande, n.47
Casa Vermelha	Rua dos cobertos – 41
Francisco Dionísio Domingues	Rua do Guindaste, n. 22
Vitor Ferreira Sobral	Largo das Princesas, n. 15
Loja Leonel	Rua da Mangueira, n. 18
Grande Emporio de Artigos de modas	Rua Nova das Princesas, n. 3
Loja Democrata	Rua do Palácio, n. 17
Loja Campello	Rua Direita do Palácio
AU PRINTEMPS	Rua Formosa, n. 31
Loja Carvalho	Rua Formosa n. 40
Loja Circular	Rua do Guindaste dos padres, n. 24
Loja Palmeron	Rua Conselheiro Saraiva, n. 38
Loja Campello	Rua Conselheiro Saraiva, n. 18
Loja Fortuna	Rua Conselheiro Saraiva, n. 34
Loja Portugal de Antonio Barbosa Portugal	Rua D'Alfandega, n. 42
Palácio de Crystal de Alves & Ballalar	Travessa do Guindaste dos padres e Rua Conselheiro Saraiva, n. 29
Casa Estebenet	Rua D'alfandega, n. 50
Zonofones A Nova figura Risonha	Rua dos Ourives, n. 104
Loja das Novidades	Rua dos Ourives – 4
Barbosa Freitas & c	Avenida Central, n. 136 - RJ
Viterbo & C.	Rua dos Droguistas, n. 22
Grande Bazar 65	Rua das Grades de Ferro
Casa Tude, Irmão & Cia	Rua Visconde do Rosário, n. 4
Manuel Pinto Moreira & C.	Rua Nova do Comércio n.º 33.
GUILHERME DE CARVALHO & COMPANHIA	Praça do Comércio - 39
PEDROZA JUNIOR & C	Rua conselheiro Dantas – 6
LOJA REZENDE	Largo do Plano Inclinado – 38
WESTPHALEN, BACH & C.End. Telegráfico: Otto Bach	Caixa Postal: n.º 47
GRANDE EMPÓRIO DE MIUDEZAS	Rua Conselheiro Saraiva – 15, 17
O Grande Bazar 65	A' Rua das Grades de Ferro
Libert Westphalen	Casa filiais em Hamburgo
Maia & Maltez	Casa filiais em Hamburgo
Goes & C.Grande Escripório de Miudezas	Endereço telegarphico
Isaias & C.	Não identificado
Tude- Casa Tude, Irmão & Cia	Não identificado

Os dados encontrados nestes registros nos levam a inferir a presença constante do brinquedo no mercado baiano. Localizamos quarenta e dois estabelecimentos que disponibilizavam estes produtos para o público consumidor, localizados em áreas contíguas, formando um circuito de venda desses produtos.

4. BRINQUEDO NOS ACERVOS MUSEOLÓGICOS EM PORTUGAL

Para a coleta de dados em acervos museológicos foram visitados, em Portugal, os Museus do Brinquedo em Sintra, Museu do Brinquedo de Seia e o Museu dos Biscainhas.¹⁰³ O Museu do Brinquedo em Sintra abriga mais de 30 mil peças. Nele estão expostas coleções de brinquedos muito antigos como os greco-romanos e, principalmente, os fabricados nos séculos XIX e XX.

As coleções do período estudado contemplam dois grandes blocos: um formado por exércitos completos, com peças de soldados, fortificações, armamentos e demais equipamentos bélicos, como também conjuntos de soldados de uma mesma artilharia, fabricados em chumbo, estanho e papel; outro, de igual importância, constituído pela coleção de bonecas com seus adereços e utensílios representativos do universo feminino. Estas peças são fabricadas em variadas técnicas, com materiais combinados como bonecas com cabeça de biscuit, olhos de vidro, corpo de papel machê, pernas e braços articulados em madeira, metal e elástico e muitas ainda com mecanismos sonoros.

No Museu do Brinquedo em Seia, predomina a coleção de brinquedos do século XX. Há, entretanto, uma significativa coleção de bonecas de fabricação alemã e francesa do século XIX, além de algumas peças do mobiliário lúdico, como camas, berço, cadeiras e outras representações de utensílios do universo feminino, como ferros de passar roupa, panelas, entre outros.

¹⁰³ Também foram coletados dados em Catálogos de exposição, a exemplo da realizada no Palácio Foz, de 17 a 31 de outubro, de 1872 – *O brinquedo através dos tempos* – organizada pelo Centro de colecionadores em colaboração com a divisão de Relações Públicas da Secretaria de estado da Comunicação Social.



Figura 21 – Boneca de origem alemã (costas)¹⁰⁴



Cabeça de porcelana

Olhos móveis de vidro

Boca com dentes de tecido

Figura 22 – Boneca de origem alemã (frente)¹⁰⁵

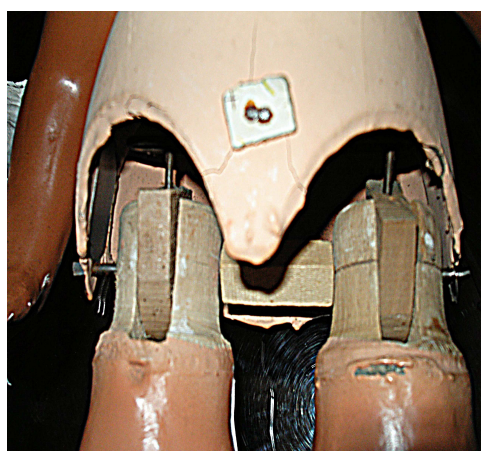


Figura 23 – peças de articulação dos membros¹⁰⁶



Figura 24 – Boneca alemã vestida¹⁰⁷

Nesta boneca, o corpo é de pasta de papel, os braços e pernas são de madeira com articulação dotada de mecanismo com trava em madeira e parafusos; as peças do vestuário são recentes.

¹⁰⁴ Fonte: Museu do Brinquedo em Seia, Pt

¹⁰⁵ Fonte: Museu do Brinquedo em Seia, Pt

¹⁰⁶ Fonte: Museu do Brinquedo em Seia, Pt.

¹⁰⁷ Fonte: Museu do Brinquedo em Seia, Pt.



Neste cenário, podemos observar vários elementos que compõem o universo feminino: bonecas, roupinhas de bonecas, ferro de passar roupa...



Nessa figura, a boneca tem o corpo revestido de tecido flanelado com enchimento de lã ou algodão, com uma consistência corporal macia e sem elemento de sustentação que lhe possibilite ficar de pé. Essas características buscavam aproximar a boneca à criança em sua

¹⁰⁸ Fonte: Museu do Brinquedo em Seia, Pt.

¹⁰⁹ Fonte: Museu do Brinquedo em Seia, Pt.

primeira infância. A análise do vestuário permite-nos concluir que as peças não são da época de fabricação da boneca, restando, daquele período, apenas os sapatos. O material utilizado na confecção e sua feitura indicam que pertencem à peça, não sendo um acréscimo posteriormente incorporado.

Esse conjunto de peças faz parte do acervo do Museu do Brinquedo de Seia. Como nos demais museus visitados, não há uma documentação mais completa dos objetos, como notas fiscais, por exemplo. A afirmação da origem e período decorreu da pesquisa realizada na bibliografia estudada, na documentação de importação e nos anúncios publicados em jornais da época.

As relações entre Portugal e o Império Alemão mantiveram-se estreitas, sobretudo em meados do século XIX, quando Bismarck presidia a unificação da Alemanha. Findo o período dos acordos por matrimônio com indivíduos da nobreza espanhola, Portugal procurou estabelecer laços mais sólidos com o império germânico, com o intuito também de evitar uma dominação da Inglaterra. A esse respeito, Joaquim Serrão relata:

O comércio com a hansa manteve-se em bom ritmo para ambas as partes. O cônsul-geral das cidades de Hamburgo, Bremen e Lubeque informou a nossa corte, em 1851, do tratamento da nação mais favorecida, quanto aos direitos de porto e tonelagem que ali se dispensavam aos navios com a bandeira portuguesa.

[...]

Uma companhia luso-hamburguesa foi entretanto fundada para incremento do comércio com os portos da Hansa. Estabelecia-se uma carreira regular de barcos a vapor para a ligação periódica de Hamburgo a Lisboa com escala pelo Porto e Antuérpia.¹¹⁰

Podemos inferir, portanto, que essas práticas diplomáticas contribuíram para que grande parte das peças de brinquedos encontradas fosse de origem alemã. Isto se justifica por ter este país uma longa tradição no fabrico deste tipo de produto, não só daquelas peças consideradas mais simples, como as manufaturadas em madeira, mas também das mais elaboradas, como as mecanizadas, articuladas e produzidas com diversos materiais, a exemplo das bonecas de biscuit, porcelana, madeira e tecido com mecanismos de articulação e som.

¹¹⁰ SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Lisboa: Verbo, 1986. v.IX - O terceiro Liberalismo (1851-1890). p.19b.



**LUGAR DA CRIANÇA NO SÉCULO XIX:
UMA REVELAÇÃO PELO BRINQUEDO E
PELA BRINCADEIRA**

Neste capítulo, tratamos a criança e a infância de acordo com suas múltiplas definições e conceitos,¹ procurando delinear os mais diversos perfis, dando voz a seu silêncio e, sobretudo, apresentando-a como sujeito construtor de sua história e contribuinte efetivo na produção da cultura do contexto no qual está inserida.

Assim, procuramos estabelecer uma estreita relação entre o sujeito criança e o objeto lúdico — o brinquedo, o suporte lúdico — e a ação lúdica implementada por esse sujeito — a brincadeira, o jogo. Este procedimento foi necessário para que pudéssemos compreender a dinâmica desse universo que se dá num processo em que a cultura lúdica é gestada em interação com a cultura geral, delineando-se e colorindo-se de acordo com o contexto no qual o sujeito está inserido.

Já foi discutido e explicitado que a criança dá significações a qualquer objeto no ato da brincadeira, transformando-o em suporte lúdico. Ao ser investido de certo animismo pela criança, o objeto é o meio para que esta trabalhe com imagens e representações. Deste modo, o brinquedo, na esfera da brincadeira e do jogo, não deverá ser visto e compreendido como um simples meio de divertimento, mas como o meio pelo qual a criança, o sujeito brincante, lida com a cultura de seu grupo, experimentando situações reais na fantasia.

Para ratificar esse raciocínio, recorreremos a Brougère,² que discute as questões do lúdico na infância. Ao circunscrever a criança e os elementos de seu universo no *corpus* social maior, esse autor reconhece o espaço das práticas lúdicas como espaço de socialização, onde a criança manipula imagens para lidar com suas emoções e situações que lhe possibilitem situar-se de forma mais confortável no mundo do qual faz parte. Brougere argumenta:

Por meio de tal brincadeira a criança manipula e se apropria dos códigos sociais da transposição imaginária, manipula valores (o bem e o mal), brinca com o medo e o monstruoso, em suma, preenche as pulsões e os comportamentos individuais (comportamentos motores, fantasias) com conteúdos sociais, socializados e socializadores, através da comunicação que estes desenvolvem entre as crianças.

[...]

Poder-se-ia dizer que o brinquedo recicla, numa forma social, as tendências motrizes e psíquicas individuais.³

¹ Esses conceitos foram apresentados na Introdução desta tese.

² BRUGÈRE, Giles. *Brinquedo e cultura*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997. (Coleção Questões de nossa época).

³ *Ibid.*, p.70-71.

Nessa perspectiva, o suporte lúdico, é composto por uma gama diversificada de imagens manipuláveis que sua materialidade física irá conformar (essas imagens) com base na dimensão simbólica que o sujeito brincante lhe confere. Assim, “[...] o brinquedo tem por característica essencial ser uma imagem num objeto e num volume”.⁴

Seguindo essa orientação, passaremos a discutir a infância, o brinquedo e as brincadeiras das crianças no Brasil oitocentista. Para tanto, tomaremos como trilhas norteadoras os caminhos já percorridos por alguns pesquisadores que trabalharam com os indivíduos que fizeram parte dos bastidores da história, no caso as crianças, num período em que, assim como as mulheres, os negros e os índios, eram vistos como seres menores.

Nessa perspectiva, utilizaremos vários registros de suas atuações com os brinquedos, encontrados nos acervos dos museus pesquisados, relatos de diários, biografias e narrativas de autores e literatos brasileiros como Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*, dentre outros textos desse autor.

Em *Casa Grande e Senzala*, com sua primeira edição em 1933, Gilberto Freyre⁵ nos traz aspectos dos vários brasis do século XIX, tomando por base o cotidiano vivenciado no complexo mundo dos senhores de engenho, expondo não só os elementos que compunham o mundo da infância, mas também as formas pelas quais a sociedade percebia e lidava com suas crianças. No prefácio da primeira edição, ele explicita que a história social que vai apresentar é relativa à “[...] história íntima de quase todo brasileiro: de sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas credices da senzala”.⁶ Sob esta perspectiva é que poderemos encontrar subsídios para a construção do nosso objeto de estudo, que aborda o sujeito brincante no Brasil oitocentista.

Em *Nordeste*, editado em 1937, na explicação de seus objetivos, Gilberto Freyre⁷ o situa como um ensaio e “tentativa de estudo ecológico”, justificando sua escolha pelo nordeste agrário, em detrimento do nordeste pastoril, por ser esta a região da cana-de-açúcar que concentrava o maior número de engenhos de açúcar.

Já em *Sobrados e Mucambos*, seu tema ainda é a sociedade patriarcal⁸ brasileira do século XIX, porém circunscrita ao contexto urbano. O autor centra sua narrativa nos indivíduos que, ao

⁴ BROUGÈRE, 1997, p.22.

⁵ FREYRE, 1999.

⁶ Ibid., p. Ixv.

⁷ FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Aspectos da influencia da canna sobre a vida e a paizagem do nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1937.

⁸ A sociedade brasileira desse período é marcada pelo domínio dos indivíduos do sexo masculino por sobre aqueles do sexo feminino, na figura do chefe de família. Sobre essa questão ver PALMERO, Maria José. Análítica de la opresión patriarcal In: PALMERO, Maria José. *Teoria feminista contemporânea*. Una aproximación desde la ética.

receberem a influência da cultura européia, desenvolveram no cenário brasileiro uma nova cultura.

Em tais obras Gilberto Freyre focaliza as crianças em seus diversos ambientes, revelando particularidades que indicam os caminhos que meninos e meninas de sobrados e mucambos trilham no grupo do qual faziam parte.

Um dos autores de textos literários que deve ser mencionado é Joaquim Manuel de Macedo⁹ e seu livro *As Vítimas-algozes: Quadros da Escravidão*, publicado em 1869, no qual apresenta, na trama tecida, questões relacionadas à escravidão, trazendo a infância dentro deste quadro à luz da mentalidade da época. Ele nos apresenta dois personagens distintos, Simeão e Florinda, duas crianças, e ainda uma terceira, que surge timidamente descrita como menino de doze anos, que é caixeiro de uma venda. Ficam evidentes os conflitos presentes naquele contexto social, entre as pessoas de cor negra e os brancos, mas também entre gêneros e classes, quando expõe a relação entre senhor e escravo.

Sob a forma de folhetim, foi lançado, em 1883, o romance *Casa de Pensão*, de Aluisio de Azevedo,¹⁰ cuja ambiência se passa em meados do século XIX, momento em que a industrialização progride visivelmente. Ao longo da trama, o autor apresenta duas crianças: o personagem “Janjão”, e um moleque que cresce junto a ele, mas nem mesmo é nominado, o que o impossibilita de se expressar mais ativamente. Temos aqui os personagens que compõem o quadro de uma família patriarcal, sendo o pai o chefe austero da família, a mãe a figura submissa, que parece passiva na criação do filho, e um professor, Antonio Pires, que, aliado ao pai, surge como a personificação do terror para o aluno João Coqueiro — o Janjão.

Embora sejam textos com perspectivas e contextos distintos, deles podemos extrair, do âmago das narrativas e, às vezes, nas entrelinhas, retratos que dizem respeito à criança no séc. XIX que nos ajudaram a melhor determinar seu lugar nessa sociedade.

A infância brasileira, assim como toda a sociedade, tem como matrizes as culturas indígena, européia e africana, o que nos leva às diversas crianças presentes na formação da infância no Brasil oitocentista, contribuindo, em sua complexa produção, para uma cultura lúdica diversificada e multifacetada. Estamos frente a um quadro de matiz colorido pelos tons dos vários referenciais culturais dos grupos infantis. Como cada grupo tem suas especificidades e não podemos analisá-los de forma estanque — a exemplo de trabalhos sobre os índios brasileiros ou sobre negros africanos que foram escravizados —, como grupos com as mesmas especificidades,

Madrid: Complutense, 2004. p.33-67. A autora entende que: “O patriarcado é um sistema de dominação que consagra a dominação dos indivíduos do sexo masculino sobre os do sexo feminino.” (PALMERO, 2004, p. 34).

⁹ MACEDO, Joaquim Manuel de. *As vítimas-algozes: quadros da escravidão*. 4. ed. São Paulo: ZOUK, 2005.

¹⁰ AZEVEDO, Aluisio. *Casa de Pensão*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1998. (Série Bom Livro).

construindo equívocos, uma vez que cada grupo social tem suas particularidades e essas não são trabalhadas nessas análises.

É com esse entendimento que procuramos desenhar o mundo da infância neste capítulo, retomando traços das culturas que formaram a cultura lúdica brasileira, pois as populações infantis que se fizeram presentes na formação dessa sociedade tiveram participação ativa nessa construção. Essas populações foram compostas por grupos de órfãos portugueses, curumins, crianças negras africanas e tantas outras vindas dos diversos cantos da Europa e aquelas nascidas no Brasil. Ao inventariarmos os jogos, brincadeiras e brinquedos dessas crianças, notamos a influência dessas populações, sem nos preocuparmos com a supremacia de uma cultura sobre a outra, mas como essas culturas se amalgamavam no contexto social oitocentista.

Gilberto Freyre¹¹ também aponta a forte mescla e reciprocidade cultural no processo de co-educação mediada pelos “colégios dos padres”, para o que chama de “duas raças – a conquistadora e a conquistada” entre “os filhos da terra e os meninos do reino” — e sugere que os pátios dos colégios teriam sido um lugar de encontro e de “amalgamento”, inclusive para o “intercâmbio de brinquedos, jogos e superstições mestiças”; mescla que teria sido viável com a mistura do “[...] bodoque de caçar passarinho, dos meninos índios, o papagaio de papel, dos portugueses, a bola de borracha, as danças etc.”

É dessa mescla infantil que resulta, como sugere Gilberto Freyre, a criação de brinquedos como a carrapeta, o pião brasileiro, a gaita de canudo de mamão, e “[...] talvez certos brinquedos com quenga de coco e castanha de caju”.¹² Muitos jogos e brincadeiras de hoje tiveram a influência marcante dessas populações, como é o caso de brincar com animais, prática freqüente entre os grupos indígenas brasileiros.

1. INFÂNCIA E LUDICIDADE NO SÉCULO XIX

Ao longo do século XIX, as populações européias, principalmente aqueles indivíduos que compunham as camadas menos abastadas, como os camponeses, viveram as agruras de um tempo sem conforto, com uma dieta pouco adequada para a sua sobrevivência, num clima inóspito e casas, muitas vezes, sem telhado e sem um mobiliário que lhes desse o mínimo de conforto. O vestuário escasso não os protegia do frio, o que contribuía para o alastramento de epidemias e o desenvolvimento de novas doenças que ceifavam a vida de muitos deles.

¹¹ FREYRE, 2004, p. 223.

¹² Ibid., p.224.

Neste cenário, a criança sofria junto com os adultos e até mais que estes, visto que era muitas vezes obrigada a cumprir tarefas árduas, completamente desnuda, como recolher nabos sob o forte frio do inverno europeu. A.K. Hamilton Jekin constrói um quadro trágico na seguinte descrição:

Quando esfriava ou nevava não era raro ver nos campos crianças de nove e dez anos gritando desconsoladamente por causa do frio, com suas mãos tão inchadas que apenas podiam colher os nabos gelados que deviam arrancar em cumprimento da tarefa que lhes haviam encomendado.¹³

Neste fato parece ter sido maior a preocupação com a sobrevivência do grupo do que das crianças. Numa conjuntura de precariedade, a criança deixava de receber de seus familiares, ou dos demais componentes de seu grupo, o cuidado necessário e o respeito para a manutenção de seus corpos.

O advento da industrialização trouxe também mudanças significativas no modelo da família europeia, sobretudo na Alemanha e na Inglaterra. A introdução da força a vapor em substituição à força hidráulica, uma das marcas da industrialização, interferiu principalmente no *modus vivendi* das famílias campesinas. A esse respeito Catherine Rollet informa:

[...] os camponeses e suas famílias deixaram suas terras e suas casas para vir trabalhar nas fábricas. Individuadas, as famílias tiveram que colocar no trabalho suas crianças na mais tenra idade, o que era também uma forma de proteção, pois as crianças não corriam o risco de vagar pelas ruas. Desde a idade de 5 ou 6 anos garotos e garotas se encontravam sobre os bancos a dividir os cavaletes, quer dizer, a enrolar o fio de seda sobre as bobinas e fusos.¹⁴

Vemos que, nesse período, a um grande número de famílias, em muitas nações, não restava outra alternativa a não ser arriscar-se a transformar suas crianças em pequenos operários desde a tenra idade. Com a implantação das fábricas e o crescimento de núcleos urbanos, as crianças passaram a se fixar junto a seus próprios familiares, ao invés de saírem para aprender um ofício longe de casa. A associação de fábricas e núcleos urbanos abriu essa oportunidade, além de vagas para trabalhos, que não tardaram a ser preenchidas por mulheres e crianças; uma imposição da então condição de vida, para complementar a parca renda familiar. Tal conjuntura levou as

¹³ JEKIN, A.K. Hamilton. *Cornish homes and customs*. Londres; Toronto: J.M. Dent and Sons, 1934. p. 33. Apud KERTZER, David I.; BARGAGLI, Marzio. *História de la família europea*. Barcelona: A y M Gràfic, 2003. Volume 2. *La vida familiar desde la revolución Francesa hasta la Primera Guerra Mundial (1789-1913)*. p. 89, tradução nossa. “Cuando helaba o nevada no era raro ver em los campos niños de nueve e diez años gritando desconsoladamente a causa del frio, com sus manos tan amaratas y entumecidas que apenas podían coger los nabos helados que debían arrancar em cumplimiento de la tarea que les habian encomendado.”

¹⁴ ROLLET, 2001. p.120, tradução nossa. “[...] les paysans et leur famille on quitté leurs terres et leurs maisons pour venir travailler dans ces fabriques. Endettées par leur installation, les familles durent mettre leurs enfants au travail dès leur plus jeune âge, c’était aussi une forme de garde puisque l’enfant ne risquait pas de ‘traîner’ dan la rue. Dès l’âge de 5 ou 6 ans, gamins et gamines se sont retrouvés sur les banquets à dévider les échevaux, c’est-à-dire à enrouler le fil de soie sur des bobines ou roquets.”

crianças a terem o espaço da fábrica como o lugar, ao mesmo tempo, de trabalho e até de recreação.¹⁵

A criança, fora do ambiente da fábrica, em particular se de família campesina, ainda bem pequena, tinha suas tarefas específicas, como levar recados e cuidar de animais pequenos. Com a instalação de fábricas, principalmente das primeiras têxteis, ela se torna mão-de-obra assalariada, trabalhando em condições desfavoráveis e “[...] frequentemente (porém nem sempre) distantes dos membros de suas famílias”,¹⁶ como relatam David I. Kertzer e Marzio Bargagli.¹⁷

Com o trabalho nas fábricas e nas indústrias domésticas, as famílias incluíam suas crianças nas tarefas laborais, e como pequenos operários tinham que cumprir uma carga horária igual a dos adultos e tão exaustiva quanto a deles. Ou as crianças encaixavam-se nessa engrenagem, ou seriam enviadas para a guarda de instituições filantrópicas, ou casas de abrigo.

Paralelamente a essa nova situação, instituiu-se para a criança a escolarização, ação que não se harmonizava com a condição da criança trabalhadora, que tinha grande parte de seu tempo despendido na jornada diária laboral. Essa situação contribuiu para que, em grande parte da Europa, se tornasse inviável a participação da criança no processo de escolarização, pois enviá-la para escolas era o mesmo que diminuir os ganhos econômicos da família. Em algumas nações, porém, como em Portugal, a criança permaneceu como pequeno operário, com baixos salários, realizando uma dura jornada diária.

José Mattoso¹⁸ relata que a cultura intelectual dos nossos operários, no final do XIX, estava relacionada à precariedade física e moral. Os menores, que representavam “o futuro da indústria nacional” não estavam em melhores condições; a maioria não sabia ler, nem escrever; sua carga horária era igual à de adultos homens e, por vezes, deviam cumprir com um trabalho maior que suas forças. Nas famílias abastadas, entretanto, o quadro era outro, com a presença constante da preceptora¹⁹ ou instrutora doméstica. Na análise de Marly Gonçalves Bicalho Ritzkat,²⁰ foram as mudanças ocorridas na Europa que propiciaram o surgimento de educadoras em domicílio; situação que mudou com o abalo de fortunas aristocráticas. As preceptoras eram moças que se instalavam nas casas das famílias abastadas, com o objetivo de educar os filhos das elites e acabaram por contribuir para a constituição do universo lúdico brasileiro, influenciando sobremaneira a cultura lúdica.

¹⁵ ROLLET, 2001.

¹⁶ “[...] a menudo (pero no siempre) lejos de los miembros de sus familias.”

¹⁷ KERTZER; BARGAGLI, 2003, p.39, grifo nosso.

¹⁸ MATTOSO, José. *História de Portugal*. Lisboa: Estampa, 1993. Volume 5 - O Liberalismo (1807-1890). p. 365.

¹⁹ “A preceptora é, por definição, uma mulher que ensina em domicílio ou uma mulher que habita com uma família para fazer companhia e dar aulas às crianças.” RITZKAT, Marly Gonçalves Bicalho. Preceptoras alemãs no Brasil. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia Greive (Org.). *500 anos educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 269-290. p. 271.

²⁰ RITZKAT, 2003.

Embora fossem similares as matérias ou estudos das meninas européias — em geral a pedagogia, matemática, geografia e as artes, principalmente piano e pintura, além do aprendizado de outras línguas estrangeiras, como o inglês e o francês —, as meninas brasileiras interrompiam os estudos logo após atingirem a puberdade, para contrair matrimônio.

Dessa forma, as moças estrangeiras com qualificação, mesmo que não tivessem diplomas, saíam em busca de seu sustento. Transformadas em mão-de-obra qualificada, sua prestação de serviço era requerida nos anúncios de jornais nacionais e estrangeiros, por parte das famílias brasileiras. Este novo mercado da educação doméstica favorecia um campo de trabalho para mulheres que não conseguiram casar, ou viúvas, trabalhando como governantas, e as que tinham maior qualificação, como preceptoras.

Para situar a infância no cenário brasileiro, faz-se necessário articular gênero²¹ e classe social, localizando essa outra relação no universo lúdico. Esse binômio também nos ajuda, ainda que parcialmente, a compreender as teias de relações que ocorrem no universo lúdico em alguns setores da sociedade, no qual também se percebem relações de poder exercidas de um sujeito sobre outro, seja do sexo masculino sobre o masculino e ou mesmo do feminino sobre o feminino.

O “domínio malvado sobre mucamas”, as “negrinhas”, que outrora haviam sido companheiras de brinquedo, é apontado por Gilberto Freyre,²² justificando que, ao se tornarem senhoras, dada a falta de contatos com o mundo capazes de transformar o “senso pervertido das relações humanas”, e sem qualquer outra perspectiva, insistiam na perversidade que não lhes era desconhecida desde os tempos de infância, evidenciando que o poder estava presente no cotidiano do ser humano — do adulto ou da criança, do sexo feminino ou do masculino —, cujo exercício vai depender do contexto e das circunstâncias.

Nesse sentido, há definições para os gêneros, no que se refere ao espaço, às atividades, às diversas linguagens, verbal e corporal. As especificidades de cada gênero estão presentes no universo da criança, independentemente de seu tom de pele ou *status*. Cabe aqui um trecho explicativo de Gilberto Freyre:

Pode-se generalizar do menino indígena que crescia livre de castigos corporais e de disciplina paterna ou materna. Entretanto a meninice não deixava de seguir uma espécie de liturgia ou ritual, como aliás toda a vida do primitivo.

Ao atingir a puberdade cortavam-lhe o cabelo no estilo que frei Vicente do Salvador descreve como de cabelo de frade; também à menina cortava-se cabelo à homem. A

²¹ O termo *gênero*, segundo Joan Scott (1991), tem sido equivocadamente empregado para estabelecer uma relação exclusiva com as mulheres, chegando, muitas vezes, ao exagero de ser empregado somente como sinônimo de mulheres. Para a autora, o termo é mais amplo e deve ser compreendido, para que se entenda com maior precisão os papéis do homem e da mulher dentro de uma estrutura relacional a partir da inter-relação de construções sociais distintas e na dependência dos contextos sociais nos quais os indivíduos estão inseridos, não importa se do sexo masculino ou feminino. Caso contrário, insistir-se-á na idéia de que o “[...] o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por esse mundo.” (SCOTT, 1991, p.40).

²² FREYRE, 1999, p. 420.

segregação do menino, uma vez atingida a puberdade, nos clubes ou casas secretas dos homens, chamadas *baito* entre as tribos do Brasil Central, parece que visava assegurar ao sexo masculino o domínio sobre o feminino: educar o adolescente para exercer esse domínio.²³

As relações de gênero e classe social podem também ser articuladas no universo lúdico, lembrando que, segundo Saffioti,²⁴ ao se estabelecer a relação gênero e classe social, evidenciam-se questões de poder entre o homem e a mulher, que são relações de dominação-exploração. Tomando como cenário um engenho de açúcar no século XIX, onde o poder era exercido, mesmo que momentaneamente, nas práticas lúdicas entre os meninos sinhozinhos e os moleques — as crianças negras filhas de escravos ou ex-escravos —, temos um bom exemplo das relações de poder. Um outro trecho da narrativa de Gilberto Freyre assim evidencia essas relações:

Nas brincadeiras, muitas vezes brutas, dos filhos dos senhores de engenho, os moleques serviam para tudo: eram bois de carro, eram cavalos de montaria, eram bestas de almanjarras, eram burros de liteiras e de cargas as mais pesadas. Mas principalmente cavalos de carro.²⁵

A despeito disso, os moleques percebiam que, por meio de suas habilidades para as práticas lúdicas, desenvolvidas num espaço mais livre, poderiam exercer um completo domínio sobre muitas brincadeiras e, com isso, sobre lugares particulares de um engenho como os currais, o rio, o próprio pasto.

Já os sinhozinhos, em decorrência dos padrões educativos que recebiam, por serem muitas vezes rígidos e inibidores, não sabiam ou sabiam menos como transitar nesses mesmos lugares. Tal circunstância contribuiu para que os moleques de pronto passassem a exercer seu efêmero poder, negociando seu conhecimento em troca de comida, guloseimas, retirada de castigos ou até mesmo participação em algumas atividades restritas aos da casa grande, o que nos dá indícios do poder subjacente no universo lúdico.

Uma outra situação foi a dos índios. Desde os primeiros momentos da colonização no Brasil, ainda muito pequenos, eram retirados de suas famílias, para servirem ao senhor branco e, em seguida, serem catequizados pelos Jesuítas e depois utilizados como mediadores na interlocução para a enculturação de seus pares adultos.

Ocorreu uma inversão no processo civilizador dos jesuítas, nas palavras de Gilberto Freyre²⁶, que consistiu na possibilidade de o filho educar o pai; ou seja, o menino servir de exemplo ao homem. Deste modo, a criança levaria o adulto do seu grupo não só à religião católica como também ao

²³ FREYRE, 1999, p. 136.

²⁴ SAFFIOTI, 1992.

²⁵ FREYRE, op. cit., p.419.

²⁶ FREYRE, 1999, p.147.

colonizador, para o servir. Foi assim que o “curumim” acabou cúmplice dos europeus e “[...] inimigo dos pais, dos pajés dos maracás sagrados, das sociedades secretas.”²⁷

Isso deixa patente o papel da criança indígena — e de diversos grupos étnicos indígenas —, na formação cultural da sociedade brasileira. Padres de várias ordens religiosas recrutavam os meninos índios ainda bem pequenos para envolvê-los no processo de cristianização. Assim, realizar um trabalho de doutrinação dessas crianças, em particular do sexo masculino, era uma das razões para a fundação de escolas — os colégios jesuítas —, nas várias capitanias/províncias brasileiras, dentre elas a da Bahia.

Um processo duro, que envolvia castigos e sacrifícios e resultava, muitas vezes, na rejeição da própria cultura de sua tribo. Antonio Marcos Chaves²⁸ atestou, nas cartas jesuíticas, que os padres usavam ora a sedução, ora o incentivo, ora a desqualificação de costumes nativos, ora “castigos e sacrifícios” como forma de disciplinar e dominar, com a justificativa de que as penalidades eram aprovadas por Deus. O pequeno índio não recebia os castigos no seio familiar, mas era duramente maltratado nas mãos dos religiosos, como mecanismo para a introjeção da cultura européia e para se tornar um porta voz. Segundo esse autor, só depois do contato com os missionários, os pais passaram a castigar os filhos.²⁹

Para a criança indígena, de acordo com relatos jesuítas, o contato foi mais fácil pelo processo de catequese. Naquele momento, ocorriam as trocas e os acréscimos de traços culturais das culturas envolvidas no processo, pois a catequese objetivava uma transformação do indivíduo em sua condição de índio, passando a se comportar como um homem europeizado, considerado como índio converso.

O curumim foi o elemento de difusão cultural entre vários grupos indígenas existentes no Brasil, que tomaram contato com os portugueses. Estes, primeiro procuraram conhecer sua língua e depois compreender sua cultura para manipulá-los pela catequese. As idéias civilizatórias do homem branco foram apreendidas pelos índios tanto no convívio com os adultos, Jesuítas, quanto no convívio com crianças européias, filhas de colonos, como também órfãos que freqüentavam, muitas vezes, os mesmos espaços na sociedade brasileira. Sobre essa convivência, Mary Del Priore³⁰ registra que o tempo corria entre brincadeiras, orações, aulas de latim e banhos de rio na história dos curumins e dos filhos dos colonos nas escolas Jesuítas.

Assim, a figura do curumim foi imprescindível para o conhecimento de hábitos e costumes do indígena brasileiro, que deixou em nossa cultura vários tipos de medo e abusões,

²⁷ Ibid., p. 147.

²⁸ CHAVES, 1998.

²⁹ Ibid., p. 110-111.

³⁰ DEL PRIORE, Mary. *História do cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001.

diversos jogos e danças recreativas ainda hoje praticados em nosso país. Gilberto Freyre, ao analisar os registros de alguns jesuítas como o Padre Cardim, comenta:

Da tradição indígena ficou no povo brasileiro o gosto pelos jogos e brinquedos infantis de arremedo de animais: o próprio jogo de azar, chamado do bicho, tão popular no Brasil, encontra base para tamanha popularidade no resíduo animista e totêmico de cultura ameríndia reforçada depois pela africana.³¹

Para a construção do universo lúdico da criança indígena, a mãe indígena foi um elemento importante, pois em sua sociedade cabia-lhe a responsabilidade pelos cuidados com os filhos em sua primeira infância, implicando uma convivência intensa entre mães e filhos, com poucos períodos de afastamento, diante da divisão de tarefas nos grupos.

Enquanto as mulheres trabalhavam o barro para produzir seus utensílios cerâmicos, muitas vezes aproveitavam o barro não cozido para fabricar brinquedos com formatos de corpo de indivíduos e animais. Os bonecos fabricados de diversos materiais recebiam o nome de *licocós*. A madeira era utilizada para o fabrico de remos e outros objetos em miniatura, buscando assemelhar-se com os de tamanho normal. Os brinquedos do universo das meninas, como teares, peneirinhas e bonecas em diversos materiais eram feitos pelas mães; os pais faziam os dos meninos, porém, em ambos os casos, as crianças participavam da elaboração dos objetos como também de outras atividades com outros adultos.

O menino indígena tinha o costume de utilizar animais domésticos como instrumentos de brincadeiras. Aves, cobras, pequenos lagartos, mamíferos como o macaco eram companhias indispensáveis das crianças. Muitos animais eram adestrados, a exemplo dos papagaios, que eram ensinados a falar.

A criança ampliava seu universo lúdico com o uso de armadilhas para capturar e criar pequenos pássaros. Luiz Câmara Cascudo³² comenta que, entre os séculos XVI e XVII, os meninos indígenas brincavam, logo cedo, com pequenos arcos, flechas, tacapes, entre outros instrumentos que compunham o arsenal guerreiro dos pais. O divertimento natural era imitar o adulto do sexo masculino, caçando pequenos animais, abatendo aves menores, tentando pescar, ou seja, brincadeiras que não tinham o sentido único de passatempo, servindo como elemento didático de preparação para a vida adulta.

Em contrapartida, as meninas não tinham muito tempo livre para o lúdico, pois desde muito cedo acompanhavam e auxiliavam suas mães nos afazeres domésticos, como buscar água e lenha, ralar mandioca, preparar a farinha para cozer as tortas de mandioca e, até nas horas livres, imitar suas mães, fazendo pequenas tecelagens. Quando brincavam, as meninas usavam bonecas

³¹ FREYRE, 1999, p.168.

³² CAMARA CASCU DO, Luiz. Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnologia geral. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983. p. 25.

de barro e bonecas de tecidos, muitas vezes de adoração, seguindo ensinamentos aprendidos com os missionários que aqui chegaram.

A criança indígena tinha o costume de brincar e de montar em animais, iniciando esta prática montando num irmão maior. Além das atividades individuais, registram-se os jogos coletivos, também muito presentes na atividade lúdica indígena³³. Esses jogos envolvem representações de animais, como o jogo do gavião, o jogo do Jacami, o jogo do peixe Pacu, o jogo do jaguar, sempre procurando imitar o movimento e o grunhido destes animais. O jogo da peteca é também bastante apreciado, inclusive pelos adultos, sendo a peteca feita com palha de milho, tendo o miolo em forma de argola. Há também o jogo do fio ou também cama de gato, como é conhecido.

A criança indígena participava de todas as atividades junto aos adultos, não chegando a se destacar em atitudes lúdicas apenas vivenciadas pelas crianças, visto que, mesmo em relação às atividades consideradas de trabalho, as crianças participavam desde a tenra idade, como explica Baldus:

No tocante aos trabalhos, pode-se dizer que as crianças tapirapé aprendem brincando aquilo que é trabalho dos adultos. O menino de três anos já tem um pequeno arco com flechas, cujo tamanho corresponde à estatura do dono. A menina de três anos já possui uma pequena peneira, cujo tamanho corresponde à estatura da dona. Assim os dois vão pescar como um casal adulto, o pequeno homem flechando os peixes, a pequena mulher recolhendo-os na peneira. Voltando à casa põem os peixinhos na brasa, assando-os. Depois os comem, mostrando assim que Tapirapé de três anos já sabe tratar da vida. Crescendo menino e menina, crescem arco e peneira também, até alcançarem, estando na puberdade, o tamanho dum arco de homem e duma peneira duma mulher.³⁴

É dessa forma que ocorreu com todos os utensílios manejados por esses índios: pilões, cestos, instrumentos de guerra dentre outros. A participação da criança está presente também em várias atividades sócio-econômicas dos grupos de adultos, com destaque da menina tapirapé, que diferente do menino, participa mais cedo dessas atividades. A esse respeito explica Baldus:

[...] não significa que os meninos, antes da puberdade, participem tão seriamente da vida econômica como as meninas que desde pequenas, enquanto os meninos vadiam, ajudam frequentemente a mãe, na medida das forças e capacidade de sua idade, representando assim, um fator cada vez mais produtivo.³⁵

Na infância indígena, predominavam os jogos e brincadeiras junto à natureza — nos rios, com os bichos e em grupos —, sendo esta a mais forte característica do brincar indígena.

³³ KISHIMOTO, 1993.

³⁴ BALDUS, Hebert. *Tapirapé tribo tupi no Brasil Central*. São Paulo: Nacional, 1970. p.286-287

³⁵ *Ibid.*, p.287.



Figura 27 – bonecas karajá³⁶

As bonecas karajá (licocós)³⁷ produzidas em cerâmica, pintadas com traços característicos desse grupo indígena do norte do Brasil, embora não datem do período estudado, não deixam de ser um exemplar ilustrativo dos registros que encontramos principalmente nos diários de viagens do século XIX. Esse grupo representa uma família: as figuras masculina, feminina e a criança. Pelos relatos, a menina indígena brincava com bonecas de barro ou de madeira juntamente com utensílios domésticos, como é o exemplo das panelas zoomorfas dos índios Waurás, peças que se encontram no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA.



Figura 28 – panela Zoomorfa³⁸



Figura 29 – Panela Zoomorfa³⁹

³⁶ Fonte: MHN - MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. *Brinquedos* – galeria virtual. Disponível em: <<http://www.museuhistoriconacional.com.br/>> Acesso em: 24 abr. 2007.

³⁷ Os licocós são figuras femininas produzidas pelas meninas karajá com a sobra do barro da produção de utensílios das mulheres mais velhas. Cf. ALTMAN, 2000.

³⁸ Fonte: Coleção Aristóteles Bacelos – MAE-UFBA. Fotografia de Cláudia Cunha.

³⁹ Fonte: Coleção Aristóteles Bacelos – MAE-UFBA. Fotografia de Cláudia Cunha.

Embora sejam muitos os relatos de viajantes cronistas e estudiosos sobre a utilização da criança negra, do moleque e/ou moleca, servindo ainda bem pequenos a seus senhores, há poucas referências da presença de crianças vindas nos navios negreiros para serem adquiridas como peças à disposição dos compradores de escravos. Levantamos algumas hipóteses que possam justificar essa ausência de registros: o número de sobreviventes das péssimas condições de viagem era bastante reduzido; ausência de registros nos documentos oficiais em decorrência da possível falta de pagamento de imposto para a criança de colo, por exemplo; talvez elas não fossem notadas pelos viajantes e estudiosos.

Os viajantes alemães Spix e Martius⁴⁰ registraram, no início do século XIX, aspectos da infância no Brasil. Com base no relatório da Alfândega, de 2 de maio de 1818, concluído durante sua estada no Rio de Janeiro, comentam a respeito da determinação dos impostos sobre os produtos que seriam aqui alfandegados, incluindo os negros como peças. Entre os vários itens citados consta a referência à criança.

Cada negro novo que, acima da idade de três anos, entrar nos portos brasileiros, importado da África, paga, além do imposto antigo existente, que monta nuns 6\$000, mais 9\$600, cuja metade deve ser depositada no Banco do Rio de Janeiro, para formar ações destinadas à fundação de colônias para colonos brancos [...] ⁴¹

Está aí presente a criança negra no mercado de escravos. Não encontramos, no entanto, nenhuma referência às práticas lúdicas por ela realizadas tanto no percurso marítimo, quanto no tempo em que se encontrava à disposição de seu futuro dono e senhor.

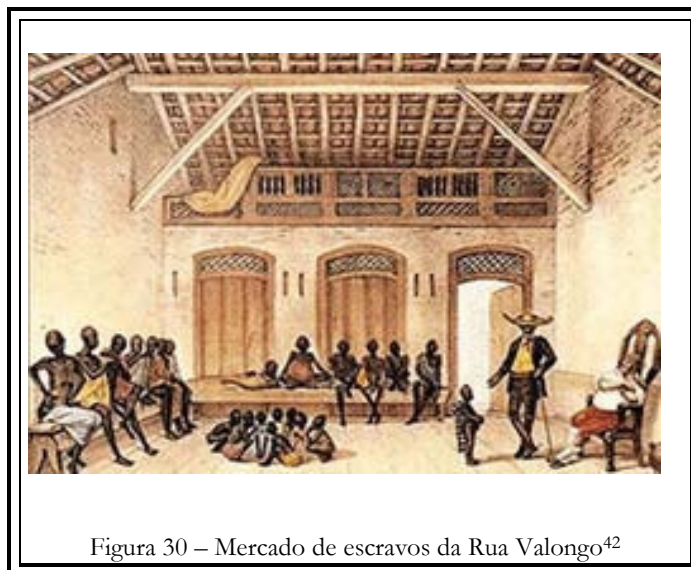


Figura 30 – Mercado de escravos da Rua Valongo⁴²

⁴⁰ SPIX, Johann B.; MARTIUS, Karl Friedrich von. *Viagem pelo Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1981. v.1.

⁴¹ Ibid., v.1, nota III, Capítulo 1, Livro segundo, p. 76. Os autores resumem os principais decretos do último Relatório da Alfândega de 2 de maio de 1818, concluído durante a estada deles nas Alfândegas dos Reinos Unidos de Portugal, Brasil e Algarves.

Essa imagem ilustra nitidamente as condições em que se encontravam as pessoas consideradas peças, expostas a venda como mercadorias. Adultos e crianças recebiam o mesmo tratamento humilhante, num ambiente inóspito, seminus, e eram vistos como indignos do mínimo respeito como seres humanos. A leitura iconográfica permite-nos verificar a posição de cada indivíduo: o senhor branco, possivelmente o mercador, bem vestido, sentado numa cadeira de espaldar alto, o que indica sua posição social; o capataz, a despeito de ser negro, está devidamente trajado, com um instrumento na mão que poderia ser algo como uma bengala ou uma vara para bater naqueles que não atendessem à ordem estabelecida; uma criança de pé, indicando estar a postos, recebendo uma ordem ou uma reclamação; um outro grupo no centro, parcialmente vestido, parece ser constituído de crianças maiores e assim como os adultos sentados em banco de madeira estariam à disposição dos mercadores e futuros donos. Essa ilustração é também registrada por Spix e Martius⁴³ ao se referirem ao mesmo Mercado, indicando que os três viajantes foram testemunhas do que passaram aquelas pessoas. Spix e Martius descrevem as condições em que se encontravam crianças e adultos:

Logo que esses escravos chegam ao Rio de Janeiro, são aquartelados em casas alugadas para tal fim, na Rua Valongo, junto do mar. Vêm-se ali crianças, desde os seis anos de idade, e adultos de ambos os sexos, de todas as idades. Eles jazem meio nus, expostos ao sol nos pátios, ou fora, em volta das casas, ou separados segundo os sexos, distribuídos em diferentes salas.⁴⁴

Algumas perguntas sobre o universo lúdico dessas crianças são formuladas: num ambiente inóspito, em meio a tantas pessoas estranhas, com língua e culturas bem diferentes das suas, poderiam, ainda assim, empreender algum tipo de brincadeira? Ou os observadores adultos não se davam conta de atividades infantis desenvolvidas por um indivíduo visto apenas como uma peça de pouco valor?

Seguindo este percurso, as pessoas negras, na condição de escravas, passavam a servir a seu novo senhor com diferentes funções; seus filhos conviviam até sua primeira infância com o menino branco, muitas vezes dividindo o mesmo alimento materno, ou eram tomados como instrumento de diversão e brincadeiras para mulheres adultas e também de outras crianças brancas.

⁴² Fonte: DEBRET - Um artista a serviço da corte portuguesa no Brasil. *Histórianet a nossa história*. Brasil Império. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=688>> Acesso em: 14 abr. 2007. p. 4.

⁴³ SPIX; MARTIUS, 1981.

⁴⁴ SPIX; MARTIUS, 1981, p.66.

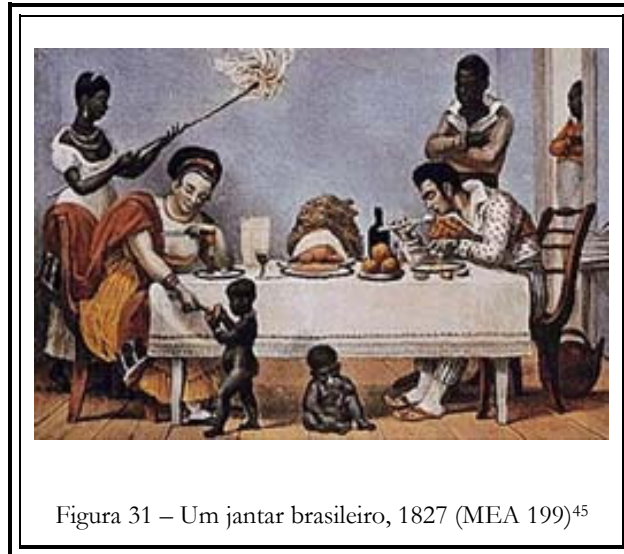


Figura 31 – Um jantar brasileiro, 1827 (MEA 199)⁴⁵

Há, portanto, um desencontro entre as duas crianças (a branca e a negra). Na casa grande, até os sete anos, as crianças conviviam nos mesmos espaços, dividindo juntas a atenção de alguns adultos, ainda que as crianças negras fossem uma espécie de distração para as sinhazinhas e matronas.

A presença da criança negra é evidenciada por cronistas, romancistas e também pelos viajantes estrangeiros que registraram o cotidiano brasileiro daquele período. Eles atribuíam a falta de educação das crianças brancas ao contato muito próximo com as crianças negras — os moleques — seja na realização das brincadeiras, seja no próprio cotidiano familiar.

Nas casas de muitos dos fluminenses ricos, pode-se atravessar uma fila de crianças de cabeça lanosa, na maioria despidas de qualquer roupa, que têm licença de correr por toda a casa e se divertirem vendo as visitas. Nas famílias que tem alguma tintura de costumes europeus, esses desagradáveis pequeninos bípedes são conservados no quintal. Um dos meus amigos costumava jantar freqüentemente em casa de um velho general, da alta sociedade, em torno de cuja mesa pulavam dois pequeninos pretos de azeviche, que quase se penduravam no “pai” (como eles o chamavam) até receberem o seu bocado de comida das mãos deste, e isso se dava antes mesmo do general principiar a jantar. Aonde quer que as senhoras da casa se dirijam, esses animaizinhos de estimação são colocados nas carruagens, e considerar-se-iam muito ofendidos em serem esquecidos como qualquer filho espoliado.⁴⁶

As crianças negras, quando bem pequenas, podiam estar nas salas de visita ou de jantar da mesma forma que as gaiolas. Gilberto Freyre assim descreve os molequinhos nus, engatinhando pelo chão:

⁴⁵ Fonte: BANDEIRA Júlio. *Debret e a Corte no Brasil*. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/ext/debret/julio.htm>> Acesso em 02 abr. 2007.

⁴⁶ KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscência de viagens e permanências no Brasil* (Províncias do Norte) 1845. São Paulo: Martins, 1943. p. 183.

[...] transformaram-se em “aereópagos” onde eles, senhores de engenho, juntamente com padres, com frades e até com estrangeiros — franceses e ingleses — conspiram, com cautelas maçônicas e desassombros brasileiros, pela independência, pela liberdade e um pouco pela democracia na terra brasileira.⁴⁷



Figura 32 – Debret - Uma dama no interior de sua casa em atividades rotineiras, 1823 – MEA0202⁴⁸

Essa imagem da criança negra, engatinhando nas salas da casa grande, foi também registrada por muitos viajantes como Debret;⁴⁹ crianças de um canto a outro, às vezes suspensas no colo das sinhazinhas, que passavam a brincar com elas, como se fossem pequenos animais de estimação. Na tela de Debret já exposta, além da presença das crianças negras no convívio próximo, a brincar com objetos que poderiam ser frutas ou mesmo novelos de linha ou lã, podemos verificar a hierarquia dessa sociedade. Nesse espaço, todas as pessoas negras estão representadas em posição de submissão; uma das mulheres parece estar cuidando de uma criança branca, no chão; um garoto carrega uma bandeja, certamente para servir à Sinhá e à sinhazinha.

Como escreve Gilberto Freyre,⁵⁰ elas também eram percebidas como uma espécie de parente pobre, ao modo das famílias européias. Os numerosos mulatinhos compartilhavam da mesa patriarcal “como se fossem da família”, tal crias, “Malungos. Moleques de estimação. Alguns saíam de carro com os senhores, acompanhando-os aos passeios como se fossem filhos”.⁵¹

Joaquim Manuel de Macedo⁵² nos traz em sua narrativa ângulos da relação dos senhores com a criança filha de escravos. Ao relatar a história do personagem Simeão, nascido de uma negra que servira de ama de leite para a única filha do casal (Domingos Caetano e Angélica),

⁴⁷ FREYRE, 1999, p.53.

⁴⁸ BANDEIRA, 2007.

⁴⁹ Há uma ilustração de Debret na prancha 10 do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, intitulada *Visita a uma fazenda*, da obra *Voyage Pittpresque et Historique au Brésil*, 1834, v.2 (2004) p.64.

⁵⁰ FREYRE, 1999.

⁵¹ *Ibid.*, p. 435.

⁵² MACEDO, 2005.

Florinda, descrita pelo autor como uma flor delicada, dotada de espírito angelical. Tendo a ama de leite falecido, deixou órfão o menino Simeão, aos dois anos de idade; a família tomou-o para criar como filho, junto a sua própria filha:

A compaixão e o reconhecimento em breve se transformaram em verdadeira afeição: o crioulo era esperto e engraçado, começou fazendo rir, acabou fazendo-se amar. Simeão divertia, dava encanto às travessuras de Florinda: Domingos Caetano e Angélica o amaram em dobro por isso.⁵³

Temos aí uma descrição de como a sociedade da época via a criança branca e a negra. No texto citado, o filho de escravos convivía com os brancos por caridade e bondade, para divertir e fazer sobressair as travessuras da menina branca, filha de senhores abastados. Ele, o menino negro, não era amado ou cuidado por ser criança, mas porque tinha uma utilidade; era um instrumento útil. Sucodem-se os episódios:

Até os oito anos de idade Simeão teve prato à mesa e leito no quarto de seus senhores, e não teve consciência de sua condição de escravo. Depois dos oito anos apenas foi privado da mesa e do quarto em comum; continuou, porém, a receber tratamento de filho adotivo, mas criado com amor desmazelado e imprudente, e cresceu enfim sem hábito de trabalho, abusando muitas vezes da fraqueza dos senhores, sem atingir a dignidade de homem livre, e sem reconhecer nem sentir a absoluta submissão do escravo.

Era o tipo mais perfeito do crioulo, cria estimada da família.⁵⁴

Com a idade, todavia, Simeão perde as “regalias” do bom trato; torna-se a “cria estimada”. Não se tem aí a criança como sujeito histórico, nem como ser detentor de uma identidade; ela é o que lhe denominarem. Não tardam as tensões e a promessa no futuro do chicote:

Havia para ele na casa de seus amorosos senhores um céu e um inferno: na sala o néctar da predileção e da amizade, na cozinha o veneno da inveja e o golfão dos vícios: na cozinha a negra má e impiedosa castigou-lhe as travessuras e exigências incômodas e apadrinhadas pelos senhores, repetindo-lhe mil vezes:

— Tu é escravo como eu.

E o negro enfezado e ruim perseguia o crioulinho estimado com a ameaça lúgubre de um futuro tormentoso:

— Brinca para aí, pobre coitado! Hás de ver como é bom o chicote, quando cresceres...⁵⁵

A criança assumia papéis distintos, em também distintos espaços da casa de seus senhores; os negros adultos tratavam o menino Simeão com desprezo, como coisa. Nesse

⁵³ Ibid., p. 17.

⁵⁴ Ibid., p. 17.

⁵⁵ MACEDO, 2005, p.19.

contexto, havia uma outra criança, a do empregado da “venda”; o caixeiro, personagem que nem mesmo chegou a receber do autor um nome. Vejamos na narrativa do cenário da *venda*:

Para dentro do balcão estava um menino de doze anos, de pés no chão, vestido de calças e camisa que desde um mês não mudava, e cuja cor e qualidade do pano escapariam ao mais teimoso exame: era o caixeiro mandrião, e já perdido pela desmoralização, pela incontinência da palavra, pela convivência com os vadios e os escravos.⁵⁶

Vemos, portanto, que a presença da criança nos diversos ambientes foi fortemente marcada pelo servilismo, não importando a cor de sua pele; bastava que pertencesse a uma família menos abastada, para que fosse utilizada como mão-de-obra nos diversos espaços da sociedade. É nessa perspectiva que passaremos a delinear o perfil das várias crianças do Brasil, no período estudado, como também discutiremos questões relacionadas à construção da cultura lúdica e as produções culturais da infância, ou melhor, das infâncias. Para tanto, procuramos pontuar os espaços ocupados ou mesmo demarcados por indivíduos que compõem essa categoria social: as crianças.

Temos o registro da vinda de um número grande de órfãos portugueses que foram trazidos para o Brasil desde o início da colonização; as meninas eram encaminhadas para casas de acolhimento de órfãos; os meninos chegavam sem um destino definido. Ficavam por muito tempo andando a ermo, dormindo nos pórticos das igrejas e, quando “amparados”, eram contratados num regime rígido, quase de escravidão, como caixeiro, empregado em casas comerciais por seus próprios compatriotas portugueses, e eram chamados de escravos loiros. Mas uma vez é de Gilberto Freyre⁵⁷ o relato:

Explica-se, em parte, que o negociante português preferisse para primeiro-caixeiro o genro português ao próprio filho, mestiço ou apenas nascido no Brasil, em face da disciplina severa a que tinha de submeter-se nos armazéns e lojas o caixeirinho vindo de Portugal para o nosso País, quase como escravo. Escravo louro cuja formação se fazia dentro do próprio armazém despoticamente patriarcal e monossexual.

A esse respeito Mario Augusto Santos⁵⁸ revela a condição dos meninos que exerciam a função de caixeiros na Bahia, desde o início do Império.

Basta não perdermos de vista que o fato expressa a importância do trabalho de menores de 14 anos no comércio da cidade.

⁵⁶ Ibid., p. 15.

⁵⁷ FREYRE, 1999, p.271.

⁵⁸ SANTOS, Mário Augusto da Silva. *Os caixeiros da Bahia: seu papel conservador na Primeira República*. 1974. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1974. p. 43-44.

Aqui, ainda merecem atenção especial os caixeiros Portugueses. Muito cedo se iniciavam eles no labor do balcão, via de regra, trazidos de Portugal pelos compatriotas aqui estabelecidos. A prática que foi rotineira no Império, deve ter continuidade freqüente nos primeiros tempos republicanos [...] O uso de admitir caixeiros menores de 14 anos foi inicialmente português, ainda na colônia.⁵⁹

A mão-de-obra infantil foi também largamente utilizada no Brasil, nos diversos períodos, em funções bastante diversificadas. Principalmente as crianças que estavam à disposição de instituições que delas cuidavam, como narra Renato Venâncio

Em algumas dessas instituições, é possível comprovar, desde o século XVIII, o envio de meninos para trabalharem nos arsenais ou em navios mercantes. Contudo, esses grumetes não recebiam tipo de formação ou treinamento. Foi necessária a independência para que o sistema europeu das companhias de aprendizes fosse copiado pelos políticos e burocratas imperiais.⁶⁰

Fora das instituições, os próprios pais enviavam seus filhos como voluntários de aprendizes, sendo a família ou o responsável recompensado financeiramente pelo serviço. Renato Pinto Venâncio registra que tal recrutamento consistia numa espécie de troca pelo recebimento de um enxoval gratuito e, em caso de voluntariado, os responsáveis recebiam um “[...] ‘prêmio’ de cem mil reis; valor nada desprezível, pois representava aproximadamente 20% do preço de um escravo adulto ou que permitiria a compra de duas ou mais crianças escravas”.⁶¹

Dessa forma, as companhias de aprendizes prosperavam rapidamente, tendo como apogeu o período de 1840 e 1864. A vida dos pequenos aprendizes, entretanto, era de muito trabalho. Não temos notícias de que lhes eram destinados momentos para que pudessem realizar suas práticas lúdicas; apenas para alguns, aulas de natação, o que não era um lazer, pois a disciplina era bastante rígida; as punições eram constantes, chegando à barbárie, o que levava muitas crianças a empreenderem a fuga.

Com a deflagração do conflito com o Paraguai, estas crianças e aquelas que faziam parte de outras instituições, como as do Instituto de Menores Artesãos da Casa de Correção, foram forçadas a alistarem-se para engrandecer o contingente dos combatentes.⁶² Este fato provocou o descontentamento da população que, em muitos momentos, protestou contra as forças armadas, visto que meninos com menos de 10 anos de idade, de diversas localidades, eram forçados às atividades bélicas, na condição de grumetes.

⁵⁹ Ibid., p. 43-44.

⁶⁰ VENÂNCIO, 2000, p. 196.

⁶¹ VENÂNCIO, 2000, p. 199.

⁶² RODRIGUES, Marcelo Santos. *Os involuntários da pátria; a Bahia na guerra do Paraguai*. 2001. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

Renato Pinto Venâncio⁶³ chama a atenção para o fato de que os dados sobre recrutamento de meninos incluem crianças não só próximas às fronteiras, mas de províncias mais distantes como Maranhão, Ceará, Bahia e Rio de Janeiro, alistados como grumetes e marinheiros, o que implica em que se reconheça a existência de uma atividade planejada e coordenada de recrutamento de menores.

O emprego de crianças como grumetes em embarcações mercantes ou de guerra decorria do fato de que seu consumo alimentar era bem menor que o de marinheiros adultos; o mando e o desmando sobre elas era menos difícil; cumpriam funções como a limpeza dos espaços, preparo de alimentos, salgar as carnes, cuidar dos animais, além de manusear o arsenal bélico – eram os “porta-cartuchos”, levando, nas embarcações, a carga de projeção e a estopilha para os canhões e outras armas de fogo.⁶⁴

Aí está uma contradição no olhar da sociedade para com a infância. Se a criança era vista como um ser frágil, inacabado, um peso, como poderia servir para tão elaboradas funções? Por sua vez, e em outra perspectiva, de “anjinho” à criança, até completar os sete anos de idade, não lhe era devotada atenção maior; podia ser vista como coisa, bibelô, animal de estimação. Quando de sua morte, naqueles períodos em que a mortalidade infantil chegava a altos índices, em decorrência de vários fatores como maus tratos, má alimentação, condições precárias de higiene, não chegava a fazer falta ou significar uma grande tristeza para uma família; ao contrário, morrer seria uma forma dos pais se sentirem aliviados por terem um anjo nos céus, a seu serviço, intercedendo para a remissão de seus pecados.

No Brasil, essa idéia foi sendo sedimentada pelos ensinamentos dos jesuítas ainda no século XVI, para aliviar, de certa forma, a revolta que, por ventura, os pais indígenas ou colonos tivessem com a catequese realizada pelos homens da Igreja. A esse respeito Gilberto Freyre diz:

Essa mortalidade, tendo também se verificado entre as famílias européias ou de origem européia, a estas se teria comunicado também a alegria, por assim dizer teológica, estimulada pelos padres em torno da morte das crianças. Alegria mórbida, desenvolvida para consolo das mães em épocas de condições as mais anti-higiênicas de vida. Principalmente nas vilas e cidades: dos primeiros séculos coloniais.⁶⁵

Assim, a criança é apresentada, ora o ser puro, ingênuo, o anjo, mensageiro de Deus, ora o indivíduo que carrega a iminente possibilidade do malfeitor, o capeta, aquele que tem que ser enquadrado pelas mais duras punições, até mesmo antes de cometer qualquer ato condenatório.

⁶³ VENÂNCIO, *op. cit.*, p. 207.

⁶⁴ *Ibid.*, p.194.

⁶⁵ FREYRE, 1977, p.68.

Ao final dos seis e início dos sete anos de idade, já se via execrada de muitos espaços da casa, diferentemente de seus irmãos menores, que transitavam de um canto a outro quase sem serem vistos. Nessa faixa etária, a criança, principalmente do sexo masculino, transformava-se aos olhos dos adultos num ser estranho, sem participar das conversas, nem se sentar à mesa para se alimentar junto com os demais. Essa mudança se dava, como explica Gilberto Freyre,⁶⁶ em razão de uma suposta natureza instintiva cheia de pecados, tendente, portanto, à preguiça e à malícia. Escravo, moleque ou branco passavam a ser castigados:

E porque se supunha essa criatura estranha, cheia do instinto de todos os pecados, com a tendência para a preguiça e a malícia, seu corpo era o mais castigado dentro de casa. Depois do corpo do escravo, naturalmente. Depois do corpo do moleque leva-pancada, que às vezes apanhava por ele e pelo menino branco. Mas o menino branco também apanhava. Era castigado pelo pai, pela mãe, pelo avô, pela avó, pelo padrinho, pela madrinha, pelo tio-padrão, pela tia solteirona, pelo padre-mestre, pelo mestre-régio, pelo professor de gramática. Castigado por uma sociedade de adultos em que o domínio sobre o escravo desenvolvia, junto com as responsabilidades de mando absoluto, o gosto de judiar também com o menino.⁶⁷

Esse modelo tão arraigado no engenho estendeu-se a todos os espaços da sociedade brasileira, quando o poder paterno passou a ser exercido por aqueles que estavam à frente da formação do indivíduo. Além de Gilberto Freyre, Aluísio Azevedo⁶⁸ também registra o cotidiano da família patriarcal brasileira no período por nós estudado. Ao apresentar a figura austera do pai e do professor, ele explicita:

Amâncio fora muito mal-educado pelo pai, português antigo e austero, desses que confundem o respeito com o terror. Em pequeno levou muita bordoadas; tinha um medo horroroso de Vasconcelos; fugia dele como de um inimigo, e ficava frio e a tremer quando lhe ouvia a voz ou lhe sentia os passos. Se acaso algumas vezes se mostrava dócil e amoroso, era sempre por conveniência: habituou-se a fingir desde esse tempo.⁶⁹

A criança representada pelo personagem Amâncio, de Aluísio Azevedo, buscou uma alternativa para burlar os maus tratos do pai e, depois, de seu professor:

Aos sete anos entrou para a escola que horror!
O mestre, um tal Antônio Pires, homem Groseiro, bruto, de cabelo duro e olhos de touro, batia nas crianças por gosto, por um hábito do ofício. Na aula só falava a berrar, como se dirigisse uma boiada.⁷⁰

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ Ibid., p. 68.

⁶⁸ AZEVEDO, 1998.

⁶⁹ Ibid., p.23

⁷⁰ Ibid., p. 23.

Esses episódios evidenciam uma pedagogia fundada nos maus tratos, na humilhação. Em vastos registros, quer na documentação oficial das escolas e demais instituições relativas à infância, quer em um número significativo de textos literários, a aplicação desse “modelo corretivo”, em sua grande maioria, tinha o incentivo e a aprovação da família, principalmente da figura paterna.

Vemo-nos então frente à existência das várias crianças: do anjo sem maldade, até findar os seis anos, ao “demônio”, depois de passados os sete anos, quando se transformava em um perigo e devia receber tratamento especial, com o fim de ser enquadrado, para não deixar o mau impregnar seu espírito. Tornava-se o “leva-pancadas”. Das mães, recebia atenção; dos pais, os maus tratos, para torná-lo menino-homem, másculo.

Aluísio Azevedo⁷¹ refere-se ao tratamento recebido pelo primeiro filho do personagem Lourenço, cujo desenvolvimento não atendeu às expectativas paternas. Essa criança, chamada pela mãe de ‘Janjão’, era um tipo feio, de aspecto doentio, um idiota,⁷² porque babava muito e passava os dias numa mesa, sob o olhar vigilante de um “muleque” com a obrigação de estar sempre por perto. Mas o pai, hostil, o queria forte e másculo:

— Os homens é assim que se fazem, minha filha! Dizia ele a rolar o pequeno nas mãos.

E não admitia igualmente que o menino tivesse outra cama que não fosse um enxergão. Não o queria calçado, nem vestido e, e em vez de estar ali a babar-se defronte do moleque, seria melhor que fosse correr para a chácara.

— Ele pode se machucar, Lourenço, cair! Observa a esposa timidamente.

— Pois deixa-o cair! Deixa-o machucar-se! Quanto mais trambolhões levar em pequeno, melhor depois se agüentará nas pernas!

— Mas ele é tão fraquito, coitadinho!

— Por isso mesmo! Por isso mesmo precisamos torná-lo forte! [...] ⁷³

As tentativas não pararam por aí. Já que o menino não conseguiu aprender a nadar, o pai resolveu incentivá-lo comprando-lhe um brinquedo: “E, com muita sutileza, comprou para o filho uma bela pistolinha de brinquedo, que estalava fulminantes, e depois uma outra, mais séria, que admitia carga de pólvora.” ⁷⁴

⁷¹ AZEVEDO, 1998.

⁷² Esse é o perfil que o autor traça para o personagem Janjão.

⁷³ AZEVEDO, 1998, p.61.

⁷⁴ Ibid., p.63.

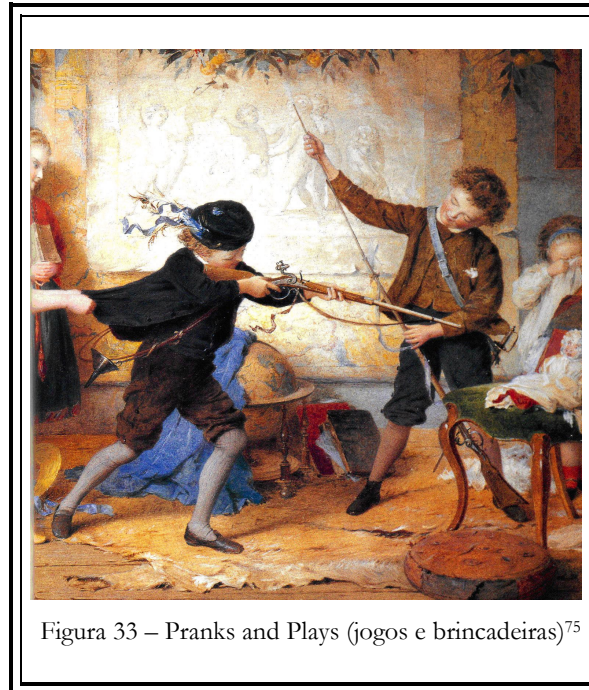


Figura 33 – Pranks and Plays (jogos e brincadeiras)⁷⁵

A figura exposta retrata crianças brincando com armas. Esse tipo de brinquedo foi sempre estimulado pela figura masculina, principalmente o pai, que esperava treinar o menino na atividade da caça, mas também aguçar sua força masculina. Nessa imagem, podemos notar o menino apontando sua espingarda para a boneca, e uma menina, possivelmente a irmã menor, a cobrir os olhos com medo ou talvez chorando diante da cena protagonizada pelos meninos, usando como alvo sua boneca.

No episódio narrado por Aluísio Azevedo, o brinquedo pistola é empregado pelo adulto para moldar o espírito frágil e medroso da criança, o que indica o uso do brinquedo, pelo adulto, na formação da criança, preparando-o para as ações a serem perpetradas pelo futuro adulto. Como o filho não se mostrava inclinado a essa atividade, o pai insistiu na tarefa de modificá-lo a qualquer custo:

Janjão era, porém, cada vez mais refratário a tudo isso. Poderia ficar a um canto da sala, entretido a vestir os seus bonecos ou a fazer de cozinheiro.

[...]

Um dia, o pai, descendo ao quintal, encontrou-o muito empenhado com o moleque a armar um oratório. Iam fazer procissão: o andor e o santo estavam prontos; uma sombrinha, enfeitada de franjas, faria as vezes de pálio.

Lourenço ficou desesperado, e com dois pontapés reduziu tudo aquilo em frangalhos.

— Era o que faltava! - que o basbaque do filho, além de tudo, lhe sáisse carola!

E, quando subiu, disse terminantemente à mulher que não admitia que o filho corrompesse o espírito com patacoadas daquela ordem.

— Se me constar, bradou ele ao pequeno, — que me tornas a fazer igrejinhas, racho-te de meio a meio, pedaço de uma lesma! Ora vamos a ver! Cai noutra, e terá uma sapeca que te deixe a paninhos de sal! Experimente e verá!

⁷⁵ Fonte: CHILDHOOD Anthology of verse and prose. London: Lorenz Books, 1996. p.55.

Ele queria lá filho devoto! Era só o que lhe faltava! Era só! Aquele menino parecia o seu castigo! Parecia a sua maldição!⁷⁶

Podemos extrair desse texto as tensões existentes entre um pai que tem um modelo de filho a formar e quer, a qualquer custo, forjar essa criança, com o uso de maus tratos, com humilhações; a criança, por sua vez, não obstante toda a opressão porque passa para atender às expectativas do pai, resiste a trilhar o caminho a seu modo, construindo-se diferente, a despeito do medo e da criação rígida que lhe são impostos.

Em geral, o adulto não percebe que a criança, apesar de vivenciar seu universo lúdico numa esfera de fantasia e criação, não está alheia ao mundo do adulto, pois dele faz parte efetivamente e, por isso, realiza suas práticas lúdicas com o material que seu meio lhe oferece quer simbólica, quer materialmente.

Uma criança, nesse contexto, considerada um ser frágil, que mal se agüenta em pé, foi também idiotizada pela família, mas, ainda assim, impõe-se, imprimindo sua marca a seu redor. De qualquer modo, era rechaçada do seio da sociedade patriarcal pela figura masculina, com seu poder de mando sobre todos e em todos os lugares. Essas concepções levaram o Estado a institucionalizar a formação das crianças, justificando tal opção por entender que este seria o único caminho para o aprendizado, principalmente da criança com menor recurso.

Constatamos que a criança recebia da sociedade um olhar multifacetado — o da caridade assistencialista e o da moralidade — e era vista como um possível futuro marginal, como um ser inacabado, que poderia ser modelado para ser colocado a serviço da sociedade.

2. CRIANÇAS DOS VÁRIOS BRASIS DO OITOCENTOS

Para identificar os lugares de cada criança no cenário brasileiro do período estudado e possamos compreender a amplitude de seu universo, buscamos aporte em diversos autores que estudam o universo lúdico como, por exemplo, Kishimoto,⁷⁷ que ressalta a importância de estudar os vários fatores que cercam o mundo da criança. Esta autora defende a supremacia dos elementos e valores sócio-culturais sobre as possíveis intervenções psicológicas que implicam na definição de seu lugar num determinado contexto social, na identificação das formas de educação a que foi submetida, nos tipos de relações sociais que mantém. Estes fatores podem levar-nos à compreensão tanto da imagem da criança como a do comportamento para brincar. Kishimoto⁷⁸

⁷⁶ AZEVEDO, 1998, p.63.

⁷⁷ KISHIMOTO, 1993.

⁷⁸ Ibid., p.27.

recomenda que na análise do cotidiano infantil importam as heterogeneidades, os valores hierárquicos que nos dão o sentido de “imagens culturais de cada época”. Essas imagens decorrem de informações, valores, preconceitos advindos do cotidiano e não de concepções psicológicas e científicas.

Consoante essa concepção, compreendemos que é da vida cotidiana de cada sociedade que são extraídos os elementos formadores da cultura lúdica, marcada pelas singularidades de cada contexto sócio-ambiental. Este entendimento permite-nos voltar a Gilberto Freyre⁷⁹ e a sua descrição do cenário nordestino brasileiro, que inclui a criança como personagem coadjuvante. Em suas palavras:

O Nordeste do Massapé, da argilla, do húmus gorduroso é o que pode haver de mais diferente do outro, da terra dura, de areia secca. A terra aqui é pegagenta e mellada. Agarra-se aos homens com modos de garanhonha. Mas ao mesmo tempo parece sentir gosto de ser pisada e ferida pelos pés da gente, pelas patas dos bois e dos cavallos. Deixa-se docemente marcar até pelo pé de um menino que corra brincando, empinando um papagaio; ou até pelas rodas de um cabriolet velho que vá aos solavancos de um engenho de fogo morto a uma estação da Great Wetern.⁸⁰

Neste e em outros comentários, podemos identificar vários elementos que compõem o universo da infância. Primeiro, como o adulto percebe a criança, colocando-a equiparada a um cabriolet⁸¹ e, em muitos casos, aos animais; depois, como aquele que brinca ao empinar papagaio, mas que deixa na terra de massapé suas marcas. A criança não passa incólume nesse cenário. Em outros momentos, na narrativa de Gilberto Freyre, estão ressaltadas questões raciais — como vimos acima —, ou de classe, que podem ser captadas, por exemplo, no trecho a seguir:

Quase não há um rio do Nordeste do cannavial que alguma uzina de ricaço não tenha degradado em mictório. As casas já não dão a frente para a água dos rios: dão-lhe as costas com nojo. Dão-lhe o trazeiro com desdém. As moças e os meninos já não tomam banhos de rio; só banho de mar. Só os moleques e os cavallos se lavam hoje na água suja dos rios.⁸²

Nesse relato, temos a presença de duas crianças, “os meninos” — filhos do senhor —, que recebem tratamento diferenciado dos moleques, equiparados aqui a cavalos. Assim, temos uma imagem do lugar ou dos lugares das crianças na sociedade brasileira do século XIX.

Esse pátio, no interior da casa ou atrás do sobrado, muitas vezes em forma de U, e lembrando um pouco os da Andaluzia, encontra-se ainda nos velhos sobrados grandes das cidades mineiras. E até em algumas casas de engenho do Norte como a de Maçangana, em Pernambuco. Era aí que, entre as flores de um pequeno jardim, as *senhoras*, enclausuradas a maior parte do tempo, costumavam tomar um pouco de ar

⁷⁹ FREYRE, 1937.

⁸⁰ Ibid., p.23.

⁸¹ Espécie de transporte com rodas de madeira puxado por burro.

⁸² FREYRE, 1937, p.61.

fresco, tagarelado com as mucamas, brincando com os papagaios, com os sagüins, com os mulequinhos.⁸³

A urbanização contribuiu para acentuar a definição dos lugares dos indivíduos no *corpus* social, pois dela advém uma outra relação de poder, ainda que continue a primar pelos senhores, os brancos e os homens. Além disso, na cidade, havia uma tendência a desaparecer os lugares de confraternização entre as duas meninices; meninos criados em casa e os moleques na rua.⁸⁴

Essa narrativa nos traz informações importantes do nosso objeto. Ao tratar do lugar da criança, mas, sobretudo, do discurso que revela o olhar do adulto sobre aquelas crianças, podemos entender como a sociedade da época via a criança, mas também como ainda na década de 30 do século XX, autores como Gilberto Freyre, que foi criança no século XIX, reportava-se ao sujeito criança como um *ser menor*.

Numa sociedade permeada por tensões, as crianças não passavam incólumes em seus sentimentos. As práticas lúdicas eram exercidas em momentos raramente permitidos, pois a brincadeira era vista como ócio. Sentimentos como medo, tristeza, revolta, podem ser identificados em muitos relatos, quem sabe extravasados em brincadeiras que podemos qualificar como perversas, como matar passarinho, quebrar telhados, maltratar outras crianças.

Nessa perspectiva, recorremos a Machado de Assis,⁸⁵ que também se preocupou com os diversos tipos humanos que se transformaram em seus inúmeros personagens. Entre março e dezembro de 1880, publicou, na *Revista Brasileira*, capítulos do que viria a se constituir posteriormente nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Nos textos, o autor revela uma prática lúdica realizada pelo menino branco com a participação do menino negro num clima de certa hostilidade.

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — “ai, Nho-nhô!” — ao que eu retorquia — “Cala a boca, besta!” — Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostra do gênio indócil, mas devo crer que eram expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.⁸⁶

⁸³ Idem, 1977, p. 200.

⁸⁴ Idem, 2004, p.xli (prefácio à primeira edição).

⁸⁵ Sobre a relação entre Machado de Assis e a história, ver: CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, o historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁸⁶ ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1998. p. 36.

Em outro texto publicado em 1888, *O Atheneu*, de Raul Pompéia, encontramos a preocupação com a infância e sua ludicidade:

Amarguei por antecipação o adeus às primeiras alegrias; olhei triste os meus brinquedos, antigos já! Os meus queridos pelotões de chumbo! Espécie de museu militar de todas as fardas, de todas as bandeiras, escolhida amostra da força dos estados, em proporções de microscópio, que eu fazia formar a combate como uma ameaça tenebrosa ao equilíbrio do mundo; que eu fazia guerrear em desordenado aperto, — massa tempestuosa das antipatias geográficas, encontro definitivo e ebulição dos seculares ódios de fronteira e de raça, que eu participava por fim, com uma facilidade de concórdia promíscua das caixas de pau [...]⁸⁷

Nesse episódio, verificamos não só a tristeza com que o personagem se despede de sua infância, mas como o universo lúdico masculino é neste período recheado de brinquedos que evocam a força, o domínio sobre os supostamente fracos. Esse sentimento é impulsionado pelos soldados de chumbo, verdadeiros exércitos em miniatura que levam seu possuidor a guerrear por várias questões, inclusive raciais.

Mais adiante, preocupado com as atividades desenvolvidas pelas crianças no Colégio, seja nas atividades de educação, seja nos momentos de descontração, descreveu:

O Negrão, de ventas acesas, lábios inquietos, fisionomia agreste de cabra, camboto e anguloso, incapaz de ficar sentado três minutos, sempre à mesa do professor e sempre enxotado, debulhando um risinho de pouca-vergonha, fazendo agrados ao mestre, chamando-lhe bonzinho, aventurando a todo ensejo uma tentativa de abraço que Mânilio repelia, precavido de confianças; se incomodasse a roupa no corpo, alheio à coisas da aula, como se não tivesse nada com aquilo, espreitando apenas o professor para aproveitar as distrações a ferir a orelha aos vizinhos com uma seta de papel dobrado. Às vezes a seta do bugre ricocheteava até mesa de Mânilio. Sensação; suspendiam-se os trabalho; rigoroso inquérito. Em vão, que os parasitas temiam-no e ele era matreiro e sonso para disfarçar [...]⁸⁸

José Lins do Rego, autor das obras *Menino de Engenho*⁸⁹ e *Doidinho*,⁹⁰ evidenciou aspectos diversificados da sociedade rural brasileira do século XIX, tomando como foco jovens personagens, como descreve em *Doidinho*: “Lembro-me como se fosse hoje da recepção que lhe fizemos, do bom tratamento que lhe demos todos nós. Trazia brinquedos para o colégio; entre eles um trem de correr na linha com uma máquina que trabalhava a álcool.”⁹¹

As atividades das crianças concentravam-se em locais da casa, a depender do tipo da brincadeira, como também do horário do dia.

⁸⁷ POMPEIA, Raul. *O Atheneu*. São Paulo: Ática, 1986. p.14.

⁸⁸ POMPEIA, 1986, p.30.

⁸⁹ REGO, 1988. (primeira edição de 1932).

⁹⁰ REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. (primeira edição de 1933).

⁹¹ *Ibid.*, p. 77.

E eles ficavam do lado de fora conversando:

— Vamos brincar de manja?

E iam para o pátio da casa-grande correr, como meninos que tivessem passado o dia em casa na vadiagem.

Eu não tinha força para nada. Os pés me doíam. As pernas pareciam molambos. Caí na cama como uma pedra.⁹²

Em *Menino de Engenho*, José Lins do Rego,⁹³ retrata a infância vivenciada no Engenho, no período do predomínio da economia agro-açucareira geradora de grandes desigualdades entre os indivíduos, inclusive entre as crianças e suas infâncias. Lins do Rego evidencia as diferenças sociais não só entre os da casa grande e os da senzala, mas também entre aqueles e os trabalhadores rurais considerados homens livres. Essas diferenças estão evidenciadas no relato do autor na obra citada, no episódio em que a tia de Carlinhos sai a passeio pelos arredores do engenho.

As vezes o carro parava para minha tia falar com as comadres, que vinham alegríssimas dar duas palavras com a senhora. E os meninos de camisa comprida tomando a benção à madrinha.

— Deus te abençoe.

E eram mesmo abençoados por Deus, porque não morriam de fome e tinham o sol, a lua, o rio, a chuva e as estrelas para brinquedos que não se quebravam.⁹⁴

Essa narrativa manifesta também as possibilidades da criança realizar práticas lúdicas em condições adversas, pois, mesmo sem recursos materiais para brinquedos, como já foi dito, ela recorre, pela fantasia e pela criatividade, a elementos da natureza como os citados no episódio acima. Assim, ainda hoje podemos ver crianças brincando com as nuvens, às vezes de carneirinho, às vezes de pássaros. Nessa perspectiva, ressaltamos a capacidade da criança de interagir com seu meio para empreender suas práticas lúdicas. Essa busca é citada por José Lins do Rego na voz do menino Carlinhos:

O interessante era que nós, os da casa-grande, andávamos atrás dos moleques. Eles nos dirigiam, mandavam mesmo em todas as nossas brincadeiras, porque sabiam nadar como peixes, andavam a cavalo de todo jeito, matavam pássaros de bodoque, tomavam banho a todas as horas e não pediam ordem para sair para onde quisessem. Tudo eles sabiam fazer melhor do que a gente; soltar papagaio, brincar de pião, jogar castanha. Só não sabiam ler. Mas, isto, para nós, também não parecia grande coisa. Queríamos viver soltos, com o pé no chão e a cabeça no tempo, senhores da liberdade que os moleques gozavam a todas as horas.⁹⁵

Ao retratar o cotidiano do cenário do Engenho açucareiro, José Lins do Rego evidencia o encontro das crianças aí existentes no espaço das práticas lúdicas, onde, além de sua socialização, a criança negra tem aí o lugar para mostrar-se no domínio de habilidades como a de soltar

⁹² Ibid., p.112.

⁹³ Idem, 1988.

⁹⁴ REGO, 1988, p.43-44.

⁹⁵ Ibid., p. 38-39.

papagaio e nadar, por exemplo, que a criança branca não detinha. Assim davam-se as trocas culturais realizadas no que Florestan Fernandes⁹⁶ identifica como o intercâmbio cotidiano, no qual a cultura lúdica se desenvolve e se atualiza.

Esses autores evidenciam, portanto, a atmosfera que envolvia a infância tanto nos colégios como em outras instituições, nas quais muitas crianças sofriam, chegando a adoecer, por falta não só dos cuidados necessários a sua sobrevivência, mas, sobretudo, pela tristeza de terem sua infância tão duramente cerceada. Nas palavras de Gilberto Freyre:

Era a precocidade. Era a opressão da pedagogia sádica, exercendo-se sobre o órfão, sobre o enjeitado, sobre o aluno com pai vivo, mas aliado do mestre, no esforço de oprimir a criança. Todos — o pai e o mestre — inimigos do menino e querendo-o homem o mais breve possível. O próprio menino, inimigo de si mesmo e querendo ver-se homem antes do tempo.⁹⁷

Para livrar-se de todo tipo de opressão, a criança — menino ou menina — vislumbrava um caminho de não permanecer como alvo. Para a maioria das meninas brasileiras, a infância era ainda mais dura. Desde cedo viam-se obrigadas a aprender as prendas domésticas, bordar, costurar fazer doces, seguidos de castigos físicos. Manoel Querino a retrata no cotidiano baiano oitocentista:

Em outras épocas, as distrações familiares não iam além da Roda, Cirandinha, Padre Cura, Senhora Dona Sancha, Canivetinho etc. Era um elemento complementar da educação feminina. Havia antigamente as casas de mestras, onde se ensinavam costuras de todo o gênero, como fossem bordados, rendas de almofada, bordado a ouro, sapatos de lã e muitos outros trabalhos de valor apreciável. Como incentivo da aprendizagem, não faltavam os beliscões, o olhar indicativo do que a mestra desejava, e o célebre limão debaixo do queixo, para que a discípula não distraísse o olhar da costura.⁹⁸

Embora Manoel Querino relate que os rapazes ficavam ociosos, em outros autores, vemos que também o indivíduo do sexo masculino sofreu violências em seu aprendizado.

Segundo Gilberto Freyre,⁹⁹ a menina via-se obrigada a casar muito cedo; uma crença, desde o século XVI, que levava em conta a virgindade como maior valor, quando na faixa etária até os doze anos. No Brasil, a ordem era casar filhas ainda meninas — a idade ideal, doze ou treze anos; passado esse tempo perdiam o “[...] verdor de meninas-moças apreciado pelos maridos de trinta, quarenta anos. Às vezes de cinqüenta, sessenta, e até setenta”.¹⁰⁰

⁹⁶ FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1961.

⁹⁷ FREYRE, 1977, p. 81.

⁹⁸ QUERINO, Manuel. *A Bahia de Otrora*. Salvador: Progresso, 1955. p. 235.

⁹⁹ FREYRE, 1999.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p.429.

Também nas roupas, podemos observar a obediência a padrões da moda das senhoras, que as faziam crescer modeladas para enfrentarem o futuro de mãe de família que lhes aguardava. Seu vestuário foi um dos aspectos que chamou a atenção de muitos cronistas da época. Gilberto Freyre faz referência a um médico de meados do século XIX — Correia de Azevedo —, que considerava a mulher desse período

[...] uma escrava, à qual ainda não chegou, nem chegará tão cedo, o benefício influxo da emancipação. È que nem criatura humana ela era: uma boneca saída das oficinas as mais caprichosas de Paris, traria menos recortes, menos babados, menos guizos, menos fitas e cores do que essa infeliz criança, a quem querem fazer compreender, de tenra idade logo, que a mulher deve ser uma escrava dos vestidos e das exterioridades, para mais facilmente tornar-se do homem a escrava.¹⁰¹

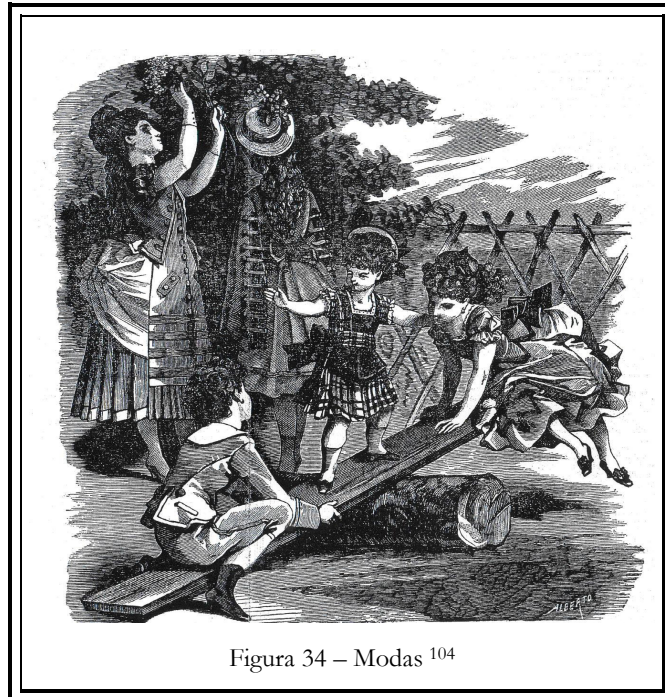
Não só as roupas, os calçados, mas também o comportamento recluso imposto às meninas do Brasil fizeram sofrer a “menina brasileira do sobrado” — “Menina aos onze anos já iaiazinha era, desde idade ainda mais verde, obrigada a ‘bom comportamento’ tão rigoroso que lhe tirava, ainda mais que ao menino, toda a liberdade de brincar, de pular, de saltar, de subir nas mangueiras, de viver no fundo do sítio, de correr no quintal ao ar livre.”¹⁰²

Ainda discutindo a questão da liberdade feminina, Gilberto Freyre acusa a obrigatoriedade em acompanhar a moda da mulher adulta: “Desde os treze anos obrigavam-na a vestir-se como moça, abafada em sedas, babados e rendas; ou a usar decote, para ir ao teatro ou a algum baile. Daí tantas tísicas entre elas; tantas anêmicas; e também [...] tantas mães que morriam de parto.”¹⁰³ A introdução do gosto europeu no Brasil, continua Gilberto Freyre, levando as crianças a se tornarem mártires das modas de vestuário, especialmente as meninas.

¹⁰¹ FREYRE, 1977, p. 117.

¹⁰² Ibid., p. 117.

¹⁰³ Ibid., p. 117.

Figura 34 – Modas ¹⁰⁴

Esta imagem ilustra uma carta com recomendações para a nova moda de vestir em Paris, que deveria ser seguida pela família portuguesa, com indicações específicas para cada idade. A influência européia fez-se presente por longo período, não só por meio dos indivíduos que aqui chegavam para se estabelecer ou apenas para conhecer o Novo Mundo — como os viajantes da época.

O contato fazia-se também pelos jornais, leitura praticamente obrigatória, nas camadas mais abastadas e, sobretudo, pela importação de inúmeros produtos — dos mais simples aos mais sofisticados —, variando de batatas a novos equipamentos lançados no Velho Mundo. Essa influência também alcançou as crianças, com vestes inapropriadas ao clima tropical, influenciando, como sugere Gilberto Freyre, em sua saúde, crescimento físico e higiene.

Mesmo nas condições mais adversas, a criança procurou realizar suas práticas lúdicas tendo ou não o brinquedo pronto, fabricado. Pela imaginação transforma qualquer objeto em suporte lúdico e empreende a brincadeira que, sozinha ou com seus pares, passa a realizar. Aluisio de Azevedo nos apresenta um quadro sugestivo:

De todos os brinquedos o que Amâncio em pequeno mais estimava, era o de “fazer casa”. A casa fazia-se sempre debaixo de uma mesa, com um lençol em volta, figurando paredes. Uma de suas primas, filha do protetor Campos, ou alguma menina que estivesse passando o dia com ele, representava de mulher; Amâncio de marido. A menina ficava debaixo da mesa, enquanto ele andava por fora “ a ganhar a vida” até que se recolhia a casa, levando compras e preparos para o almoço. Amarravam um lenço em uma das pernas da mesa, fingindo rede, e aí metiam uma boneca, que era o filho. Gostava infinitamente dessa brincadeira. ¹⁰⁵

¹⁰⁴ Fonte: Diário Ilustrado, Lisboa, 1874, p.1.

¹⁰⁵ AZEVEDO, 1998, p.57.

Ocorre um diálogo, nessas brincadeiras, com o mundo do adulto na realização do “Jogo Protagonizado”,¹⁰⁶ visto que a prática lúdica é o espaço em que a criança se relaciona com seu mundo e o mundo do adulto. Entre os sujeitos brincantes há uma definição dos papéis masculino e feminino, demonstrando a presença do gênero; no espaço do lúdico, o indivíduo masculino assume a postura que se espera numa sociedade patriarcal: a do provedor; e a menina, a figura da mulher, que ficava em casa a cuidar da prole.

Em Manuel Querino, a criança participa nos folguedos populares juntamente com os adultos, como por exemplo, nos autos natalinos e nos ternos de reis. Assim ilustra o autor, ao relatar festejos realizados no distrito de Itapoan, hoje bairro soteropolitano de Itapoan:

Seguia-se uma criança de dez anos, vestida à pescador com todo os petrechos de indústria, a dansar, ao som de um habanero, com a cadência precisa, fingindo pescar. Ao mesmo tempo entoava esta cantiga:
Sou um pobre pescador
Que ando nas ondas do mar,
Sómente a matar peixinhos
Para as freguezas comprar.
Trago o anzol, trago a linha,
Para o peixinho pegar,
Sou um pobre pescador
Que ando nas ondas do mar.¹⁰⁷

Pelo contexto apresentado, essa criança é do sexo masculino, pois representa um pescador. Após a cantiga, a presença da figura menina é assim registrada:

Segue-se uma pastora, a melhor trajada do terno, ostentando o estandarte, que tem pintado a óleo um pescador na Jangada.
Depois, aparece um grupo de ganhadeiras — seis meninas de oito anos de idade, trajando saia de seda, de cor, enfeitada, chinelinha, rosário de ouro, pulseira, torso feito de um lenço de seda branca, penca de moedas na cintura, com tetéias de prata, argolas de ouro pano da Costa, camisa bordada, anéis nos dedos, enfim no rigor da moda da creoula baiana, em dia de grande gala; pequena gamela na cabeça, dansava ao som de uma música adaptada e do coro, que cantava.¹⁰⁸

Ao retratar o cotidiano da Bahia oitocentista, esse autor registra a presença da criança juntamente com os adultos nas tradições populares; participação importante, porque essas tradições vão alimentar a cultura lúdica e nela permanecer, na longa duração. Assim, é constante elementos de tradições culturais de outrora em brincadeiras infantis, como, por exemplo, o balanço, a brincadeira de roda e ciranda.

Em outro contexto, crianças indígenas brincavam com suportes lúdicos, miniaturas de instrumentos utilizados pelos adultos na caça e na pesca. No contato com o europeu, também a

¹⁰⁶ O conceito de *Jogo Protagonizado*, formulado por Daniel Elkonin, foi discutido no Capítulo 1 desta tese.

¹⁰⁷ QUERINO, 1955, p.41.

¹⁰⁸ QUERINO, 1955, p. 41.

criança indígena passava a adquirir suportes lúdicos fora de sua cultura, como relatam Spix e Martius em sua passagem por Vila Rica, em Minas Gerais, aldeia dos Coroados, presenteando um grupo desses índios com diversos objetos, incluindo brinquedos.

Demos-lhes alfinetes, fitas, soldadinhos e cavaleiros de chumbo, etc. Elas amarravam esses brinquedos em volta do pescoço. Nesta oportunidade, lastimamos a ingenuidade dessa gente. Depois de haverem recebido esses presentes com olhares ávidos e longamente os contemplado, apalpam a cabeça, a boca, os pés dos cavalos e dos soldados de chumbo, e parecia que tentavam pouco a pouco convencer-se, examinando e apalpando-os de novo, se existiam realmente ou se eram imaginários.¹⁰⁹

Num grupo em que adultos e crianças estejam constantemente juntos é de se concluir que a criança tenha uma participação importante nas atividades, especialmente entre os indígenas, entre os quais, em geral, os adultos não deixam suas crianças sozinhas nas cabanas, tabas ou ocas. Nesse episódio, tanto os adultos como as crianças ficaram embevecidos com os brinquedos e demais objetos. De acordo com a documentação analisada, a criança brasileira passou um longo período sem ter fácil acesso a brinquedos produzidos pela indústria nacional, pois, até os finais do século XIX, só havia pequenas manufaturas que produziam vários artefatos.

Heloisa Barbuy, ao estudar a cidade de São Paulo como uma grande exposição, e ao analisar a documentação sobre seu comércio, localização de lojas, bazares, hotéis dentre outros estabelecimentos, identifica uma empresa que produzia, entre outras coisas, brinquedos. Diz a autora:

No n. 87, com fundos para a rua Líbero Badaró, n.107, Alcides H. Pertica inaugurou, em 1º de janeiro de 1901, o Grand Bazar Parisien. Tinha fabricação própria de biscoitos, manequins, brinquedos e carrinhos de bebê. Constou como única fábrica de brinquedos quinquilharias do Estado de São Paulo, no recenseamento de 1901.¹¹⁰

A autora afirma, ainda, que este estabelecimento também importava um número diversificado de produtos estrangeiros. Assim, de acordo com os dados obtidos em documentação escassa sobre o assunto produção nacional de brinquedos, podemos inferir que o cenário industrial brasileiro contou, pela primeira vez, com um produto nacional na década de trinta do século XX, como informa Heloisa Barbuy: “Quando, em 1937, inaugurou-se a primeira fábrica de brinquedos no Brasil — a manufatura de Brinquedos Estrela — o modelo estrangeiro já estava estabelecido como padrão industrial.”¹¹¹ Em compensação, o mercado de brinquedos importados foi bastante movimentado nesse período, como poderá ser constado no Capítulo 3 desta tese.

¹⁰⁹ SPIX; MARTIUS, 1981, p.228.

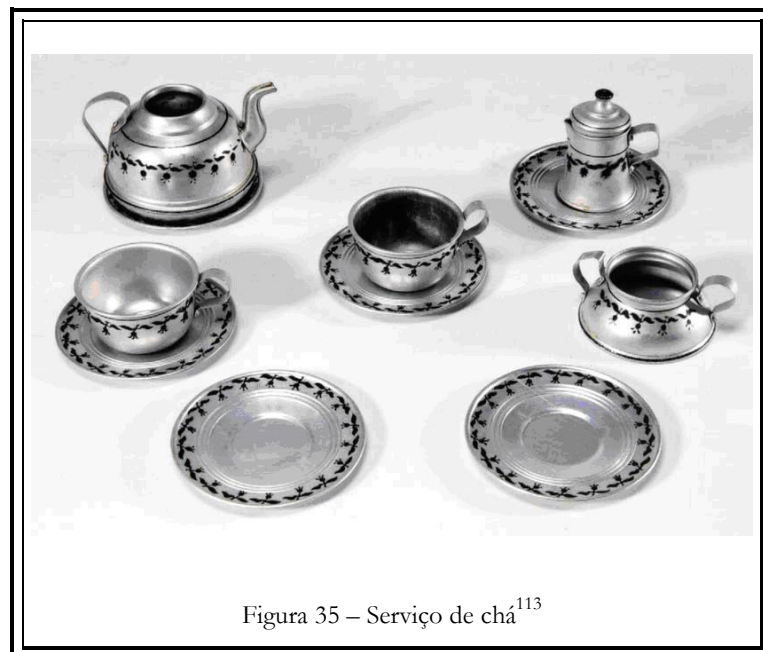
¹¹⁰ BARBUY, Heloisa. *A cidade - Exposição comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: EDUSP, 2006. p. 162.

¹¹¹ BARBUY, 2000, p.49-52.

No processo de definição do gênero, os elementos de dominação se internalizavam sutilmente, resultando na formação do *corpus* da identidade feminina e masculina. Os suportes lúdicos destinados à menina eram diferenciados daqueles do universo do sexo masculino: as primeiras estavam, em sua maioria, restritas ao mundo doméstico. A esse respeito Heloisa Barbuy afirma:

Para elas, as atividades domésticas se exercitaram nos conjuntos de fogõezinhos, panelinhas, louças em miniatura; maquininhas de costura e ferrinhos de passar; pequenas mobílias, casinhas inteiras, o mundo doméstico, enfim, povoado de bonecas e bebês.¹¹²

A figura a seguir ilustra o que diz a autora citada. É interessante atentar para o critério técnico e artístico observado na produção das peças que preenchem os vários espaços do universo lúdico, contribuindo para a criança vivenciar a sua prática lúdica no clima sério do jogo.



Podemos afirmar que esse processo é ainda mais sutil, porque toca o nível do subjetivo, operando com base na introjeção de signos comportamentais que imprimem uma espécie de colorido ao cotidiano feminino. Assim, a menina, sempre a brincar de casinha, de “mãe”, cuidando do bebê, ia aprendendo a assumir seu “papel social”. Vemos, nas imagens a seguir, o cuidado técnico com todas as peças, desde as utilitárias até os acessórios.

¹¹² Ibid., p.51.

¹¹³ Fonte: Museu Paulista. Fotografia de Rosana Gimenes.



Figura 36 – utensílios e acessórios do universo das bonecas¹¹⁴

Quanto aos meninos, costumavam desenvolver suas práticas lúdicas, exercitando sua masculinidade, por meio de instrumentos lúdicos como soldados, bola, cavalos, entre outros. Os brinquedos dos meninos, representados nos suportes lúdicos específicos para meninos, simbolizam, em geral, o domínio da força. Heloisa Barbuy comenta:

Para eles, máquinas, veículos, revólveres de brinquedos. Bonecos, somente cowboys, soldados e afins. A sensação de atuação sobre o mundo e a compreensão dos modos de funcionamento de máquinas moldavam o homem de ação, pronto para trabalhos de inteligência e enfrentamento.¹¹⁵



Figura 37 - Caldeira industrial de brinquedo¹¹⁶

¹¹⁴ Fonte: Museu Paulista. Fotografia de Rosana Gimenes.

¹¹⁵ BARBUY, 2000, p.51.

¹¹⁶ Fonte: Acervo do Museu Paulista/USP, S/RG. Fotografia de Rosana Gimenes. Provavelmente parte de brinquedo de metal com outras peças. Produzido na Alemanha, aproximadamente em 1890. Fabricante Märklin.

Essa caldeira, por ser reprodução de uma peça industrial, pertenceria ao universo lúdico do menino, já que naquele período, desde a infância, os espaços eram devidamente marcados, e as crianças eram vigiadas para não ultrapassar os limites definidos pela sociedade.

No Museu Henriqueta Catarino, pudemos contar com uma pequena coleção de bonecas do século XIX, peças do vestuário e algumas peças do mobiliário para bonecas. Esse acervo permitiu-nos o acesso não só aos produtos discriminados na documentação da alfândega, como também àqueles divulgados nos jornais e almanaques.

Assim, pelo cruzamento das informações, podemos afirmar a existência de algumas marcas de bonecas daquele período que se constituíram em suporte lúdico das meninas baianas. São elas: Armand Marseil, Steiner, Bebê Bru da Jumeau.¹¹⁷



¹¹⁷ O Bebê Bru Brevete foi a primeira boneca registrada com a marca Bru (1878), do fabricante francês Leon Casimir Bru. Cf. BLUMBERG, André. *História das bonecas de porcelana*. São Paulo: Planeta, 2001. p.13.

¹¹⁸ Fonte: Acervo do Instituto Feminino da Bahia (Boneca n.7).

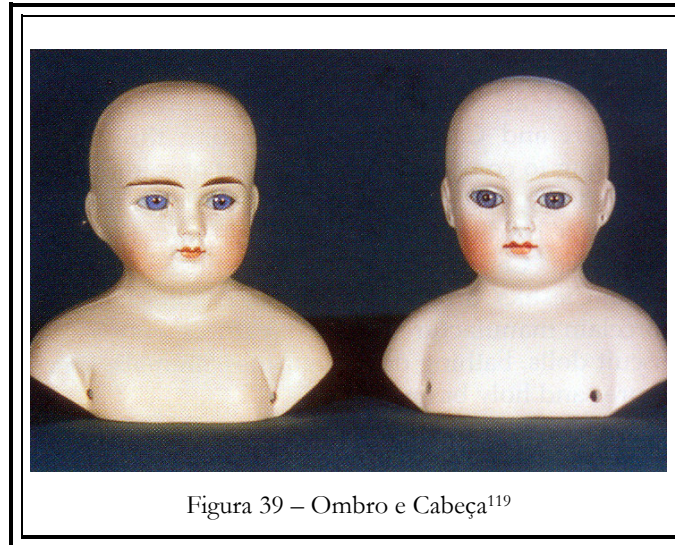


Figura 39 – Ombro e Cabeça¹¹⁹

A figura ilustra um outro formato de construção da boneca, com cabeça seguida de busto. Essas partes eram confeccionadas em biscuit prensado. Na seqüência de sua montagem, recebia o corpo geralmente com enchimento de fibras macias, algodão ou lã com revestimento em tecido simples, flanelado e, às vezes, pelica.

Para completar a peça vemos os modelos de braços e pernas de tamanhos diversos para serem afixados de acordo com a proporcionalidade do corpo e da cabeça. Essa variedade de tamanho das peças é ilustrativa dos diversos modelos de bonecas e confirma que estas não se constituíam em produtos padronizados em um único modelo, ainda que manifeste certa desproporcionalidade entre as partes constitutivas do corpo.

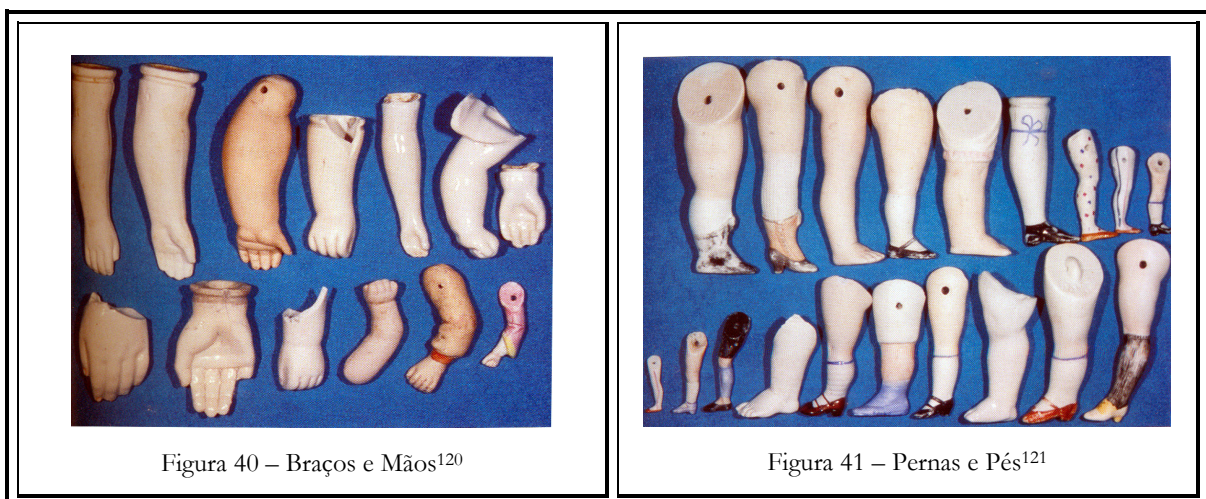


Figura 40 – Braços e Mãos¹²⁰

Figura 41 – Pernas e Pés¹²¹

¹¹⁹ Fonte: KROMBHOLZ,2002, p. 77.

¹²⁰ Fonte: KROMBHOLZ,2002, p. 29.

¹²¹ Fonte: KROMBHOLZ, 2002, p. 29.

As imagens a seguir, permitem-nos certificar a origem da peça pelo detalhe do tipo das pernas em biscuit pintado e presas ao corpo por fio elástico para dar mobilidade, assim também acontece com os braços. Por essas características, podemos inferir que se trata de uma boneca fabricada por A.W. Kister.¹²²



Figura 42 – Boneca De Biscuit¹²³



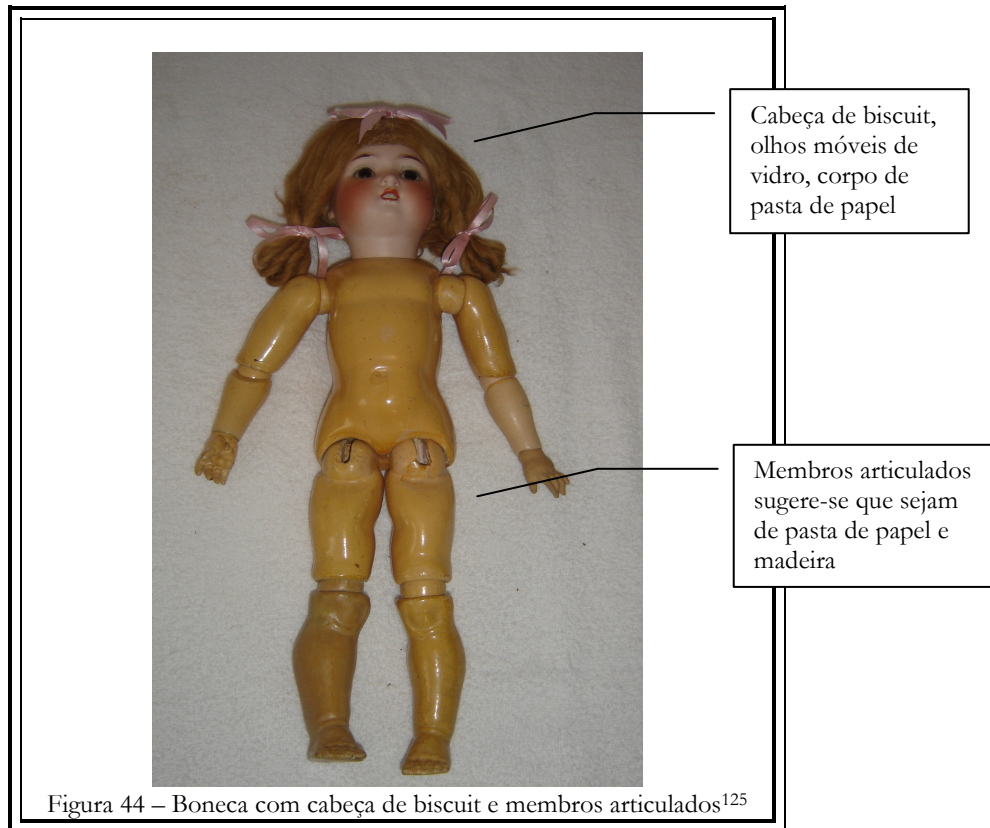
Figura 43 – Pernas da boneca de biscuit¹²⁴

É interessante verificar que as peças encontradas nas coleções dos museus pesquisados, tanto no Brasil como na Europa, têm a mesma origem e marcas presentes nas descrições dos documentos da Alfândega, manifestos e notas fiscais, anúncios dos jornais, almanaques e bibliografia.

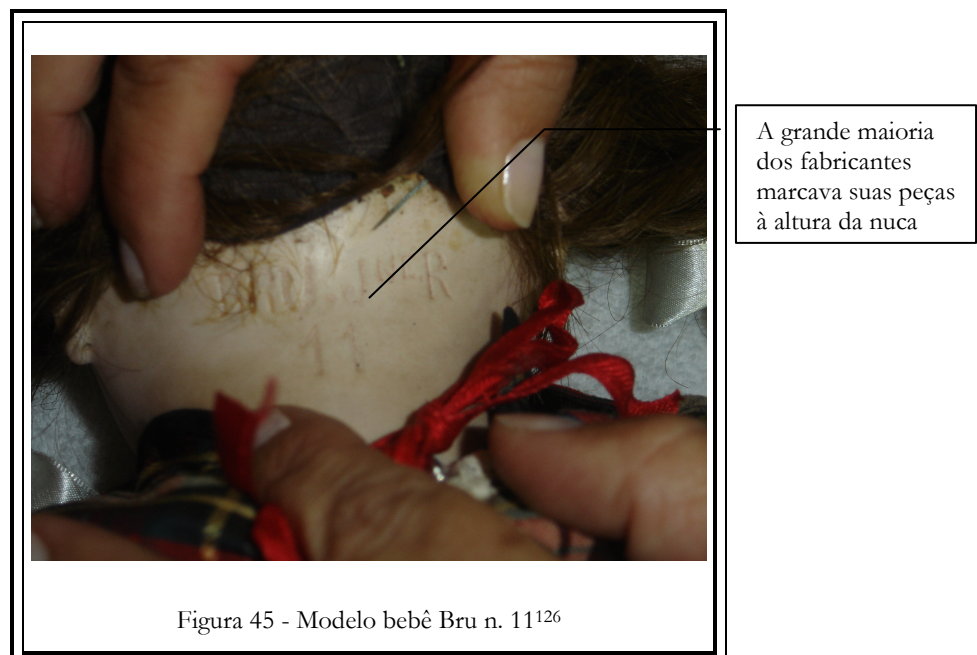
¹²² Sobre as bonecas deste fabricante, ver KROMBHOLZ, Mary Gorham. *German Porcelain Dolls 1836-2002*. Grantsville, Maryland-USA: Hobby House, 2002, p.29b. A boneca é de fabricação da região da Turungia-Alemanha tendo sido fabricada por A.W.Fr.Kister do período correspondente a meados do século XIX

¹²³ Fonte: Acervo do Museu Henriqueta Catarino.

¹²⁴ Fonte: Acervo do Museu Henriqueta Catarino.

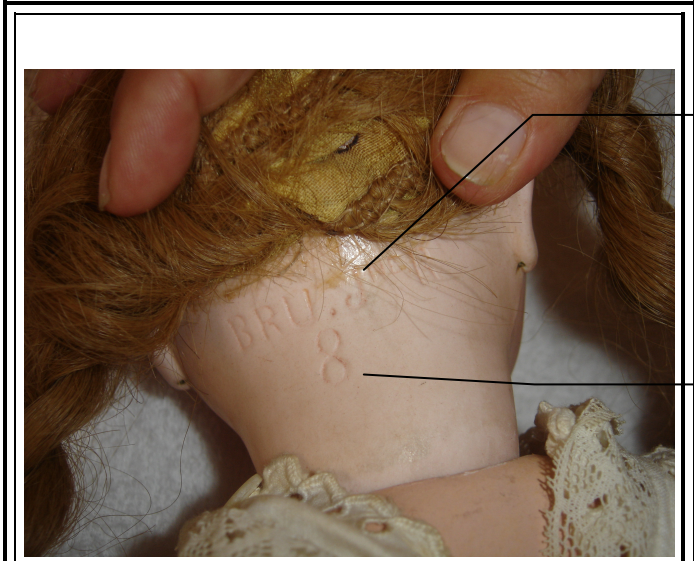


As características e as inscrições geralmente gravadas na nuca permitem identificar o fabricante da boneca. Nos casos mostrados a seguir, o primeiro é um exemplar da Henriche Llandverchs – Simon Halbig; o segundo da Jumeau.



¹²⁵ Fonte: Instituto Feminino da Bahia

¹²⁶ Fonte: Instituto Feminino da Bahia.



Essa marca além de identificar o fabricante da cabeça informa o modelo.

Bru número 8
Fabricada pela Jumeau

Figura 46 – Modelo bebê Bru¹²⁷

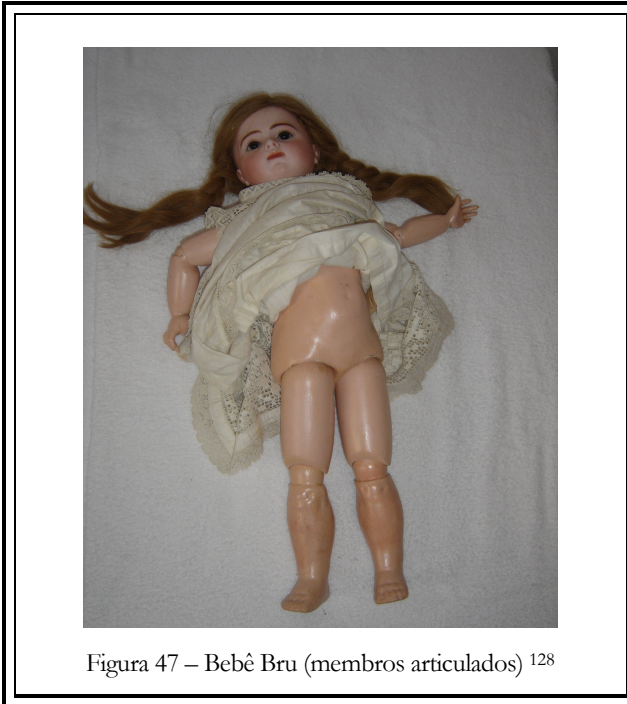


Figura 47 – Bebê Bru (membros articulados) ¹²⁸



Figura 48 – Bebê Bru¹²⁹

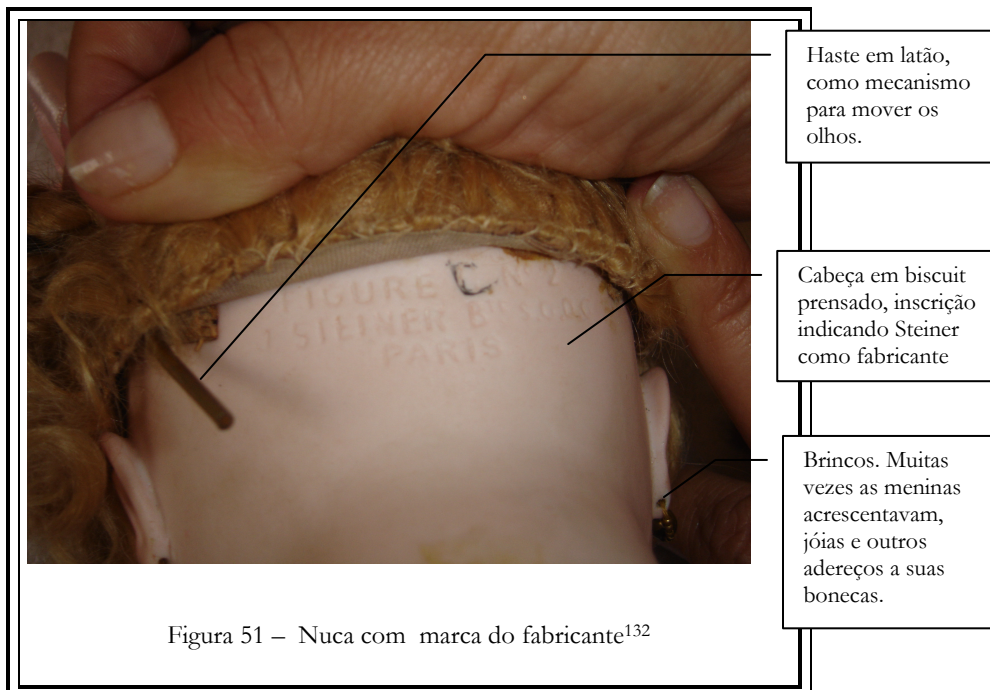
Pelas inscrições na nuca, materiais com que foram confeccionados cabeça, corpo e membros, podemos inferir sua data de fabricação, origem e fabricante. Neste caso, é uma peça Bebê Bru da Jumeau com cabeça de porcelana, olhos móveis de vidro, corpo em pasta de papel e membros articulados; mantém cabelo original, porém suas vestes denotam

¹²⁷ Fonte: Acervo do Museu Henriqueta Catarino.

¹²⁸ Fonte: Acervo do Museu Henriqueta Catarino.

¹²⁹ Fonte: Acervo do Museu Henriqueta Catarino.

não corresponder às originais, dada a modelagem e materiais empregados.



¹³⁰ Fonte: Acervo do Museu Henriqueta Catarino.

¹³¹ Fonte: Acervo do Museu Henriqueta Catarino.

¹³² Fonte: Acervo do Museu Henriqueta Catarino.

Temos, nestes exemplares, mais uma evidência da presença do brinquedo importado no mercado brasileiro.



Figura 52 – Rosto de boneca de pano¹³³



Figura 53 – Boneca de pano¹³⁴

Boneca de pano, com enchimento de fios de algodão cru, costurada à mão. Os olhos são de vidro, com cílios costurados com linha na cor preta; argola de ouro com esmalte verde.

A cabeleira original era de cabelo artificial de fibras. O detalhamento das linhas do corpo evidencia as curvas e as partes protuberantes, como nariz seios e nádegas, unhas postiças de escama de peixe.

Dimensão 0, 15 m de altura.

Pertenceu à filha da mucama de D. Julieta Doria, nascida em 1910, avó da proprietária, o que determina a datação desta peça do final do século XIX.



Figura 54 – Boneca de pano (costas)¹³⁵

¹³³ Fonte: Rita de Cássia Doria (proprietária).

¹³⁴ Fonte: Rita de Cássia Doria (proprietária).

¹³⁵ Fonte: Rita de Cássia Doria (proprietária).

Pela feitura da peça, podemos verificar que as meninas com menor poder aquisitivo não deixaram de ter e/ou fabricar sua boneca com maior ou menor requinte, atendendo à mesma finalidade de suporte lúdico.

Para ampliar o escopo do universo lúdico, realizamos estudo na capital maranhense. A pesquisa realizou-se nas instituições a saber: Biblioteca do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, Biblioteca Pública Benedito Leite, Biblioteca do Museu de Artes Visuais Museu Histórico e Artístico do Maranhão e o Antiquário de Francisco Lobão Malta. Encontramos neste último duas bonecas produzidas na Alemanha, no século XIX.

- a) boneca com cabeça de porcelana, cabelo loiro liso, olhos de vidro cinza-esverdeados, chapéu de palha com decoração floral, meias brancas 3/4, com vestido branco com um broche azul; na nuca a inscrição ARMAND MARSEILLE – 390\A18M\ BUDWEISER, indicando o fabricante e o modelo;
- b) boneca com cabeça de porcelana, cabelo loiro liso, olhos de vidro azuis; usa uma boina em tecido aveludado na cor vinho, com vestido branco floral; na nuca, consta a inscrição 11111 cl\1349 Sa. II\14.

Muitos outros brinquedos foram identificados, mas a imprecisão de sua data de fabricação, bem como a ausência de sua origem, não permitiu sua incorporação ao nosso trabalho. Do que foi investigado, podemos inferir que a infância no Maranhão, mesmo com suas peculiaridades históricas, não escapou da influência da cultura lúdica européia, no caso das bonecas da Alemanha, reforçando o entendimento de que esse país foi um grande centro produtor e exportador de bonecas para o Brasil no século XIX.

O mercado de brinquedos, portanto, contribui para a formação de determinado padrão comportamental de meninos e meninas, como verificamos nas peças do universo feminino — bonecas que compõem o acervo do Museu Paulista. Essas peças indicam o cuidado dos fabricantes na confecção dos brinquedos. O conjunto de utensílios para cozinha é uma reprodução exata de um conjunto para uma dona de casa adulta, inclusive com a inscrição indicativa da destinação de cada peça — sal, açúcar e demais mantimentos — como também a concha e as travessas com a imagem de uma lagosta em técnica de repuxo.

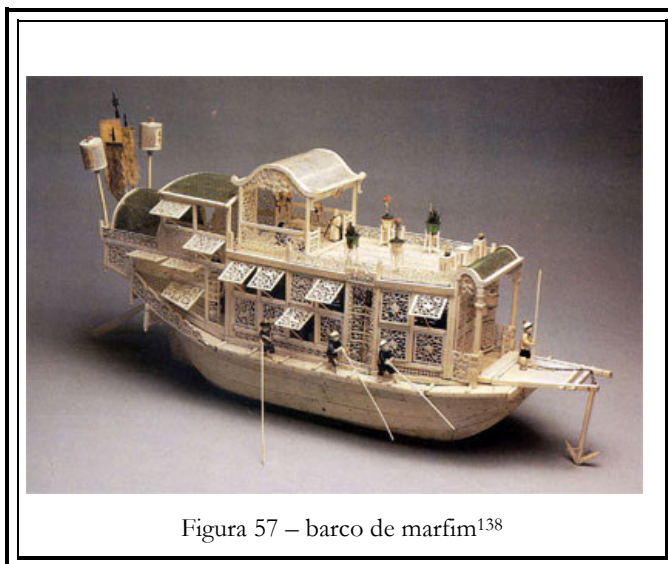


O faqueiro ilustra o requinte do universo lúdico das meninas de famílias abastadas, demonstrando que desde cedo a futura mulher já teria acesso a equipamentos domésticos que seriam apresentados nos eventos sociais, quando a senhora deveria demonstrar competência para organizá-los e receber os convidados.

¹³⁶ Fonte: Acervo do Museu Paulista/USP, S/RG. Fotografia de Rosana Gimenes.

¹³⁷ Fonte: Acervo Museu Paulista. Fotografia de Rosana Gimenes. Caixa de papelão contendo faqueiro em alumínio de fabricação alemã.

Da nobreza brasileira, localizamos o brinquedo de propriedade do Príncipe Pedro de Alcântara. A embarcação, confeccionada em marfim entalhado, possuía mecanismos de movimento. Segundo informação da documentação do Museu Histórico Nacional, o brinquedo tem procedência chinesa e foi encomendado especialmente para o infante.



Encontramos ainda, no acervo do Museu Histórico Nacional, o jogo de xadrez que poderá ter sido de propriedade e uso de D. Pedro I, como indica a inscrição gravada com suas iniciais. O tabuleiro é confeccionado em marchetaria, técnica decorativa aplicada em objetos de madeira, com recortes e encaixes de tipos e cores de diferentes madeiras.



¹³⁸ Fonte: MHN, 2007. Esta peça é um brinquedo de corda que representa um palácio flutuante. Pertenceu ao infante D. Pedro I.

¹³⁹ Fonte: MHN, 2007.

A sociedade em geral tinha acesso ao jogo de xadrez, mediante a compra nas lojas e em outros materiais e técnicas mais simplificadas. Esse jogo, considerado de salão, era muito apreciado por pessoas de diversas faixas etárias.

Após análise da documentação, verificamos que o mercado de sonhos e fantasia, com um volume substancial de produtos com preços e materiais diferenciados, possibilitou às crianças de camadas sociais distintas o acesso aos suportes lúdicos estrangeiros.

Os anúncios dos jornais e almanaques comprovam o apelo dos comerciantes para a divulgação de suas mercadorias para o público infantil. O transporte marítimo, principalmente com embarcações de médio e grande porte, possibilitou a entrada dos mais simples aos mais sofisticados brinquedos estrangeiros nos portos brasileiros.

Um outro ponto a ser destacado é que a moda, o gosto e os costumes europeus chegaram ao mundo da infância por meio de elementos do universo lúdico, com os brinquedos delineando papéis para o ser criança.

Uma atividade apreciada tanto pelos adultos como pelas crianças era contar e ouvir estórias. Nessa ação, a criança participava do imaginário de povos africanos, principalmente meninos e meninas brancas, por meio de suas mucamas e amas de leite, e também passavam a ter os primeiros contatos com o medo dos seres que fazem parte do nosso folclore hoje. Abusões e assombrações mais comuns nessas estórias:

- Alma penada
- Bruxas
- Caipora
- Papa figo
- Bicho carrapato
- Burra de padre
- Lobisomem
- Saci-pererê
- Boi da cara preta
- Cabra-cabriola
- Mula sem cabeça
- Bicho papão

Nos quadros apresentados na seqüência estão expostas as atividades lúdicas e os suportes lúdicos encontrados nos registros documentais estudados, tomando como referência a classificação realizada por Amado,¹⁴⁰ visto que esta se aproxima do universo lúdico luso-brasileiro.

¹⁴⁰ AMADO, João. *Universo dos brinquedos populares*. Coimbra: Quarteto, 2002.

QUADRO 4 – BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS REALIZADOS POR MENINOS

Brinquedo	Brincadeira	Suporte material	Categoria
Gaita de canudo de mamão	Tocar	Talo da folha do mamoeiro	Sonoro e musical
Matraca	Fazer barulho	Madeira e cordão	
Berra-boi	Fazer barulho	Madeira, papel e cordão	
Estilingue ou bodoque	Matar passarinho, derrubar frutas, sujar roupas no varal	Pedra, bola de gude, bola de barro molhado	Arma
Xadrez	Jogar	Madeira marfim etc.	Materiais de jogos infantis
Pião		Madeira e cordão	
Pau de sebo	Subir em pau de sebo	Tronco de madeira encerada, brindes	Fantasia
Soldadinho de chumbo	Artilharia, exército, guerra, combate, batalha	Chumbo, papel, flandre	Bonecos e acessórios
Bonecos	Fazendeiro, boiadeiro	Sabugo de milho, graveto	
Trenzinho	Transportar areia, folhas, carga	Industrializado, cadeiras, latas, caixas...	Transporte
Carro de cabra	Carro de boi	Miniatura de carro de boi	
Carneiro mocho	Montar carneiro	Outra criança e pequena vara	
Barquinho	Brincar na enxurrada	Industrializados, casca de árvores, papel	
Carrinho de lata	Carrinho	Lata de conserva	

QUADRO 5 – BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS REALIZADOS POR MENINAS

Brinquedo	Brincadeira	Suporte material	Categoria
Casinha	Brincar de casinha	Utensílios, caixas, casca de frutas, semente	Miniaturas de utensílios domésticos
Batizado	Batizado de boneca	Bonecas, flores e outras crianças	
Cozinhado	Fazer comidinha	Folhas e alguns alimentos	Culinária infantil
História	Contar história		Falado
Ciranda, roda	Roda	Crianças	Cantado
Chicotinho queimado	Chicotinho	Criança, pedaço de madeira ou couro	
Balanço			Transporte
Capitão, cinco Marias Cabra cega		Pedras, sementes, saquinhos de areia	Jogos infantis
Corde	Pular corda		

Neste capítulo, pudemos constatar a riqueza do universo lúdico brasileiro e a intensa dinâmica cultural existente entre as diversas crianças, com a identificação de brinquedos importados e sua resignificação e interação com outros suportes lúdicos produzidos pelas próprias crianças no contexto do universo da família patriarcal.

CONCLUSÃO

Nesta tese discuti a infância e seu universo lúdico circunscrito ao contexto do Brasil oitocentista. Procurei identificar as várias infâncias, para desenhar o perfil da criança situada em cada contexto. Para tanto, recorri a fontes de diversas naturezas, bem como ao aporte teórico de áreas distintas como, por exemplo, a Museologia, para dar o tratamento adequado ao estudo da memória, bem como aos registros presentes na cultura material de acervos dos museus pesquisados. O estudo de textos da Psicologia também foram importantes para a compreensão do indivíduo e do sujeito criança. A Antropologia somada à Sociologia foram significativas para circunscrever a criança em seu *locus* social e possibilitar seu entendimento como sujeito produtor de cultura. Por fim, a História Social conduziu e deu forma à costura do texto final desta tese.

Muito do que foi examinado sobre a relação sociedade e infância fundamentou o meu olhar, a exemplo das discussões travadas por Rogério Fernandes, que, apoiado em exaustivo levantamento documental, fez uma retrospectiva do olhar da sociedade portuguesa sobre a criança. Também o estudo desenvolvido por Antonio Marcos Chaves sobre a criança no Brasil do século XIX ao início do XX, que realiza um mapeamento das várias crianças e expõe o conceito de criança para a sociedade brasileira do referido período. Em outra linha, os trabalhos de Natália F. Soares, José Sarmiento e Sonia Kramer propõem uma sociologia da infância, para que esta fase da vida humana seja compreendida nas especificidades de cada contexto social.

A respeito das teorias do jogo e da brincadeira, busquei em Huizinga, Bejamim, Winicott, Elkonin, Piaget e Kishimoto o embasamento que me conduzisse na elucidação das questões tratadas ao longo do texto. Manson, Brougère, João Amado e Tizuko Kishimoto nortearam a discussão relativa às questões materiais do brinquedo e demais suportes lúdicos.

A escolha dos textos biográficos e autobiográficos de quatro mulheres e um homem decorreu da preocupação de mapear a infância e sua ludicidade no contexto rural e urbano, identificando as interfaces nas práticas lúdicas realizadas por crianças nos diversos cenários, pois, pela memória, é possível identificar não só as nuances da dinâmica da cultura lúdica, como também como a criança, enquanto sujeito brincante, utiliza-se do espaço das práticas lúdicas como *locus* de relações sociais entre seus pares e os adultos.

Dos registros de memória destaco o tempo da infância como um momento significativo e de alegria, mesmo que tenha sido permeado por punição, castigos e humilhações, denotando violência física e psicológica. Esta ocorrência está presente por todo o texto, como um fantasma a rondar a infância da criança. Embora ela se apresente com muita constância, optei por não

tratá-la mais profundamente aqui, deixando para outros pesquisadores o desvelar dessa dolorida questão.

Na busca de traçar o percurso do brinquedo manufaturado, desde sua fonte produtora até seu consumidor final, necessitei aportar em várias fontes. Inicialmente, na documentação da Seção Alfandegária do APEB, quando me debrucei sobre os manifestos, livros de entrada e saída de importação e as Notas de Despacho de Importação. Em seguida, recorri aos anúncios das casas comerciais, que indicavam a presença desses produtos para a venda, chamando a atenção para a origem estrangeira de seus afamados produtores. Nesse ponto, comecei a estudar algumas fábricas de bonecas, sobretudo alemãs, e alguns outros brinquedos, como os autômatos franceses, que chegavam, numa única peça, a envolver a tecnologia desenvolvida em três diferentes países.

O interessante é que os anúncios evidenciavam a presença de brinquedos em meio a tantos outros produtos distintos, característica dos estabelecimentos do período. Esse conjunto de documentos levou-me a entender as rotas comerciais desses produtos desde seu porto de origem, seu embarque e desembarque em Lisboa para seguir para o Brasil como mercadoria re-exportada. Quando aqui chegavam, após serem alfandegados, eram noticiados e encaminhados, para que, enfim, chegassem aos diversos locais do país, por vários meios de transporte: terrestres, fluviais e marítimos.

Nas fontes portuguesas pesquisadas nas várias instituições, pude verificar a escassez desse produto para a venda ao Brasil e a outras nações, o que me levou a inferir que a falta do brinquedo produzido em Portugal, nos acervos dos museus brasileiros, deve-se a uma escassa produção.

Um outro ponto que se destacou foi a presença dos produtos alemães, vindos diretamente do porto hamburguês. A documentação referida levou-me a constatar que o brinquedo alemão fez-se presente no grande volume de mercadorias oriundos dessa nação. A migração alemã para o Brasil, principalmente, a Bahia, foi verificada por sua presença marcante no setor de serviços, como é o caso dos bancos e outros estabelecimentos. Inclusive o primeiro consulado alemão foi instalado nessa Província.

Após a identificação dos caminhos percorridos pelo brinquedo, restou-me buscar na história a materialidade da infância e sua ludicidade. Pela literatura e pela iconografia, pude identificar não só a multiplicidade da infância, como também a presença das várias crianças que compuseram, com sua produção lúdica, o tecido da cultura do Brasil oitocentista.

Ressalto que essas crianças se fizeram presentes no exercício de seus jogos, brinquedos e brincadeiras, quando se utilizavam da linguagem lúdica para empreender o diálogo com seu

mundo e com o mundo do adulto. Mesmo quando estavam absortas na fantasia da ludicidade, elas não se encontravam alheias a sua realidade, mas apenas evadiam-se da realidade circundante para, em seguida, situarem-se e marcarem distintamente meninos e meninas, sinhozinhos e sinhazinhas, moleques e molecas, curumins e/ou pequenos portugueses, para além de seu universo lúdico, seu espaço de sujeito que interage e produz história e cultura no contexto do seu grupo social.

Este estudo levou-me também a perceber que a criança, exceto quando se encontra enferma, empreende sua prática lúdica mesmo sem ter as condições materiais para isso. Os memorialistas revelaram a capacidade de suas crianças de brincar, umas com gravetos, outras, como o menino Graciliano, com pilhas de milho e uma arrumação de cadeiras, outras, como Morley e seus irmãos, para os quais bastava um pedaço de couro para brincarem de descer a ribanceira e, ainda, os banhos de rio com o jogo de capitão, realizados por Carlinhos.

Em Menino de Engenho, os moleques do engenho do avô de Carlinhos eram companheiros de traquinagens. A diferença entre as classes fazia-se presente, mas, no momento da brincadeira, o que valia era o que cada tinha como conhecimento e habilidade para fazer essa ou aquela brincadeira. O gênero era bem definido: brincadeiras só de meninos e brincadeiras só de meninas. Meninos brincavam com armas, matavam passarinho para não se tornarem mofinos, medrosos; meninas brincavam de boneca, casinha para se tornarem, no futuro, boas mães de família e donas de casa.

Os caminhos trilhados para a realização da pesquisa dada a conhecer nesta tese, levaram-me a trabalhar com fontes, como as iconográficas, as propagandas em jornais e a literatura, que, a despeito de serem consideradas recursos periféricos, se revelaram muito significativas para este trabalho, servindo como fios condutores para que se estabelecesse o diálogo entre as demais fontes e fosse possível a própria interlocução entre os autores estudados. Cada uma, a seu modo, teve um papel significativo na construção deste trabalho.

Desta forma, encerro este texto não com um ponto final, mas com um ponto de seguimento. Neste momento, muitas inquietações foram resolvidas, mas, ao mesmo tempo, outras principiam a se insinuar em minha mente, como sacis e caiporas que teimam em brincar de esconde-esconde com o sujeito brincante que sou.

LISTA DE FONTES E INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

ARQUIVOS

BRASIL

BAHIA

Arquivo Público do Estado da Bahia – APEBA

Seção Colonial e Provincial

Documentos

MAÇO 1547
CONTRATOS E NOSTAS FISCAIS Praça (Casa) do Comércio 1819-1858.
MAÇO 1575
ASSOCIAÇÕES Associação do Artificies, calafates e Carpinteiros criada em 3 de março de 1860, na Rua do Passo n.º 16.
SOCIEDADE COMÉRCIO Sociedade Beneficência Caixerai – 1889. Sociedade Democrática classe Caixerai – 1877-1878. Sociedade do Artificies – 1852-1862. Sociedade de Artes e Ofícios da Bahia – 1872.
MAÇO 1576
SOCIEDADE Sociedade Comércio, localizado o Balanço geral dos meses correntes da Sociedade e ata de eleições para Presidente da mesma: 1852 a 1877.
MAÇO 1577
SOCIEDADE COMÉRCIO Sociedade Comércio – 1870-1889. Balanços anuais com despesas e lucros da Sociedade.
MAÇO 1579
ASSOCIAÇÕES Associação dos Caixeiros Nacionais – 1859 a 1889.
MAÇO 1577
SOCIEDADE COMÉRCIO Sociedade Comércio – 1870-1889. Balanços anuais com despesas e lucros da Sociedade.
MAÇO 1579
ASSOCIAÇÕES Associação dos Caixeiros Nacionais – 1859 a 1889.

Livro de Inventários de Salvador

Classificação	Série	Inventariado	Período
5/1905/1376/13	Inventário	Tude, Marcos Aurélio	1873
8/3291/0/7	Inventário	Estebenet, João Batista	1876-1886
1/326/624/2	Inventário	Oliveira, Antônio Marques	1895-1900
6/2520/3020/8	Inventário	Ferreira, João Bispo	1922
6/2701/0/9	Inventário	Ballalai, Henrique	1927
6/2317/2817/11	Inventário	Ballalai, Adolfo	1936
5/2293/2793/1	Inventário	Tude, José Fernandes	1948
5/223/2723/8	Inventário	Lemos, Antonio de Souza	1949

Classificação	Série	Inventariado	Período
7/2932/0/3	Inventário	Viterbo, Leonel	1951
6/2174/2971/3	Inventário	Alves, Fernando Ballalai	1953
5/2194/2663/14	Testamento	Tude, Marcos Aurélio	1872
7/2891/0/8	Testamento	Carvalho, João do Prado	1888

Seção Alfandegária

Série 010 – Manifestos

Exercícios
1837-1838
1846
1848
1850-1851
1853
1855
1856-1857
1860-1869
1870-1873
1879
1880-1882
1884-1888
1890
1897-1899

Série 030 - Notas de Despachos de Importação

Série	Período
06	maio, set./out. 1865
09	ago./set. 1868
10	maio, nov./dez. 1869
11	jul./dez. 1870
12	jan./ago. 1871
13	nov./dez. 1872
14	jan./fev. 1873
15	abr. 1874
21	fev. 1880
21	maio/jun./jul. 1880
21	out. 1880
22	jan./fev. 1881
22	abr./maio/jun./jul. 1881
22	set./out./nov. 1881
22	set./out./nov. 1881
23	maio 1882
23	jul. 1882
	out./nov. 1882
	jan./fev. 1883
24	maio/jun. 1883
24	set./out./nov. 1883
25	maio/jun. 1884

Série 020 - Livros de Entrada e Saída de mercadorias

Livro	Período
1	1871
2	1871
3	1885

Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista

Seção Intendência Municipal

Documentos

Número	Documento	Período
8	Livro da Tesouraria Municipal	1894
11	Livro da Tesouraria Municipal	1898
12	Livro de registro de contas e Balancetes de Vitória da Conquista	1899
16	Livro de registro de ofícios da Intendência Municipal	1899
	Livro de Recibos da tesouraria do Município	1903

RIO DE JANEIRO**Arquivo Nacional do Rio de Janeiro**

Diários e Cartas

Diário da Condessa Arcozedo (1888)

Iconografia

DEBRET, Jean Baptista. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1978.RIBEIRO, Berta G. **Dicionário do Artesanato Indígena**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/São Paulo, 1988.RUGENDAS, João M. **Viagem pitoresca através do Brasil**. São Paulo/Belo Horizonte: EDUSP/Itatiaia, 1979.**Arquivo do Museu Benjamim Constant**

Diário de Bernadina, Filha de Benjamim Constant

Arquivo Histórico Imperial

Diários e outros documentos da família imperial

Cartas. Correspondência entre D. Pedro I e D. Pedro II (Infância e adolescência de D. Pedro II)

Cartas correspondências familiares entre Carlota Joaquina e sua filha Maria Isabel

Correspondência entre D. Fernando e D. Carlota Joaquina

MARANHÃO

Arquivo Público do Estado do Maranhão

Seção da Alfândega e dos Correios e Telégrafos (Secretária do Governo)

Documentos

Caixa	Período
01	1822-1833
02	1835-1848
03	1850-1868
04	1869-1880
0	1882-1889
5	

PORTUGAL

Arquivo Público do Conselho de Seia-Pt

Arquivo Histórico Municipal do Porto-Pt

Documento	Período
Relatório dos actos da direção da associação Commercial do Porto	1890
Relatório dos actos da Direção da Associação Commercial do Porto, Imprensa Commercial, Porto 1882	1881
Associação Commercial do Porto – relatório Typografia do Comercio Porto 1887	1886-1889

Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo

Seção Junta do Comércio

Manuscritos

Maço	Caixa	Documento	Natureza do documento	Ano
39	135-136	75-76	Requerimento de mulheres para abrir lojas de Capella	1758-1831
39	138		Estatuto da mesa do bem comum dos mercadores à casa das cinco classes	05-01-1821
43	145-146		Requerimento de mulheres para abertura de lojas de capellas	1814 a 1834
	203		Balanço geral do Comércio de Portugal com o Brasil, os domínios e nações, Estratos do balanço geral sobre negócios d'África	1820
66	212	129	Estatutos da Junta do Comércio, Real decreto de 30-09-1755	1755
69	212	75-76	Requerimento de mulheres para abrir lojas de capella	1831
71	226-227	75	Pauta dos estatutos da mesa do bem comum dos mercadores	1806-1818
72	228-229	76	Documentos sobre: a Real fábrica de pente de marfim, Real fábrica de lançaria e algodões, Fábrica de manufaturas de José da Cunha	1806-1817
73	230- 231			1820
74	232	139-268	Requerimentos para isenção de direitos de exportação de manufaturas nacionais	1820-1830
75	233	139-268	Atestados com indicação de de que a mercadoria segue ao destino com o selo da fábrica devidamente atestado pelos inspetores	1819-1830
76	234- 235	139-268	Lista de mercadorias a serem embarcadas para a Bahia-Maranhão e Pará	1813,1815, 1820 e1821
201	386		Documentos sobre objetos não classificados	1820-1830
323	648-649		Requerimento de licença para abertura de lojas de lançaria e fancaria, Balanço das fazendas existentes na Loja de Manuel José Ribeiro Guimarães	1816
327	657		Requerimento de licença para abertura de lojas de Retrós	1805-1834
347	706 -707-708			
375	750-751		Estatuto dos Mercadores a retalho	1834

Livros

n. livro	Documento	Natureza do documento	Ano
69	214	Hum dos termos de mestres fabricantes de novas invenções	1759
69	214	Decreto para requerimento e precatória de nomeação de louvados (nomeados)	1803

BIBLIOTECAS

BRASIL

BAHIA

Biblioteca Pública do Estado da Bahia

Setor de Jornais e Periódicos raros

Jornais	Período
Diário da Bahia	1836 (fevereiro – outubro) 1837 (fevereiro) 1881 (maio – agosto) 1884 (janeiro - abril)
A Bahia	1896 (abril – junho) 1898 (maio – agosto)
A Coisa	1891 (outubro – dezembro) 1898 (janeiro – dezembro) 1899 (janeiro – dezembro)
A Cidade do Salvador	1898

Diário da Bahia de 1836 (fevereiro – outubro)
1837 (fevereiro)
1881 (maio – agosto)
1884 (janeiro - abril)

Jornal *A Bahia* de 1896 (abril – junho)
1898 (maio – agosto)

Jornal *A Coisa* de 1891 (outubro – dezembro)
1898 (janeiro – dezembro)
1899 (janeiro – dezembro)

Jornal *A Cidade do Salvador* de 1898.

Biblioteca Isaías Alves - FFCH/UFBA

Rolos de Microfilmes:

- Jornal *O Século* – Ba 1848 -1851 (0003-A)
- Jornal *O Século* – Ba 1848 -1851 (0003)
- Jornais Diversos – Ba 1876 -1909 (0049)
- Jornais Diversos – Ba 1878 – 1880 (0050)
- Jornais Diversos – Ba 1845 – 1848 (0001)

Microfilmes:

Rolo	Jornal
0001	O CREPÚSCULO. Periódico instructivo e moral. Do Instituto Litterario da Bahia. Período: Dezembro (1846) e Janeiro e fevereiro (1847) Typ. De Epifanio Pedroza. Director – Abílio Cezar Borges
0001	O MOSAICO. Bahia. Typ. De Galdino José Bizerra e comp. (1845-1848)
0003	Jornal O SÉCULO. Liberdade e Ordem. Jornal Político, Litterario e Commercial. Período: Dezembro (1848) a julho (1851) Typ. De J. C. A. Daltro. Rua d'Alfandega, n. 64.
0003-A	Jornal O SÉCULO. Liberdade e Ordem. Jornal Político, Litterario Commercial. Período: Dezembro (1848) a julho (1851) Typ. De J. C. A. Daltro. Rua d'Alfandega, n. 64.
00049	DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Gerente e Redactor M. S. Lopes Cardoso. Rua Nova das Princesas, n. 11. A. (15 nov. 1876 – 06 Ago. 1909)
	O GUARANI: Jornal Noticioso, Litterario e Commercial. Cidade de Cachoeira (Ba). Typ. Progresso. Proprietário e redactor – Augusto Ferreira Motta. (25 jul. 1877 – 10 abr. 1886)
0050	A SITUAÇÃO. Órgão Político, litterario, agrícola, commercial e noticioso. Proprietário – Dr. Arsênio Rodrigues Seixas. Maragogipe (Província da Bahia), 1/10/1879.
	O SENTINELLA DO POVO. Bahia: Typ. Constitucional – De França Guerra. 26/07/1879.
	REVISTA DEMOCRATA. Orgão da sociedade democrática Classe Caixeiral. Bahia (1879 – 1880). Typographia de França Guerra.
	REVISTA DEMOCRATA. Orgão da sociedade democrática Classe Caixeiral. Bahia (1879 – 1880). Typographia de França Guerra.
	A EVOLUÇÃO. Revista Acadêmica. Redactores: Joaquim Climério Dantas Bião, Luiz Gualberto, Clicerio Velloso, Paulo Lopes, José Mendonça. Bahia. Typographia Constitucional, AO Alcube. 1879.
	SEMANA RELIGIOSA. Bahia: Officina Litho. Typ. De J. G. Tourinho, 1879.
	O ROCHEDO: Periodico litterario critico e chistoso. Nazareth (Ba). Typ. Da Opinião Liberal, 1879.
	A CHRYSALIDA: periódico dedicado ao Bello-sexo. Cidade de Salvador (Ba): Typ. De Gama & Filho, 1879.
	A CHRYSALIDA: periódico dedicado ao Bello-sexo. Cidade de Salvador (Ba): Typ. De Gama & Filho, 1879.
	O FUTURO ATRAVEZ DOS FACTOS. Bahia: Typ. De Lopes Velloso & C., 1878.
	O FUTURO ATRAVEZ DOS FACTOS. Bahia: Typ. De Lopes Velloso & C., 1878.
	A BALANÇA. Bahia: Typ. De Gama & Filho, 1878-1879.
	A VESPA: Periódico crítico e litterario. Bahia: Typographia de Gama & Filho, 1878.
	A EPOCHA: periódico crítico, litterario e noticioso. Bahia: Typ. da Epocha, 1878.
	O AZORRAQUE. Bahia: Typ. do Binóculo, 1878
	ECHO FEIRENSE: Periódico noticioso e litterario. Feira de Sant'Anna (Ba), 1878.
	PROVINCIA DA BAHIA. Hebdomadário Político. S. Salvador (Ba). Typ. Da Província da Bahia, 1878.
	O POVIR. Alagoinhas (Ba): Typ. da Verdade, 1878.
	O INCENTIVO: Periódico do Collegio S. José. Bahia. Typographia do Monitor, 1878.

Biblioteca do CEDIC - Fundação Clemente Mariani

Lista de Almanaks

Almanach da Comarca de Cachoeira para o anno de 1888.

BIVAR, Diogo Soares da Silva de. *Almanach para a cidade da Bahia para o anno de 1812*. Brasil, Bahia, Salvador: Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva.

MASSON, Camillo de Lellis. *Almanak administrativo mercantil, e industrial da Bahia, para o anno de 1855*. Organizado por Camillo de Lellis Masson. Primeiro ano. Brasil, Bahia, Salvador: Typographia d Camillo de Lellis Masson & Cia, 1854.

MASSON, Camillo de Lellis. *Almanak Administrativo mercantil e industrial da Bahia para o anno de 1857*. Organizado por Camillo de Lellis Masson. Brasil, Bahia, Salvador: Typographia de Camillo de Lellis Masson & Cia.

MASSON, Camillo de Lellis. *Almanak administrativo mercantil e industrial da Bahia para o anno de 1863*, terceiro depois do bissexto. Brasil, Bahia, Salvador: Typographia de Camillo de Lellis Masson & Cia

PIMENTA, Altino Rodrigues. *Almanak administrativo, commercial e industrial da Provincia da Bahia para o anno de 1873*. Typographia de Oliveira Mendes & C., 1872. Várias paginações.

FREYRE, Antonio. *Almanak da provincia da Bahia*. Litho-Typographia de João Gonçalves Tourinho, 1881.

Almanach do Diário de Notícias: segundo anno. p. xxxii. Brasil, Rio de Janeiro, 1882.

Almanach do Diário de Notícias para 1884: quarto anno. Brasil, Rio de Janeiro. Várias paginações.

Almanach de Diário de Notícias para 1885: quinto anno. Várias paginações.

ROCHA, Prudencio de Carvalho e. *Almanach literario*. Typographia do Bazar 65, 1887.

CARVALHO, Prudencio. *Almanach literario e de indicações para o anno de 1889*: 3º anno. Typographia do Bazar 65, 1888. Várias paginações.

Almanach do Diário de Notícias nono anno. Brasil, Rio de Janeiro, 1889. Várias paginações.

Almanach do Diário de Notícias. Litho-Typographia Liguori & C., 1894. Várias paginações.

Almanach da educadora: Companhia Nacional de Seguros de Vida para o anno de 1897.

REIS, Borges dos. *Almanak administrativo, indicador, noticioso, commercial literario do estado da Bahia para 1899*: Segundo anno. Wiicke Picard & C., 1899.

REIS, Borges dos. *Almanak administrativo, indicador, noticioso, commercial literario do estado da Bahia para 1900*: terceiro anno. Litho-Typographia e Encadernação de Reis & Cia.

Jornais

A Troça de 1887/1888.

A Troça de 1888.

A Renascença de 1891 a 1895.

SÃO PAULO**Biblioteca Mário de Andrade**

Setor de obras raras

Lista de Almanaks, jornais e outros periódicos do século XIX

a) *Almanaks*

Almanak	Período
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Bahia	1860 / 1873
Almanak Literário de São Paulo	1878
Almanak da Província de São Paulo	1887
Almanak Administrativo, Industrial e Comercial	1887
Almanak da Gazeta de Notícias	1896

b) *Jornais*

Jornais	Período
O Crepúsculo	1852
O Diário de São Paulo	1865
Jornal das Damas	Janeiro/1890
A Bohemia	Abril/1896
O Mercúrio	Agosto/1903
La femme Chez Elle Paris	Janeiro/1904
Arara	1906
Jornal das Famílias Brasileiras	

c) *Revistas*

Revistas	Período
Galeria Ilustrada	1887
Ilustração do Brasil	1887
Journal des meres et des enfants	

RIO DE JANEIRO

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Jornais

- Almanaque Laemmert (1870)
- Revista Ilustrada (1876)
- Cabrião (1867)
- O Estafeta - Rio de Janeiro (1866)
- Correio Imperial, Petrópolis (1888)
- O Parayba (Petrópolis/Rio de Janeiro – 1857)
- Cruzeiro – Rio de Janeiro 31.05.1881
- Cruzeiro – Rio de Janeiro 08.06.1881

MARANHÃO

Biblioteca Pública Benedito Leite

Jornais

- O Nacional 1890
- O Século 1858-61
- A Actualidade (São Luís) 1869-1870
- O Globo (São Luís) 1852-1853

PORTUGAL

LISBOA

Biblioteca Nacional de Lisboa

Setor de periódicos

Jornais e Periódicos microfilmados século XIX

Jornal	Período	Número
Diário Ilustrado	20-04-1873	227
Diário Ilustrado	25-03-1873	255
Diário Ilustrado	02.04.1874	572
Diário Ilustrado	25 -07-1874	669
O século	Julho a dez de 1854	
O século	Jan a dez de 1855	
Diário de Noticias	06 de jan de 1865	
Diário de Noticias	29 dez de 1864 a 15de Jun de 1865	01 a 134

Jornais e Periódicos microfilmados século XIX - Cidade do Porto

Jornal	Período
O Comércio	10.07.1854
O Comércio	21.01.1855 a 31.01.1855
O Comércio	02.02 a 09.02.1855 12.02 a 14.02.1855 19.02 a 22.02.1855 26.02.1855
O Comércio	05.03.1855
O Comércio	01.05.1855 e 28.05.1855
O Comércio	04.06 a 08.06.1855 19.06, 26.06 e 28.06.1855
O Comércio	02.07 a 13.07 e 31.07.1855
O Comercio	01.08 a 17.08.1855 21.08, 24.08 a 30.08.1855
O Comercio	01.09 a 22.09.1855 26.09 a 29.09.1855
O Comercio	01.10 a 12.10 e 15.10 31.10.1855
O Comercio	02.11, e 12.11 a 30.11.1855
O Comercio	01.12 a 31.12.1855

Jornais e Periódicos microfilmados século XIX - Braga

Jornal	Período	Número
O clamor do povo	18 de mar de 1865	71
O clamor do Povo	22 de marc de 1865	72
O clamor do povo	25 de marc de 1865	73
O clamor do Povo	01 de abril 1865	75

Jornais e Periódicos microfilmados século XIX - Funchal

Jornal	Período	Número
Amigo do Povo	16 de ago de 1851	
Amigo do Povo	16 ago a 28 dez 1851	46 a 65
Amigo do Povo	10 jan a 24 dez de 1852	67 a 117
Semanário Oficial	05 jan 1856	86
Semanário Oficial	26 jan 1856	89
Semanário Oficial	19 set 1857	158
Semanário Oficial	06 ago. 1859	
O clamor Público	22 mai de 1854	01
O clamor Público	29maio 1854	02
O clamor do Povo	05 jun 1854	03
O clamor do Povo	19 jun 1854 a 30 abr 1855	5 a 50
O defensor	22-071843	186
O defensor	29-07-1843	187
O defensor	05-08-1843	188
O defensor	19-08-1843	190
O defensor	26-08-1843	191
O defensor	02-09-1843	192

Biblioteca Municipal de Lisboa

Almanaques

- Almanaque das senhoras para 1893 Portugal e Brasil publicado sob a proteção de sua majestade a Rainha a senhora d. Maria pia Anno XXIII
 Almanak para o ano de 1872 Portugal e Brasil 2.anno Lisboa 1871
 Almanak para o ano de 1871 1. Anno Lisboa 1870
 Almanak de lembranças para o ano de 1853 Paris 1852
 Almanak de lembranças para o ano de 1854 Lisboa 1853
 Almanak de lembranças 1855 a 1868
 Almanak Familiar para o ano de 1852 Lisboa 1851
 Almanak para o ano de 1853 Lisboa 1852
 Almanak do Diário de notícias para o ano de 1886 primeiro anno. Lisboa, 1885.
 Almanak Familiar para o anno de 1852. Lisboa, 1851.

Periódicos

- Froboel Revista de Instrução Primária Typografia fr. Eduardo Reza
 N. 1 21 de abril de 1882
 N. 2 15 de maio de 1882
 N. 4 01 de junho de 1882
 N. 5 01 de julho de 1882
 N.6 15 de julho de 1882
 Revista Mensal do n.1 a 11 de 1882
 Resvista Mensal do n. 12 a 16 de 1883
 Revista Mensal do n. 18 a 24 de 1884
 Gazeta de Portugal
 n. 168 06-01-1865
 n. 537 29-12-1865
 Diário Ilustrado - 1 e 2 semestre de 1873
 Diário Ilustrado - 1 e 2 semestre de 1874
 O Cruzeiro, Rio de Janeiro, n.149, coluna O Comércio, p.3-4, 31 maio 1881.
 O Cruzeiro, Rio de Janeiro, n. 157, coluna O Comércio, p. 3-4, 08 jun. 1881.

Hemeroteca Municipal de Lisboa

Philemporo, Lisboa, 21.12.1862.

TORREZÃO, Guiomar. *Almanak das Senhoras para o anno de 1895 Portugal e Brazil, anno XXIII*. Lisboa: Redação do Almanak das Senhoras, 1893. Publicado sob proteção de Sua Magestade a Rainha. A autora era sócia da Sociedade de Geographia de França.

Almanach das Senhoras para 1893. Portugal e Brazil. Publicado sob proteção de Sua Magestade a Rainha, por. Sócia da Sociedade de Geographia de França. Ano XXIII. Lisboa.

As Fabricas Nacionaes são uma história! Pamphleto Económico pelo Redactor da Revista Universal. Lisboa, Typographia da Revista Universal. Rua dos Fanqueiros n.82, 1850.

Almanach de Lembranças para 1855, para Alexandre Magno de Costilho, Lisboa, Imprensa de Lucas Evangelista, 1854. p.124 e folha de rosto.

Almanach de Lembranças Luso Brasileiro para 1856 para Alexandre Magno, Lisboa, tipografia Universal, 1855. p.125.

Almanach de Lembranças Luso Brasileiro para 1858 por Alexandre Magno de Costilho. Lisboa Imprensa Nacional, 1857. Contra capa 5,6,7.

Almanach das Senhoras. Pílulas e xarope de Blancard, iodadas e ferruginosas, empregam-se contra humores frios, flores brancas, papeira, etc. Publicidade Lyceu Portuguez. p.187.

Almanach das Senhoras. Publicidade Collegio N.S. da Conceição e Casa Nacional. p.248.

Almanach das Senhoras. Publicidade Companhia Collegio Lisboense. p.221.

Almanach das Senhoras para 1878. Portugal, Brazil e Hespanha publicado sob a proteção de Sua Magestade a Rainha, contendo 260 artigos e o esboço biográfico de Narciza Amalaia argumentado com diversas tabellas e artigos de geral utilidade e uma secção d'annuncios por Guiomar Torrezão. 8º anno. Lisboa. Officina Typographica de J.A. de Mattos. 36, Rua Nova do Alamada, 36.

Biblioteca da Sociedade de Geografia Lisboa -Pt

Jornais e Revistas

Diário do Governo 1861-1869

A Ilustração. Revista quinzenal para Portugal e Brazil 1884-1885, v. I-II, Paris, Rio de Janeiro, Lisboa.

O Ocidente Revista Ilustrada de Portugal e do estrangeiro, n. 1-48, v. I e II, 1878-1879.

Estatística de Portugal Commercio do Continente do Reino e Ilhas Adjacentes com Países Estrangeiros e com as Províncias Portuguezas do Ultramar no anno de 1881. Lisboa: Imprensa Nacional, 1884.

Catálogos

Associação Industrial Portugueza. Catálogo da Exposição Nacional das Industrias Fabris realisada na Avenida da Liberdade em 1888. Volume II. Lisboa, Imprensa Nacional, 1889.

Associação Industrial Portuguesa. Catálogo da Exposição Nacional das Industrias Fabris realizada na Avenida da Liberdade em 1888. Volume III. Lisboa, Imprensa Nacional, 1890.

Catalogo da Exposição Industrial Portuguesa em 1891, no Palácio de Crystal Portuense. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

Catálogo de Exposição. Exposição do jogo tradicional. Évora: Palácio de D. Manuel, 1995.

Inquéritos

BALBI, Aldrien. *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve compare aux autres états de L'Europe*. Paris: Chez Rey et Gravier, Libraires, 1822. Tome Premier.

Comissão Central Directora do Inquérito Industrial de 1881. Inqueito Directo. Primeira Parte. Depoimentos. Lisboa, Imprensa Nacional, 1881.

Dicionários e Enciclopédias

CONSTANCIO, Francisco Solano *Novo Dicionário portátil das línguas portuguesa e franceza*. 14. ed. Paris: Belhatte e Thomas, 1874.

ENCICLOPÉDIA Luso Brasileira de Cultura. Lisboa: Editorial Verbo, 1966. 4º. v.

ENCYCLOPEDIA Technologique Ditionaire des art set manufactures et de L' agriculture Tome troisieme par M.Ch Labaulaje Paris 7. edition par expositiones universales de 1862,1867, et 1878.

MACHADO, José Pedro (Coord.). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa, 1958.

Biblioteca Municipal de Cascais-Pt.

Jornal dos Pequeninos, Setúbal-Pt., Anno I, n. 2, 1907.

Boletim Informativo, Portugal, CNP Plásticos, A Indústria de Brinquedos, n. 15, dez. 1981.

Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Direcção Regional dos Assuntos Culturais. *O Brinquedo dos nossos avós*. Teatro Municipal de Baltasar Dias, Portugal, dez. 1985-jan.1986.

Catálogo da Câmara Municipal de Cascais e Ministério da Cultura. *O brinquedo português do após guerra ao Plástico de 29/10 a 27/11*.

MUSEUS

BRASIL

SALVADOR – Ba.

Museu Tempostal

Postais

N.ºdo postal: 2681- 1390
N.ºdo postal: 5-840-7266
N.ºdo postal: 932/2
N.ºdo postal: 632
N.ºdo postal: 9
Postais Série: 19
N.ºdo postal: 5 86
N.ºdo postal: 1390
N.ºdo postal: 4019-6
N.ºdo postal: 615/4
N.ºdo postal: 616/1
N.ºdo postal: 616/4
N.ºdo postal: 616/5
N.ºdo postal: 616/6
N.ºdo postal: 623/4
N.ºdo postal: 623/5
N.ºdo postal: 623/6
N.ºdo postal: 695/4
N.ºdo postal: 1119
N.ºdo postal: 2892
N.ºdo postal: 1636
N.ºdo postal: 49
N.ºdo postal: 5160
N.ºdo postal: 5-467-5209
N.ºdo postal: 5-467-5208
N.ºdo postal: 5-467-5206
N.ºdo postal: 5-467-5204
N.ºdo postal: 3068
N.ºdo postal: 585616/5
N.ºdo postal: 763
N.ºdo postal: 503
N.ºdo postal: 585
N.ºdo postal: 3068
N.ºdo postal: 03133/34
N.ºdo postal: 118
N.ºdo postal: 3040
N.ºdo postal: 417
N.ºdo postal: 273
N.ºdo postal: 208
N.ºdo postal: 713

N.ºdo postal: 273
 N.ºdo postal: 3045
 N.ºdo postal: 3046
 N.ºdo postal: 584/3
 N.ºdo postal: 487/1
 N.ºdo postal: 1100
 N.ºdo postal: 3/2
 N.ºdo postal: 989
 N.ºdo postal: 351/4
 N.ºdo postal: 6064
 N.ºdo postal: 5-244-3891
 N.ºdo postal: 584
 N.ºdo postal: 2168
 N.ºdo postal: 23
 N.ºdo postal: 2564
 N.ºdo postal: 6007
 N.ºdo postal: 3813/3
 N.ºdo postal: 3813/5
 N.ºdo postal: 3813/6
 N.ºdo postal: 1665/66
 N.ºdo postal: 1665/66
 N.ºdo postal: 3196/2
 N.ºdo postal: 3196/1
 N.ºdo postal: 3613/1
 N.ºdo postal: 3613/4
 N.ºdo postal: 1751
 N.ºdo postal: 929
 N.ºdo postal: 616/1
 N.ºdo postal: 5446
 N.ºdo postal: 3813/3
 N.ºdo postal: 3813/5
 N.ºdo postal: 3813/6
 N.ºdo postal: 1122

Instituto Feminino da Bahia\ Museu Henriqueta Catarino

Acervo – Coleção de bonecas do século XIX, acessórios e mobiliário de bonecas

Número de registro das bonecas trabalhadas nessa pesquisa

5958
 6077
 6673
 7017
 7285
 7913
 8317
 8862
 9862

VITORIA DA CONQUISTA

Museu Regional de Vitória da Conquista

VIANA, Aníbal Lopes. Revista Histórica de Conquista, v. 1, 2. Brasil Artes Gráficas, 1983.

FONSECA, Humberto José et al. *História e cotidiano no Planalto de Vitória da Conquista*. Vitória da Conquista, UESB, 1998. Memória Conquistense N.3.

SÃO PAULO – SP

Museu Paulista

Acervo – coleção de utensílios domésticos para bonecas, peças do vestuário e acessórios de bonecas, jogos.

Museu de Etnologia e Arqueologia – USP

RIO DE JANEIRO – RJ

Museu Imperial de Petrópolis

Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro

SÃO LUIS – MA

Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho

Setor de Documentação, em fichas de identificação do acervo

N.º de identificação

4348-4352-4353

4354- 4357-4360

4430-4436

4437-4438- 4441

4445

4984-4989

Museu Histórico e Artístico do Maranhão

Setor de Documentação, em fichas de identificação do acervo

N.º de identificação	Nome
78.74.2038	Boneco de Biscuit
78.93.4943	Biscuit
78.92.4757	Bibelô
78.92.4756	Bibelô
78.76.2633	Boneca de louça
78.74.2037	Boneca de porcelana
78.74.2037	Boneco de biscuit
4753-036	brinquedo
4752-035	brinquedo
4754-037	brinquedo
4758-041	paliteiro
2984.1	Ferro de Passar
2984.2	Ferro de Passar
4755-038	brinquedo

Antiquário Francisco Lobão Malta Chagas

Acervo bonecas século XIX de origem alemã, marca ARMAND MARSEILLE GERMANY

SÃO PAULO

Museu Paulista /Universidade de São Paulo

Divisão de Difusão Cultural (fontes iconográficas)

Coleção	Imagem
Militão Augusto Azevedo	IC 1-16544-0087-2814 IC 1-16544-0525-2814
Militão Augusto Azevedo	IC 1-16544-0087-2814 IC 1-16544-0525-2814
Orôncio Vaz Arruda	IC 17132 / IC 17307 / IC 17311 / IC 17403 IC 17501 / IC 17604
Eugênio Marcondes de Moura	IC 20703 / IC 20837 / IC 20879 / IC 20899 IC 20901 / IC 21054 / IC 21147

Departamento de Patrimônio Histórico – São Paulo

Divisão de Iconografia e Museus

Imagens

Classe	Período	Fotografo
709 E	1875	Desconhecido
CE 06\84-125	—	Idem
585 E	1900	Idem
CE02\87-116	1917	Idem

PORTUGAL

Museu do Brinquedo Seia

Folder- Museu do Brinquedo – Câmara Municipal de Seia, Pt.

Revista Continente, Seia, Pt., ano II, n. 19, 2004.

Catálogo – Bonecos. Exposição Museu Évora, Lisboa, 1979.

Catálogo – Trajes de criança e brinquedos. Museu Nacional do Traje. Lisboa, 1980.

Catálogos de Exposição

Museu das Crianças. A maravilhosa aventura. Lisboa: Associação Acordar História Adormecida, 1994.

Museu do Brinquedo Sintra

Catálogo Museu do Brinquedo – Brinquedos do Mundo- Sintra, 2002.

Catálogo – O brinquedo através dos tempos. Organizada pelo Centro de colecionadores em colaboração com a divisão de Relações Públicas da Secretaria de estado da Comunicação Social. Palácio Foz, 17 a 31 de outubro, 1872.

FRANÇA

Musée de la Poupée

Exposição de longa duração

Arts ménagers pour poupées: les objets de la vie quotidienne em miniature jun au septembre 2005.

Catálogos de Exposição

Souvenir de l'exposition, Arts ménagers pour poupées: les objets de la vie quotidienne em miniature, Paris 2005

COLLECTIONS Le monde fascinant des objets: boîtes-cannes-flacons-horlogerie-poupees-tire-bouchons, EDDL 2002, Paris-Fr.

UNIVERSIDADES

BRASIL

Universidade Federal da Bahia

Biblioteca Isaías Alves

Biblioteca da Faculdade de Educação

Universidade Federal do Paraná

Biblioteca Central

Universidade de São Paulo

Faculdade de Educação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

PORTUGAL

Universidade de Lisboa – Pt

Biblioteca da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação-UL

Biblioteca da Faculdade Letras, Artes e História da UL

Universidade Lusófona

Biblioteca da Universidade Lusófona - Lisboa - Pt

Universidade do Minho – Braga-Pt

Biblioteca do Instituto de Estudos da Criança-IEC-Braga-Pt

LITERATURA

- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1998.
- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1998
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro RJ: Ediouro, 2000.
- BARROS, Maria Paes de. *No tempo de dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. *Os grandes serões do campo*. Major Pedro Ribeiro - v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992a.
- BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. *Os grandes serões do campo*. Infância e juventude - v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992b.
- FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Aspectos da influencia da canna sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1937.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos – decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 35. ed. São Paulo: Global, 1999.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *As vítimas-algozes: quadros da escravidão*. 4. ed. São Paulo: ZOUK, 2005.
- MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PESSOA, Fernando. *Cancioneiro II*. Lisboa: Multilar, 1990. Vol. II.
- POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Ática, 1986.
- RAMOS, Graciliano. *Infância (Memórias)*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1961.
- REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.
- REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1977.

VIAJANTES E CRONISTAS

AGASSIZ, J.Louis R.; AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil**. 1865-1866. Tradução de E.S. de Mendonça. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.

AVE-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas províncias da Bahia, Alagoas, Pernambuco e Sergipe (1859)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

DEBRET, Jean Baptista. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1978.

///GRAHAN, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1990.

KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de viagens e permanências no Brasil (Províncias do norte) (1845)**. São Paulo: Martins, 1943.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, Governo do Estado de Pernambuco, 1978.

LANGSDORFF, E de. **Diário da Baronesa**. Rio de Janeiro: Mulheres; EDUNISC, 1999.

POHL, Johann E. **Viagem no interior do Brasil**. São Paulo/Belo Horizonte: EDUSP/Itatiaia, 1976.

RIBEYROLLES, Charles. **Brasil Pitoresco**. São Paulo: EDUSP/Itatiaia, 1980. vol. II.

RUBINGER, M. **Maxakali: resistência ou morte**. Belo Horizonte: Interlivro, 1980.

RUGENDAS, João M. **Viagem pitoresca através do Brasil**. São Paulo/Belo Horizonte: EDUSP/Itatiaia, 1979.

SAINT-HILARE, A de. **Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce**. São Paulo/Belo Horizonte: EDUSP/Itatiaia, 1975.

SAINT-HILARE, A de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. São Paulo/Belo Horizonte: EDUSP/Itatiaia, 1975.

SPIX, Johann Baptist von. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. São Paulo: Itatiaia, 1981.

SPIX, Johann Baptist. Tradução Lucia Furquim Lahmeyer. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Volume 3. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1981.

SPIX, Johann B.; MARTIUS, Karl Friedrich von. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1981. Vols. 1 e 2.

WIED-NEUIWED, Maximiliano. **Viagem ao Brasil**. São Paulo/Belo Horizonte: EDUSP/Itatiaia, 1989.

SITES PESQUISADOS

DEBRET - Um artista a serviço da corte portuguesa no Brasil. Histórianet a nossa história. Brasil Império. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=688>> Acesso em: 14 abr. 2007.

MHN - MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. *Brinquedos* – galeria virtual. Disponível em: <<http://www.museuhistoriconacional.com.br/>> Acesso em: 24 abr. 2007.

WIKIPEDIA – A enciclopédia livre. *Afonso Lopes Vieira*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Afonso_lopes_vieira> Acesso em: 22 mar. 2007.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, Raquel Zumbano. Brincando na História. In: PRIORE, Mary del. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 230-272.
- AMADO, João da Silva. A criança e os brinquedos populares em Aquilino. *Cadernos Aquilinos*, Centro de Estudos de Aquilino Ribeiro, Viseu, Pt, n .6, p. 55-75, 1998,
- AMADO, João da Silva. Aquilino Ribeiro e os jogos tradicionais. *Cadernos Aquilinos*, Centro de Estudos de Aquilino Ribeiro, Viseu, Pt, n.10, p.39-44, 2000.
- AMADO, João. *Universo dos brinquedos populares*. Coimbra: Quarteto, 2002
- ANJOS, Carlos; MOREIRA, João Arbués; SOLANO, João. *O brinquedo em Portugal: coleções de Carlos Anjos e João Arbués Moreira: 100 anos do brinquedo português*. Porto, Pt: Civilização, 1997.
- ANTÓNIO, Maria João Pego. *O que ficou na memória: os castigos corporais na escola primária (1900-1960)*. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação Área História da Educação) – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, Pt, 2004.
- ARAS, Lina Maria Brandão de. *A Santa Federal Imperial. Bahia 1831-1833*. 1995. 227 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- ARAS, Lina Maria Brandão de; BARRETO, Maria Renilda Nery. Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia. *História, Ciências, Saúde - Mangueiras*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 151-172, jan./abr. 2003.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA. *Catálogo da exposição nacional das indústrias fabris*. Lisboa, Pt, 1888. 3 Vol.
- ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA. *Catálogo da exposição nacional das indústrias fabris*. Lisboa, Pt, 1890. 3 Vol.
- AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1998. (Série Bom Livro).
- BALDUS, Hebert. *Tapirapé tribo tupi no Brasil Central*. São Paulo: Nacional, 1970.
- BANDEIRA, Júlio. *Debret e a Corte no Brasil*. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/ext/debret/julio.htm>> Acesso em 02 abr. 2007.
- BARBUY, Heloisa. Brinquedos: modelos introjados. In: ABREU, Ailson Avansi de (Org.). *Quantos anos faz o Brasil?* São Paulo: EDUSP, 2000. p. 49-53.

BARBUY, Heloisa. *A cidade - exposição comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: EDUSP, 2006.

BEAUCHAMP, Chantal. *Revolução industrial e crescimento econômico no séc. XIX*. Lisboa: Edições 70, 1998. Nova Biblioteca 70.

BECKFORD, William. *Diário de viagem em Portugal e Espanha*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983. Apud FELGUEIRAS, Margarida Louro; MENEZES, Maria Cristina (Orgs.). *Rogério Fernandes: Questionar a sociedade, interrogar a História, (re)pensar a Educação*. Porto: Afrontamento, 2004.

BENJAMIM, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzara. São Paulo: Summus, 1984.

BENJAMIM, Walter. Infância em Berlin. In: BENJAMIM, Walter. *Rua de mão única*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 73-142. (Obras escolhidas, v. II).

_____. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*; Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Obras escolhidas, 1).

BITTENCOURT, Maria Clara Mariani. Introdução. In: BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. *Os grandes serões do campo*. Major Pedro Ribeiro - v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p. 1-8.

BLUMBERG, André. *História das bonecas de porcelana*. São Paulo: Planeta, 2001.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1997. (Coleção Questões de nossa época).

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 19-32.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 1-9, jul./dez. 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php? pid](http://www.scielo.br/scielo.php?pid)> Acesso em: 16 jan. 2007.

CALMON, Francisco Marques de Góes. *Vida econômico-financeira da Bahia elementos para a História de 1808 a 1899*. Salvador, Publicação da Prefeitura Municipal do Salvador Comemorativa do IV Centenário da Cidade, 1979.

CÂMARA CASCUDO, Luiz da. *Civilização cultura: pesquisas e notas de etnologia geral*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

CÂMARA CASCUDO, Luiz da. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CAMPOS, Pedro Moacyr. As relações do Brasil com a Alemanha durante o segundo reinado. *Revista de História*, São Paulo, Ano XX, v. XXXIX, p. 160, 1969.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, o historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHAUÍ, Marilena. Política cultural, cultura política e patrimônio histórico. In: DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO/SMC (Org.). *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/ Departamento do Patrimônio Histórico, 1992. p. 37-46.

CHATEAU, Jean. *O jogo e a criança*. Tradução de Guido de Almeida. São Paulo: Summus, 1987.

CHAVES, Antonio Marcos. *Crianças abandonadas ou desprotegidas?* 1998. 453 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

CHILDHOOD. Anthology of verse and prose. London: Lorenz Books, 1996.

COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural: cultura e imaginária*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DELGADO, Buenaventura. *História dela infância*. Barcelona: Ariel Educación, 1998.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Crianças como agentes do processo de alfabetização no final do século XIX e início do XX. In: MONARCHA, Carlos (Org.). *Educação da infância brasileira 1875-1983*. São Paulo: Autores Associados/FAPESP, 2001. p.121-156.

DIAS, Luis Pereira. *As outras escolas: O ensino particular das primeiras letras entre 1850 e 1881*. 1998. 287 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação - História da Educação/Educação comparada) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, Pt, 1998.

ELKONIN, Daniil B. *Psicologia do jogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

EULÁLIO, Alexandre. Prefácio. In: MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7-12.

FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1961.

FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FELGUEIRAS, Margarida Louro; MENEZES, Maria Cristina (Orgs.). *Rogério Fernandes: Questionar a sociedade, interrogar a História, (re)pensar a Educação*. Porto, Pt: Afrontamento, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREITAS, Antônio Fernando Guerreiro Moreira de. *Au Brésil: deux region de Bahia (1989-1937)*. 1992. 552 f. Tese (Doutorado em História) – Université de Paris - Sorbone Paris IV, Paris, 1992.

FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.) *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMAN Jr., Maysés (Orgs.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

FREITAS, Marcos Cezar de. Da idéia de estudar a criança no pensamento social brasileiro: a copntraface de um paradigma. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMAN JR., Maysés (Orgs.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 345-372.

GALVÃO, Ana de Oliveira. *Amansando meninos: uma leitura do cotidiano da escola a partir da obra de José Lins do Rêgo (1890-1920)*. João Pessoa: EDUFPB, 1998.

GARCIA, Rose Marie Reis; MARQUES, Lilian Argentina. *Jogos e passeios infantis*. Porto Alegre: Kaurup, 1991.

GONÇALVES, Ricardo. Apresentação. In: BARROS, Maria Paes de. *No tempo de dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. v.

GROS, K. *La vida espiritual del niño*. Trad. do alemão. Kiev, 1916. Apud ELKONIN, Daniil B. *Psicologia do jogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1992.

HILLIER, Mary. *Automata & mechanical toys: an illustrated history*. London: Bloomsbury Books, 1988.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. O jogo como elemento da cultura. Tradução de Paulo Monteiro. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. (Estudos: Filosofia, 4).

JEKIN, A.K. Hamilton. *Cornish homes and customs*. Londres y Toronto: J.M. Dent and Sons, 1934. Apud KERTZER, David I.; BARGAGLI, Marzio. *História de la família europea*. Barcelona: A y M Gràfic, 2003. Volume 2. La vida familiar desde la revolución Francesa hasta la Primera Guerra Mundial (1789-1913).

KERTZER, David I.; BARGAGLI, Marzio. *História de la família europea*. Barcelona: A y M Gràfic, 2003. Volume 2. La vida familiar desde la revolución Francesa hasta la Primera Guerra Mundial (1789-1913).

KING, Constance. *Jouets em metal*. Le Guide du collectionneur des jouets em metal automates, voitures, bateaux, trains, soldats, dinky toys. Paris: Serges Medien/Books & Co., 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 1998a.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Froebel e a concepção de jogo infantil. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 1998b. p. 57-78.

KRAMER, Sonia. Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Orgs.). *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Campinas, SP: Papyrus, 1996. p. 13-38.

KROMBHOLZ, Mary Gorham. *German Porcelain Dolls 1836-2002*. Grantsville, Maryland-USA: Hobby House, 2002.

LANHAS, Fernando. *O brinquedo de pasta de papel*. Porto, Pt, [19--].

LEBRUN, François. *A vida conjugal no Antigo Regime*. Lisboa: Rolim, 1983. Apud DIAS, Luis Pereira. *As outras escolas: o ensino particular das primeiras letras entre 1850 e 1881*. 1998. 287 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação - História da Educação/Educação comparada) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, Pt, 1998.

LE GOFF, Jacques. *A nova História*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

LIMA, Lamartine de Andrade. *A Tarde Cultural*, Salvador, p. 10, 28 nov. 1988.

LINAZA, Josetxu. Prólogo da edição espanhola. In: ELKONIN, Daniil B. *Psicologia do Jogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. ix-xiv.

LOBATO, Monteiro. Prefácio. In: BARROS, Maria Paes de. *No tempo de dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. ix-x.

MANSON, Michel. *História do brinquedo e dos jogos: brincar através dos tempos*. Tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa, PT: Teorema, 2002.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec: 1998.

MARVÃO, Maria de Fátima. *Moralização, trabalho e educação: o projeto da Casa Pia de Lisboa*. 2004. 341 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, Pt, 2004.

MATTOSO, José. *História de Portugal*. Lisboa: Estampa, 1993. Volume 5 - O Liberalismo (1807-1890).

MATTOSO, Katia de Queirós. *Família e sociedade na Bahia do século XIX*. São Paulo: Currupio; Brasília: CNPq, 1988.

MATTOSO, Kátia de Queirós. O filho da escrava. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1992a. p. 78-81.

MATTOSO, Kátia de Queirós. *Bahia século XIX uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992b.

- MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do segundo reinado. In: ALENCASTRO, Luis Felipe de (Org.) *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Vol. II. p. 186-187.
- MEAD, Margareth. *Growing up in New Guinea*. Londres: George Routledge, 1931. Apud ELKONIN, Daniil B. *Psicologia do jogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MENEZES, Albene Miriam Ferreira. Os alemães, uma presença secular. *Revista da Bahia*, Salvador, v. 31, n. 16, p. 33-39, 1990.
- MONARCHA, Carlos. *Educação da infância brasileira 1875-1983*. São Paulo: Autores Associados/FAPESP, 2001.
- MONICA, Maria Filomena. *O filho da rainha gorda: D. Pedro V e sua mãe D. Maria II*. Lisboa, Pt: Quetzal, 2004.
- NACHMANOVITCH, Stephen. *Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1993.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Brinquedos artesanais e expressividade cultural*. São Paulo: SESC-CELAZER, 1982. (Biblioteca Científica - Série Lazer, 4).
- OLIVEIRA, Waldir Freitas. *História de um banco*. Salvador: Museu Eugênio Teixeira Leal, 1993.
- PAES, Jurema Mascarenhas. *Tropas e tropeiros na primeira metade do século XIX no Alto Sertão baiano*. 2001. 164 f.. Dissertação (Mestrado História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- PALMERO, Maria José. Analítica de la opresión patriarcal In: PALMERO, Maria José. *Teoria feminista contemporânea*. Una aproximación desde la ética. Madrid: Complutense, 2004. p.33-67.
- PRIORE, Mary del (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.
- PRIORE, Mary del (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000a.
- PRIORE, Mary del. Apresentação. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000b. p. 8-17.
- PRIORE, Mary del. *História do cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001.
- PROST, Antoine. *L'enseignement en France: 1800-1967*. Paris: Armand Colin, 1968. Apud FELGUEIRAS, Margarida Louro; MENEZES, Maria Cristina (Orgs.). *Rogério Fernandes: questionar a sociedade, interrogar a História (re)pensar a Educação*. Porto, Pt: Edições Afrontamento, 2004.
- QUERINO, Manuel. *A Bahia de Outrora*. Salvador: Progresso, 1955.

REIS, João José. *A rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RITZKAT, Marly Gonçalves Bicalho. Preceptoras alemãs no Brasil. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia Greive (Orgs.). *500 anos educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 269-290.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. Tradução de Antonio Negrini. São Paulo: Sumus, 1982. (Novas buscas em educação, 11).

RODRIGUES, Marcelo Santos. *Os involuntários da pátria; a Bahia na guerra do Paraguai*. 2001. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

ROLLET, Catherine. *Les enfants au XIXe. siècle. La vie quotidienne*. Paris: Hachette Littératures, 2001.

RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the ‘political economy’ of sex. In: REITER, R. (Ed.). *Toward an anthropology of women*. New York: Monthly Review Press, 1975. p.157-210. Apud SAFFIOTI, Heleieth I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCINI, Cristina (Orgs.). *Uma questão de gênero*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992. p. 183-215.

RUDERS, Carl. *I-Viagens em Portugal. 1798-1902*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981. Apud FELGUEIRAS, Margarida Louro; MENEZES, Maria Cristina (Orgs.). *Questionar a sociedade, interrogar a História (re)pensar a Educação*. Porto: Edições Afrontamento, 2004. Citado cap. 1, nota 93.

SÁ, Isabel dos Guimarães. *A circulação de crianças na Europa do Sul: o caso dos expostos do Porto no século XVIII*. Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCINI, Cristina (Orgs.). *Uma questão de gênero*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992. p. 183-215.

SALIBA, Elias Thomé. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 117-127.

SANTO, João Miguel R.S. *Crianças malfetoras. A conta com a justiça. Os menores catalogados pelo refúgio da Tutoria Central da Infância da Comarca de Lisboa 1920-1930*. 2000. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação – História da Educação/Educação Comparada) – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2000.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. *Os caixeiros da Bahia: seu papel conservador na Primeira República*. 1974. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1974.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1991. Tradução de Gender and the Politics of History.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Lisboa, Pt: Verbo, 1986. v. IX - O terceiro Liberalismo (1851-1890).

SERRÃO, Joel. *Dicionário de História de Portugal*. Lisboa, Pt: E-MA Iniciativas editoriais, 1965. v. II.

SHOTTER, John; LOGAN, Josephine. A penetração do patriarcado: sobre a descoberta de uma voz diferente. In: GERGEN, Mary McCanney (Org.). *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Brasília: Edumb; Rosa dos Tempos, 1993. p.91-109.

SILVA, Elizabete. *Fazer charuto*. Uma atividade feminina. 2001. 204 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

SOARES, Natália Fernandes. *Outras infâncias, a situação social das crianças atendidas numa comissão de proteção de menores*. Braga, PT: Centro de Estudos da Criança - UM, 2001.

TAP, Pierre. *Masculin et féminin chez l'enfant*. Toulouse: Privat, 1985. Apud BROUGÉRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 19-32.

TEIXEIRA, Madalena Braz; BARROSO, Carlos. *O brinquedo português*. Lisboa: Bertrand, 1987. (Coleção Patrimônio Português).

TEIXEIRA, Maria das Graças de S. Teixeira. *Bola, Boneca, pipa, pião... do chão da Ribeira ao mundo virtual*. 1999. 206 f.. Dissertação (Mestrado em Belas Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Os aprendizes da guerra. In: DEL PRIORE, Mary. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 192-199.

WINNICOTT, Donald Woods. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ABERASTURY, Arminda. *A criança e seus jogos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- ALENCASTRO, Luis Felipe de (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. v. II.
- ALVES, Paulo. Fotografia e história. *Cadernos de História*, São Paulo, v. 8, p. 81-86, 1989.
- ALVIM, Maria Rosilene Barbosa; VALLADARES, Lícia do Prado. Infância e sociedade no Brasil: uma análise da literatura. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 26, p.3-37, 1988.
- ARAÚJO, Alceu Maynard de. *Brasil, história, costumes e lendas*. São Paulo: Três, 1982.
- _____. Danças recreação e música. In: FOLCLORE NACIONAL. São Paulo: Melhoramentos, 1967. v.2. (Ciência e Cultura).
- _____. Lúdica infantil. *Boletim trimestral da Comissão Catarinense de Folclore*, Florianópolis, 1951.
- ATHAYDE, Johildo L. de. Filhos ilegítimos e crianças expostas (notas para um estudo da família baiana no séc. XIX). *Revista da academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 27, p.9-25, set. 1979.
- AUDIFACE, Eliezer. *A história da pediatria social*. Trabalho apresentado à Academia de Medicina da Bahia, Salvador, 1980.
- AUFAUVRE, Marie-Renée. *Aprender a brincar aprender a viver*. São Paulo: Manole, 1987.
- AYALA, Walmir. *O forasteiro*. Rio de Janeiro: Berlendis & Vertecchia, 1986.
- AZEVEDO, Fernando de. *Obras completas*. A cultura brasileira. Os fatores da cultura. Tomo I. São Paulo: Melhoramentos, 1958.
- AZEVEDO, Francisca Nogueira de; MONTEIRO, John Manuel. *América raízes e trajetória* (Confronto de Culturas: conquista, resistência, transformação). São Paulo: Edusp; Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1997. v.7. p.275-290.
- BASTIDE, Roger. *Sociologia do folclore infantil*. São Paulo: Anhambi, 1959.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros, 1994. v. III.
- BOEHN, Max von. *Dolls*. New York: Dover Publications, 1972.
- BRESCIANI, Maria Stella. *Jogos da política*. Imagens, representações e práticas. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1992.

- BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CALMON, Pedro. *História da literatura babiliana*. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador Comemorativa do IV Centenário da Cidade, 1949.
- CÂMARA CASCUDO, Luiz da. *Superstições e costumes*. São Paulo: Itatiaia, 1985.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 401-417.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. Iconografia e História. *Revista Resgate*, São Paulo, v. 1, p. 9-17, 1990.
- CARVALHO, André; CARVALHO, David. *Como brincar à moda antiga*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1987.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *A história contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- COELHO, Adolfo. *Contos populares portugueses*. Lisboa, Pt: Dom Quixote, 1993.
- COSTA, Maria de Fátima; DIENER, Pablo. *A América de Rugendas. Obras e documentos*. São Paulo: Kosmos, 1999.
- DAMÁZIO, Reinaldo Luiz. *O que é criança*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DIENER, Pablo. O catálogo fundamentado da obra de M.J. Rugendas. *Revista USP – Dossiê Brasil dos Viajantes*, São Paulo, n. 30, p. 46-57, 1996.
- EDWARDS, E. (Org.). *Photography and Anthropology (1860-1920)*. New Haven; London: Yale University Press; Royal Anthropological Institute, 1992.
- FANTIN, Mônica. *No mundo da brincadeira*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- FAWDRY, Kenneth Marguerite. *Pollock's history of english dolls e toys*. Slovak Republic: Ernest Benn Limited, 1993.
- FERNANDES, Florestan. Contribuição ao estudo sociológico das cantigas de ninar. *Revista Brasiliense*, São Paulo, v.15-17, 1958.
- FROESLER, Maria das Graças V.G. *O livro dos jogos e das brincadeiras*. Belo Horizonte: Leitura, 1998.
- GADELHA, Walkirio. *O mundo maravilhoso dos brinquedos e as aventuras do escravo Zelão*. Recife: Pirata, 1985.
- GARCIA, Rose Marie Reis; MARQUES, Lilian Argentina. *Jogos e passeios infantis*. Porto Alegre: Kaurup, 1991.

GASKELL, Ivan. História das Imagens. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. P. 237-271.

GOMES, Elza Dellier. A influência francesa nas rodas infantis no Brasil. *Folclore*, Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1952.

GRAHAN, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1990.

GUIMARÃES, José Geraldo Matos. *Folclore*. São Paulo: FC Cassiano Ricardo, 1990.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. Trabalho apresentado à 2ª. Reunião de Antropologia do MERCOSUL, Uruguai, 1977.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

HOMES, Plínio Freyre. O ciclo dos meninos cantores (1550-1552) - música e aculturação nos primórdios da colônia). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.11, n.21, p. 187-198, set.1990-fev.1991.

HORTELIO, Lydia. *História de uma manhã*. São Paulo: Palas Atenas, 1987.

JOLY, Martin. *Introdução à análise da imagem (ofício de arte e forma)*. São Paulo: Papirus, 1999.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *A fotografia como fonte histórica: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado*. São Paulo: SICCT-SP, 1980.

KOTHE, Flávio R. (org.) *Walter Benjamin*. Sociologia. São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

LEITE, Disalda. *Pedagogia do brincar*. Salvador: Art-Contemp, 1985.

LEITE, Miriam Moreira. *A condição feminina no século XIX - antologia dos textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Hucitec/Edusp; Brasília: Pró-Memória, 1984.

LIMA, Mayumi Souza. *A cidade e a criança*. São Paulo: Nobel, 1989.

MAFFIOLETTI, Leda. *Cantigas de Roda*. Porto Alegre: Magister, 1995.

MAIA, Pedro Moacir. Valorização de Debret: pintor de história ou aquarelista? *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, n. 90, p. 127-131, 1992.

MARANHÃO, Haroldo. *Jogos infantis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998. P.331

- MARQUES, Marília B. *Discursos médicos sobre seres frágeis*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira (1877-1896)*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1977. v. IV.
- _____. *História da Inteligência Brasileira (1915-1933)*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978. v. VI.
- MATTOSO, José. *História de Portugal*. Lisboa: Estampa, 1993. Quinto volume - O Liberalismo (1807-1890).
- MEIRELLES, William Reis. História das imagens: uma abordagem, múltiplas facetas. *Revista Pós-História*, São Paulo: UNESP, 1995.
- MONCORVO FILHO, Carlos Arthur. *História da proteção à infância no Brasil (1500-1922)*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica, 1926.
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. A criança escrava na literatura de viagens. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, 31 dez.1979.
- _____. Ser mãe: a escrava em face do aborto e do infanticídio. *Revista de História*, São Paulo, n. 120, p. 85-96, jan./jul.1989.
- NOGUEIRA, Maria Ephigenia de Andrade Cáceres. *Brinquedos e brincadeiras no Brasil colonial*. 2004. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- OLIVEIRA, Vera Barros de. *O símbolo e o brinquedo*. Petrópolis: Vozes, 1992
- _____. *Rituais e brincadeiras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. *O que é brinquedo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- OTT, Carlos B. *Formação e evolução étnica da cidade do Salvador (O folclore bahiano)*. Salvador: Tipografia Manú, 1955.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- RADE, Lasse; NYBERG, Robert. *Truques, trotes, brincadeiras*. São Paulo: Callis, 1995.
- RANGEL, Alberto. *A educação do príncipe: esboço histórico e crítico sobre o ensino de D. Pedro II*. Rio de Janeiro: Agir, 1945.
- RIBEIRO, Berta G. *Dicionário do artesanato indígena*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: São Paulo, 1988.
- RIBEIRO, Paulo Simon; SANCHOTENE, Rogério Fossari. *Brincadeiras infantis: origem, desenvolvimento, sugestões didáticas*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1990.

- SANTA ROZA, Eliza. *Quando brincar é dizer*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.
- SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). *O lúdico na formação do educador*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SILVA, Emília Maria Ferreira da. *Representações da sociedade escravista brasileira na Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, de Jean-Baptiste Debret*. Salvador: UFBA, 2001.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *A primeira Gazeta da Bahia: idade d'ouro do Brasil*. São Paulo: Cultrix, 1978. v. 1.
- SILVA, Maria Alice S. Souza; CARCIA, M. L.; FERRARA, S.C. *Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século*. São Paulo: Cortez; CENPEC, 1989.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- SOUZA, Ludmila Erica C. *Comércio circulação e fabricação de brinquedos em São Paulo, 1901-1937 – Estudo sobre o comércio, industrialização e cultura material*. Relatório Científico apresentado à FAPESP referente à pesquisa de iniciação científica. São Paulo, 2004.
- VARELLA, João. *Da Bahia que eu vi*. Bahia: Typ. do O Povo, 1935. v. 1.
- VEIGA, Cyntia Greive; FARIAS, Luciano Mendes de. *Infância no sótão*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- VENÂNCIO, Renato Pinto; LIMA, L.L.G. Os órfãos da lei: o abandono de crianças negras no Rio de Janeiro após 1871. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 24-33, 1988.
- VILELA, José Aloísio Brandão. *Coletânea de assuntos folclóricos*. Maceió: UFAL, 1982.
- WAJSKOP, Gisela. *Brincar na pré-escola*. São Paulo: Cortez, 1997.

APÊNDICES

APÊNDICE A - APEB – Seção Alfandegária – Manifestos série 010

Nº Man	Exercício	Embarcação	Origem	Qant.	Quant. Qual. Mercadorias	Descarga	Apres. Despacho	N.F.	Data
78	1856/1857	Brique Dinamarquez Selma	Hámburgo	1	caixa com brinquedos	13/9/1856	13/9/1856		9/1856
98	1856/1857	Brique Hamburguez Amanda	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	16/10/1856	10/10/1856	649	10/1856
176	1856/1857	Brique Bremense	Hamburgo	10	caixas com brinquedos	18/12/1956	6e9/12/56	718	12/1856
176	1856/1857	""	Hamburgo	2	caixas com brinquedos	10/1/1857	9/12/1856	237	12/1857
176	1856/1857	""	Hamburgo	2	caixas com brinquedos	9/1/1857	19/12/1956	237	12/1856
180	1856/1857	Glª Princesa Ema e Mathilde	Hâvre	1	caixa com brinquedos	13/12/1856	10/12/1856	523	12/1856
180	1856/1857	""	Havre	3	caixas com brinquedos	13/1/1857	6e9/12/56	364	12/1856
310	1861/1862	Brique Dinamarquez Catharine	Hamburgo	4	caixas com brinquedos e outras mercadorias	4/6/1861	10/10/1856	106	05/1861
310	1861/1862	""	Hamburgo	2	caixas com brinquedos	27/6/1861	27/6/1861	682	05/1861
318	1861/1862	Escuna Bremense Agnes	Neucaitte	1	caixa com bolas de jogar	20/6/1861	7/6/1861	603	05/1861
108	1862	Escuna Dinamarqueza Lunomia	Hamburgo	1	caixa com brinquedos de estanho	25/10/1862	28/10/1862	568	11/1862
108	1862	""	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	30/10/1862	5/11/862	99	11/862
108	1862	""	Hamburgo	4	caixas com brinquedos e outras mercadorias	28/10/1862	28/10/1862	289	11/1862
108	1862	""	Hamburgo	13	caixas com brinquedos	7/11/1862	3/11/1862	182	11/1862
F78	1864	Escuna Dinamarqueza " Zebra"	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	14/10/1864	13/10/1864	750	10/1864
F78	1864	""	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	12/10/1864	13/10/1864	750	10/1864
F78	1864	""	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	13/10/1864	13/10/1864	750	10/1864
F78	1864	""	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	24/10/1864	24/10/1864	174	10/1864
10G	1865/1866	Vapor Francez Estramaduré	Bordeaux	1	caixa com brinquedos	17/7/1865	17/7/1865	796	07/1865
17G	1865/1866	Escuna Dinamarqueza Joachin e Henrich	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	8/8/1865	10/8/1865	508	08/1865
44G	1865/1866	Galera Franceza Pesco	Hâvre	4	caixas com brinquedos e outras mercadorias	30/8/1865	16/9/1865	71	09/1865
49G	1865/1866	Escuna Holandeza Cota Annetta	Hamburgo	2	caixas com brinquedos	12/9/1965	15/9/1865	728	09/1865
159G	1865/1866	Brique Inglez Eliza Hunter	Sivansia	1	caixa com brinquedos	10/1/1866	10/1/1966	401	01/1866
167G	1865/1866	Barca Franceza Sta. Manlhe	Havre	11	caixa com especiarias e brinquedos	22/1/1866	22/1/1866	1066/68	01/1866
180G	1865/1866	Escuna Hollandeza Ida	Hamburgo	1	caixa com conservas e brinquedos	30/1/1866	1/2/1866	67	02/1866
199G	1865/1866	Barca Franceza Nicolas Pousisi	Hâvre	1	caixa brinquedos ou artigos para jogar	23/2/1866	19/2/1866	1169	02/1866
199G	1865/1866	""	Hâvre	6	caixas c/diversos artigos e brinquedos	16/2/1866	19/2/1866	246	03/1866
199G	1865/1867	""	Hâvre	6	caixas com diversos artigos e brinquedos	17/2/1866	26/2/1866	122	03/1866
199G	1865/1866	""	Hâvre	6	caixa com brinquedos	15/2/1866	19/2/1866	1061/1123	02/1866

Nº Man	Exercício	Embarcação	Origem	Qant.	Quant. Qual. Mercadorias	Descarga	Apres. Despacho	N.F.	Data
199G	1865/1866	""	Hâvre	3	caixas com diversos artigos e brinquedos	28/2/1866	28/2/1866	127	03/1866
338G	1865/1866	Brique Prussiano Fortuna	Hamburgo	3	caixas com brinquedos	18/6/1866	30/6/1866	455	07/1866
236	1866/1867	Barca franceza Savanilla	Hâvre	1	caixa com brinquedos	28/1867	03/4/1867	604	04/1867
236	1866/1867	""	Hâvre	1	caixa com brinquedos	22/2/1867	4/4/1867	927	04/1867
236H	1866/1867	""	Hâvre	1	caixa com bonecas	27/2/1867	28/2/1867	78	03/1867
451	1867/1868	Barca Franceza Campeche	Hâvre	1	caixa com brinquedos	21/8/1867	30/8/1867	1511	08/1867
37-I	1867/1868	Sugon Prussiano Schultze Delitsch	Hamburgo	2	caixas com bonecos	19/8/1867	26/8/1867	269	09/1867
601	1867/1868	Vapor Inglês Larne	Southampton	1	caixa com brinquedos	30/8/1867	02/9/1867	140	09/1867
601	1867/1868	""	Southampton	2	caixas com diversos generos e brinquedos	30/8/1867	02/9/1867	179	09/1867
651	1867/1868	Galiota Holandesa Handrika	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	20/9/1867	30/9/1867	795	10/1867
82-I	1867/1868	Barca Franceza Bengale	Hâvre	1	caixa com brinquedos	9/10/1867	9/10/1867	540	10/1867
205	1867/1868	Brique Hamburguez Trovador	Hamburgo	3	caixas com brinquedos	3/1/1868	15/1/1868	499	01/1868
251	1867/1868	Patacho Prussiano Flora	Hamburgo	5	caixas com brinquedos	28/1/1868	6/3/1868	739	03/1868
268	1867/1868	Brique Hamburguez Emilie	Hamburgo	1	caixa de brinquedos	24/2/1868	26/2/1868	42	03/1868
268	1867/1868	""	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	24/2/1868	26/2/1868	42	03/1868
6	1870/1871	Brique Norte Alemão Johann	Hamburgo	5	caixas com brinquedos de criança	16/7/1870	16/7/1870	1174	07/1870
6	1870/1871	""	Hamburgo	1	caixa com quatro dúzias de bonecas vestidas c/cara de porcelana	8/7/1870			
78,f171	1870/1871	Escuna Norte Alleman Jenius	Hamburgo	1	caixa com 56 dúzias de bonecos despídos	04-10-1870	01-10-1870	721	10-1870
78, f171	1870/1871	"	Hamburgo	1	caixa com 2, 2/3 grozas de bonecos de louça	"	"	"	"
f,174	1870/1871	"	Hamburgo	1	caixa com 3 cartões amostra de boneca	"	"	"	"
f,174	1870/1871	"	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	14-10-1870	15-10-1870	711	10-1870
f,174	1870/1871	"	Hamburgo	1	baú com livros impressos (antiguidades e brinquedos)	14-10-1870	"	"	"
f,179	1870/1871	"	Hamburgo	2	caixas com brinquedos	4-10-1870	10-10-1870	135	1870
6	1870/1871	Brique Alemão Johann	Hamburgo	3	caixas com brinquedos	26-7-1870	27-07-1870	79	08-1870
6	1870/1871	"	Hamburgo	1	caixa com 24 dúzias de brinquedos	25/7/1870	27-07-1870	79	08-1870
11f,110	1870/1871	Brique Torle Alemão Tajale	Hamburgo	1	caixa com bonecos 30 dúzias	18/7/1870	4-07-1870	493	08-1870
Nº Man	Exercício	Embarcação	Origem	Qant.	Quant. Qual. Mercadorias	Descarga	Apres. Despacho	N.F.	Data
18f,132	1870/1871	Vapor Alemão Braziliem	Hamburgo,Havre,Lisboa	1	caixa com brinquedos para crianças	20-7-1870	21-07-1870	1666	01-1870
18, 150	1870/1871	"	Hamburgo, Havre, Liboa	1	caixa com brinquedos	21-7-1870	21-7-1870	1455	07-1870

181	1870/1871	Vapor Ingles Rio	Hamburgo Lisboa	1	caixa com brinquedos	12/1/1871	12/1/1871	729	01/1871
181	1870/1871	""	Hamburgo e Lisboa	1	caixa com brinquedos	7/01/1871	16/1/1871	61	02/1871
181	1870/1871	""	Hamburgo e Lisboa	1	caixa com brinquedos	7/01/1871	16/01/1871	719	01/1871
199	1870/1871	Barca Inglesa Zaide	Hamburgo	3	caixas com brinquedos	27/1/1871	25/1/1871	1319	01/1871
45J	1868/1869	Barca Norte Alemão	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	27-8-1868	28-8-1868	244	09-1868
45J	1868/1869	August & Emma	Hamburgo	3	caixas com brinquedos	20-08-1868	10-09-1868	646	09-1868
140J	1868/1869	Brique escuna Inglês Ganzelle	Hembro	1	caixa com brinquedos	16/11/1968	16/11/1968	949	11-1868
221J	1868/1869	Brique Norte Alemão Blue Marthul	Hembro	1	caixa com 1 boneca	16/1/1969	19/1/1969	1301	01-1869
221J	1868/1869	"	Hembro	1	caixa com 1 dúzia de brinquedos	"	"	"	"
368J	1868/1869	Vapor Francês Guinne	Bordeaux	2	caixas de miudezas	16/5/1969	20/5/1969	001-87	05-1869
376J	1868/1869	Brique escuna Inglês Ganzelle	Hamburgo	2	caixas com Brinquedos	7-06-1869	10/6/1969	1061	06-1869
386J	1868/1869	Escuna Norte Alemã Maria	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	11/6/1969	11/6/1969	1232	06-1869
386J	1868/1869	"	Hamburgo	1	caixa com bonecos	"	"	"	"
386J	1868/1869	"	Hamburgo	10	caixas com brinquedos	17/6/1969	17/6/1969	1913	06-1869
399J	1868/1869	Escuna Dinamarquesa Lima	Hamburgo	2	caixas com brinquedos	9/7/1969	10/7/1969	out/01	jul/69
399J	1868/1869	"	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	8/7/1969	17/7/1969	dez/03	jul/69
400J	1868/1869	Brique Norte Alemão Carlos	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	7/7/1969	8/7/1969	746	jul/69
367J	1868/1869	Barca Francesa Manille	Hâvre	1	caixa com brinquedos	3/6/1968	4/6/1969	315	jun/69
218	1867/1868	Brique Escuna Hamburguêz Ida	Hamburgo	2	caixas com bonecas	8/1/1968	15/1/1968	399	jan/68
205	1867/1868	Brique Hamburguez Trouve	Hamburgo	3	caixas com brinquedos	3/1/1968	15/1/1968	499	jan/68
205	1867/1868	""	Hamburgo	3	caixas com brinquedos	2/1/1968	15/1/1868	499	jan/68
205	1867/1868	""	Hamburgo	3	caixas com brinquedos	3/1/1968	15/1/1968	499	jan/68
268	1867/1868	Brique Hamburgues Emilie	Hamburgo	1	caixa com brinquedos				
160	1856	Defensor Galera Portuguesa	Lisboa	1	caixa com 96 chocalhos	5/1/1856	2/2/1856	816	02/1856
231	1856	Panamá Vapor Nacional	Rio de Janeiro	1	caixote com bonecas	1856		1287	01/1856
328F	1864/1865	Barca Portuguesa d'Ourosa	Porto	1	caixa com 583 bonecos de barro	30/6/1865	4/7/1865	962	8/1865
106	1837/1838	Barca Hamburgueza Elizabeth	Hamburgo	1	com brinquedos para meninos	12/5/1838	12/5/1838	220	05/1838
Nº Man	Exercício	Embarcação	Origem	Qant.	Quant. Qual. Mercadorias	Descarga	Apres. Despacho	N.F.	Data
120	1838	Galera Dinamarqueza Zebra	Hamburgo	2	caixas com cem dúzias brinquedos de vidro	25/6/1838	25/6/1838	419	06/1838
121	1838	Galera Franceza Indústria	Hâvre	1	caixa com brinquedos de criança	11/4/1838	11/4/1838	138	11/1838
234	1856	Imperador Vapor Nacional	Rio de Janeiro	2	caixões com brinquedos	3/1/1856		1379	jan/56
157	1846	Sto. Antonio Scuna Nacion	Rio de Janeiro	1	caixa com bonecas	08/1/1847	8/1/1847	831	01/1847
157	1846	""	Rio de Janeiro	1	pacote com um carrinho para criança	5/1/1847	5/1/1847	813	01/1847

157	1846	'''	Rio de Janeiro	3	caixas com com bonecos	15/1/1847	15/1/1847	893	01/1847
202	1851	Boston Brique Americano	Boston	3	caixas com três carrinhos	10/2/1951	10/2/1851	294	02/1851
302	1856/1857	Barca Dinamarqueza Wilhelmine	Hamburgo	4	caixas com brinquedos	2/3/1957	3/03/1857	1364	fev/57
155	1870/1871	Vapor Inglez Santos	Hamburgo e Lisboa	1	caixa com brinquedos	12/12/1870	12/12/1870	867	12/1870
155	1870/1871	'''	Hamburgo e Lisboa	1	caixa com brinquedos	12/12/1870	22/12/1870	1055	10/12/1870
155	1870/1871	'''	Hamburgo e Lisboa	1	caixa com brinquedos	12/1/2/1870	12/1/1971	162	12/01/1871
155	1870/1871	'''	Hamburgo e Lisboa	1	caixa com brinquedos	12/12/1970	14/12/1870	650	14/12/1870
155	1870/1871	'''	Hamburgo e Lisboa	1	caixa com bonecas	12/12/1870	02/1/1871	161	01/1871
155	1870/1871	'''	Hamburgo e Lisboa	3	caixas com brinquedos	15/12/1870	23/1/1871	962/1039	01/1871
155	1870/1871	'''	Hamburgo e Lisboa	1	caixa com brinquedos	12/12/1870	15/12/1870	715	12/1870
155	1870/1871	'''	Hamburgo e Lisboa	4	caixas com brinquedos	12/12/1871	dez/70- jan71	964/1039	dez/70- jan/71
155	1870/1871	'''	Hamburgo e Lisboa	1	caixa com bonecas	12/12/1870	12/12/1870	98	de/70
155	1870/1871	'''	Hamburgo e Lisboa	1	caixa com bolas de borracha	14/12/1870	14/12/1870		
155	1870/1871	'''	Hamburgo e Lisboa	1	caixa com brinquedos	14/12/1870	14/12/1870	747	dez/1870
155	1870/1871	'''	Hamburgo e Lisboa	1	caixa com brinquedos	12/12/1870	14/12/1870	740	10/12/1870
181	1870/1871	Vapor Inglez Rio	Hamburgo por Lisbôa	7	caixas com brinquedos	7/01/1871	11/1/1871	522	01/1871
168 f.141	1872/1873	Vapor Alemão Rio	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	3/12/1872	10/12/1872	1484	12/1872
168f.141	1872/1873	'''	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	3/12/1872	10/12/1872	1484	12/1872
168f. 141	1872/1873	'''	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	2/12/1872	10/12/1872	640	12/1872
168f.141	1872/1873	'''	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	3/12/1872	10/12/1872	640	12/1872
168f. 141	1872/1873	'''	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	3/12/1872	10/12/1872	640	12/1872
168f. 144	1872/1873	'''	Hamburgo	1	caixa com bonecas	3/12/1872	4/12/1872	208	01/1873
168f.144	1872/1873	'''	Hamburgo	1	caixa com bonecas	3/12/1872	4/12/1872	209	01/1873
168f.152	1872/1873	'''	Hamburgo	1	caixa com bonecas	'''	19/12/1872	66	01/1873
168f.152	1872/1873	'''	Hamburgo	1	caixa com bonecas	'''	7/01/1873	19	02/1873
168f.152	1872/1873	'''	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	3/12/1873	19/12/1872	66	01/1873
Nº Man	Exercício	Embarcação	Origem	Qant.	Quant. Qual. Mercadorias	Descarga	Apres. Despacho	N.F.	Data
168f.156	1872/1873	'''	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	'''	6/12/1872	417	12/1872
168f.156	1872/1873	'''	Hamburgo	1	caixa com brinquedos	'''	6/12/1872	417	12/1872
90	1868/1869	Escuna Holandesa Terschding	Hamburgo	2	caixas com brinquedos	7/10/1869	6/12/1869	475	10/1869
253	1879/1880	Vapor Alemão Bahia	Hamburgo	1	caixa com bonecas	21/2/1880	21/2/1880	1389	02/1880
253	1879/1880	'''	Hamburgo	2	caixas com brinquedos de louça não especificadas	21/2/1880	21/2/1880	1389	02/1880

405	1879/1880	Vapor Alemão Santos	Hamburgo	1	caixa contendo brinquedos de folha não especificados	3/6/1880	4/6/1880	344	06/1880
445	1879/1880	Vapor Alemão Bahia	Hamburgo	4	caixas com c/4 quilos de brinquedos de louça	28/6/1880	10/7/1880	756	07/1880
445	1879/1880	""	Hamburgo	1	caixa com bonecas porcelana não especificadas	28/6/1880	14/7/1880	1045	07/1880
106	1880/1881	Vapor Alemão Montevideo	Hamburgo	1	caixa com brinquedos de folha não especificadas p/ crianças	27/09/1880	01/10/1880	19	10/1880
106	1880/1881	Vapor Alemão Montevideo	Hamburgo	1	caixa com 60 dúzias de gaitas brinquedos p/crianças	38/9/1881	02/10/1880	150	10/1880
106	1880/1881	""	Hamburgo	1	caixa com seis grozas de brinquedos de chumbo não especificados	27/9/1880	2/10/1880	165	10/1880
106	1880/1881	""	Hamburgo	1	caixa com 120 dúzias de bonecas de louça/brinquedos p/crianças	27/9/1880	6/10/1880	422	10/1880
277	1880/1881	Vapor Alemão Santos	Hamburgo	1	caixa com brinquedos de folhas não especificados	28/1/1881	7/2/1881	544	02/1881
427	1880/1881	Vapor Alemão Valparaiso	Hamburgo	1	caixa com brinquedos de folhas não especificados	11/5/1881	28/5/1881	992	05/1881
427	1880/1881	"	Hamburgo	1	caixa com bonecas de louça	11/5/1881	28/5/1881	992	05/1881
409	1880/1881	Vapor Alemão Santos	Hamburgo	1	caixa com brinquedos de madeira p/crianças	27/4/1881	24/5/1881	1699	05/1881
409	1880/1881	""	Hamburgo	1	caixa com 60 cartões com bonecas não especificadas	27/4/1881	24/5/1881	1699	05/1881
409	1880/1881	""	Hamburgo	1	caixa com bonecas não especificadas	27/4/1881	24/5/1881	1699	05/1881
240	1880/1881	Vapor Alemão Rio	Hamburgo	1	caixa com brinquedos ,produtos p/criança, um maquinismo	28/1/1881	25/1/1881	1882	01/1881
255	1880/1881	Vapor Alemão Buenos Ayres	Hamburgo	1	caixa com doze dúzias de bonecas de louça não especificadas	13/1/1881	22/1/1881	1735	01/1881
277	1880/1881	Vapor Alemão Santos	Hamburgo	1	caixa com brinquedos de folhas simples p/crianças	28/1/1881	31/1/1881	2272	01/1881
Nº Man	Exercício	Embarcação	Origem	Qant.	Quant. Qual. Mercadorias	Descarga	Apres. Despacho	N.F.	Data
277	1880/1881	""	Hamburgo	1	caixa com uma groza de brinquedos de folha simples p/crianças	28/1/1881	31/1/1881	2273	
486	1880/1881	Vapor Alemão Bueno Ayres	Hamburgo	1	caixa com quatro quilos e meiode brinquedos de chumbo	27/6/1881	12/7/1881	901	07/1881
486	1880/1881	""	Hamburgo	1	caixa com Tres quilos de bonecas não especificados	27/6/1881	12/7/1881	901	07/1881
299	1880/1881	Vapor Alemão Valparaiso	Hamburgo	1	caixa contendo 60 dúzias de brinquedos	14/2/1881	17/2/1881	1387	02/1881
423	1880/1881	Vapor Francez Gevandes	Bordeaux	6	caixas com brinquedos de borracha	6/05/1881	1/06/1881	20	06/1881

69	1881/1882	Vapor Alemão Argentina	Hamburgo	1	caixa com brinquedos de louça não especificados p/crianças	27/8/1881	1/9/1881	1	01/1881
119	1885/1886	Vapor Francez Ville de Santos	Hâvre	1	caixa com livros e brinquedos	26/9/1885	5/10/1885	54	10/1885
119	1885/1886	""	Hâvre	1	caixa com vidros e brinquedos	26/9/1885	5/10/1885	1162	10/1885
119	1885/1886	""	Hâvre	1	caixa com brinquedarias	28/9/1885	12/10/1885	1754	10/1885
119	1885/1886	""	Hâvre	1	caixa com brinquedos	28/9/1885	3/10/1885	440	10/1885
121	1885/1886	Vapor Alemão Buenos Ayres	Hamburgo e Escalas	1	caixa com brinquedos	28/9/1885	16/10/1885	1625	10/1885
131	1885/1886	Vapor Francez Niger	Bordeaux	1	caixa com brinquedos e mercearia	6/10/1885	7/10/1885	1069	10/1885
136	1885/1886	Vapor Francez Ville de Pernambuco	Hâvre	2	caixas com brinquedos	12/10/1885	14/10/1885	1990/91	10/1885
268	1886/1887	Vapor Francez Niger	Bordeaux e escalas	1	caixa com brinquedos	5/1/1887	8/1/1887	682	01/1887
294	1886/1887	Vapor Allemão Valparaiso	Hamburgo e escalas	1	caixa com brinquedos	28/1/1887	3/2/1887	490	02/1887
65	1886/1887	Vapor Francez Ville de Ceará	Hâvre por escala	16	caixas com artigos diversos, brinquedos e brinquinharia	13/8/1886	08/1886	1172	08/1886
65	1886/1887	"	Hâvre	2	caixas com brinquinharias	12/8/1886	08/1886	1173	08/1886
65	1886/1887	""	Hâvre	2°	caixas com brinquedos e artigos de Paris	12/8/1886	12/8/1886	16	08/1886
56	1886/1887	Vapor Francez Senegal	Bordeaux e escalas	1	volume brinquedos	6/8/1886	12/8/1886	1600	08/188611
111	1887/1888	Vapor Frances Ville de Pernambuco	Hâvre	1	caixa com brinquedos	24/3/1888	4/4/1888	812	05/1888
122	1887/1888	Vapor Francez Ville da Bahia	Havre	1	volume com brinquedos	5/4/1888	5/4/1888	1739	04/1888
122	1887/1888	""	Hâvre	1	volume com amostras dos mesmos	5/4/1888	5/4/1888	1739	6/4/1888
129	1887/1888	Vapor Francez Negen	Bordeaux e escalas	1	caixa com amostras de brinquedos	3/4/1888	9/4/1888	756	09/1888
134	1887/1888	Vapor Francez Ville de Montevideo	Hâvre	1	caixa com brinquedos	11/4/1888	9/5/1888	2703	05/1888
134	1887/1888	""	Hâvre	1	caixa com brinquedos	12/4/1888	12/4/1888	3130	04/1888
134	1887/1888	""	Hâvre	1	caixa com brinquinharia	12/4/1888	25/4/1888	1240	05/1888
Nº Man	Exercício	Embarcação	Origem	Qant.	Quant. Qual. Mercadorias	Descarga	Apres. Despacho	N.F.	Data
237	1890	Vapor Alemão Paraguacú	Hamburgo via Lisboa	1	caixa com brinquedos	10/7/1890	15/7/1890	701	07/1890
240	1890	Vapor Francez Parahiba	Hâvre	1	caixa com brinquedos	16/7/1890	17/7/1890	1151	07/1890
251	1890	Vapor Allemão Bahia	Hamburgo e Lisboa	1	caixa de brinquedxos	28/7/1890	30/7/1890	55	07/1890
245	1897	Vapor Alemão Amazonas	Hamburgo c/escalas	1	caixa de brinquedxos	23/6/1897	21/7/1897	1940	08/1897
245	1897	""	Hamburro c/escalas	1	caixa de brinquedxos	15/7/1897	28/7/1897	668	08/1897
245	1897	""	Hamburgo c/escalas	1	caixa de brinquedxos	12/7/1897	30/7/1897	3	08/1897
245	1897	""	Hamburgo c/escalas	1	caixa de brinquedxos	15/7/1897	11/11/1897	743	set/1897
263	1897	Vapor Belga Galileu	Nova York	1	caixa de brinquedxos	2/7/1897	30/7/1897	427	08/1897
264	1897	Vapor Alemão São Paulo	Hamburgo/Alfan	1	caixa com bonecas vestidas	3/8/1897	10/8/1897	1091	09/1897

264	1897	""	Hamburgo/Alfan	1	caixa com brinquedos de madeira	3/8/1897	10/8/1897	1360	08/1897
140G	1865	Barco Francesa "Venezuela"	Havre		brinquedos	13/12/1865			
143G	1865	Vapor Francez Estramadure	Bordeaux		brinquedos	15/12/1865			
105G	1865	Vapor Inglex "Bhone"	Southampton		brinquedos	1º/11/1865			
314	1848	Margurel Elizabeth	Londres		bonecas	23/5/1848			
4	1848	Mhote Barca Ingleza	Liverpool		carrinho de ferro	5/7/1848			
11	1884	Vapor Francez Senagre	Bordeaux		brinquedos	07/07/1884			
128	1861	Esperance Escuna Rinharqz	Hamburgo		brinquedos, bonecas	11/11/1861			
149	1861	Matilde Escuna Dinamarqueza	Hamburgo		brinquedos	4/12/1861			
108	1862	Eunomia Escuna Dinamarqueza			brinquedos de estanho	25/10/1862			
157	1863	União Escuna	Hampem		brinquedos de folha de flandres	30/11/1863			
228	1864	Alfred Escuna Mecklembgz	Hamburgo		brinquedo	19/01/1864			
F22	1864	Galera Franceza Monsort	Havre		brinquedos	19/07/1864			
39F	1864	Vapor Francez Estramadure	Bordeaux		brinquedos para meninas	13/08/1864			
105	1864	Brique Norueguez Presto	Hamburgo		Brinquedos	17/11/1864			
371	1855	Vapor Alemã Curitiba	Hamburgo sem escalas		bonecas, brinquedos	18/09/1855			
94	1850	Tanny Brique Escuna			carrinhos	29/10/1850			
122	1853	Great Mestean Vapor Ingles Cosme Philip	Louth Ampton, Portugal		Bolas	4/11/1853			
254	1856	Vapor Hamburguez Tuetonio	Southampton		Miudeza infantis	16/01/1856			
Nº Man	Exercício	Embarcação	Origem	Qant.	Quant. Qual. Mercadorias	Descarga	Apres. Despacho	N.F.	Data
59	1856	Hauneveriana Com e Marcia			brinquedos	15/09/1856			
86	1897	Vapor Francez Corsica	Havre por Lisboa e Pernambuco		Brinquedos	20/02/1897			
97	1897	Vapor Alemão Rio	Hamburgo via Liboa		Brinquedo	03/03/1897			
99	1897	Vapor Alemão Paraguai	Hamburgo via Lisboa e Madeira		Bonecos	03/03/1897			
240	1897	Vapor Francez Ville de San Nicolas	Havre com escalas		brinquedos	19/06/1897			
342	1897	Vapor Alemão Amazonas	Hamburgo com Escalas			14/09/1897			
12	1898	Vapor Alemão Babilonge	Hamburgo		brinquedos- carrinho p/ criança - bonecas - bonecas de porcelana	07/01/1898			

159	1899	Vapor Francez Pampa	Havre e escalas		Brinquedos de folhas de flandres	22/04/1899			
54	1897	Vapor Alemão Santos	Hamburgo e escalas		bonecos	4/02/1897			
7	1897	Vapor Francez Cordillere	Bordeaux e escalas		brinquedos	4/01/1897			
13	1897	Paquete Inglez Ebro	Southampton		brinquedos	7/01/1897			
28	1897	Vapor Alemão Coviente	Hamburgo		brinquedos	20/01/1897			
29	1897	Vapor Inglez Coleredge	Nova York		carrinho p/ criança	21/01/1897			
38	1897	Vapor Francez Campano	Havre, Lisboa e Pernambuco		Brinquedos	25/01/1897			
62	1897	Vapor Francez Colonia	Havre		Brinquedos	8/02/1897			
66	1897	Vapor Allemão Porto Alegre	Hamburgo		Brinquedos	10/02/1897			
174	1871	Vapor Inglez Brazilian	Hamburgo via Liboa		Brinquedo - Bonecas	07/12/1871			
193	1871	Barca Allemã Hajdn	Hamburgo		Brinquedos	12/12/1871			
203	1871	Vapor Inglez Tycho Broche	Liverpool		Brinquedos	21/12/1871			
140	1869	Barca Franceza Mansort	Havre		Brinquedo	11/11/1869			
148	1869	Vapor Inglez Criterion	Hamburgo	2	Bonecas	19/11/1869			
121	1864	Galena Franceza Daguerre	Havre		brinquedos	3/12/1864			
129	1864	Escuna Hannovericano Johanna	Hamburgo		brinquedos	12/12/1864			
17G	1865	Escuna Dinamarqueza Joachim Hunrick	Hamburgo		brinquedos	28/07/1865			
Nº Man	Exercício	Embarcação	Origem	Qant.	Quant. Qual. Mercadorias	Descarga	Apres. Despacho	N.F.	Data
19G	1865	Escuna Hannoveriana Anna	Hamburgo		brinquedos	29/07/1865			
105G	1865	Vapor Inglez Bhoni	Southampton		brinquedos	1/11/1865			
112G	1865	Escuna Schleseerg Holsteinense "Elise e Mary"	Hamburgo		brinquedos	11/11/1865			
119G	1865	Vapor Francez "Guenne"	Bordeaux		brinquedos	15/11/1865			
122G	1865	Escuna Austriaca "Challenger"	Hamburgo		bonecas	18/11/1865			
445	1885	Vapor Allemão Montivideo	Hamburgo		brinquedos	28/03/1885			
136	1855	Vapor Francez Ville de Pernambuco	Havre		brinquedos	10/10/1855			
364	1886	Vapor Francez Girande	Bordeaux		brinquedos	8/03/1886			
10	1886	Vapor Inglez Olbers	Liverpool		carrinho	08/07/1886			

15	1886	Vapor Allemão Montivideo	Hamburgo	brinquedos	10/07/1886			
16	1886	Vapor Francez Ville de Bahia	Havre	brinquedos	10/07/1886			
19	1886	Paquete Inglez Trent	Southampton	brinquedo	12/07/1886			
39	1886	Vapor Francez Ville de Victoria	Havre	brinquedo	24/07/1886			

APÊNDICE B - APEB - Secção Alfandegária - Notas de Despacho – Série 030

Nº. Via	Armazén	Manifesto	Quant.	Mercadorias	Direitos	Data. Desp.	Procedência
740	2º	155 fl.4	4 Quilos	brinquedos para criança não especificados (art.1242)	2#400	16-121870	Hamburgo e Lisboa
83	2º	F347	6	bonecas vestidas com cara de porcelana de 8 até 16 polegadas	1#400	02/6/1865	França
192	2º	F275	4 dúzias	bonecos de porcelana vestidos de 8 até 16 polegadas de altura	3#000	11/05/1865	Hâvre
192	2º	F275	3 dúzias	bonecas de porcelana vestidas de 8até 16 polegadas de altura	2#333	3/6/1865	Hâvre
152	4º	6fl.73	1	boneca vestida com cara de porcelana até 16 polegadas de altura	#166	4/10/1865	
920	3º	g-49	9	cartões de papelão com brinquedos para criança (franceses)	4#200		Hamburgo
1187	3º	368	15	brinquedos francezes	4#500	15/5/1869	Bordeaux
1187	3º	368	22	dois brinquedos alemães	2#640	25/5/1869	Bordeaux
1187	3º		4 dúzias	bonecas de porcelana não vestidas (4 polegadas)	2#400	25/5/1869	
1187	3º	368	3 dúzias	bonecas cara de porcelana (4 polegadas) não vestidas perna de pau	#600	""	
1187	3º		2 dúzias	bonecos chorões cara de cera (11polegadas) não vestidas de napa	4#000	""	
1187	3º		1	boneca chorona cara de cera 13 pol.não vestida	#166	25/5/1869	
1187	3º		1/2 dúzias	bonecas vestidas c/cara de cera 10 polegadas	1#200	15/5/1869	
475	3º	90	2	brinquedos art. 1242	11#400	23/7/1870	
1174		6		cinco caixas			
157		6	22 quilos	brinquedos			
157		6		com 45 duzias de bonecas		8/8/1870	
79		6	1	vinte quatro dúzias de brinquedos: bonecas de porcelana e brinquedos fabricados de madeira e papelão			
711		78		com brinquedos de louça não especificados			
721		78		de bonecas e amostra de cartões de bonecas		20/10/1870	
735		78		brinquedos			
640	3º	168	3	brinquedos	25#200	10/12/1872	
640	3º	168	1	brinquedos	11#400	10/12/1872	
1484	2º	168	1	com 12 duzias de bonecas cara de cera vestidas	8#400	12/12/1872	
1484	2º	168	1	com 75 grozas de bonecas de louça	39#000	12/12/1872	
756	2º	445	4 quilos	brinquedos de louça	2#400	10/7/1880	Hamburgo

Nº. Via	Armazén	Manifesto	Quant.	Mercadorias	Direitos	Data. Desp.	Procedência
1045	2º	445		com bonecas de porcelana não especificadas	2#400	14/7/1880	Hamburgo
344	2º	405	1	contendo brinquedos de folhas não especificados	72#000	4/6/1880	Hamburgo
48	2º	405	1	contendo brinquedos de folhas não especificados	12#000	01/6/1880	Hamburgo
49	2º	405	1	contendo brinquedos de folhas não especificados	10#000	26/5/1880	Hamburgo
1389	2º	253	1	contendo brinquedos de folhas não especificados		21/2/1880	Hamburgo
1389	2º	253	2	brinquedos de louça p/criança		21/2/1880	Hamburgo
110	5º						Hamburgo
19	2º	106	1	com brinquedos de folha de flandre não especificados p/criança	36#000	01/10/1881	Hamburgo
992	2º	427		contendo brinquedos de folhas não especificados	38#000	28/5/1881	Hamburgo
992	2º	427	1	contendo bonecas de louça	15#000	28/5/1881	Hamburgo
150	2º	106	60 dúzias	gaitas brinquedos p/crianças art/1051	20#400	02/10/1880	Hamburgo
165	2º	106		6 grozas de brinquedos de chumbo não especificados	4#200	2/10/1880	
422	2º	106	1	120 dúzias de bonecas de louça	10#800	6/10/1880	Hamburgo
87	2º	409	1	60 cartões com bonecas	20#400	27/4/1881	Hamburgo
1735	~2º	255		doze dúzias de bonecas de louça não especificadas	4#800	22/1/1881	Hamburgo
1882	2º	240	1	contendo brinquedos	24#200	25/1/1881	Hamburgo
2272	2º	277	1	com brinquedos folha simples p/criança	#600	31/1/1881	Hamburgo
2273	2º	277		1 groza de brinquedos de folha p/criança	2#400	31/1/1881	Hamburgo
544	2º	277	1	brinquedos de folhas não especificadas para crianças	13#800	7/2/1881	
1699	2º	409		brinquedos de madeira para crianças	14#400	24/5/1881	Hamburgo
1699	2º	409	1	contendo 60 cartões com bonecas não especificadas	9#600	24/5/1881	
1699	2º	409	1	com bonecas não especificadas	9#000	27/5/1881	Hamburgo
1	2º	69	1	contendo brinquedos de louça não especificados p/crianças	16#860	1/9/1881	Hamburgo
901	2º	486		quatro quilos e meio de brinquedos de chumbo	4#200	12/7/1881	
901	2º	486	3 quilos	de bonecas não especificadas	16#500	17/2/1881	Hamburgo
1387	5º	299	1	contendo 60 dúzias de brinquedos p/meninos não especificadas	12#000	17/2/1881	Hamburgo
20	5º	423	6	seis caixas com brinquedos de borracha	2#000	1/6/1881	Bordeaux
1919	2º	101	1	cinquenta e sete quilos de brinquedos não especificados	34#200	24/9/1884	Bordeaux
1919	2º	101	1	dois rolos de brinquedos de borracha não especificados	2#000	24/9/1884	Bordeaux
1945	4º	105	1	oito dúzias de bonecas de cêra, pesando nos cartões 83 quilos e 3 bonecas não especificadas	48#600	24/9/1884	Bordeaux
1992	2º	113	1	110 quilos de brinquedos de folha não especificados.	65#400	24/9/1884	Hamburgo

Nº. Via	Armazén	Manifesto	Quant.	Mercadorias	Direitos	Data. Desp.	Procedência
2072	4º	105	1	brinquedos não especificados para crianças, pesando no envoltório 6 1/2 quilos.	2#700	25/9/1884	Hamburgo
2272	5º	81C	1	dezoito quilos de brinquedos não especificados para crianças.	10#800	27/09/1884	Rio de Janeiro
2432	2º	119	1	novanta quilos de brinquedos não especificados para crianças	36#600	30/09/1884	Hamburgo
1265	2º	53	1	brinquedos de folhas não especificados para crianças, pesando nos envoltórios 4 1/2 quilos	2#700	17/08/1884	Bordeaux
1468	4º	105	5 quilos	brinquedos não especificados para crianças, pesando no envoltório 6 1/2 quilos.	3#000	19/9/1884	Hamburgo
278	2º	181	1	bonecas de louça não especificadas, pesando nos envoltórios 27 quilos	16#200	28/10/1882	Hamburgo
321	2º	181	1	brinquedos de louça não especificados para crianças, pesando nos envoltórios 56 quilos	33#600	6/11/1882	Hamburgo
338	2º	175	9 quilos	brinquedos não especificados para crianças, pesando no envoltório 6 1/2 quilos.	5#400	6/11/1882	Havre
496	5º	181	1	brinquedos não especificados pesando nos envoltórios 23 quilos	13#800	7/11/1882	Hamburgo
2576	2º	152	10 quilos	bonecas de borracha	10#000	30/10/1883	Havre
2576	2º	152	7 quilos	brinquedos não especificados	4#200	30/10/1883	Havre
37	2º	175	1	brinquedos não especificados para crianças, pesando nos envoltórios 20 quilos	12#000	2/11/1882	Havre
65	2º	153	4 quilos	bonecos não especificados	5#400	2/11/1882	Hamburgo
86	2º	175		30 grozas de brinquedos de borracha pesando liquido 9 quilos	9#000	3/11/1882	Havre
273	2º	181	1	brinquedos de massa não especificados pesando nos envoltórios 62 quilos	37#200	4/11/1882	Hamburgo
273	2º	181	1	bonecas não especificadas pesando nos envoltórios 20 quilos	12#000	4/11/1882	Hamburgo
1373	2º	461	1	doze dúzias de brinquedos não especificados para crianças, pesando nos envoltórios 22 quilos	13#200	19/5/1882	Hamburgo
1452	2º	461	1	cinco quilos de brinquedos não especificados para crianças, pesando nos cartões 5 quilos	3#000	20/5/1882	Hamburgo
1044	2º	190	1	150 caixinhas de brinquedos de louça não especificados, pesando nos envoltórios 74 quilos	44#400	12/11/1881	Hamburgo
1142	2º	190	1	cinquenta dúzias de bonecas de louça ordenadas, pesando nos papéis 9 quilos	5#400	15/11/1881	Hamburgo
1203	2º	461	1	cinco quilos de bonecas de louça não especificadas	3#000	16/05/1882	Hamburgo
1203	2º	461	2 quilos	brinquedos não especificados	1#200	16/05/1882	Hamburgo
1313	5º	461	52 dúzias	brinquedos de papelão simples, pesando 10 quilos	6#000	17/05/1882	Hamburgo
100	2º	86	1	doze quilos de brinquedos de borracha para crinaça	12#000	3/9/1883	Hamburgo
100	2º	86	3 quilos	brinquedos não especificados	1#800	3/9/1883	Hamburgo
122	2º	81	1	vinte e sete quilos de brinquedos não especificados	16#200	3/9/1883	Havre
122	2º	81	6 quilos	brinquedos de borracha	6#000	3/9/1883	Havre
761	5º	394	1	brinquedos de folha de flandres não especificados para crianças, pesando nos envoltórios 58 quilos	22#800	11/5/1883	Hamburgo
302	2º	433	1	onze quilos de brinquedos para crianças não especificados	6#600	5/5/1883	Hamburgo
304	2º	419	1	dois quilos de brinquedos para crianças	1#200	5/5/1883	Hamburgo

Nº. Via	Armazén	Manifesto	Quant.	Mercadorias	Direitos	Data. Desp.	Procedência
238	2º	436	1	brinquedos de folhas não especificados para crianças, pesando nos envoltórios 2,400 gr	1#440	4/5/1883	Havre
61	2º	81	1	brinquedos não especificados para crianças, pesando nos envoltórios 8 quilos	3#600	1/9/1883	Havre
1256	2º	297	1	brinquedos de chumbo para crianças pesando 64 quilos	38#400	16/1/1883	Havre
1283	2º	298	52	brinquedos de borracha, pesando nos envoltórios 51/2 quilos	5#500	16/1/1883	Hamburgo
1822	2º	298	1	bonecas simples não especificadas, pesando nos cartões 22 quilos	13#200	17/01/1883	Hamburgo
1390	2º	298	1	brinquedos não especificados para crianças, pesando nos envoltórios 52 quilos	31#200	17/01/1883	Hamburgo
1443	2º	287	1	meio quilo de brinquedos não especificados	#300	19/01/1883	Bordeaux
1450	2º	297	1	brinquedos não especificados para crianças, pesando nos envoltórios 31/2 quilos	2#100	19/01/1883	Havre
1476	2º	289	1	brinquedos de borracha, pesando nos envoltórios 5 quilos	5#000	18/01/1883	Bordeaux
1479	2º	289	1	brinquedos de folhas não especificados para crianças, pesando nos envoltórios 22 quilos	13#200	18/01/1883	Hamburgo
1510	3º	250	1	trinta dúzias de brinquedos não especificados, pesando nos envoltórios 23 quilos	13#800	19/01/1883	Hamburgo
764	2º	445	1	dois quilos de brinquedos de chumbo	1#600	11/05/1883	Bordeaux
1147	2º	16	1	sessenta e três quilos de brinquedos não especificados para crianças	37#800	17/7/1883	Hamburgo
1272	2º	19	1	bonecas de armarinho para pó de arroz, pesando 1/2 quilo	1#500	18/7/1883	Havre
1675	2º	272	1	13 1/2 de brinquedos de papelão não especificado para crianças	8#100	21/01/1883	Havre
1702	2º	298	1	seis quilos de brinquedos não especificado	3#600	22/01/1883	Hamburgo
1702	2º	298	1	brinquedos não especificados para crianças pesando nos envoltórios 65 quilos	39#000	22/01/1883	Hamburgo
1759	2º	298	1	cem quilos de brinquedos de folha para crianças não especificados	60#000	23/01/1883	Hamburgo
1783	4º	298	1	vinte e oito quilos de bonecas de louça nos cartões	16#800	23/01/1883	Hamburgo
440	2º	289	1	um quilo de brinquedos de dar corda	2#000	7/2/1883	Bordeaux
440	2º	289	8 quilos	brinquedos não especificados para crianças	4#8000	7/2/1883	Bordeaux
516	2º	321	1	brinquedos de folha não especificados para crianças, pesando 80 quilos	48#000	8/2/1883	Hamburgo
322	2º	321	2 quilos	brinquedos não especificados	1#200	3/2/1883	Hamburgo
331	1º	316	1	bonecas não especificadas pesando nos envoltórios 4 quilos	2#400	6/2/1883	Liverpool
438	1º	284	1	trinta e seis dúzias de bonecas de louça pesando nos cartões 14 quilos	8#400	7/2/1883	Liverpool
2219	2º	549	1	brinquedos de borracha, pesando nos envoltórios 14 1/2 quilos	14#500	26/6/1884	Hamburgo
2222	2º	538	1	brinquedos não especificados, para crianças, pesando nos envoltórios 7 quilos	2#100	26/6/1884	Hamburgo
1486	2º	96	736	bonecas não especificadas, pesando nos envoltórios 37 quilos	22#200	4/09/1884	Hamburgoavre
1610	5º	94	3 quilos	brinquedos não especificados	1#800	20/9/1884	Havre
2574	2º	568	1	doze dúzias de brinquedos não especificados, pesando nos envoltórios 6 quilos	8#400	30/6/1884	Havre
1384	2º	486	1	brinquedos não especificados pesando 30 1/2 quilos	28#200	16/5/1884	Hamburgo
2121	2º	549	1	bonecas de cera pesando nos envoltórios 49 quilos	30#600	26/6/1884	Hamburgo

Nº. Via	Armazén	Manifesto	Quant.	Mercadorias	Direitos	Data. Desp.	Procedência
2208	2º	539	1	bonecas não especificadas pesando nos envoltórios 9 1/2 quilos	5#700	26/06/1884	Bordeaux
857	2º	83	2 dúzias	brinquedos não especificados para crianças pesando 1 quilo	#600	10/10/1882	Havre
25	2º	535	1	brinquedos não especificados para crianças, pesando 12 quilos	7#200	3/7/1882	Havre
574	2º	535	1	brinquedos de folha não especificados para crianças, pesando nos envoltórios 5 quilos	3#000	8/7/1882	Havre
1821	2º	321	1	cento e cinquenta dúzias de bonecos de louça, pesando nos envoltórios 21 quilos	12#600	23/2/1883	Hamburgo
1908	2º	345	1	cinco quilos de brinquedos de folha não especificados para criança	15#000	26/2/1883	Hamburgo
25	2º	319	1	trinta quilos de brinquedos não especificados	18#000	1/2/1883	Havre
83	2º	298	1 quilo	brinquedo não especificado	#600	1/2/1883	Hamburgo
217	2º	319	1	brinquedos para crianças, pesando nos envoltórios 1 quilo	#600	5/2/1883	Havre
285	2º	321	1	180 cartões com bonecas de louça não especificada pesando nos envoltórios 59 quilos	35#400	5/2/1883	Hamburgo
89	2º	385	1	doze dúzias de bonecas não especificadas, pesando nos envoltórios 50 quilos	30#000	1/5/1883	Hamburgo
102	2º	436	1	brinquedos de chumbo para crianças pesando 2 quilos	7#200	1/5/1883	Havre
134	2º	436	1	cinco quilos de brinquedos não especificados para crianças, pesando nos cartões 5 quilos	3#000	2/5/1883	Havre
210	5º	453	1	2 1/2 de brinquedos simples	1#500	4/5/1883	Hamburgo
1114	2º	496	1	brinquedos não especificados para crianças, pesando nos envoltórios 1,900 g.	1#140	5/6/1883	Havre
1077	2º	492	1	bonecas não especificados pesando nos envoltórios 15 quilos	9#000	14/06/1883	Hamburgo
1175	2º	467	1	doze quilos de brinquedos não especificados	6#600	15/06/1883	Havre
1414	2º	492	1	bonecas não especificadas pesando nos envoltórios 11 quilos	6#600	19/06/1883	Hamburgo
16	2º	433	1	180 dúzias de bonecas de louça, pesando nos envoltórios 60 quilos.	36#000	1/5/1883	Hamburgo
719	3º	181 fl.113	1	brinquedos não especificados	66#600	18/01/1871	Hamburgo, Lisboa
719	3º	181	1	brinquedos para crianças não especificados	6#000	18/1/1871	Hamburgo, Lisboa
729	3º	181 fl.15	1	114 dúzias de bonecas de marca não especificada, pesando nos envoltórios 166 quilos	11#000	18/1/1871	Hamburgo
729	3º	181	1	cem dúzias de bonecas de porcelana não especificadas, pesando nos envoltórios 21 quilos	16#800	18/1/1871	Hamburgo
729	5º	181	1	cinco dúzias e três bonecos vestidos, pesando nos envoltórios 52 quilos		18/1/1871	Hamburgo
867	6º	151 fl.8	1	12 dúzias de brinquedos de crianças feitos de papelão		20/1/1871	Liverpool
867	2º	155 fl.6	1	480 dúzias de brinquedos para crianças não especificados	64#200	20/12/1870	Hamburgo
1055	3º	155	1	19 quilos de brinquedos não especificados	29#400	23/12/1870	Hamburgo
866	3º	155	1	33 1/2 dúzias de brinquedos para crianças com 74 quilos: achou 69 1/2 de brinquedos para crianças (242)	41#700	20/12/1870	Hamburgo
866	3º	155	1	5 dúzias de bonecas ordenadas e vestidas, pesando nos envoltórios 54 quilos	41#160	20/12/1870	Hamburgo
1027	3º	163 fl.3	8	brinquedos não especificados, pesando nos envoltórios 439 quilos	263#400	23/12/1870	Antuérpia
Nº.	Armazén	Manifesto	Quant.	Mercadorias	Direitos	Data.	Procedência

Via						Desp.	
1027	3°	163		22 brinquedos de papel com maquinismo de 34 cm de comprimento.	261#000	23/12/1870	Antuerpia
962	3°	155 fl.14		8 dúzias de brinquedos para crianças e 48 pequenos brinquedos	5#400	21/12/1870	Hamburgo

APÊNDICE C - FÁBRICAS E FABRICANTES







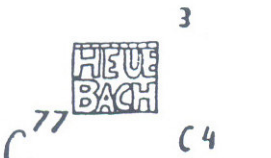




Alemanha
<p>HILPERT- Coburg e Nuremberg- Alemanha A produção circunscribe ao período de 1720 a 1822 As gerações sucessivas da família Hilpert fabricam as figuras plana com a base em H</p>
<p>HEINRICHESES, Ernst- Nuremberg, Alemanha Fundada em 1830 se especializa em soldados de metal</p>
<p>HESS, Math- Nuremberg-Alemanha Fundada em 1830 se une as firmas que fabricam trens Johan L. Hess herda a sociedade em 1866</p>
<p>Königliche Porzellan Manufaktur Meissen and Berlin – 1836 GERBRÜDER HEUBACH 1843</p>
<p>A.W.Fr. KISTER Porcelain Factory– S “GDR” - Turingia -1850 KESTNER & Co. Porcelain Factory 1850 BUB, KARL- Nuremberg Alemanha Fundada em 1851 fabricava brinquedos em ferro branco e trens</p>
<p>LUTZ, LUDWIG, Alemanha Funcionou entre 1846 e 1891 fazia objetos de ferro branco com o nome de Englert & Lutz depois de 1857. A sociedade foi vendida a Märklin.</p>
<p>LIMBACH Porcelain Factory – 5274 e P “13”- 1860 WEISS, KÜHNERT 7 CO.- 1860</p>
<p>CARL SCHEIDIG- 1861</p>
<p>ALT, BECK 7 GOTTSCHALCK - 1862 2-BING GEBRÜDER- Nuremberg, A Alemanha Fundada em 1863 por Ignaz et Adolf Bing sua marca é – “G.B.N”</p>
<p>C.F.KLING 7 Co. marked “ Germany//220//[Kling bell//14”- 1870 HERTWIG 7 CO. 1870 Heyde, Georg- Dresde Alemanha A partir de 1870 fabricam soldados do tipos sólido e semi-sólido e soldados com moldes vazados</p>
<p>HEYDE, Georg- Dresde Alemanha A partir de 1870 fabricam soldados do tipos sólido e semi-sólido e soldados com moldes vazados fabricam as figuras plana HERMAN VOIGT- 1872</p>
<p>BAEHR 7 PROESCHILD – 1875 F.7 W. GOEBEL- 1879</p>
<p>GEBRÜDER KÜHNLENZ- 1884 ARMAND MARSEILLE AND ERNST HEUBACK- 1885 CARETTE- Nuremberg, Alemanha Geprge Carette começa a produzir brinquedos em ferro branco em 1886</p>
<p>LEHMANN- Brandenburg, Alemanha Fundada em 1881 antes fabricavam outros produtos depois passaram a produzir brinquedos de fantasia em ferro branco</p>
<p>MÄRKLIN- Wurtemberg, Alemanha Fundada em 1859 a firma funcionou com o nome de W.Märklin até 1888 quando muda em 1892 para Gebrüder Märklin & Co.</p>







França
<p>BONTEMPS- Paris Fundada por Blaise Bpntems em 1840</p> <p>LAMBERT, LEOPOLD-Paris Trabalhou inicialmente com Vichy e os seus autômatos tem a marca “L.B”</p> <p>LUCOTTE- Paris Fundada em 1765 Produzia soldados sólidos e figurinos</p> <p>MARTIN,Fernand- Paris A Usina em Paris funcionou em 1880 se especializando em brinquedos em ferro branco com a marca “F.M”</p>
Inglaterra
<p>BRINTAINS – Londres Fundada por William Britain nos fins de 1840</p> <p>CHAD VALLEY Birmingham, Inglaterra Fundada por Antony Bunn Johnson 1820 e apartir de 1897 passa a fabricar brinquedos de ferro branco</p> <p>BRESSET- LOWKE- Northampton- Inglaterra Sociedade fundada por Wenman J. Basset-Lowke em 1898</p>
Estados Unidos
<p>BROEN, GEORGE w. Forestville- Connecticut, Estados Unidos George W. Brown uma oficina de relojoaria em 1856 e começa a fazer os primeiros soldados com moldes vazados comercializados a partir de 1869 sua marca J.&E.</p> <p>IVES, Edward Riley- Connecut-Estados Unidos Fundada em 1868 a firma se instala em Bridgeport em 1870 conhecida pelo nome d'Ives & Blakeslee em 1872 fabricam trens de boa qualidade e brinquedos em metal e autômatos e outros brinquedos mecânicos</p> <p>EDSON, THOMAS New Jersey, Estados Unidos Tem autorização de para a primeira boneca fonográfica em 1878 e a versão comercial passa a ser fabricada em 1889 com a cabeça de biscuit</p>

APÊNDICE D - PRINCIPAIS PRODUTORES DE BRINQUEDOS EM METAL E AUTOMOTOS

BROEN, GEORGE W.	Forestville- Connecticut, Estados Unidos George W. Brown uma oficina de relojoaria em 1856 e começa a fazer os primeiros soldado com moldes vazados comercializados a a partir de 1869 sua marca J.&E.
EDSON, THOMAS	New Jersey, Estados Unidos Tem autorização de para a primeira bonega fonográfica em 1878 e a versão comercial passa a ser fabricada em 1889 com a cabeça de biscuit
IVES,EDWARD RILEY	Connecut-Estados Unidos Fundada em 1868 a firma se instala em Bridgeport em 1870 conhecida pelo nome d'Ives & Blakeslee em 1872 fabricam trens de boa qualidade e brinquedos em metal e autômatos e outros brinquedos mecânicos
JAQUET- DROZ	Pierre- Suíça 1721-1790 aquet fabricava relógios e autômatos musicados junto com seus filhos
LEHMANN	Brandenburg, Alemanha Fundada em 1881 antes fabricavam outros produtos depois passaram a produzir brinquedos de fantasia em ferro branco
LUTZ,LUDWIG	Alemanha Funcionou entre 1846 e 1891 fazia objetos de ferro branco com o nome de Englert & Lutz depois de 1857. A sociedade foi vendida a Märklin.
MÄRKLIN	Wurtemberg, Alemanha Fundada em 1859 a firma funcionou com o nome de W.Märklin até 1888quando muda em 1892 para Gebrüder Märklin & Co.
MARTIN	Fernand- Paris A Usina em Paris funcionou em 1880 se especializando em brinquedos em ferro branco com a marca "F.M"

APÊNDICE E - MARCAS DE FABRICANTES

		
		<p>SIMON HALBIG Germany 126 32</p>
<p>H  R 101</p>	<p>Armand Marseille Germany 390. A.30X.M</p>	<p>390n. DRGM 24 6/1. A. 2/0 M</p>
<p>1894 A.M.D.E.P. made in Germany 2</p>	<p> Germany</p>	<p>A  M GERMANY 3 1/2 K</p>
		

	 <p data-bbox="598 403 821 470"><i>Duxinette</i></p>	
<p data-bbox="207 571 518 705">DINKY TOYS MECCANO LTD MADE IN ENGLAND</p>		
<p data-bbox="199 862 518 952">GAMA - PATENT <i>Schuco</i> LICENCE</p>	 <p data-bbox="566 952 933 996">MADE IN PORTUGAL</p>	